CENTRO DE ESTUDOS DA GUINÉ PORTUGUESA

BOLETIM CULTURAL

Administração — Museu da Guiné Portuguesa — BISSAU

O «Centro de Estudos da Guiné Portuguesa», organismo que se propõe contribuir para a elevação do nível cultural da Província, tem como seu órgão o «Boletim Cultural da Guiné Portuguesa».

O «Centro de Estudos» é constituído por uma Comissão Executiva, membros residentes (da Província) e membros correspondentes (de fora da Província). Os membros residentes e correspondentes são designados entre os colaboradores do «Boletim Cultural» e as pessoas que directamente tenham prestado serviços notórios ao «Centro de Estudos». O presidente e vogais da Comissão Executiva são escolhidos entre os membros residentes.

Todos os membros do «Centro de Estudos» terão direito a um exemplar de cada número do «Boletim Cultural», serão postos ao par das actividades do «Centro de Estudos» e consultados sempre que as circunstâncias o aconselhem, podendo acidentalmente tomar parte nas reuniões da Comissão Executiva e ser encarregados de funções especiais.

Colaboração

1 — «O Boletim Cultural da Guiné Portuguesa», órgão de informação e cultura da Província, publicará tôdas as comunicações que à Comissão Executiva do Centro de Estudos forem apresentadas, e que esta julgue de interêsse, relativas à Guiné Portuguesa, de carácter histórico, etnográfico, científico, literário ou artístico.

a) — No campo histórico compreende-se não apenas o relativo ao actual domínio português mas tudo o que diga respeito à nossa acção, desde o século xv, na costa ocidental da África entre o C. Bojador e o Equador.

b) — Dentro do campo científico o objectivo em vista é o estudo sistemático da Província sob todos os aspectos — meio físico, meio biológico, meio humano. Especial atenção merecerá o que se refere à etnografia, pretendendo-se desenvolver ao máximo os conhecimentos sôbre os povos indígenas, pelo que o «Boletim» visará a reunir quer as observações feitas na Província, quer os estudos elaborados por pessoas ou entidades, de fora da Província, especialistas no assunto.

c) — No domínio literário e artístico, o «Boletim» propõe-se contribuir com a sua quota parte para o maior incremento da Arte e Literatura Ultramarinas do Império.

2 — O «Boletim» conterá ainda um certo número de secções habituais, de carácter informativo — Crónica da Província, Crónica Etnográfica, Economia e Estatística, Revista de Livros e Imprensa, etc.

3 — Tem-se em vista reunir nas páginas do «Boletim» tôda a bibliografia que fôr publicada sôbre a Província, para o que se darão as necessárias notícias e críticas bibliográficas. A Comissão Executiva do Centro de Estudos receberá com prazer as obras que os autores e editores hajam por bem enviar-lhe; tôdas serão citadas ou analisadas, mas em especial, aquelas que digam respeito à Província. As obras recebidas passarão a fazer parte da Biblioteca do Museu da Província. Pede-se aos autores e editores que, para este efeito, enviem dois exemplares de cada obra.

4 — A Comissão Executiva do Centro de Estudos desde já pede a tôdas as pessoas ou entidades — da Província, da Metrópole, do Império Ultramarino ou do Estrangeiro — que de qualquer modo estejam ligadas à Guiné Portuguesa, e sobre ela possuam elementos inéditos, que lhe enviem quaisquer trabalhos, informações, fotografias ou desenhos julgados de interêsse e que possam ser publicados neste Boletim.

5 — Todos os artigos e comunicações serão assinados, não se admitindo pseudónimos ou simples iniciais.

6 — As idéias expostas nos artigos e comunicações serão da exclusiva responsabilidade dos seus autores, e nela de modo algum ficará envolvido o «Boletim».

7 — O «Boletim» oferece gratuitamente aos autores (quando o peçam) 50 separatas dos artigos, publicados, sem nova paginação. Os pedidos de mais separatas e de nova paginação correrão por conta dos interessados, e devem ser indicados de maneira bem visível no início do manuscrito e renovados nas provas.

8 — Em princípio as provas serão submetidas aos autores. Contudo, se as provas levarem muito tempo a chegar às mãos dos autores, ou se estes as não devolverem com urgência, comprometendo a data da publicação, a Comissão Executiva do Centro de Estudos reserva-se o direito de proceder a uma revisão sumária.

Preparação dos Manuscritos

Com o fim de facilitar a impressão rápida, correcta e clara dos trabalhos, solicita-se dos autores a observância das seguintes indicações:

1 — Os manuscritos devem ser entregues, em duplicado, na sua forma definitiva e depois de cuidadosamente revistos, pois as alterações ou aditamentos de texto sobre as provas acarretam, além de retardos, despesas suplementares que podem ser facturadas aos autores. Os manuscritos devem ser dactilografados numa face apenas, em fôlhas separadas. Os autores devem conservar um exemplar do manuscrito.

2 — Os desenhos a (tinta da china) e fotografias (provas negras e de boa intensidade) devem ser entregues prontos e juntamente com o manuscrito.

3 — Deve ser indicado no texto o lugar das figuras e cada uma será numerada, vindo a legenda em papel à parte.

4 — Em trabalhos históricos e científicos, principalmente, e sobretudo quando sejam longos, é de toda a conveniência dividir o manuscrito segundo um esquema bem claro, que torne perfeitamente compreensível a arrumação das matérias e a sucessão de títulos e sub-títulos. Quando a extensão e número de sub-divisões o exijam, deverá abrir-se o manuscrito por um sumário

5 — Nos trabalhos de carácter científico os nomes próprios dos autores citados serão sempre escritos em MAIÚSCULAS.

6 — Os nomes das espécies serão sempre em itálico. Nas listas de espécies estas devem ser numeradas.

7 — Na transcrição ortográfica de palavras indígenas deve seguir-se um sistema homogéneo e correcto, que poderá ser o sistema do Instituto de Etnologia de Paris (Instruction d'enquête linguistique, 1928) ou o do Instituto Internacional das Línguas e Civilizações Africanas (Pratical orthography of African languages, 1930), ou outro qualquer. Deve-se mencionar o sistema adoptado, indicando as características sempre que necessário.

8 — Solicita-se a máxima exactidão e simplicidade nas referências bibliográficas. Se as obras citadas forem numerosas ou se referirem muitas vezes, convém agrupá-las no final do trabalho, numeradas e por ordem alfabética dos apelidos dos autores. Desta maneira a citação far-se-á: *a*) ou no próprio texto, mediante o apelido (em maiúsculas), seguido, entre parêntesis, da data da obra (ou do seu número na lista final precedido de uma letra de chamada) e da página] por ex: SENNA BARCELOS (1899 pág. 81), ou SENNA BARCELOS (B 23, I, pág. 81)]; *b*) ou em nota de final de página, de maneira análoga.

9 — Solicita-se que as listas bibliográficas sejam cuidadosamente organizadas. Sugerem-se as seguintes indicações:

a) *Para os livros* — apelido do autor, primeiros nomes, título, número da edição, formato, lugar da edição, nome do editor, n.º de volumes e para cada volume o ano, número de páginas (destacando os números relativos a prefácios, introduções e suplementos quando com numeração própria), número de figuras, de estampas e de cartas [por ex: BARROS (João de), *Ásia de* [···] — *Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente* — Primeira década, 6.ª edição, actualizada na ortografia e anotada por HERNANI CIDADE, notas históricas finais por MANUEL MÚRIAS, in 8.º, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945, X + 443 pág.].

b) *Para as partes de obras colectivas* — Poderá empregar-se: *in* [por ex: VEIGA SIMÕES, *O Infante D. Henrique, O seu tempo e a sua acção* in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Lisboa, Editorial Ática, 1938, Cap. VIII, págs. 311-356, 13 est.].

c) *Para os artigos* — apelido do autor, primeiros nomes, título do artigo, título abreviado do periódico, lugar da publicação (quando necessário), série (quando houver), tomo ou volume (em letras romanas), ano, número ou fascículo (com a data quando necessário), número de páginas, de figuras, estampas e cartas [por ex: CORTESÃO (Armando Zuzarte), *Subsídios para a história do descobrimento da Guiné e de Cabo Verde* in *Boletim da Agência Geral das Colónias*, VII, 1931, n.º 76 (Outubro), pág. 3-39, 1 fig., 4 cartas].

Expediente e Assinaturas

1 — O expediente deve ser dirigido a: Centro de Estudos, Caixa Postal n.º 37, Bissau, Guiné Portuguesa.

2 — As assinaturas são:

Número avulso	15$00
Ano (4 números)	55$00

Para Portugal e Império Colonial.

Para o estrangeiro estas importâncias são acrescidas do preço do porte.

3 — Os organismos que desejem permutar as suas publicações com o «Boletim» devem para esse efeito escrever para o enderêço indicado.

Em Lisboa, todos os assuntos referentes a **expediente** e **assinaturas** podem ser tratados na Agência Geral do Ultramar (Divisão de Publicações)

Tendo-se suscitado algumas dúvidas sôbre a natureza dos trabalhos a publicar na parte não informativa deste Boletim, desde já se esclarece que a Comissão Executiva só poderá aceitar e fazer vir à luz obras que tenham o carácter de investigação ou observação directa e que marquem sobretudo pela novidade ou originalidade dos assuntos ou maneira como são encarados.

BOLETIM CULTURAL
DA
GUINÉ PORTUGUESA

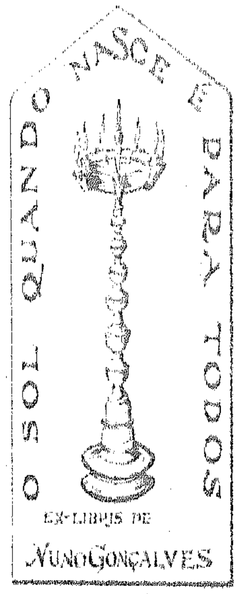
CULTURA E INFORMAÇÃO

BOLETIM CULTURAL

DA

GUINÉ PORTUGUESA

VOLUME X N.º 39 1955



BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ PORTUGUESA

SUMÁRIO

Títulos	Autores	Pág.
Sobre alguns ixodídeos dos géneros *Hyalomma* C. L. Kock 1844 e *Aponomma* Neumann 1899	João Tendeiro	319
Alguns aspectos da alimentação dos indígenas bijagós da Guiné Portuguesa	Ruy Álvaro Vieira	463
Contos bijagós	João Eleutério Conduto	489
Crónica da Província	J. F. Mendes	507
Economia e Estatística	Zeferino M. de Macedo	571
Livros e Publicações		579

Volume X — Julho de 1955 — Número 39

CRÓNICA DA PROVÍNCIA — (J. F. MENDES) — Visita de sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Craveiro Lopes, à Província da Guiné Portuguesa — Homenagem a Nuno Tristão — Visita à Fortaleza de São José de Bissau — Inauguração da Escola Central das Missões Católicas — Inauguração do monumento a Teixeira Pinto — Visita ao Centro de Estudos da Guiné Portuguesa — Visita ao interior da Província: O Chefe do Estado embarca no aviso de 1.ª classe «Bartolomeu Dias» a caminho de Bolama — Partida de Bolama para Fulacunda e Catió — Partida para Bafatá — Visita a Nova Lamego — A viagem presidencial prossegue a caminho de Farim — Visita a Cacheu e regresso a Teixeira Pinto — O Chefe do Estado, depois duma fatigante, mas a todos os títulos, triunfal jornada pelo interior da Guiné regressa a Bissau — O Senhor Presidente da República de novo em Bissau — O discurso do Senhor Presidente da República no banquete de despedida — Depois da sua viagem triunfal à Guiné, o Senhor Presidente da República embarca para Cabo Verde, a bordo do «Bartolomeu Dias».

ECONOMIA E ESTATÍSTICA — (ZEFERINO MONTEIRO DE MACEDO) — Rendimentos Aduaneiros — Fundo Cambial — Caixa do Tesouro — Banco Emissor — Finanças Públicas — Caixa Económica Postal — Indústria.

LIVROS E PUBLICAÇÕES — Obras entradas na Biblioteca do Museu durante o 2.º trimestre de 1955 — Periódicos recebidos por oferta e permuta (de Abril a Junho de 1955).

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TIPOGRAFIA, LIMITADA
R. Almirante Pessanha, 3 e 5 (ao Carmo) / Lisboa

SOBRE ALGUNS IXODÍDEOS DOS GÉNEROS *HYALOMMA* C. L. KOCH 1844 E *APONOMMA* NEUMANN 1899 (1)

por

JOÃO TENDEIRO
Doutor em Ciências Médico-Veterinárias

O presente trabalho constitui um complemento aos nossos artigos anteriores sobre o género *Hyalomma* C. L. KOCH 1844 e *Aponomma* NEUMANN 1899 na Guiné Portuguesa e tem por finalidade fazer o estudo comparativo das espécies guineenses dos referidos géneros com as formas aproximadas existentes na África Portuguesa e, no caso dos hialomas, em Portugal. Subsidiàriamente, são estudadas espécies de origem estrangeira pertencentes ao género *Hyalomma*, incluindo a Espanha e o Norte de África, com vista ao seu enquadramento na sistemática geral do referido género, dado que algumas delas andaram durante muito tempo confundidas sob designações diferentes, englobando formas das origens mais variadas.

Como exemplo, o *Hyalomma savignyi* (GERVAIS 1844) *sensu* DELPY (1946), descrita por nós na Guiné em 1949, e reunindo na mesma

(1) Trabalho premiado com o prémio Dr. Edmundo Correia Lopes, do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa.

designação formas africanas e europeias, inclusivè da Metrópole, foi desdobrada posteriormente por aquele autor, em 1949, nas espécies *Hyalomma savignyi s. str.*, agora registada em Portugal como *Hyalomma marginatum* C. L. Koch 1844, e *Hyalomma transiens* Schulze 1919 (= *Hyalomma truncatum* C. L. Koch 1844), a verdadeira forma daquela província ultramarina.

O *Hyalomma rufipes rufipes* C. L. Koch 1844, agora assinalado pela primeira vez em Angola, andou confundido durante muito tempo com o *Hyalomma impressum* C. L. Koch 1844, descrito a partir de exemplares provenientes do Senegal — ou seja da mesma área geográfica da Guiné Portuguesa.

Por último, como argumento decisivo sobre a necessidade de estudar em pormenor as relações dos referidos ixodídeos, de modo a conseguir a sua individualização tanto quanto possível perfeita, basta recordar que Neumann, em 1899, reuniu as espécies de *Hyalomma* aqui descritas na denominação única de *Hyalomma aegyptium*, apoiando-se no estudo de material procedente, entre outros locais, de Portugal, Angola, Senegal e África do Sul, — e chamar a atenção para o facto de aquela designação continuar a ser usada por vários tratadistas para indicar indescriminadamente carraças europeias e africanas.

No género *Aponomma* Neumann 1899, as três espécies descritas no presente trabalho vêm sendo reunidas pelos ixodologistas numa espécie única, com prioridade para o *Aponomma exornatum* (C. L. Koch 1844), que se estenderia por toda a África.

Em 1950, tivemos ocasião de separar da referida espécie o *Aponomma halli*, da Guiné Portuguesa, se bem Rousselot (1953), Gertrud Theiler (1954) e Bequaert e Abonnenc (*in* Villiers, 1955) continuassem a identificar os exemplares senegalenses, guineenses e angolanos como *Aponomma exornatum*.

De acordo com os resultados agora obtidos, o *Aponomma exornatum* — conforme G. Theiler o descreveu em 1943 — foi desmembrado nas seguintes espécies: *Aponomma exornatum* (C. L. Koch 1844), da África Oriental e Meridional, incluindo Moçambique e o Sul de Angola; *Aponomma flavomaculatum* (Lucas 1846), reconhecido como idêntico e com prioridade sobre o *Aponomma halli* Tendeiro 1950, existente na região

guineense; e *Aponomma arcanum* (Karsch 1879), do Norte de Angola e zonas vizinhas [1].

Do ponto de vista da ixodologia guineense, as conclusões anteriores têm grande importância para o esclarecimento definitivo da posição do aponoma ornamentado existente na Guiné Portuguesa, não podendo, em presença delas, continuarem a subsistir dúvidas quanto à sua individualização relativamente tanto ao *Aponomma exornatum* como ao *Aponomma arcanum*.

Por outro lado, restabelece-se como boa esta última espécie, também indevidamente incluída pelos autores contemporâneos na sinonímia do *Aponomma exornatum*.

No género *Hyalomma*, a forma da abertura genital tem grande valor na diagnose das fêmeas (Adler e B. Feldman-Muhsam, 1946-1948), constituindo mesmo em certos casos, como Mrs. Feldman-Muhsam (1954) refere para o *Hyalomma dromedarii* [2], a melhor característica diferencial naquele sexo.

---

(1) A estas espécies há que juntar o *Aponomma rondelliae* Travassos Dias 1955, criado a partir de espécimes de Djibuti conservados no Museu de História Natural de Paris e classificados por Neumann (1899) como *Aponomma exornatum*, — cuja diagnose diferencial com as três outras espécies ornamentadas da região etiópica foi feita a partir dos elementos deste trabalho, comunicados em tempo ao autor.

(2) «The best characteristic for specific diagnosis of the female is the form of the cleared and mounted genital aperture (Adler and Feldman-Muhsam 1946, 1948). In some cases it is possible to diagnose the females also by the external form of the unmounted genital aperture (Delpy 1949).

In the *Ixodidae* the female genital aperture consists of a more or less long tube (vagina). The opening of this tube is a chitinized structure which differs in the various species. The entrance to the vaginal tube is in some specis entirely bare, in others it is protected by a fold of the external tegument of the tick, which form a little knob. This knob or operculum may cover the entrance into the vagina, or it may be somewhat anterior to the entrance which is then uncovered. More details of the structure of the upper portion of the genital aperture can be discerned if it is mounted and examined microscopically. The unmounted genital aperture of *H. dromedarii* has the form of a long and deep V. The area within the angle is flat (Figure 2 A). When cleared and mounted in balsam, the form of the V is seen with more precision, the flaps being thick (Figure 3).

A aplicação do método de ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM aos aponomas deu igualmente resultados interessantes. Após montagem, encontrámos nas aberturas genitais femininas das espécies em estudo dois tipos diferentes, correspondentes respectivamente ao *Aponomma flavomaculatum*, de um lado, e ao *Aponomma exornatum* e *Aponomma arcanum*, do outro. No primeiro, a abertura genital da fêmea forma um conjunto em feitio de crescente, correspondente a uma fenda hemisférica; no segundo, os bordos anterior e posterior são rectilínios e paralelos, formando ângulos bem definidos nos pontos de encontro com os bordos laterais (1).

A montagem da abertura genital das fêmeas foi quase sempre feita directamente em líquido de Gater, composto de 10 % de água destilada, 8 % de goma arábica em pó, 74 % de hidrato de cloral, 5 % de xarope de glucose e 3 % de ácido acético glacial. As enormes vantagens deste líquido — utilizado inicialmente por GATER (1929) para a montagem das larvas dos mosquitos —, em entomologia e helmintologia, foram postas em evidência após os trabalhos de TUBANGUI (1933) sobre os acantocéfalos e de TENDEIRO sobre os malófagos (1953-1955) e os helmintes (1954-1955), tanto em montagem directa, nos acantocéfalos e nos nematóides, como, no caso particular dos trematódeos e dos cestóides, após coloração pelo carmim.

Como escrevemos, em 1954, em relação aos malófagos, «ao mesmo tempo que permite num único tempo a montagem em preparação permanente... o líquido de Gater tem a grande vantagem de produzir o esclarecimento óptimo dos exemplares, condicionando ao mesmo tempo um forte contraste das porções mais quitinizadas». Estas palavras podem perfeitamente aplicar-se aos ixodídeos, tanto em relação à montagem da abertura genital, nas fêmeas, como à montagem dos espiráculos e mesmo à preparação do escudo dorsal ou de espécimes totais, em ambos os sexos. Nos exemplares conservados há muito tempo a seco, a montagem da abertura genital das fêmeas foi precedida de amolecimento e esclarecimento prévio, por imersão em soluto ebuliente de potassa cáustica a 10 %.

Nas espécies com um induto branco no escudo dorsal — em especial no *Hyalomma lusitanicum* —, a montagem no líquido de Gater faz ressaltar

(1) Ver fig. 35.

extraordinàriamente a cor de marfim característica, escurecendo ao mesmo tempo a formação quitinosa subjacente e produzindo assim um contraste superior ao normal.

O esclarecimento obtido com o líquido de Gater permite do mesmo modo a observação fácil dos canais ou «túneis» do bordo anterior do escudo dorsal, cujo número, se bem sujeito a variações, seria suficientemente estável, em cada espécie, para ter um certo valor diagnóstico (1).

O termo *parma* foi criado por SCHULZE para designar a porção *não quitinizada* correspondente ao festão mediano dos machos, considerada pelo autor como de valor decisivo na diagnose diferencial das espécies do género *Hyalomma*. Como consequência, no n.º 8 das suas chaves de classificação dos machos, SCHULZE e SCHLOTTKE (1930) dicotomizaram os hialomas em dois grandes grupos, respectivamente com parma nìtidamente destacada, branca a maior parte das vezes («mit deutlich abgesetzter, meist ganz weisser Parma») e sem parma nítida («ohne deutlich Parma»).

Se bem esta maneira de ver tivesse sido seguida por DELPY (1936), para quem a parma representa, do mesmo modo, a estrutura não quitinizada correspondente ao festão mediano, outros autores desvirtuaram a definição original de SCHULZE e passaram a empregar indescriminadamente «parma» como sinónimo de «festão mediano», esteja este ou não quitinizado. Assim, para ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM (1948), a parma seria «a term introduced by Schulze for the central festoon of the male»; ROUSSELOT (1953) pretendeu estender mesmo a noção de parma, exclusiva do género *Hyalomma*, a toda a família *Ixodidae*, ao escrever, a propósito da morfologia dos machos: «Les festons, lorsqu'ils existent (les genres *Ixodes* et *Nuttaliella* en sont dépourvus), sont au nombre de onze. Ils peuvent être fusionnés dans certains genres (*Hyalomma*). Le médian est appelé parma...».

No presente trabalho usamos os termos *parma* ou *enclave parmático*

(1) «In the anterior border of the scutum there are narrow longitudinal tunnels (probably the ducts and secretory cells) and their number, although subject to variations, is sufficiently characteristic for each species to be of some diagnostic value» (ADLER e FELDMAN-MUHSAM, 1948).

exclusivamente no sentido original de SCHULZE e de harmonia com a definição de DELPY, ou seja como uma porção não quitinizada, *não pertencente verdadeiramente ao escudo dorsal* e correspondendo a um festão mediano ausente ou atrofiado.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho tornou-se possível graças ao valioso concurso de numerosas individualidades, estrangeiras ou nacionais, que nos forneceram muitos dos elementos de estudo indispensáveis à sua realização.

Entre as pessoas que, por esse motivo, se tornaram credoras da nossa gratidão, destacamos os seguintes nomes: Prof. A. Kaestner, Director do Museu Zoológico da Universidade Humboldt, de Berlim, pelo empréstimo do tipo de *Aponomma arcanum,* depositado em 1879, e pela forma gentil como pôs à nossa disposição as colecções do mesmo Museu; Prof. Hans Sachtleben, pela oferta de microfilmes de vários trabalhos de C. L. Koch e de Schulze; Prof. Maffo Vialli, Director do Instituto de Anatomia Comparada da Universidade de Pavia, e Prof.ª Emilia Stella, Directora Interina do Instituto de Zoologia da Universidade de Roma, pelo empréstimo de alguns tipos de M. Tonelli-Rondelli; Dr. Ed. Moltoni, Director do Museu Cívico de História Natural de Milão, pelas informações respeitantes ao desaparecimento de outros tipos de M. Tonelli-Rondelli, no incêndio, devido a bombardeamento aéreo, que ali destruiu em 1943 a maior parte das colecções; Prof. D. Pujatti, Director do Museu Cívico de História Natural de Génova, pelo empréstimo de um lote de hialomas; Dr. A. Catanei, do Instituto Pasteur da Argélia, pela oferta de uma pequena colecção de ixodídeos; Prof. Fernando Frade, Director do Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar (Lisboa) e Chefe das Missões Zoológicas da Guiné e de Moçambique, por todas as facilidades concedidas; Dr. F. Vieira de Sá, médico veterinário da FAO, pela remessa de vários lotes colhidos em dromedários e ovinos da Líbia; Drs. A. de Barros Machado e V. M. d'Albuquerque Matos e Sr. Ed. Luna de Carvalho, da Companhia de Diamantes de Angola, pela remessa de aponomas recolhidos em sáurios; Dr. Vasco Sousa Dias, Director do Laboratório Central de Patologia

Veterinária, de Nova Lisboa, por carraças angolanas, dos géneros *Hyalomma* e *Aponomma;* Dr. J. A. Travassos Santos Dias, Chefe da 2.ª Subsecção de Entomologia da Missão de Combate às Tripanossomíases (Moçambique), pela oferta ou empréstimo de vários ixodídeos da sua colecção; Prof. Eugénio Tropa, da Escola Superior de Medicina Veterinária, de Lisboa, pela remessa de material ixodológico; Dr. João Manso Ribeiro, Director do Laboratório Central de Patologia Veterinária, de Lisboa, e Drs. A. Alves da Cruz e J. Lino de Sousa, do Serviço de Parasitologia do mesmo Laboratório, pela cedência de exemplares e facilidades concedidas no exame das colecções ali existentes; Administrador A. Martins Meireles, pelo envio de carraças de bovinos da Circunscrição Civil de Cacheu, Guiné Portuguesa; Sr. Fernando Pedrosa Mendes, Conservador do Aquário Vasco da Gama (Lisboa), pela entrega de numerosos lotes de ectoparasitas, em especial malófagos e ixodídeos, provenientes do seu laboratório de dermoplastia; e Srs. Raúl Lopes e Alberto Gramaxo, pelo cuidado posto, respectivamente, nos trabalhos fotográficos e na dactilografia do original. Para todos, os nossos melhores agradecimentos.

GÉNERO **HYALOMMA** C. L. KOCH

Hyalomma C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg.*, 10: 220, 1884.

A sistematização das carraças do género *Hyalomma* passou, de há um século a esta parte, por diversas vicissitudes e tem estado sujeita a interpretações taxonómicas desencontradas, quer em relação ao número de espécies a considerar como válidas quer aos caracteres morfológicos julgados com regularidade e permanência suficientes para actuarem como elementos característicos e diferenciadores.

Em 1844 C. L. KOCH criou o género *Hyalomma* — caracterizado pela presença de olhos esféricos, palpos compridos e cilíndricos e espiráculos grandes e triangulares, com estigmas pequenos e em forma de

fenda alongada (1) —, no qual descreveu as seguintes espécies: *H. Dromedarii*, originário da Ásia Menor e do Egipto; *H. grossum*, da Ásia Menor, criado a partir de fêmeas; *H. Anatolicum*, da Ásia Menor, também só conhecido pela fêmea; *H. marginatum*, da Itália; *H. impressum* e *H. truncatum*, do Senegal; *H. rufipes*, *H. latum* e *H. devium*, da África do Sul; *H. Syriacum*, da Síria; *H. excavatum*, do Egipto; *H. Hispanum*, de Portugal e da Espanha; e *H. Lusitanicum*, de Portugal. O autor incluiu ainda no género, sem qualquer descrição ou indicação suplementar, as espécies *Acarus Aegyptius* L. 1758, *Ixodes Forskaolii* Savigny 1827 e *Ixodes Fabricii* Savigny 1827.

Em 1847, C. L. Koch fez um estudo mais completo das espécies descritas em 1844, completando-o com a discussão sistemática e com a representação iconográfica dos respectivos tipos. Do ponto de vista taxonómico, o autor manteve as mesmas posições às formas descritas anteriormente, tanto em relação à sua inclusão no género *Hyalomma* como aos elementos essenciais para a sua diagnose específica. Em relação à iconografia, se bem esta não inclua evidentemente certos pormenores morfológicos considerados mais tarde como essenciais para a caracterização das espécies de *Hyalomma* (designadamente a posição relativa dos estudos adanais, acessórios e subadanais e as características dos sulcos laterais) nem reproduza alguns elementos referidos no texto (como a disposição das pontuações do escudo dorsal dos machos e das fêmeas), os desenhos do Koch dão-nos uma impressão de conjunto suficiente para os identificar com as respectivas descrições; salientamos, em particular, o entalhe no bordo posterior do escudo dorsal do *Hyalomma excavatum* ♂, correspondente a uma parma branca e não quitinizada, e, no *Hyalomma lusitanicum*, a presença, em ambos os sexos, de um induto branco esmaltado no escudo dorsal, no capítulo e nas patas e a ausência de parma no ♂.

Abstraindo de algumas formas, caracterizadas insuficientemente a partir de fêmeas e transferidas depois para o género *Amblyomma*,

(1) «Gatt. III. *Hyalomma*
Augen: vollständig, kugelig, bernsteinhell.
Taster: so lang oder etwas länger als der Kopf, breit walzenförmig.
Luftschild: gross, dreiecking.
Luftloch: schmal, länglich, ritzenförming.»

e do *Hyalomma Syriacum*, caído na sinonímia do *Hyalomma aegyptium* (L. 1758) — muitas das espécies criadas e descritas por C. L. Koch mantêm-se hoje de pé, apesar das tropelias a que foram sujeitas por alguns sistematas, em particular Neumann, pela sua reunião injustificada numa única espécie, e Schulze e Schlottke, pela pulverização dos hialomas conhecidos em múltiplas espécies e subespécies.

Em 1899, Neumann reuniu a maioria das espécies de C. L. Koch — incluindo o *Hyalomma Syriacum* — e outras criadas por diversos autores (*Acarus hispanus* Fabricius 1794, *Ixodes camelinus* Fischer 1823, *Ixodes Fabricii* Audouin 1827, *Ixodes Savignyi* Gervais 1844, *Ixodes gracilentus* Lucas 1845, *Ixodes africanus* Mégnin 1876, *Hyalomma dentatum* Canestrini e Fanzago 1878, *Hyalomma cornuger* Murray 1879, *Ixodes algeriensis* Mégnin 1880 e *Hyalomma utriculus* Berlese 1889) sob a designação única de *Hyalomma Aegyptium* (L.), criando ao mesmo tempo o *Hyalomma affine* — apoiado em 237 indivíduos, dos quais 195 machos e 42 fêmeas, repartidos por 46 lotes originários principalmente de tartarugas, *Testudo mauritanica* e *Testudo graeca* — e redescrevendo a espécie *Hyalomma crassitarsus*, da América do Sul. Ao mesmo tempo, o autor incluiu o *Hyalomma latum* no género *Amblyomma* C. L. Koch 1844 (1) e descreveu, como *Amblyomma devium*, uma forma que julgou erradamente ser idêntica ao *Hyalomma devium* de Koch; e, por outro lado, identificou com o *Amblyomma sylvaticum* um tipo ♂ de Koch conservado no Museu de Berlim e etiquetado como «*latum*» (2).

Em 1901, Neumann, estudando os tipos das espécies de C. L. Koch reunidas na designação de *Hyalomma aegyptium*, considerou as variedades *dromedarii* (incluindo o *H. excavatum*), *lusitanicum* e *impressum*, fazendo simultâneamente cair o *Hyalomma affine* na sinonímia do *Hyalomma*

(1) O *Hyalomma latum* C. L. Koch, *Arch. f. Naturg., 10* (1): 221, 1844 — ou *Amblyomma latum* (Koch) Neumann, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 233, 1899 — não deve ser confundido com o *Amblyomma latum* C. L. Koch, loc. cit., p. 231, transferido por Neumann (*Mem. Soc. Zool. France, 14:* 291, 1901) para o género *Aponomma* Neumann 1899.

(2) Robinson (1926) considerou insuficiente a descrição original do *Acarus sylvaticus* e incluiu o *Amblyomma sylvaticum* (De Geer) Neumann 1899 na sinonímia do *Amblyomma latum* (C. L. Koch 1844). Bequaert (1932) e Gertrud Theiler (1943), pelo contrário, deram prioridade ao *Amblyomma sylvaticum*, com o *Amblyomma latum* em sinonímia.

syriacum — reconhecido posteriormente como idêntico ao verdadeiro *Acarus aegyptius* de LINEU, parasita das tartarugas — e o *Amblyomma devium* (=*Hyalomma devium* C. L. KOCH 1844 *nec Amblyomma devium* KOCH *in* NEUMANN 1899, transferido para o *Amblyomma marmoreum* C. L. KOCH 1844).

Aos trabalhos de C. L. KOCH e de NEUMANN seguiram-se muitos outros estudos especiais sobre o género *Hyalomma*, devido a SENEVET (1922-1937), MARGOT CHODZIEDNER (1924), SHARIF (1928), OLENEV (1931), MÀRIA TONELLI-RONDELLI (1932), DELPY (1936-1949), ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM (1946-1948), B. FELDMAN-MUHSAM (1948--1954), TRAVASSOS DIAS (1954-1955), etc.

As investigações de SCHULZE (1919-1935) e de SCHULZE e SCHLOTTKE (1930) tiveram grande influência, se bem se reconhecesse posteriormente a invalidade de muitas das numerosas espécies e subespécies em que aqueles autores dividiram o género *Hyalomma*.

Entre os resultados referidos por SCHULZE, salientamos a dissociação do género em três géneros independentes: 1.°) género *Cosmiomma*, sem escudos acessórios nem escudos subadanais e acessòriamente com duas malhas vermelhas na face dorsal da fêmea, tendo como generótipo a espécie única *Cosmiomma hippopotamense* (DENNY 1843); 2.° género *Nosomma*, caracterizado pelos palpos com o artículo II mais largo que comprido e pelos escudos subadanais muito grandes, também com uma única espécie, *Nosomma monstrosum* (NUTTALL e WARBURTON 1908); e 3.°) género *Hyalomma*, compreendendo por sua vez três subgéneros: *a*) *Hyalommina* SCHULZE 1919 (1), tendo por tipo o *Hyalomma rhipicephaloides* (NEUMANN 1901) e definido pelos tarsos alargados nas extremidades, escudos adanais ausentes e base do capítulo da ♀ com saliências laterais nítidas na face ventral; *b*) *Hyalommasta* SCHULZE 1930, representado pelo *Hyalomma aegyptium* (L. 1758) (=*Hyalomma syriacum* C. L. KOCH 1844), tendo os tarsos com a extremidade não alargada, ramo externo da coxa I nitidamente mais curto que o interno, ♂ com o escudo dorsal sem outros sulcos além dos cervicais e sem festões bem definidos, escudos acessórios rudimentares e de base larga característica e escudos subadanais presentes e ♀ sem saliências laterais na base do capítulo; e *c*) *Hyalomma*

---

(1) SHARIF (1928) aceitou como bom o subgénero *Hyalommina*, incluindo nele três novas carraças indianas, respectivamente *Hyalomma hussaini*, *Hyalomma hussaini brevipunctata* e *Hyalomma kumari*.

DELPY (1946-1949) criou a designação de «variação *pusillum*» para as formas anãs encontradas em diversos espécies de *Hyalomma*, suprimindo ao mesmo tempo o subgénero *Hyalommina*, sob a alegação de que as formas nele incluídas não passavam de representantes daquela variação.

TRAVASSOS DIAS (1954), na sua importante contribuição para o conhecimento da fauna ixodológica da Índia Portuguesa, considerou o subgénero como válido, mantendo nele a espécie *hussaini* de SHARIF, com a subespécie *hussaini brevipunctata* em sinonímia. «Sharif, em 1928 — escreveu o autor —, aceitou como bom o subgénero *Hyalommina* Schülze, 1919, que, de acordo com Neumann (1901), colocou como intermediário entre os géneros *Hyalomma* e *Rhipicephalus*, caracterizando-o do seguinte modo: escudos subanais ausentes; tarsos corcovados; basis capituli largo, de forma hexagonal, com as aurículas fortemente desenvolvidas, tanto no macho como na fêmea, especialmente nesta última; indivíduos pequenos e não ornamentados; espiráculos do macho em forma de vírgula ou em oval alongado.

Um simples exame retrospectivo a tudo quanto anteriormente dissemos é bastante para se verificar como se afigura lógica a inclusão dos pequenos espécimes de *Hyalomma* no subgénero *Hyalommina* e, por conseguinte, a reintegração deste adentro do conceito sistemático do género *Hyalomma* Koch, 1844.»

Já em 1955, o autor publicou um trabalho sobre a necessidade do estabelecimento de um novo agrupamento subgenérico para o género *Hyalomma*, no qual identificou o subgénero *Hyalommina* SCHULZE 1919 com a variação *pusillum* de DELPY e considerou aquele como constituindo um *nomen nudum*, colocando ao mesmo tempo as espécies indianas criadas por SHARIF no novo subgénero *Delpyella*. Segundo TRAVASSOS DIAS, «o subgénero *Hyalommina* foi criado tomando-se para tipo a espécie *H. rhipicephaloides* Neumann, 1901, a qual, como vimos, foi considerada sinónima do *H. excavatum* Koch, 1844. Muito embora as características apresentadas por Schulze (1919) para aquele subgénero sejam aplicáveis aos pequenos hialomas indianos, a verdade é que isto se deve a uma mera coincidência, nada mais. Verdadeiramente, a colocação da espécie *H. hussaini* Sharif como subgenerotípica, em substituição do *H. rhipicephaloides* Neumann (conforme propusemos), não se poderá fazer, visto esta última não passar afinal de uma variação «pusillum» de *Hyalomma* e não ser válido, portanto, o subgénero para ela criado».

O subgénero *Delpyiella* é definido do seguinte modo: «*Hyalomma* de pequenas dimensões, com as placas anais (=escudos adanais) triangulares, curtas e largas, e desprovidos de placas subanais (=escudos subadanais); festões marginais não fusionados; basis capituli de forma hexagonal, com as aurículas e córnuas proeminentes; espiráculos em forma de vírgula, fazendo lembrar os dos *Rhipicephalus*.

Subgenerótipo: *D. hussaini* Sharif, 1928.»

C. L. Koch 1844 *s. str.*, tendo como tipo o *Hyalomma dromedarii* (C. L. Koch 1844) e diferindo do subgénero *Hyalommasta* pelo ramo externo da coxa I tão comprido ou quase tão comprido como o interno e pelos escudos adanais, acessórios e subadanais bem definidos.

Delpy, em 1936, fez um estudo bastante documentado do *Hyalomma dromedarii* C. L. Koch 1844, chegando à conclusão, pelo exame de exemplares criados no laboratório, que na descendência de uma mesma ♀ podiam aparecer tipos diferindo pela cor dos tegumentos, cor e forma da parma, nitidez das peltas e forma dos escudos subadanais. «Le résultat de nos élevages nous a orientés sur une toute voie, parce que, dans la descendance d'une seule femelle, nous retrouvions plusieurs types différents.

Actuellement, nous avons la preuve que la couleur du tégument, la couleur et la forme du parma, la netteté des peltae, la forme des subanaux ne peuvent être considérées comme des caractères spècifiques, mais sont essentiellement variables.»

Em 1937, Senevet seguia ainda a opinião de Neumann (1911), para quem o *Hyalomma aegyptium* f. *excavata* C. L. Koch — caracterizado essencialmente pela presença de saliências laterais muito pronunciadas na parte posterior do escudo dorsal do ♂, ficando a parte média entre elas extremamente acidentada, com numerosas pontuações, por vezes contíguas, dando-lhe o aspecto de um campo destroçado por um bombardeamento intenso [1] — devia ser incluido na sinonímia do *Hyalomma aegyptium impressum* (C. L. Koch 1844). A distribuição geográfica referida pelo autor para esta variedade compreendia a Macedónia (segundo Knuth, Behn e Schulze) e várias regiões do continente africano: Senegal (Neumann), África do Sul (Bedford), Argélia (Senevet),

[1] «Cette varieté diffère de la forme typique, chez le mâle, par la présence de saillies latérales très prononcées à la partie postérieure de l'écusson dorsal. Entre ces saillies la partie médiane de l'écusson est extrêmement accidentée. Des ponctuations nombreuses, souvent contiguës, donnent l'aspect d'un champ bouleversé par un bombardement intense.

Chez la femelle, l'écusson dorsal plus long que large a des scapulae chagrinées (grosses ponctuations irrégulièrement contiguës), il existe un véritable bord postérieur de l'écusson.»

Tunísia (Colas-Belcour), Somália Italiana (Rondelli), Rodésia (Jack) e Quénia (Lewis). Tal dispersão transcende bastante a área reconhecida para o *Hyalomma excavatum* C. L. Koch 1844 (=*Hyalomma savignyi* Gervais 1844, *sensu* Delyp, 1949), sendo forçoso concluir que se encontram incluídos erradamente na mesma designação o *Hyalomma impressum* C. L. Koch 1844, o *Hyalomma rufipes* C. L. Koch 1844 e o *Hyalomma truncatum* C. L. Koch 1844.

Entretanto, o *Hyalomma rufipes* Fabricius 1805, o *Hyalomma savignyi* Gervais 1844 e as formas de Koch (1844) *Hyalomma truncatum, Hyalomma hispanum* e *Hyalomma marginatum* foram deixados por Senevet entre a sinonímia do «*Hyalomma aegyptium* (L.1758)» (*sensu* Neumann 1911), para o ♂ do qual o autor referia o «écusson dorsal noir ou marron foncé tranchant sur le bord externe plus blanchâtre. Pattes nettement annelées, brun marron avec de larges anneaux blanchâtres à l'apex de chaque segment. Écusson dorsal peu ponctué dans sa région postérieure qui est lisse ou presque avec, dans les formes les plus typiques, un sillon médian et deux réplis para-médians peu accusés.» Senevet, no entanto, põe em reserva a distribuição geográfica deduzida dos trabalhos de numerosos autores, «un certain nombre d'espèces ou de variétés ayant été confondues avec *H. aegyptium*», e que compreenderia a Europa (incluindo Portugal), a Ásia, todo o continente etiópico, a América (Guadalupe?), a Austrália e a Nova Zelândia.

As classificações de Delpy (1946-1949) — a que nos referimos largamente no texto —, apoiadas na observação de criações de carraças feitas no laboratório, vieram demonstrar a grande importância do seu método biológico na elaboração das chaves dicotómicas dos ixodídeos, confirmando, em particular, a falibilidade de algumas características consideradas de grande interesse em trabalhos anteriores, de Schulze, Schulze e Schlottke, etc.

Adler e Mrs. Feldman-Muhsam (1946-1948) confirmaram os trabalhos de Delpy sobre a grande variabilidade de certos caracteres morfológicos — em particular a cor das patas, a forma da parma e dos espiráculos e algumas variações mínimas na pontuação do escudo dorsal —, admitidos por Schulze para a diagnose das espécies de *Hyalomma*. Ao lado da grande variação e da inconstância dos referidos caracteres morfológicos, os autores escolheram para a diagnose, entre outros elementos, a forma da abertura genital da fêmea, a disposição dos pêlos peristigmáticos e o número de canalículos ou «túneis» glandulares do bordo ante-

rior do escudo, que seriam susceptíveis de facilitar a identificação das espécies (¹) (²).

A presença ou ausência da *parma* — espaço não quitinizado correspondente à localização do festão mediano e não, como consideram certos autores, o referido festão em si — tem nuns casos uma importância primordial para a diagnose específica dos hialomas, enquanto as respectivas indicações não apresentam outras vezes caracter definitivo. Assim, se bem certas formas — designadamente o *Hyalomma truncatum*, o *Hyalomma marginatum*, o *Hyalomma lusitanicum*, o *Hyalomma impressum* e o *Hyalomma rufipes* — sejam sempre desprovidas de parma e haja outras, como o *Hyalomma dromedarii*, em que aquela existe sempre (ainda que a sua coloração possa variar, aliás de acordo com a dos restantes tegumentos sem espessamento quitinoso), no *Hyalomma excavatum*, no *Hyalomma detritum* e no *Hyalomma brumpti* o enclave parmático, presente na maioria dos exemplares, encontra-se substituído noutros por um festão mediano de consistência semelhante à do resto do escudo dorsal.

Como consequência das conclusões anteriores, as carraças que SENEVET, em 1922 e 1928, individualizou como «*Hyalomma lusitanicum berberum*» e como «*Hyalomma lusitanicum*» por motivo da existência do festão mediano, devem cair — em conjunto com as formas com parma

(1) «... The genital aperture of the female, the cuticle in the proximity of the stigmata and the number of «tunnels» in the anterior border of the scutum are characters which facilitate diagnosis» (ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, 1948).

(2) «Since macroscopic characters are often inadequate and even misleading it was decided to look for microscopic characters in cleared and mounted specimens. The characters which were found to be stable and to give a reliable diagnosis for the genus *Hyalomma* were: the female genital aperture, the peristigmal hairs, the number of «tunnels» or ducts of glands in the anterior body of the scutum. The female genital aperture proved to be the most important character especially as females were hitherto difficult to determine. The form of the female genital aperture and the peristigmal hairs may in some species also be seen without clearing and mounting of specimens, but it should be noted that in the case of the genital aperture uncleared specimens do not reveal the same structure as cleared ones. This structure in unmounted ticks may be used in some cases for specific diagnosis, as DELPY has shown (1949), but this method is limited in its application and it is always preferable and surer to examine mounted specimens» (B. FELDMAN-MUHSAM, 1952).

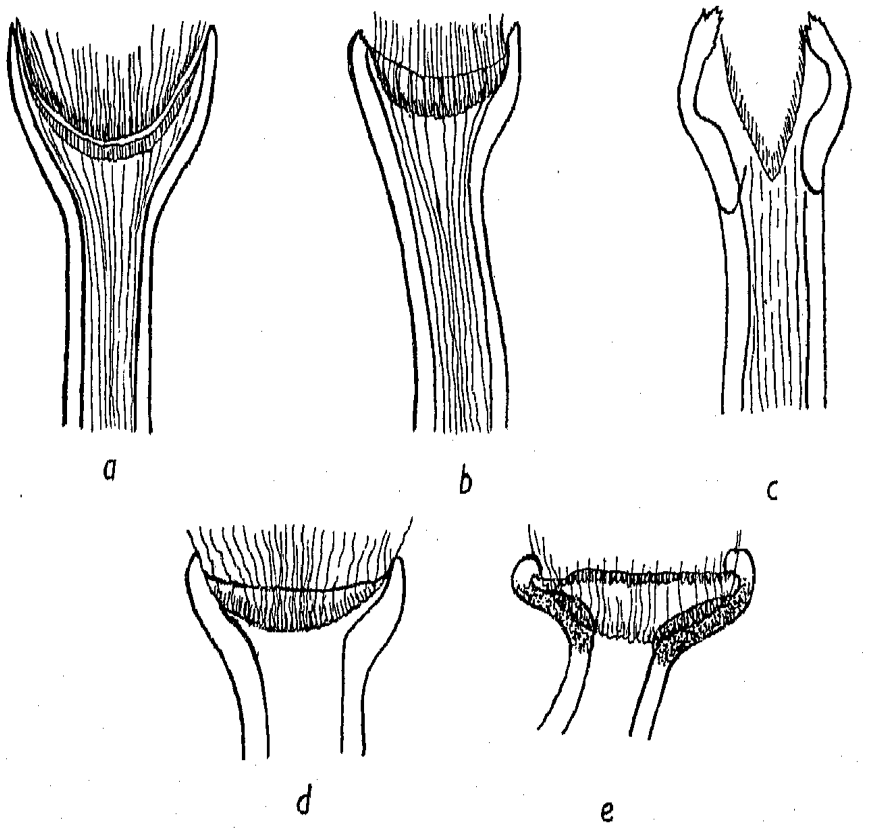


Fig. 1
Abertura genital das fêmeas de: *a*) *Hyalomma detritum*; *b*) *Hyalomma excavatum* (como *Hyalomma savignyi*); *c*) *Hyalomma dromedarii*; *d*) e *e*) *Hyalomma marginatum*
(Segundo ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, 1948)

referidas pelo mesmo autor, respectivamente como «*Hyalomma lusitanicum*» e como «*Hyalomma lusitanicum algericum*» — na sinonímia do *Hyalomma excavatum*. Do mesmo modo, as carraças descritas por MÀRIA TONELLI-RONDELLI, em 1932 e 1935, como *Hyalomma erythraeum* e *Hyalomma somalicum*, mais não são que exemplares de *Hyalomma excavatum* com ou sem enclave parmático. Por sua vez, o verdadeiro *Hyalomma lusitanicum* C. L. KOCH 1844, espécie sempre desprovida de parma, não existe na África do Norte, parecendo ter a sua área de dispersão limitada ùnicamente a Portugal e à Espanha.

No que se refere à diagnose pelo processo de ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, a montagem da abertura genital das fêmeas é susceptível de fornecer indicações decisivas na identificação de certas espécies de *Hyalomma*, independentemente do auxílio de outros elementos de identificação.

É o que sucede com o *Hyalomma dromedarii*, em que a abertura genital em V de vértice aguçado não se confunde com a de qualquer outra espécie.

Nos outros hialomas, o aspecto da abertura genital varia com o grau de ingurgitamento e com o estado mais ou menos avançado da quitinização, a ponto de — como sucede no *Hyalomma truncatum* e no *Hyalomma lusitanicum* — parecer não existir por vezes a menor relação morfológica entre as aberturas genitais das fêmeas em jejum e após ingurgitamento, mesmo parcial.

De uma maneira geral, os aspectos reproduzidos na iconografia de ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM (1948) e de B. FELDMAN-MUHSAM (1954) representam um processo seguro de identificação das fêmeas em jejum ou pouco repletas, mas que deve ser corrigido em relação aos exemplares ingurgitados e com a quitinização mais avançada.

Os estudos mais antigos sobre hialomas portugueses são contemporâneos da própria criação do género por C. L. KOCH (1844), que se apoiou em espécimes de Portugal para definir a espécie *Hyalomma lusitanicum* e em material de Portugal e da Espanha para a descrição do *Hyalomma hispanum* (=*marginatum*). Por outro lado, as diagnoses sucintas de KOCH esgotaram por assim dizer o assunto, entre nós, visto que, de então para cá — embora mais de cem anos tenham passado —, as espécies portuguesas do género *Hyalomma* não foram objecto de qualquer descrição criteriosa.

AMÉLIA BACELAR, em 1928, no seu catálogo sistemático dos aracnídeos portugueses, referiu — através da citação de PAVESI (1880) às espécies de L. C. KOCH — a existência em Portugal do *Hyalomma hispanicum* (=*marginatum*) e do *Hyalomma lusitanicum*.

O primeiro trabalho de conjunto sobre ixodídeos de Portugal deve-se a SILVA LEITÃO (1943), constituido, sob o título de «Contribuição para o estudo dos ixodídeos portugueses», a tese do autor para concurso de professor extraordinário do 7.º grupo da Escola Superior de Medecina Veterinária, de Lisboa. Infelizmente, SILVA LEITÃO teve pouca sorte em relação ao género *Hyalomma*, suscitada quer pela diagnose errónea do *Hyalomma marginatum* C. L. KOCH 1844 como *Hyalomma dromedarii* C. L. KOCH 1844 quer pela brevidade da referência ao *Hyalomma lusitanicum* C. L. KOCH 1844.

Como não podia deixar de ser, a identificação inadequada dos exemplares estudados levou SILVA LEITÃO a registar numerosas discrepâncias entre eles e as descrições do *Hyaloma dromedarii*, feitas por SENEVET e por DELPY, e a tecer um certo número de considerações tendentes a pôr em cheque o belo método biológico para o estudo das carraças, deste último autor, de valor universalmente reconhecido.

Impunha-se, pelos motivos expostos, a actualização dos dados sobre os hialomas portugueses e o esclarecimento de alguns problemas relacionados com a sua distribuição geográfica. O respectivo estudo é feito agora em conjunto com as espécies existentes nos territórios portugueses em África e com outras formas africanas, com o fim de aclarar certos pontos obscuros ou mal definidos sobre o género *Hyalomma* — um dos mais difíceis em ixodologia.

SUBGÉNERO *HYALOMMA* S. STR.

HYALOMMA (HYALOMMA) DROMEDARII C. L. KOCH

Hyalomma dromedarii C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg.*, *10* (1): 220, 1844.

Hyalomma dromedarii C. L. KOCH, *Uebersicht des Arachnidensystems*, *4:* 13 e 33, 1847.

Hyalomma aegyptium NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France*, *12:* 182, 1899, *pro parte*, *nec* LINEU 1758.

Hyalomma aegyptium var. *dromedarii* NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France*, *14:* 313, 1901.

Hyalomma aegyptium dromedarii NEUMANN, *Das Tierreich*, 1911, segundo DELPY (1949) e B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma dromedarii SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5:* 1919, segundo DELPY (1949).

Hyalomma dromedarii dromedarii SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord*, *2* (3): 412, 1922.

Hyalomma dromedarii MARGOT CHODZIEDNER, *Zool. Jahrbüch*, *47* (4/6): 1924, segundo DELPY (1949).

Hyalomma dromedarii asiaticum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 34 e 43, 1930.

Hyalomma dromedarii canariense SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 34 e 45, 1930.

Hyalomma dromedarii dromedarii SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 34 e 43, 1930.

Hyalomma dromedarii asiaticum OLENEV, *Mag. Parasit. Mus. Zool. Acad. Sc. URSS., 2,* 1931, segundo DELPY (1936) e FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma yakimovi OLENEV, *Mag. Parasit. Mus. Zool. Acad. Sc. URSS., 2,* 1931, segundo DELPY (1936) e FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma yakimovi morpha *persiacum* OLENEV, *Mag. Parasit. Mus. Zool. Acad. Sc. URSS., 2,* 1931, segundo DELPY (1936) e FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma dromedarii dromedarii MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Entom. Ital., 44* (6), 1935.

Hyalomma anatolicum zavattarii MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 74* (3): 240, 1935, *pro parte.*

Hyalomma asiaticum SCHULZE, *Wissenschaftl. Ergebnisse Neederl. Exped. Karakorum. Zool. 1,* 1935, segundo DELPY (1949).

Hyalomma asiaticum citripes SCHULZE, *Wissenschaftl. Ergebnisse Neederl. Exped. Karakorum. Zool., 1:* 1935, segundo DELPY (1949).

Hyalomma delpyi SCHULZE e GOSSEL, *in* SCHULZE, *Zool. Anz., 114:* 188, 1936.

Hyalomma dromedarii DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 14* (3): 220, 1936.

Hyalomma dromedarii DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 15* (6): 481 e 487, 1937.

Hyalomma dromedarii SENEVET, *Ixodoidés,* p. 43, 1937.

Hyalomma dromedarii NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie,* p. 382, 1938, *pro parte.*

Hyalomma dromedarii var. *citripes* NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie,* p. 386, 1938.

Hyalomma dromedarii (=*H. aegyptium*) NEVEU-LEMAIRE, *Parasit. Vétérinaire,* p. 71, 1942, *pro parte.*

Hyalomma dromedarii DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 21* (5-6): 228 e 291, 1946.

Hyalomma dromedarii ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, *Parasitology, 39* (1-2): 99, 1948.

Hyalomma dromedarii DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (1-2): 105, 1949.

Hyalomma dromedarii DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (5-6): 473, 1949.

Hyalomma dromedarii COLAS BELCOUR e RAGEAU, *Arch. Inst. Pasteur Tunis, 4:* 362, 1951.

Hyalomma dromedarii (=*H. aegyptium*) NEVEU-LEMAIRE, *Parasit. Vétérinaire,* p. 74, 1952, *pro parte.*

Hyalomma dromedarii B. FELDMAN-MUHSAM, *Bull. Res. Counc. Israel, 4* (2): 152, 1954.

Hyalomma dromedarii HOOGSTRAAL, *J. of Parasit., 40* (3): 308, 1954.

Hyalomma dromedarii ABONNENC *in* VILLIERS, *Bull. Inst. Fr. Afr. Noire,* (A) *17* (2): 444, 1955.

Hyalomma dromedarii TRAVASSOS DIAS, *An. Inst. Med. Trop. Lisboa, 12* (1-2): 80, 1955.

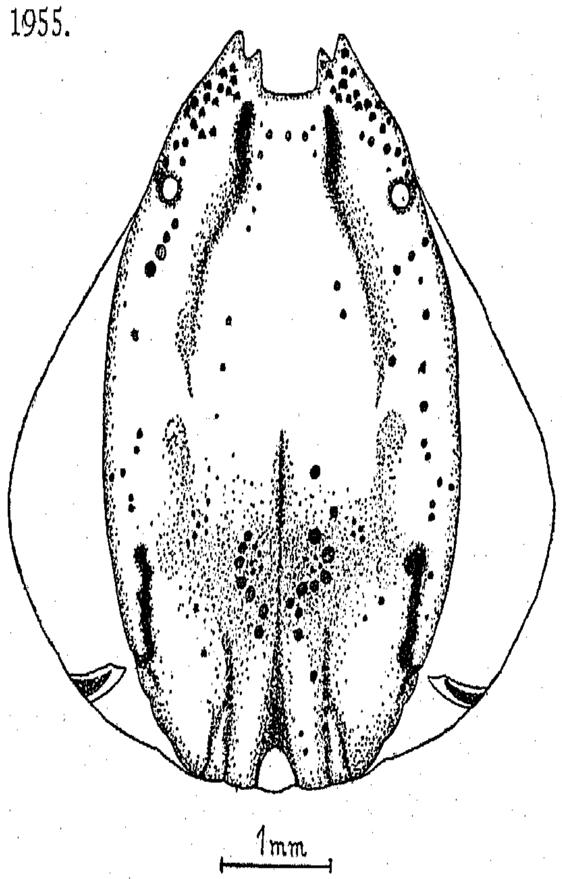


Fig. 2
Hyalomma dromedarii, ♂
Aspecto dorsal do macho
(Segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954)

REGISTOS

Hospedeiro: Bos taurus L., o boi; *Camelus dromedarius* L., o dromedário.

Localização: Pele.

Origem: Egipto, Líbia e Somália.

Referência e material: Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, Parasitologia, registos P-26/55, de 18/9/955 (8 ♂♂ e 3 ♀♀ obtidos num tubo conservado no Laboratório Central de Patologia Veterinária, com o rótulo: «Bovino, Matadouro do Egipto» e sem qualquer referência a diagnose específica); P-40/55, de 3/12/955 (14 ♂♂ e 6 ♀♀, entre material recolhido pelo médico veterinário Dr. F. Vieira de Sá em dromedários de Suk-el-Giuma, na Líbia); um tubo do Instituto de Zoologia da Universidade de Roma, com 1 ♀ em álcool a 70°, rotulado «*Hyalomma fezzanensis* n. sp.» — Tonelli-Rondelli» e «Ubari — sp. Zavattari, 1934»; um tubo do mesmo Instituto, com 1 ♂ e 1 ♀, além de 1 ♀ de *Hyalomma marginatum*, rotulado «*Hyalomma anatolicum zavattari* n. sp. — Tonelli-(Stella)» e «Tarerbo sp. Zavattari 1934».

OBSERVAÇÕES

A morfologia dos exemplares em estudo está de acordo com as descriminações dos diferentes autores, particularmente a do exaustivo estudo de DELPY (1936), e com as caracterizações dadas por este autor e por Mrs. FELDMAN-MUHSAM, respectivamente em 1949 e em 1954.

Como escreveu B. FELDMAN-MUHSAM, nos machos não ingurgitados os escudos subadanais estão em parte atrás dos escudos adanais e em parte atrás dos escudos acessórios. Nos exemplares ingurgitados, situam-se por completo atrás dos escudos acessórios (1) (2).

(1) «In ungorged specimens the subanal plates are partly behind the anal plates and partly behind the adanal plates. In gorged specimens they are completely behind the adanal plates.»

(2) Os nossos «escudos adanais» correspondem às «anal plates», de Mrs. FELDMAN-MUHSAM; os «escudos acessórios», às «adanal plates»; e os «escudos subadanais», às «subanal plates».

No que respeita particularmente a abertura genital da fêmea, a observação de material montado em líquido de Gater confirmou a forma em V referida por aquela autora (1). Os ramos laterais (2) são mais ou menos quitinizados e encontram-se por vezes salientes, em particular nos indivíduos num estado mais avançado de quitinização, formando as respectivas extremidades um V mais ou menos aberto, conforme o grau de replecção.

Trata-se de uma espécie que não existe em Portugal nem foi assinalada até agora nos territórios portugueses da África. No entanto, a principal justificação da sua inclusão neste trabalho, concernente em especial a ixodídeos portugueses — metropolitanos e africanos — deve-se ao facto de se ter tornado hábito na nossa literatura parasitológica, a partir dos trabalhos de SILVA LEITÃO (1943), mencionar erradamente a sua existência em Portugal.

De facto, ao procedermos ao estudo das espécies metropolitanas do género *Hyalomma*, verificámos que a forma considerada entre nós como *Hyalomma dromedarii* não correspondia na verdade a esta espécie mas sim ao *Hyalomma marginatum* C. L. KOCH 1844.

Para ilustrár tal afirmação basta referir, entre outras diferenças, que o *Hyalomma dromedarii* ♂ é uma carraça com sulcos laterais curtos, enquanto os exemplares portugueses referidos como tal têm sulcos laterais compridos. Além disso, o sulco mediano do *Hyalomma dromedarii* é profundo na parte posterior, bifurcando-se de modo a enquadrar a parma — ou seja a parte não quitinizada correspondente ao festão mediano —, e os sulcos paramedianos confundem-se atrás com os sulcos de separação do 4.° com o 5.° festão; nos referidos exemplares, não existe entalhe parmático, o sulco mediano mostra-se menos profundo e os sulcos paramedianos são curtos e não atingem os festões. Nos espécimes em jejum, os escudos subadanais do *Hyalomma dromedarii* situam-se em parte atrás dos escudos adanais e em parte atrás dos escudos acessórios, de modo que «o seu eixo longitudinal se encontra sempre em posição externa

(1) «The unmounted gential aperture of *H. dromedarii* has the form of a long and deep V. The area within the angle is flat (Figure 2-A). When cleared and mounted in balsam, the form of the V is seen with more precision, the flaps being thick (Figure 3).

(2) Os nossos «ramos laterais» correspondem aos «flaps», da autora.

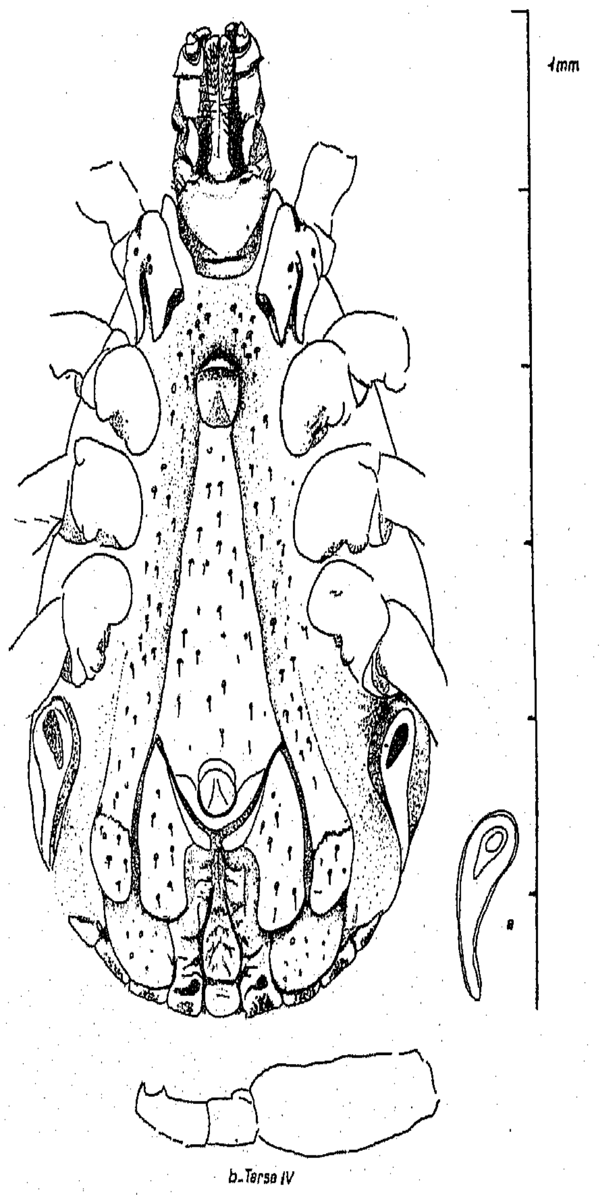


Fig. 3
Hyalomma dromedarii, ♂
Aspecto ventral, espiráculo e tarso IV
(Segundo DELPY, 1936)

ao eixo longitudinal dos anais (=adanais)» (DELPY, 1936); nos exemplares portugueses, os escudos subadanais ficam colocados directamente atrás dos escudos adanais.

Não podemos deixar de nos referir a uma outra imprecisão de SILVA LEITÃO — esta não devida já à diagnose errada da espécie mas decerto a uma inadvertência de leitura —, ao afirmar: «Diz DELPY que a parte

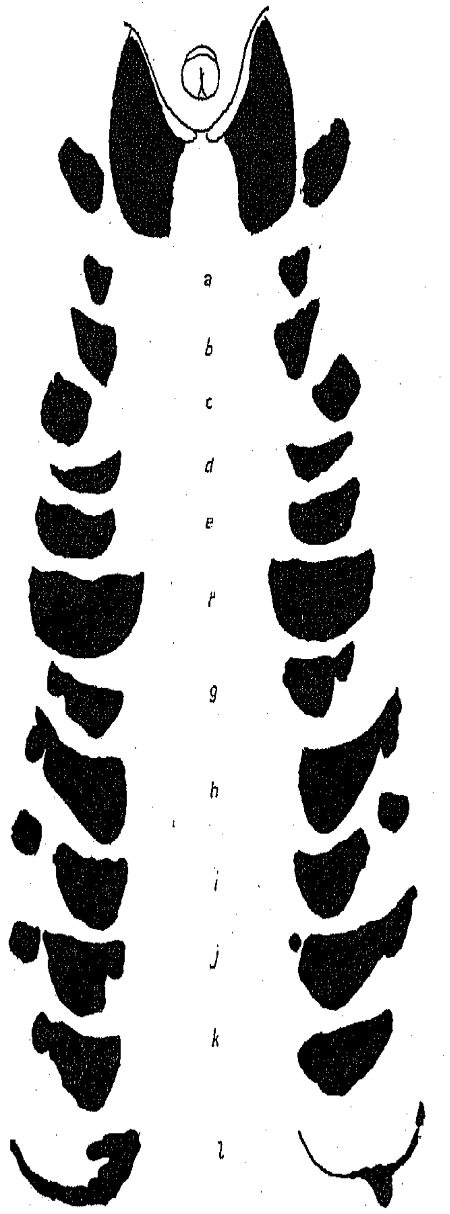


Fig. 4
Hyalomma dromedarii
Variações dos escudos subadanais (*a* a *l*) nos machos descendentes de uma mesma fêmea
(Segundo DELPY, 1936)

anterior e média do escudo (nas fêmeas do *Hyalomma dromedarii)* é quase ou inteiramente desprovida de pontuações, atribuindo a tal facto uma certa especificidade. Pela nossa parte notámos por vezes essa região bem pontuada abrangendo as pontuações o escudo até aos «scapulae» e dando-lhes um aspecto granuloso. O autor citado diz: escápula lisa.»

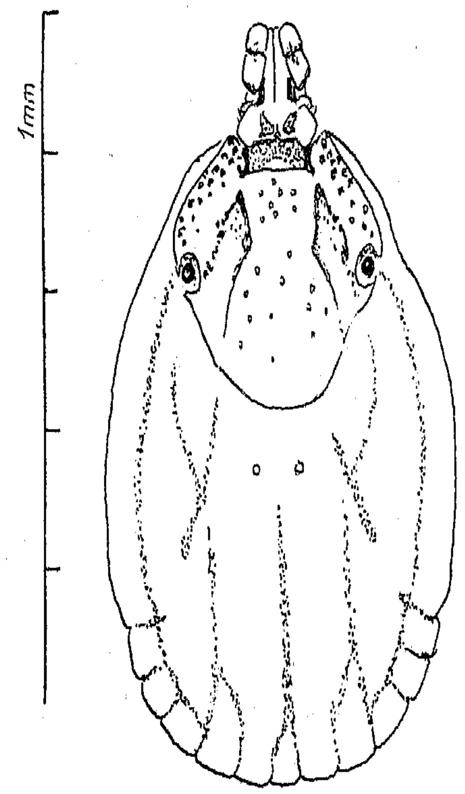


Fig. 5
Hyalomma dromedarii
Aspecto dorsal da fêmea
(Segundo DELPY, 1936)

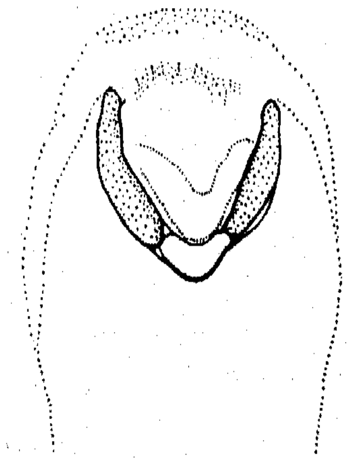


Fig 6
Hyalomma dromedarii
Abertura genital da fêmea
(espécime ingurgitado)
(Original)

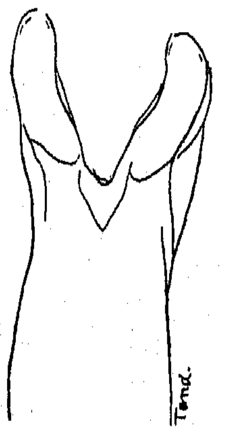


Fig. 7
Hyalomma dromedarii
Abertura genital da fêmea,
após montagem
(Original)

Na verdade DELPY escreveu, a propósito das pontuações do escudo dorsal da fêmea, em concordância, aliás, com a fig. 5, que dele reproduzimos:

«Le champ cervical, bombé, est couvert de fines ponctuations et porte des fossettes clairsemées. Souvent il présent dans sa partie antérieure quelques fortes rides transversales.

Les champs lateraux présentent un groupe dense de fossettes scapulaires.»

HYALOMMA (HYALOMMA) MARGINATUM C. L. KOCH

Acarus hispanus FABRICIUS, *Entom. Syst., 4:* 426, 1794 (?).

Hyalomma marginatum C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg. 10:* 221, 1844.

Hyalomma hispanum C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg. 10:* 222, 1844.

Ixodes Savignyi GERVAIS, *Hist. Nat. Insect., Aptères, 3:* 244, 1844 (?).

Hyalomma marginatum C. L. KOCH, *Uebersicht des Arachnidensytems, 4:* 14 e 46, 1847.

Hyalomma Hispanum C. L. KOCH, *Uebersicht des Arachnidensytems, 4:* 14 41, 1847.

Hyalomma hispanum VON FRAUENFELD, *Verhanal. der zool.-bot. Gesell. zu Wien, 17:* 461, 1867.

Ixodes hispanus KOLENATI, *Bull. Soc. Imp. Natur. Moscou, 2:* 431, 1857, segundo NEUMANN (1928).

Hyalomma hispanicum PAVESI, *Ann. Mus. Civ. St. Nat. Genova, 15: 1880, segundo* AMÉLIA BACELAR (1928).

Hyalomma aegyptium NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 285, 1899, *pro parte, nec* LINEU 1758.

Hyalomma aegyptium aegyptium NEUMANN, *Das Tierreich,* 1911 *pro parte.*

Hyalomma aegyptium marginatum SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949) e B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma aegyptium aegyptium SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord,* 2 (3): 409, 1922.

Hyalomma hispanicum Amélia Bacelar, *Bull. Soc. Port. Sc. Nat.*, *10* (17): 195, 1928.

Hyalomma marginatum balcanicum f. *brunnipes* Schulze *in* Schulze e Schlottke, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2:* 39 e 44, 1930.

Hyalomma marginatum hispanum Schulze e Schlottke, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2:* 39 e 45, 1930.

Hyalomma marginatum marginatum Schulze e Schlottke, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2:* 40 e 46, 1930.

Hyalomma marginatum olenevi Schulze e Schlottke, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2:* 40 e 46, 1930.

Hyalomma marginatum brionicum Schulze e Schlottke, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock* *2:* 40 e 46, 1930.

Hyalomma marginatum balcanicum Schulze e Schlottke, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock* *2:* 40 e 46, 1930.

Hyalomma marginatum bacuense Schulze *in* Olenev, *Mag. Parasit. Mus. Zool. Acad. Sc. URSS.*, *2*, 1931, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma aegyptium Brumpt, *Parasitologie*, *2:* 1169, 1936, *sensu* Neumann 1899, *pro parte*.

Hyalomma anatolicum zavattari Mària Tonelli-Rondelli, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat.*, *74* (3): 240, 1935, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium Senevet, *Ixodoidés*, p. 43, 1937, *pro parte*, *nec* Lineu 1758.

Hyalomma (s. str.) *marginatum hispanum* Gil Collado, *Brotéria*, sér. *Ciênc. Nat.*, *7* (34): 102, 1938.

Hyalomma marginatum caspium Schulze *in* Kratz, *Parasitenk.*, *4*, 1940, segundo B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma aegyptium Fiebiger, *Parásitos animales*, p. 379, 1941, *sensu* Neumann 1899, *pro parte*.

Hyalomma dromedarii Silva Leitão, *Ixodídeos portugueses*, *p.* 15, 1943, *nec* C. L. Koch 1844.

Hyalomma savignyi Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *21* (5-6): 290 e 291, 1946, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium aegyptium Mönnig, *Veterinary helminthology and entomology*, p. 369, 1947, *pro parte*.

Hyalomma marginatum Adler e B. Feldman-Muhsam, *Parasitology*, *38* (3): 99, 1948.

Hyalomma savignyi Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (1-2): 107 e 108, 1949.

Hyalomma savignyi Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (5-6): 479, 1949.

Hyalomma savignyi Colas-Belcour e Rageau, *Arch. Inst. Pasteur Tunis*, *4:* 361, 1951.

Hyalomma marginatum B. Feldman-Muhsam, *Bull. Res. Counc. Israel*, *4* (2): 159, 1954.

Hyalomma savignyi Hoogstraal, *J. of Parasit.*, *40* (3): 308, 1954.

Hyalomma dromedarii Alves da Cruz, *Bull. Off. Intern. Epiz.*, *43* (1-2): 272, 1955, *nec* C. L. Koch 1844.

REGISTOS

Hospedeiros: *Bos taurus* L., o boi; *Equus (Equus) caballus* L., o cavalo; *Sus scrofa domesticus* Gray, o porco.

Localização: Pele.

Origem: Portugal.

Referências e material: Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, Parasitologia, exemplares cedidos pelo Laboratório Central de Patologia Veterinária, de Lisboa, registos 19/55, de 5/7/955 (Vila Franca — 2 ♂♂ e 3 ♀♀, sem indicação de hospedeiro nem data de colheita, como *Hyalomma dromedarii*), 24/55, da mesma data (1 ♂ apanhado num bovino, em 19/10/953, sem indicação de localidade); 25/55, de 18/9/955 (4 ♂♂ e 5 ♀♀, de um bovino, sem indicação de localidade nem data de colheita); 27/55, da mesma data (Venda da Lamarosa, Coruche — 4 ♂♂ e 2 ♀♀, apanhados num bovino, em 25/5/942); 30/55, da mesma data (Herdade de Pancas, Coruche — 2 ♂♂, de um bovino); 31/55, da mesma data (Ferreira do Alentejo — 1 ♂ e 3 ♀♀, de bovinos, 1955); 32/55, da mesma data (Vidigueira — 4 ♂♂ provenientes de um porco); 33/55, da mesma data (Torrão do Alentejo — 3 ♂♂ e 4 ♀♀, de um porco) e 34/55, da mesma data (7 ♂♂ e 2 ♀♀, de uma égua, sem indicação de data nem de localidade).

MORFOLOGIA

Espécie de tamanho médio, medindo, no macho, 5,50 a 6,30 mm de comprimento por 3,25 a 3,60 mm de largura; e, na fêmea não ingurgitada, 6,20 a 7,30 mm por 3,15 a 3,95 mm. Mrs. FELDMAN-MUHSAM (1954) referiu 4 mm de comprimento por 2,5 mm de largura para o escudo do macho (tipo) e o comprimento e largura iguais a 2,6 mm para o escudo da fêmea (como *Hyalomma marginatum* KOCH 1844). SILVA LEITÃO (1943), nos exemplares portugueses que classificou como *Hyalomma dromedarii*, encontrou, no macho, 4,5 a 7 mm por 3,5 a 4,5 mm.

MACHO

Corpo elíptico, um pouco mais estreito à frente, sem estrangulamento apreciável ao nível dos espiráculos e com o bordo posterior arredondado. Nos exemplares muito ingurgitados, as porções não quitinizadas trans-

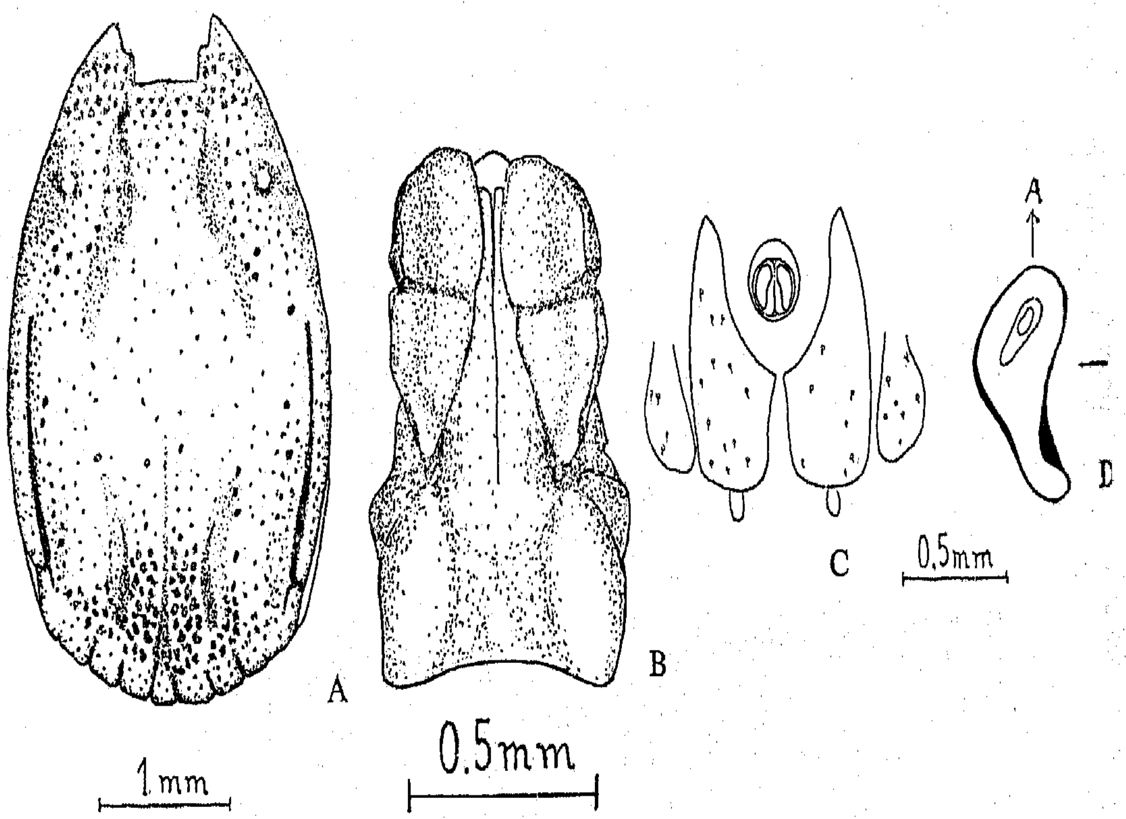


Fig. 8
Hyalomma marginatum, ♂
A, escudo dorsal; *B*, capítulo; *C*, armadura anal; *D*, espiráculo
(Segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954)

bordam nitidamente os bordos laterais do escudo, mas em grau muito menos acentuado que no *Hyalomma dromedarii*.

Escudo dorsal castanho-avermelhado ou castanho-escuro, ligeiramente convexo na parte média e com o campo posterior pouco deprimido. Olhos pequenos e hemisféricos. Sulcos cervicais formando à frente fossetas curtas e profundas e espraiando-se para trás até o campo médio. Sulcos laterais compridos, mas sem atingirem a proximidade dos olhos, e pouco profundos, tornando-se superficiais à frente. Sulcos mediano e paramedianos pouco profundos, aquele rectilínio, unindo-se aos sulcos limitantes do festão médio e não atingindo anteriormente as fóveas ou áreas porosas dorsais submedianas; e estes curtos, um pouco incurvados para fora e não alcançando em regra os festões. Apenas se encontram bem individualizados o festão mediano — que é da mesma cor e grau de quitinização do resto do escudo — e o 4.° e 5.° festões, havendo lateralmente uma massa única, correspondente ao 1.°, 2.° e 3.° festões [1]. Pontuações grandes amontoadas nas escápulas, nas regiões pós-orbiculares e, em particular, no campo posterior, existindo ainda algumas dispersas, mas não no campo convexo mediano; pontuações médias nos campos laterais; pontuações intersticiais espalhadas por todo o corpo.

---

[1] Segundo SILVA LEITÃO, «a parma quando o festão postero-mediano é biforcado, fica limitada como que por uma forquilha, como já vimos; tal aspecto porém não é constante. A sua cor varia, com a do tegumento ventral, do amarelo ao castanho-escuro. Vemos assim não ser constante a sua cor esbranquiçada, como quer NEUMANN, ou enegrecida (noirtre) como diz SENEVET.

Os outros festões podem estar mais ou menos separados uns dos outros por sulcos nítidos, alguns curtos e pouco pronunciados em profundidade e comprimento.»

Como vimos acima, o festão médio enquadra-se na consistência geral do escudo e tem a mesma cor e grau de quitinização deste, não se justificando, portanto, a designação de parma. De resto, existe uma discrepância flagrante entre a indicação de uma parma de cor variando com «a do tegumento ventral», do amarelo ou castanho-escuro, e a descrição correspondente da coloração da face ventral, na mesma página: «Excepto em meia dúzia de exemplares acastanhados, a sua cor era amarela clara ou quando bem iluminada tinha por vezes tons dourados».

A imprecisão do autor parece ter sido suscitada pelo desejo de harmonizar os exemplares em estudo, desprovidos de parma, com a definição desta, segundo DELPY (1936): «Le feston médian est parfois appelé *parma*. Dans ce cas, cette structure est constituée par une échancrure taillée dans la partie postérieure du

Superfície ventral castanho-amarelada a castanho-esverdeada, contrastando com o castanho-avermelhado a castanho-escuro das porções quitinizadas, com pêlos dispersos nas porções não quitinizadas e nos escudos adanais e acessórios. Orifício genital situado ao nível da parte anterior das coxas II. Espiráculos em forma de vírgula, com o prolongamento posterior relativamente largo. Escudos adanais com a parte posterior quadrangular, de bordos internos subparalelos entre si e sem a ponta aguda pós-anal observada, por exemplo, no *Hyalomma dromedarii* e no *Hyalomma lusitanicum*. Escudos acessórios compridos, com o bordo posterior continuando quase insensìvelmente o bordo externo, de modo a formar um ângulo póstero-externo obtuso e arredondado, em oposição ao ângulo póstero-interno agudo. Escudos subadanais pequenos, situados no prolongamento do eixo dos escudos adanais, com as pontas divergindo um pouco nos exemplares replectos. Peltas bem quitinizadas, marcando na face ventral a porção central dos 11 festões tegumentares, reduzindo-se, em regra, ou não existindo no festão mediano.

Capítulo comprido, de base trapezoidal, com os bordos laterais arredondados. Palpos compridos e muito fortes, cobrindo a baínha das quelíceras, com o II artículo aproximadamente do mesmo tamanho do III, mas parecendo maior na face dorsal e menor na ventral. Hipostoma

---

scutum, et qui est remplie par le tégument nom chitineux. Il n'est donc pas surprennant que la couleur du parma soit très variable, comme l'est celle du tégument, plus ou moins foncée suivant l'âge, l'état de réplétion et le mode de conservation du specimen.»

DELPY, em 1946, refere, para o seu *Hyalomma savignyi* (GERVAIS 1844) (=*Hyalomma marginatum*), o «enclave parmático presente, porém com a parma mais ou menos quitinizada». Nos exemplares portugueses, se bem o festão mediano se encontre circunscrito pela união dos seus sulcos limitantes com o sulco mediano — ou, na imagem feliz de SILVA LEITÃO, «limitado como que por uma forquilha» —, não existe qualquer diferença de qutinização entre ele e o resto do escudo, não havendo, portanto, uma verdadeira parma, tal como esta foi definida acima. Segundo B. FELDMAN-MUHSAM, «the parma (aqui na acepção de «festão mediano») has the same colour as the whole scutum».

A descrição dos restantes festões não coincide igualmente com a realidade, em particular por SILVA LEITÃO não mencionar a reunião dos três festões externos numa massa lateral única.

comprido, claviforme, munido de coroa apical e com dentição 3/3, em 8 a 9 fiadas de dentes. Córnuas ausentes.

Patas castanhas, com a extremidade distal dos fémures, tíbias e protarsos anelada de creme, largamente na face superior e muito menos na inferior (1). Coxa I dividida por uma fenda estreita em duas partes

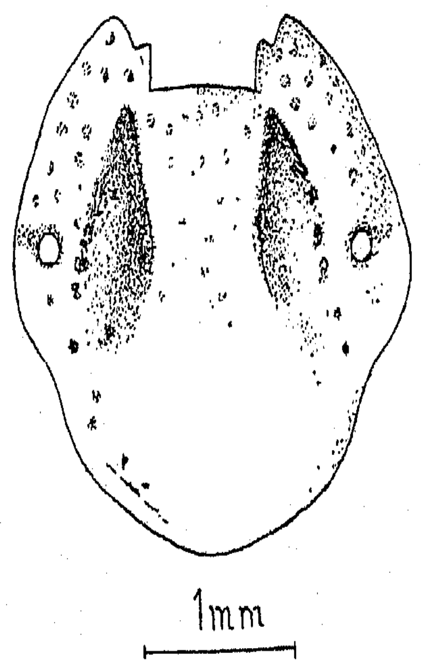


Fig. 9
Hyalomma marginatum, ♀
Escudo dorsal
(Segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954)

ponteagudas, sendo a externa mais grossa e mais comprida ou ambas do mesmo comprimento. Coxas II a IV com uma crista interna larga e um esporão externo rombo, mais atenuados no 3.º par. Nalguns casos, em particular nos indivíduos pouco quitinizados, o triângulo claro da extremidade distal das tíbias e dos protarsos prolonga-se pelo bordo dorsal. O primeiro par de patas é bastante mais fraco que os restantes, que também aumentam sensìvelmente do II ao IV.

---

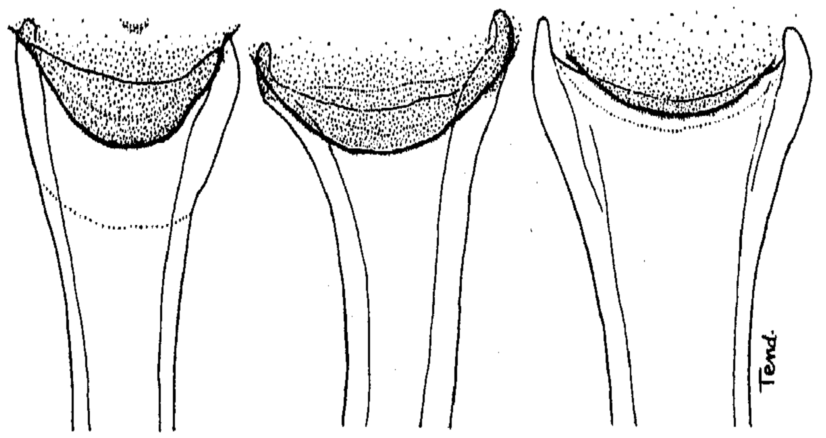
(1) DELPY descreve as «patas sem anelação branca completa, mas a presença de um triângulo claro na extremidade distal dos artículos dá-lhes dorsalmente o aspecto anelado».

FÊMEA

Corpo ovóide, um pouco mais estreito à frente do que atrás, medindo nos nossos exemplares não ingurgitados 4,95 a 5,80 mm de comprimento; segundo SILVA LEITÃO, os exemplares cheios chegam a atingir 30 mm por 14 mm. Sulcos marginais bem vincados, englobando três festões. Sulcos ântero-laterais profundos, formando um V com os sulcos ântero-paramedianos pouco vincados e continuando-se atrás, após uma pequena interrupção, por curtos sulcos póstero-laterais. Sulcos mediano e póstero-paramedianos bem difinidos, o mediano unindo-se atrás dos sulcos limitantes do festão mediano e estendendo-se para a frente até junto das fóveas ou áreas porosas dorsais submedianas, os póstero-paramedianos estendendo-se dos sulcos de separação do 4.º e 5.º festões até próximo do limite anterior do mediano. Festões mais largos que compridos, excepto o festão mediano, que é pequeno e triangular.

Escudo dorsal com a largura aproximadamente igual ou um pouco menor que o comprimento incluindo as escápulas, medindo nos exemplares estudados 2,44 a 2,96 mm de comprimento na linha média (2,60 a 3,33 mm entrando com os ângulos escapulares), por 2,65 a 2,96 mm de largura máxima (ao nível da parte posterior dos olhos), castanho muito escuro nos campos laterais e castanho-avermelhado no campo mediano, mudando para castanho-alaranjado ao longo do bordo anterior [1]. Ângulos escapulares fortes; bordos ântero-laterais convexos; bordos póstero-laterais sinuosos, convexos na região pós-ocular, côncavos a seguir e de novo convexos mais atrás, para formarem um ângulo posterior largo e arredondado. Sulcos cervicais profundos na parte anterior, continuando-se por depressões cervicais bem marcadas até os bordos póstero-laterais do escudo. Olhos pequenos, hemisféricos, profundamente orbitados, situados ao nível dos ângulos laterais. Pontuações médias em maior número, em

(1) Esta disposição da coloração está de acordo com a iconografia de C. L. KOCH (1847), que representou o campo central um pouco mais claro que os campos laterais, e com a descrição de Mrs. FELDMAN-MUHSAM (1954), feita a partir dos tipos da espécie, conservados no Museu Zoológico de Berlim: «The area between the cervical grooves is red-brown. The area outside the cervical grooves is black-brown.» SILVA LEITÃO escreveu, do mesmo modo: «A parte central é no entanto na maioria dos exemplares a menos pontuada e tem um tom mais claro.»



a b c

Fig. 10

Hyalomma marginatum

Diversos aspectos da abertura genital da fêmea, após montagem

(Original)

particular na porção anterior do campo mediano, onde em regra se isolam umas das outras, e nos campos laterais e nas fossetas cervicais, em que, pelo contrário, têm tendência para se reunirem, por vezes em conjuntos lineares; pontuações intersticiais muito finas espalhadas por todo o escudo, obsoletas no campo central em muitos exemplares [1]. Notam-se também, muitas vezes, enrugamentos irregulares nos campos laterais — designadamente nas escápulas — e nas fossetas cervicais, bem como pregas transversas no campo mediano, à frente ou atrás, e, quase sempre, rugas longitudinais muito curtas sobre os bordos póstero-laterais e o ângulo posterior do escudo.

(1) De acordo com B. FELDMAN-MUHSAM, a disposição das pontuações contraria a identificação do *Hyalomma savignyi* de GERVAIS com a espécie em estudo, por nos desenhos originais (fig. 15) se encontrar representada uma fêmea com numerosas pontuações em todo o escudo: «The punctations of the scutum of this female are shallow and are limited to the anterior half (Figure 7-A=fig. 9). This is the appearance in most of the females of *H. marginatum* (the punctation might be even less prominent). This point should be particularly stressed as it stands in contrast to the drawing of *H. savignyi* Ger. in Description de l'Egypte, which Delpy considers to be the type for that species. As already noted of the connection with *H. excavatum* (see our arguments p. 157), the drawing of the female of *H. savignyi* Ger. shows a very punctate scutum. *H. marginatum* (*H. savignyi* sensu Delpy) never has such a punctate scutum.»

Superfície ventral de cor semelhante à da superfície dorsal. Orifício genital situado ao nível das coxas II, caracterizando-se pelo opérculo bem delimitado, mais largo que comprido e fortemente protuberante, sobrepondo-se atrás à fenda genital, excepto nos indivíduos muito ingurgitados, em que aquela fica a descoberto. No material montado, o aspecto típico (fig. 10 b; microfot. 1) consiste numa abertura genital larga e arredondada, com os ramos laterais muito curtos, um pouco incurvados para dentro e com um grau de quitinização pouco intenso e idêntico ao do tubo vaginal, sobre a qual se reprega a porção posterior do opérculo, de modo a recobri-la numa maior ou menor extensão (¹). Nos espécimes em jejum ou pouco ingurgitados, a projecção do opérculo sobre a abertura genital é bastante acentuada e oblitera-se por completo, estendendo-se para trás como a pala de um boné (fig. 10 a). Nos exemplares mais ingurgitados, a retracção exercida sobre o opérculo pela distenção das partes moles desloca-o mais ou menos para a frente (fig. 10 c), chegando mesmo a fenda genital a ficar a descoberto nos espécimes muitos cheios. Espiráculos ovóides e de cauda curta e em ângulo recto.

Capítulo com os palpos relativamente mais compridos que no macho, em particular o II artículo. Áreas porosas como no *Hyalomma dromedarii*, «grandes, piriformes, de ponta anterior e divergente», «separadas por uma crista que se divide posteriormente e se prolonga ao longo do bordo posterior da base» (do capítulo) (DELPY, 1936), com a distância entre si menor que a sua própria largura. Hipostoma como no macho.

(¹) «The operculum of the genital aperture — escreveu B. FELDMAN-MUHSAM — is big highly protuding, and somewhat wider than long (Figure 2-C deste trabalho). When microscopically studied, the upper edge of the opening of genital tube appears very shallow. The lateral flaps are more chitinized than the underlying tube. The operculum overlaps beyond the opening of the genital tube (Figure 8).»

A microfotografia da autora reproduz quase exactamente a nossa fig. 10 b, tanto em relação ao cavalgamento do opérculo sobre a fenda genital como à tonalidade dos ramos laterais. Entretanto, a sua comparação com as restantes aberturas genitais observadas, designadamente as outras reproduzidas na mesma figura, mostra bem que os ramos laterais não são de facto mais quitinizados que o tubo vaginal, devendo-se a tonalidade mais escura à sobreposição do opérculo e dos ramos laterais e a obliquidade destes em relação à superfície cutânea e à direcção dos raios luminosos.

Patas com coloração idêntica às do macho; entretanto, como já foi referido por SILVA LEITÃO (¹), «a diferença da espessura é pouco nítida» do I ao IV par, que nunca atinge a robustez verificada naquele.

OBSERVAÇÕES

Na sua «Contribuição para o estudo dos ixodídeos portugueses», SILVA LEITÃO (1943) apresenta uma série de divergências entre os exemplares portugueses, que classifica como *Hyalomma dromedarii*, e as descrições de DELPY e de SENEVET. Este facto provém indubitàvelmente, em primeiro lugar, de o autor não ter tido entre mãos o *Hyalomma dromedarii* mas antes a espécie *Hyalomma marginatum* C. L. KOCH 1844 — que DELPY identificou com o *Hyalomma savignyi* GERVAIS 1844 — ou seja a mesma para a qual SENEVET ainda mantinha em 1937, se bem que provisòriamente (²), a denominação inadequada de *Hyalomma aegyptium* (LINEU 1758).

A identificação errónea dos espécimes portugueses com o *Hyalomma dromedarii* e a pressuposição incorrecta de que o *Hyalomma aegyptium* (*sensu* NEUMANN) era a mesma forma que DELPY descrevera com aquele nome levaram SILVA LEITÃO a escrever:

(¹) «A diferença de espessura é pouco nítida.

... Como no macho, havia nas fêmeas jovens, em jejum, maior extensão do amarelo-claro sobre o castanho, ficando pouco a pouco, e, com a idade o amarelo limitado a mais ilhotas. É pelo menos a nossa interpretação.

Conhecendo no entanto a rapidez da quitinização destes artrópodos, não filiamos tais aspectos exclusivamente na idade nova.

O que vimos por vezes nos exemplares acabados de mudar, foi uma quase total coloração amarela.»

(²) «On peut se demander, à la suite du récent travail de P. SCHULZE (1930) si cette description correspond bien à l'espèce denommée par LINNÉ. D'après SCHULZE qui a vu le *type* de LINNÉ, conservé au Musée d'Upsala, *Acarus aegyptius* LINNÉ serait un *Hyalomma* typique de Tortue, c'est-à-dire ce que nous décrirons comme *Hyalomma syriacum*.

En attendant une confirmation de ces assertions nous conserveront au moins à titre provisoire, les noms classiques. Dans le cas où ces derniers devraient être modifiés, l'espèce ici devrait à notre avis s'appeler *Hyalomma rufipes* FABRICIUS, 1805 ou *Hyalomma savignyi* GERVAIS, 1844.»

«Pela nossa parte, nos exemplares de *H. dromedarii* (*H. aegyptium*) que colhemos no continente português não notamos concordância de caracteres com as descrições do autor de que nos temos ocupado.

É um facto real e indiscutível.

Por vezes os nossos exemplares cabiam muito melhor em agrupamentos eliminados por Delpy do que na sua espécie actual *dromedarii*. Tal facto poderá parecer um paradoxo. Apenas porque na primeira parte do trabalho há indubitàvelmente uma obra de identificação, designamos os nossos exemplares por *H. dromedarii,* obedecendo assim às leis da taxonomia zoológica. O seu nome deveria antes ser *H. aegyptium.*»

«Pelas suas dimensões o macho desta espécie ocupa um lugar médio relativamente aos outros ixodídeos.

Mais estreito na parte da frente, alarga-se muito, posteriormente, ao encher-se, mas não tanto como pretendem e documentam certos autores. Assim, na sua iconografia, nota-se por vezes que o escudo dorsal não cobre completamente o corpo, aparecendo dum e do outro lado uma coloração mais clara correspondente ao tegumento ventral onde se notam as caudas dos estigmates.

No entanto nunca encontramos em exemplares portugueses, na natureza, uma tão grande saliência das suas partes mais quitinizadas junto ao ânus (escudos) que impedisse, num estado de repleição, o deslocamento do ácaro no sentido anteró-posterior sobre uma superfície rugosa como é regra, segundo Delpy, nas espécies exóticas já citadas. É interessante notar que a maioria dos exemplares, sobre que o citado autor fez as suas observações, foram em parte criados no laboratório e alimentados sobre ouriços, não sendo difícil admitir um excesso de alimentação após um jejum forçado involuntário. Assim se explicariam tais deformações.»

«Neumann atribui ao escudo um curto lateral, contínuo ao seu bordo externo e estendendo-se até ao festão limite que bordeja.

Pelas descrições já feitas é fácil notar que isto não corresponde ao que observamos.

E não incorrerá o próprio Neumann numa contradição, referindo-se a um sulco lateral curto e admitindo mais adiante que ele chega a delimitar os festões mais externos? Sabemos que a posição posterior que tais formações ocupam, resta-nos apenas admitir a não existência do sulco na parte anterior. Este facto opõe-se a tudo quanto tem sido observado e descrito.»

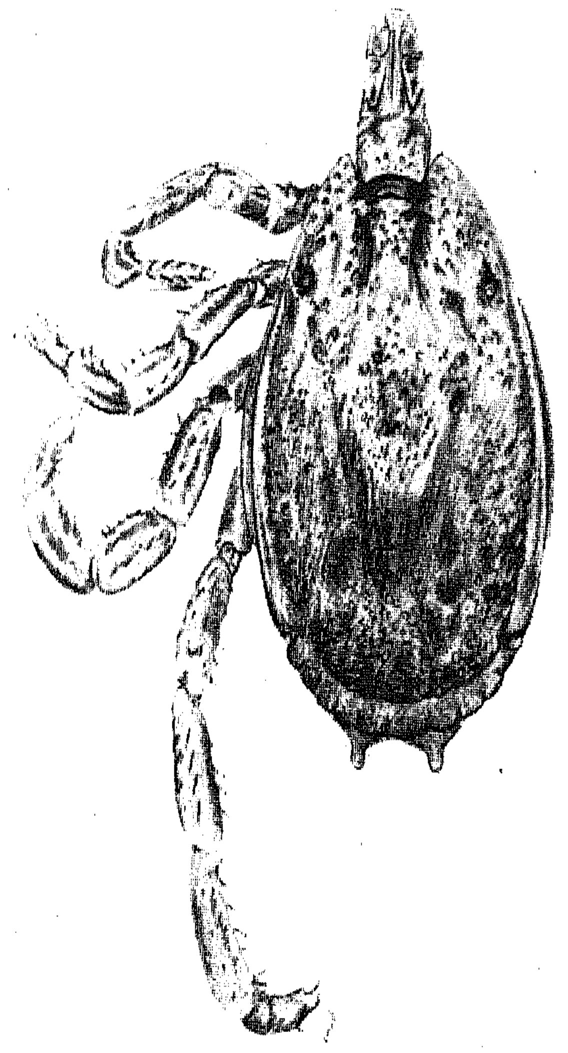


Fig. 11
Hyalomma marginatum
Aspecto dorsal do macho
(Segundo Silva Leitão, em desenho de Ramires, como *Hyalomma dromedarii*, *nec.* C. L. Koch 1844)

«Quanto aos (escudos) subanais, Delpy concede pela primeira vez importância ao seguinte: o seu eixo longitudinal é sempre externo em relação ao mesmo eixo dos anais.

Tal caracter, bem nítido em certos exemplares portugueses, é dificilmente visível noutros.

...Para Senevet, na espécie *dromedarii,* os escudos post-anais (=subanais) não ficariam no prolongamento dos escudos adanais, mas externamente e atrás do acessório adanal.»

Não está na índole do presente trabalho fazer em pormenor a análise crítica completa das observações de SILVA LEITÃO sobre o género *Hyalomma*. Por tal motivo, limitamo-nos a acentuar, mais uma vez, que as diferenças de coloração dos tegumentos, disposição dos sulcos dorsais e das pontuações, forma dos escudos adanais e subadanais e dos espiráculos, etc., relativamente à descrição do *Hyalomma dromedarii* feita por DELPY, provêm de modo prevalecente do erro de identificação, com esta espécie, dos espécimes que o autor estudou em Portugal — pertencentes indubitàvelmente ao *Hyalomma marginatum*; e, ao mesmo tempo, a aclarar os pontos focados nas transcrições feitas atrás.

O primeiro reparo, que nos ocorre, é de natureza sistemática.

SILVA LEITÃO afirma que o nome da carraça estudada devia ser *Hyalomma aegyptium* e que lhe chama antes *Hyalomma dromedarii* em obediência às leis da taxonomia zoológica — e isto, ao que parece, porque ao trabalho de DELPY «há indubitàvelmente uma obra de identificação». A conclusão estranha de que devia ser isto mas lhe chama antes aquilo, porque outro autor o identificou como tal, não encontra apoio em qualquer das regras internacionais de nomenclatura zoológica, mesmo pondo de parte a imprecisão da diagnose específica e tomando como boa a hipótese errónea da identidade entre as espécies *aegyptium* e *dromedarii*.

Nos machos ingurgitados da nossa colecção de *Hyalomma dromedarii* observa-se bem a deslocação, para fora, dos escudos subadanais, que, em concordância com as palavras de Mrs. FELDMAN-MUHSAM, passam a estar directamente atrás dos escudos acessórios; simultâneamente, como também foi referido por DELPY (¹) e por FELDMAN-MUHSAM (²), verifica-se a distenção bastante acentuada das partes moles do corpo, que transbordam de forma considerável os bordos laterais do escudo dorsal, tomando

(¹) «Après réplétion, l'abdomen se distend considérablement dans sa partie postérieure, formant deux vastes expansions latérales ou «flancs» dont la largeur maxima est située en arrière des hanches IV. La queue des stigmates les bride fortement.»

(²) The males of *H. dromedarii* become excessively distended laterally when they are gorged. The dilatation takes place in the hinder half of the body, and the tick then becomes pear shaped.»

o aspecto reproduzido na fig. 2. A confusão de SILVA LEITÃO provém do facto de este transbordamento das porções não quitinizadas para além dos bordos laterais nunca se verificar num grau tão acentuado em qualquer das espécies portuguesas de *Hyalomma*, tanto da Metrópole como do Ultramar. Nada justifica, deste modo, a hipótese gratuita de ele apenas se dar em exemplares criados no laboratório, por um excesso de alimentação consecutivo a um jejum forçado involuntário.

Em relação aos sulcos laterais, a inadvertência de SILVA LEITÃO é compreensível e provém de o autor julgar que, nos *Hyalomma*, os referidos sulcos se devem considerar «curtos» ou «compridos» com início no seu limite anterior e não no posterior, como efectivamente se faz. A ignorância desta particularidade levou SILVA LEITÃO a escrever, na preocupação de harmonizar os exemplares que tinha em estudo, de sulcos laterais compridos, com as descrições livrescas consultadas, unânimes em registar sulcos laterais curtos no *Hyalomma dromedarii* (¹): «Os sulcos marginais são curtos e algumas vezes quase despercebidos. Observámo-los de uma maneira muito mais constante do que os outros que, como vimos, apresentavam os mais variados aspectos, fugindo assim àquela constância e uniformidade que se lhes pretende atribuir. Estendem-se na maioria dos exemplares, como vemos, até ao quarto posterior do escudo, aumentando aí de largura e profundidade. Por vezes são interrompidos por pequenos sulcos laterais próximos dos olhos. Estas últimas formações, apesar dos exemplares que nos serviram de exame não estarem exageradamente cheios, é possível terem a sua origem num estado de maior ou menor repleição do artrópodo.»

A comparação dos sulcos laterais do *Hyalomma dromedarii*, conforme a fig. 2, com os do *Hyalomma marginatum*, reproduzido na fig. 8 A e que SILVA LEITÃO tomou erradamente por aquela espécie, põe bem a claro a artificialidade das considerações do autor sobre o assunto.

(¹) Segundo a descrição de DELPY, seguida nas suas linhas gerais pelo autor, «les marginaux sont le plus souvent courts, parfois presque effacés. Ils sont constitués par des fossettes larges et fusionnées.»

HYALOMMA (HYALOMMA) IMPRESSUM C. L. KOCH

Hyalomma impressum C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg.*, *10* (1): 221, 1844.

Hyalomma impressum C. L. KOCH, *Uebersicht des Arachniden-systems*, *4*: 14 e 42, 1847.

Hyalomma aegyptium NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France*, *12*: 285, 1899, *pro parte*, *nec* LINEU 1758.

Hyalomma aegyptium var. *impressum* NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France*, *14*: 314, 1901, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium var. *impressum* HOWARD, *Ann. Transvaal Mus.*, *1* (2): 102, 1908, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium impressum NEUMANN, *Das Tierreich*, 1911, *pro parte* segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954).

Hyalomma aegyptium impressum f. *typica* SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5*: 1919.

Hyalomma impressum impressum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2*: 38 e 42, 1930.

Hyalomma aegyptium impressum BEDFORD, *Rep. Direct. Vet. Serv. and Anim. Ind., Un. of S. Africa*, *8* (1): 302, 1932, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium impressum BEDFORD, *The Onderstepoort J.*, *7* (1): 86, 1936, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium impressum SENEVET, *Ixodoïdés*, p. 39, 1937, *pro parte*.

Hyalomma dromedarii var. *impressa* NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie*, p. 385, 1938, *pro parte*.

Hyalomma savignyi impressum ROUSSELOT, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *21* (3-4): 149, 1946.

Hyalomma impressum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *21* (5-6): 290 e 291, 1946, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium impressum MÖNNIG, *Veterinary helminthology and entomology*, p. 369, 1947, *pro parte*.

Hyalomma impressum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (1-2): 107, 1949.

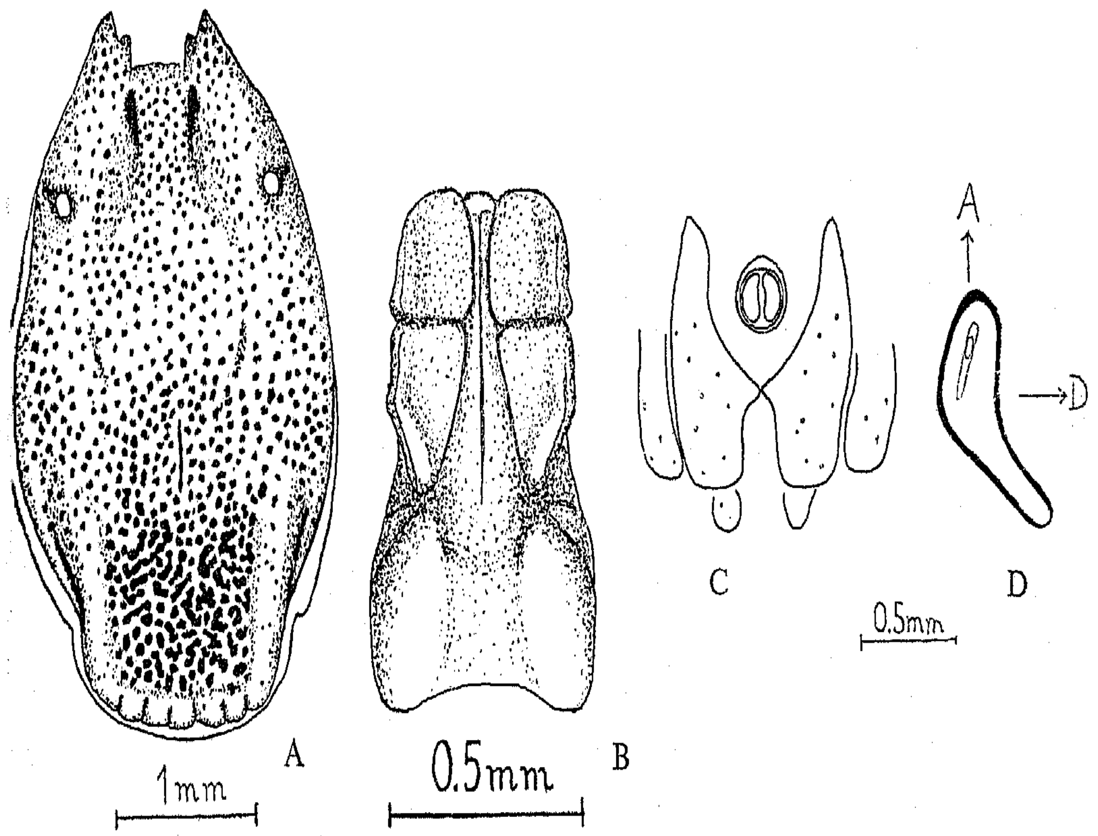


Fig. 12
Hyalomma impressum, ♂
Aspectos do tipo: *A*, escudo dorsal; *B*, capítulo; *C*, armadura anal; *D*, espiráculo
(Segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954)

Hyalomma impressum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (5-6): 478, 1949.

Hyalomma impressum ROUSSELOT, *Parasitologie tropicale*, *2*: 60 e 104, 1953.

Hyalomma impressum B. FELDMAN-MUHSAM, *Bull. Res. Counc. Israel*, *4* (2): 163, 1954.

Hyalomma impressum HOOGSTRAAL, *J. of Parasit.*, *40* (3): 308, 1954.

REGISTOS

Origem: Continente africano.

Referência e material: 1 ♂ e 1 ♀, sem indicação de hospedeiro, oferecidos pelo Dr. TRAVASSOS DIAS.

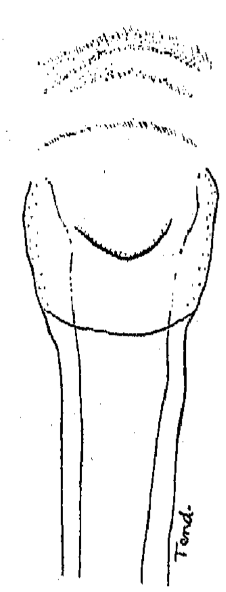


Fig. 13
Hyalomma impressum
Abertura genital da fêmea,
após montagem
(Original)

OBSERVAÇÕES

O *Hyalomma impressum* ♂ caracteriza-se essencialmente: pelo escudo dorsal castanho-avermelhado, recoberto inteiramente de pontuações densas e profundas e mais grosseiras no campo posterior, com um estrangulamento bem marcado ao nível dos espiráculos e tendo os sulcos laterais de comprimento médio, não se estendendo para a frente do meio do escudo (1); pelos escudos adanais munidos de uma ponta interna aguda (mal quitinizada no nosso espécime); e pelos escudos subadanais situados no prolongamento dos adanais.

Na fêmea, o escudo dorsal, tão comprido como largo, tem do mesmo modo pontuações profundas e densas, espalhadas uniformemente. *In situ*,

(1) No exemplar observado, os sulcos laterais, profundos na parte posterior, tornam-se superficiais para a frente, só se evidenciando a favor de uma iluminação oblíqua e terminando a meio do comprimento do escudo. Esta disposição está em desacordo com a referida por Delpy (1949), ao descrever os sulcos laterais compridos e atingindo as órbitas, «sillons marginaux longs atteignant les orbites»; e de Mrs Feldman-Muhsam (1954), ao indicar os sulcos laterais curtos, «lateral grooves short».

a abertura do aparelho sexual feminino assemelha-se bastante à do *Hyalomma truncatum*, caracterizando-se pelo opérculo côncavo junto da fenda genital e formando mais para a frente uma protuberância bastante saliente e disposta transversalmente. A montagem em líquido de Gater (fig. 13) mostrou uma abertura parabólica, com os ramos laterais sobressaindo apenas um pouco para os lados em relação ao canal vaginal (1) e tendo um grau de quitinização semelhante ao deste; em concordância com a descrição de B. Feldman-Muhsam (2), a porção protuberante aparece, mais para a frente, como uma prega do tegumento.

HYALOMMA (HYALOMMA) TRUNCATUM C. L. Koch

Hyalomma truncatum C. L. Koch, *Arch. f. Naturg. 10* (1): 221, 1844.

Hyalomma truncatum C. L. Koch, *Uebersicht des Arachnidensystems, 4*: 14 e 40, 1847.

Hyalomma aegyptium Neumann, *Mem. Soc. Zool. France, 12*: 285, 1899, *pro parte*, *nec* Lineu 1758.

Hyalomma aegyptium var. *impressum* Neumann, *Mem. Soc. Zool. France, 14*: 314, 1901, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium Howard, *Ann. Transvaal Mus., 1* (2): 99, 1908, *sensu* Neumann, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium Morais, *B. A. P. F.*, 1908, segundo Silva Leitão, *Parasitologia veterinária*, p. 32, 1946.

Hyalomma aegyptium impressum Neumann, *Das Tierreich*, 1911, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

(1) Ao contrário do *Hyalomma truncatum*, em que a projecção externa dos ramos laterais é bastante mais acentuada, atingindo ou ultrapassando o dobro da largura do canal vaginal.

(2) «The unmounted external apron — escreveu a autora — is similar to that of *H. truncatum* (=*H. transiens*). There is a transversally elongated protuding knob. The area under the knob is excavated, and the entrance into the genital tube is bare. In the mounted genital aperture, the knob appears as a fold of tegument and the entrance into the vagina is deeply excavated and wide, deeper than in *H. excavatum*.»

Hyalomma aegyptium SIMPSON, *Bull. Entom. Res.*, *2* (3): 218, 1911, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte* (Gâmbia).

Hyalomma aegyptium SIMPSON, *Bull. Entom. Res.*, *2* (4): 346, 1912, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte* (Nigéria do Norte).

Hyalomma aegyptium SIMPSON, *Bull. Entom. Res.*, *3* (2): 185, 1912, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte* (Nigéria do Sul).

Hyalomma aegyptium SIMPSON, *Bull. Entom. Res.*, *5* (1): 30, 1914, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte* (Costa do Ouro).

Hyalomma aegyptium NUTTALL, *Bull. Entom. Res.*, *6* (4): 346, 1916, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium SIMPSON, *Bull. Entom. Res.*, *6* (3-4): 213, 1918, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte* (Costa do Ouro).

Hyalomma nitidum SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5:* 1919 (Camarões).

Hyalomma impressum nitidum SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5:* 1919.

Hyalomma planum SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5:* 1919.

Hyalomma impressum planum SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5:* 1919.

Hyalomma aegyptium impressum f. *transiens* SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5:* 1919.

Hyalomma aegyptium albiparmatum f. *transiens* SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin*, *5:* 1919.

Hyalomma aegyptium impressum f. *transiens* MARGOT CHODZIEDNER, *Zool. Jahrbüch.*, *47* (4-6): 1924, segundo DELPY (1949).

Hyalomma aegyptium SCHWETZ, *Rev. Zool. Afr.*, *15* (1): 67 e 87, 1927, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte* (Congo Belga).

Hyalomma planum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2:* 39 e 45, 1930.

Hyalomma impressum nitidum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2:* 39 e 44, 1930.

Hyalomma impressum transiens SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2:* 39 e 44, 1930.

Hyalomma aegyptium BEQUAERT, *Rev. Zool. et Bot. Afr.*, *20* (3): 226, 1931, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte* (Congo Belga).

Hyalomma aegyptium BEDFORD, *Rep. Direct. Vet. Serv. and Anim. Ind. Un. of S. Africa*, *8* (1): 301, 1932, *sensu* NEUMANN 1911, *pro parte* (África do Sul).

Hyalomma aegyptium BEDFORD, *The Onderstepoort J.*, *7* (1): 86, 1936, *sensu* NEUMANN 1911, *pro parte*.

Hyalomma aegyptium SENEVET, *Ixoidoidés*, p. 37, 1937, *sensu* NEUMANN 1899, *pro parte*.

Hyalomma impressum transiens G. THEILER, Doc. *Moçambique*, *33:* 99, 1943 (Moçambique).

Hyalomma savignyi DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *21* (5-6): 290 e 291, 1946, *pro parte*.

Hyalomma savignyi typica ROUSSELOT, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *21* (3-4): 149, 1946.

Hyalomma savignyi TENDEIRO, *Fauna parasitológica da Guiné*, p. 70, 1948, *sensu* DELPY 1946 (Guiné Portuguesa).

Hyalomma aegyptium MÖNNIG, *Veterinary helminthology and entomology*, p. 369, 1947, *sensu* NEUMANN 1911, *pro-parte*.

Hyalomma savignyi TENDEIRO, *Bol. Cult. Guiné Port.*, *4* (14): 319, 1949, *sensu* DELPY 1946 (Guiné Portuguesa).

Hyalomma impressum transiens G. THEILER, *S. Afr. Biol. Soc. Pamphlet*, *14:* 7, 1949.

Hyalomma transiens DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (1-2): 107, 1949.

Hyalomma transiens DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (5-6): 483, 1949.

Hyalomma impressum transiens TRAVASSOS DIAS, Doc. *Moçambique*, *61:* 1950 (Moçambique).

Hyalomma impressum transiens TRAVASSOS DIAS, *An. Inst. Med. Trop.*, *7:* 168, 1950 (Angola).

Hyalomma impressum transiens SOUSA DIAS, *Pecuária, An. Serv. Vet. e Ind. Anim. Angola*, 1947-1948 (2): 31 e 233, 1950 (Angola).

Hyalomma transiens TRAVASSOS DIAS, *An Serv. Vet. Ind. Anim. Moçambique*, *3:* 221 e 239, 1951 (Moçambique).

Hyalomma transiens TRAVASSOS DIAS, *An. Inst. Med. Trop.*, *8* (4): 572, 1951 (Moçambique).

Hyalomma transiens TRAVASSOS DIAS, Doc. *Moçambique*, *70:* 85, 1952 (Moçambique).

Hyalomma savignyi TENDEIRO, *An. Inst. Med. Trop.*, *9* (1): 220, 1952, *sensu* DELPY 1946 (Guiné Portuguesa).

Hyalomma savignyi TENDEIRO, *Febre Q*, p. 158, 1952, *sensu* DELPY 1946 (Guiné Portuguesa).

Hyalomma transiens G. THEILER, *Farming in S. Africa*, sep. n.º *49*: p. 2, 1952 (África do Sul).

Hyalomma transiens ROUSSELOT, *Parasitologie tropicale*, *2*: 100, 1953 (África Ocidental e Equatorial Francesa; Ubangui-Chari).

Hyalomma transiens TRAVASSOS DIAS, *Mem. Mus. Dr. Álvaro de Castro*, Lourenço Marques, *2*: 32, 1953 (Moçambique).

Hyalomma transiens RAGEAU, *Bull. Soc. Path. Exot.*, *46* (6): 1905, 1953 (Camarões).

Hyalomma transiens G. THEILER e BRITHA N. ROBINSON, *Onderstepoort J. Vet. Res.*, *26* (3): 451, 456 e 457, 1954 (Congo Belga e Ruanda Urundi; Angola; Rodésia do Norte).

Hyalomma truncatum B. FELDMAN-MUHSAM, *Bull. Res. Counc. Israel*, *4* (2): 164, 1954 (Senegal).

Hyalomma transiens HOOGSTRAAL, *J. of Parasit.*, *40* (3): 308, 1954 (Sudão).

Hyalomma (Hyalomma) transiens TRAVASSOS DIAS, *An. Inst. Med. Trop.* *12* (1-2): 81, 1955 (Sudoeste Africano).

REGISTOS

Hospedeiro: *Bos taurus* L., o boi; *Syncerus caffer limpopoensis* (MATSCHIE), o búfalo.

Origem: Guiné Portuguesa, Angola e Moçambique.

Referências e material: Repartição Técnica dos Serviços de Veterinária e Indústria Animal da Província da Guiné, numerosos ♂♂ e ♀♀ recolhidos, em Setembro de 1946, em bovinos da Circunscrição Civil de Cacheu, em particular junto de Teixeira Pinto, a antiga Canchungo, e conservados a seco (col. J. Tendeiro). Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, Parasitologia, material remetido de Angola pelo Dr. Sousa Dias, Director do Laboratório Central de Patologia Veterinária, de Nova Lisboa, correspondente aos registos A-4/55 (Chipeque, Pereira d'Eça, 1/7/953 — 2 ♂♂ e 2 ♀♀, recolhidas em bovino), A-5/55 (Ocaco, Pereira d'Eça, 1/7/955 — 4 ♂♂ e 3 ♀♀, em bovino), A-25/55 (Pereira d'Eça, 7/11/955 — 3 ♀♀, em bovino) e A-26/55 (Otoquero, Pereira d'Eça, 5/10/955 — 3 ♀♀, em bovino); material mandado da Guiné pelo Administrador de Circunscrição Sr. Artur Martins de Meireles, com os registos G-14/55 (Babanda, regulado da Costa de Baixo, Circunscrição Civil de Cacheu — 4 ♂♂ e 1 ♀, em bovino) e G-16/55 (Caroncã, no mesmo regulado — 1 ♂, em bovino); e material de Moçambique, oferecido pelo Dr. J. A. Travassos Santos Dias, Chefe da 2.ª Subsecção de Entomologia da Missão de Combate às Tripanossomíases, com o registo M-9/55 (Massangena — 2 ♂♂ e 2 ♀♀, num búfalo).

OBSERVAÇÕES

Em 1949, publicámos a descrição de um *Hyalomma* da Guiné Portuguesa, que identificámos, de acordo com as chaves de classificação dadas a conhecer por DELPY em 1946, com o *Hyalomma savignyi* GERVAIS 1844. Como então referimos, «a característica específica dos ♂♂ consistiu essencialmente na posição dos escudos subadanais, situados no prolongamento dos eixos dos escudos adanais, bem como no escudo dorsal liso e com brilho metálico nos 2/3 anteriores, e deprimido e coberto de numerosas pontuações confluentes no 1/3 anterior».

Não tornámos a ocupar-nos do referido ixodídeo — que, na esteira daquele autor, nos habituámos desde então a considerar como o *Hyalomma savignyi* — senão em 1952, ao escrevermos, nas nossas chaves para a identificação das carraças guineenses:

«Em 1827, Savigny publicou 12 desenhos de carraças recolhidas no Egipto, que Audouin, em 1827, supôs tratar-se do *Acarus* (*Ixodes*) *aegyptius* de Lineu, e Gervais, em 1844, considerou antes como uma espécie nova, que denominou *Ixodes savignyi*. Em 1930, Schulze confirmou, como *Hyalomma savignyi*, a espécie de Gervais, registando-a como uma carraça dos mamíferos. Em 1936, Delpy considerou igualmente o *H. savignyi* como um ixodídeo dos mamíferos, reservando a designação de *H. aegyptium* (Lineu 1758), apoiado em especial numa descrição de Hermann (1804), para uma carraça da tartaruga terrestre e fazendo cair na sinonímia desta última espécie o *H. syriacum* Koch 1844. Para Delpy, «as carraças descritas sob o nome de *H. aegyptium* ou como variedades desta espécie por Koch, Neumann, Mégnin, Senevet, Fielding, Nuttall, Schulze (1919), Chodziedner, Sharif, etc., devem ser assimi-

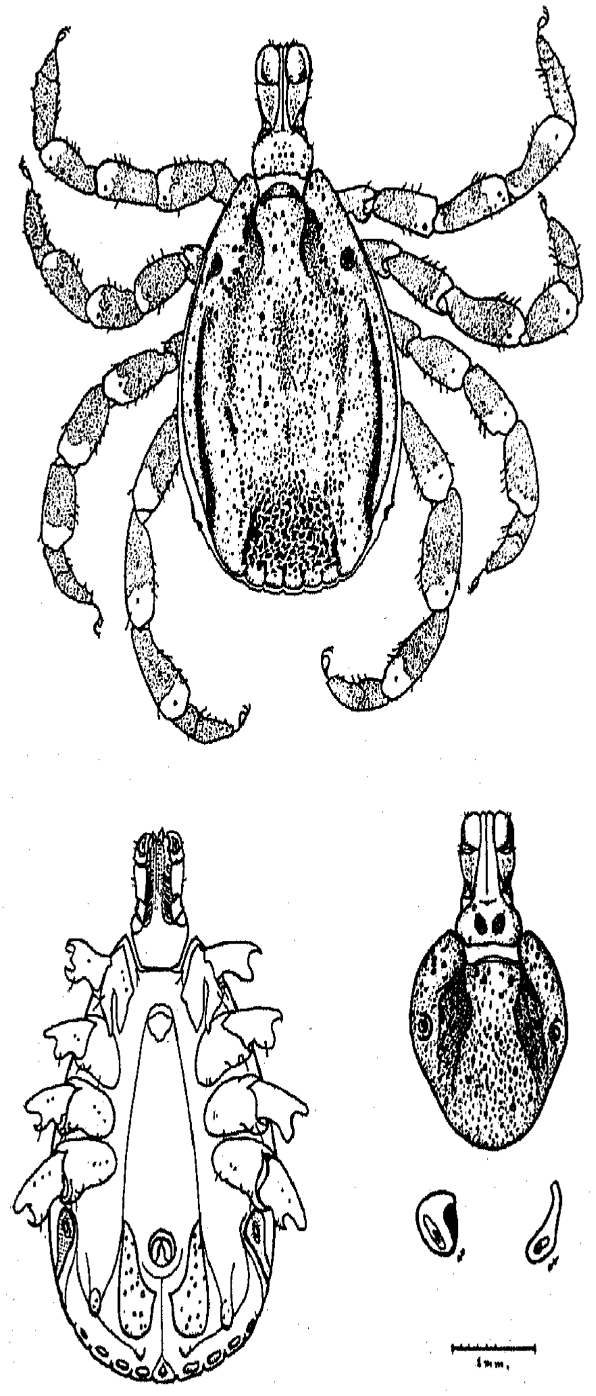


Fig. 14
Hyalomma truncatum
Aspectos dorsal e ventral do macho, escudo da fêmea e espiráculos da fêmea e do macho
(Segundo Sousa Dias, 1950, como *Hyalomma impressum transiens*)

lados ao *H. savignyi* Gervais ou receber novos nomes específicos». Em 1946, Delpy fez a revisão do género *Hyalomma*, apoiando-se em processos experimentais, ou seja pelo exame da descendência de ♀♀ de diversas proveniências, incluindo a África setentrional, ocidental e central; nesta revisão, o *H. savignyi* é caracterizado particularmente pela forma das coxas I e dos espiráculos, situação dos escudos subadanais no eixo dos adanais, sulcos marginais compridos, palpos cobrindo a bainha das quelíceras e disposição típica das pontuações.

Entre várias espécies descritas por Schulze (1919, 1927 e 1930), Gertrud Theiler (1943) admitia na África do Sul e em Moçambique duas formas muito características, o *H. aegyptium* (ou *H. impressum transiens*) e o *H. aegyptium* var. *impressum* (=*H. impressum rufipes*).

Em Angola, A. Morais, em 1908, registou a existência do *A. aegyptum* e do *H. savignyi*. Sousa Dias, em 1950, descreveu como *H. impressum transiens* o único *Hyalomma* que encontrou naquela Província, opinião que também foi perfilhada por Travassos Dias, no mesmo ano.

A comparação das descrições de G. Theiler e de Sousa Dias com as chaves dicotómicas de Delpy levou-nos a pressupor a identidade do *H. savignyi* com o *H. impressum transiens*, e tanto mais por este não ser considerado na referida revisão. Esta impressão pareceu-nos ainda de aceitar ao cotejarmos com os nossos exemplares um lote de *H. impressum transiens* remetido obsequiosamente de Moçambique pelo Dr. Travassos Santos Dias. Em presença da possível identidade das duas espécies e tendo em conta a prioridade da espécie de Gervais e a maior precisão científica da classificação de Delpy (1946) em relação à de Schulze, apoiada como aquela está em bases experimentais, pensámos que o *H. impressum transiens* devia cair na sinonímia do *H. savignyi*.

A leitura de um ensaio crítico de Delpy, publicado em 1949, sobre a sinonímia do género *Hyalomma*, veio trazer novos dados ao problema das relações entre as duas espécies. Segundo o autor, «*H. savignyi* et *transiens* sont deux espèces morphologiquement voisines qui établissent la transition entre les espèces à scutum lisse et celles à scutum uniformement ponctué... La différentiation des males est parfois difficile quand l'origine géographique est inconnue, et s'il s'agit d'un specimen isolé. Par contre, le simple examen du tablier génital (que seria arredondado em oval transversa no *H. savignyi*, e côncavo, em cúpula, no *H. transiens*) permet de différencier les femelles des deux espèces».

As diferenças registadas por Delpy levam-nos a considerar, pelo menos provisòriamente e enquanto não procedemos a um novo estudo do assunto, o *H. savignyi* como uma espécie diferente do *H. impressum transiens*.»

Os dois últimos parágrafos das considerações anteriores — isto é, a parte referentes à sinonímia do género *Hyalomma* — foram escritos em Lisboa, no decurso de uma licença graciosa e quando não dispúnhamos de exemplares para estudo. De então para cá, não tornámos a ocupar-nos concretamente da sistemática dos ixodídeos.

O nosso artigo sobre *Hyalomma savignyi* apareceu no *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa* n.º 14, referente a Abril de 1949. Imediatamente depois, DELPY publicou, nos *Annales de Parasitologie Humaine et Comparée*, vol. *24*, n.os 1-2, saídos no segundo trimestre de 1949, a segunda parte da sua revisão do género *Hyalomma* por vias experimentais, em que dividiu o *Hyalomma savignyi* em duas espécies, o *Hyalomma savignyi* pròpriamente dito e o *Hyalomma transiens* n. sp., correspondente a parte do *Hyalomma impressum transiens* SCHULZE 1919 (¹); posteriormente, na lista das sinonímias do género, o autor concedeu a prioridade à denominação *Hyalomma transiens* SCHULZE (²).

Consultando estas chaves, com a finalidade de estudarmos um certo número de ixodídeos provenientes de Portugal e da Espanha, a nossa atenção foi chamada para os elementos de que o autor se servira para dividir o *Hyalomma savignyi*, tal como o caracterizara na sua classificação anterior, nas espécies *savignyi* pròpriamente dita e *transiens*.

No respeitante aos ♂♂, DELPY distinguiu as duas formas pelos seguintes caracteres:

«Sillons marginaux nets et profonds, atteignant les orbites. Scutum à peu très lisse, sauf dans le champ caudal, déprimé et chagriné. (Afrique)... *H. transiens* n. sp.»

(¹) «La classification qui est ici proposée ne diffère de la précédente que sur les points suivants:... c Division de l'espèce *H. savignyi* (Gervais) en deux espèces: *H. savignyi* (Gervais) et *H. transiens* n. sp. (syn.:*H. impressum transiens* P. Schulze *partim*).»

(²) «Nous adoptons le nom *H. transiens* P. Schulze, parce qu'il est courament employé en Afrique du Sud. En réalité, Sc. n'a jamais décrit l'espèce *H. transiens*.»

«Sillons marginaux nets mais moins marqués. Scutum à ponctuations irrégulières, plus denses en arrière, parfois nombreuses en avant. Champ caudal peu marqué, *avec sillons postérieures nets, et encoche parmatique.* (Cosmopolite)... *H. savignyi* (Gervais).»

A distinção das ♀♀, como referimos atrás, era feita pelo exame da abertura genital:

«Tablier genital concave, en cupule ... ... *H. transiens*»
«Tablier genital fortement bombé... en ovale transverse ... ... *H. savignyi*»

Da nossa descrição do *Hyalomma* da Guiné, respigamos as seguintes transcrições, relativas aos ♂♂:

«O escudo, de coloração castanha-escura ou preta, apresenta brilho metálico nos dois terços anteriores; o terço posterior é deveras deprimido e tem numerosas pontuações confluentes, que lhe dão um aspecto baço e rugoso.»

«*Sulcos laterais.* — Compridos e finos, estendem-se da proximidade dos olhos às imediações dos festões, seguindo, a pequena distância, o contorno lateral do escudo.»

«*Sulcos mediano e paramedianos.* — Inaparentes ou pouco acentuados, devido a estarem obliterados pelas pontuações do porção posterior do escudo.»

Nas nossas chaves para a identificação das carraças guineenses (1952), os dados referentes aos mesmos *Hyalomma* foram assim resumidos:

«Escudo dorsal do ♂ castanho-escuro ou preto, com brilho metálico nos dois terços anteriores e o terço posterior deprimido e com um aspecto baço e rugoso, devido à existência de numerosas pontuações confluentes. Sulcos laterais compridos e finos, estendendo-se da proximidade dos olhos até junto dos festões. Sulcos mediano e paramedianos inaparentes ou pouco acentuados, por estarem em regra obliterados pelas pontuações da porção posterior do escudo. Festões reduzidos a 5, correspondentes ao festão médio mais ou menos quitinizado (parma) (¹) e ao 4.º e 5.º pares,

(¹) Na verdade não existe uma verdadeira parma nesta espécie, mas sim um festão médio bem definido, ainda que por vezes de contorno um pouco mais recuado que os restantes.

formando os três festões externos, de cada lado do corpo, uma massa convexa lisa. Escudos adanais subtriangulares, com o bordo interno recto ou subconvexo no terço anterior, inflectindo-se depois para dentro numa concavidade mais ou menos apertada, de modo a circunscrever o sulco anal, para se dirigir em seguida para trás, paralelamente e de um e do outro lado do sulco post-anal. Escudos acessórios para-elípticos, de bordo interno ligeiramente côncavo. Escudos subadanais sob a forma de dois pontos quitinizados, situados de um e do outro lado da linha média, por detrás dos escudos adanais e na direcção do eixo destes. Coxa I dividida por uma fenda em duas partes ponteagudas, a externa mais grossa e mais comprida. Extremidade distal dos fémures, tíbias e protarsos dos ♂♂ e das ♀♀ aneladas de creme, largamente na face superior e muito menos na inferior.»

Os elementos anteriores pareceram-nos suficientes para separar os nossos espécimes de *Hyalomma savignyi* (*s. latum* de DELPY, 1946) do *Hyalomma savignyi* (*s. str.* de DELPY, 1949) e para os integrar no *Hyalomma transiens* SCHULZE 1919, tal como aquele investigador o considera nas chaves publicadas em 1949.

Vejamos, no entanto, até que ponto é lícito admitir actualmente a sistematização de DELPY, em relação às duas espécies derivadas da sua definição inicial do *Hyalomma savignyi*.

Se bem adoptando em princípio o ponto de vista de SCHULZE em considerar como aceitável a espécie *savignyi* de GERVAIS, DELPY mostrou, em 1936, algumas dúvidas sobre a identificação com ela de algumas das carraças desenhadas por Savignyi.

«Ces dessins — escreveu o autor — ont été commentés par Audouin (1827) puis par Gervais (1884) qui reproduit d'ailleurs exactement les figures de Savignyi.

Les deux auteurs croient que Savignyi a dessiné un seul et même individu sous ces divers aspects, mais tandis que pour Audouin, il s'agit de l'*Acarus* (*Ixodes*) *aegyptius* de Linné, Gervais pense être en présence d'une espèce nouvelle qu'il appelle *Ixodes savignyi*.

Schülze a probablement raison, mais quelques remarques s'imposent. Si l'on examine la planche 32 de Walckenaer et Gervais (Pl. V) (¹),

(¹) Fig. 15 do presente trabalho.

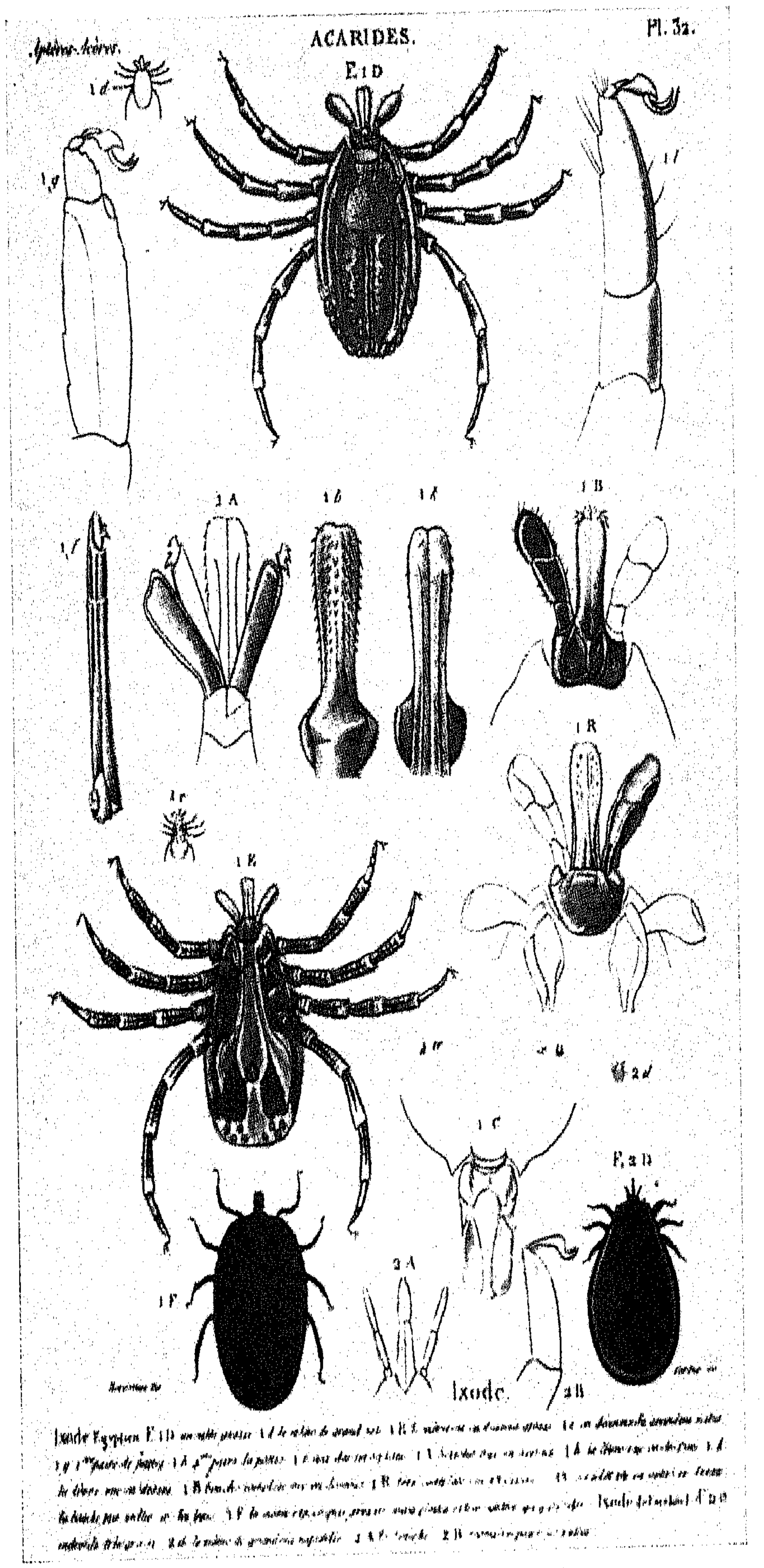


Fig. 15
Estampa 32 de WALCKENAER e GERVAIS
(Reproduzida de DELPY, 1936)

Fig. 16
Hyalomma truncatum
Abertura genital da fêmea
(Segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954)

qui reproduit fidèlement les figures de Savignyi, on constate que ce n'est pas un seul individu qui est représenté, mais trois individus différents: mâle (vue ventrale, 1 E), femelle à jeun (vue dorsale, 1 D) et femelle gorgée (vue dorsale, 1 F). Nous ne dirons rien des femelles, si ce n'est que le scutum de la femelle à jeun est fortement ponctué et differe par sa forme du scutum de la femelle gorgée.

La figure 1 B représente un capitulum femelle (voir les aires poreuses) et la figure 1 R, le même capitulum vu par sa face inférieure avec les hanches I. Ces hanches sont sommairement traitées. On peut cependant les considérer comme se rapprochant davantage du type observé chez les *Hyalomma* des mammifères que du type des *Hyalomma* de la tortue.

La figure 1 E représente l'aspect ventral d'un mâle, avec des écussons anaux et adanaux plus longs que larges et deux groupes de quatre petits subanaux. Ce dernier détail résulte vraisemblablement d'une mauvaise observation. On ne le retrouve en tous cas chez aucun des *Hyalomma* connus à notre époque.

En somme, si Audouin s'est trompé en croyant que Savigny a reproduit une tique de la tortue, Gervais est allé trop loin en basant sur ces dessins une espèce nouvelle, d'abord parce qu'il n'a pas vu que Savigny a représenté trois spécimens et non un seul, ensuite parce que la représentation ventrale du mâle est probablement incorrecte.

Schülze, on le sait, a validé l'espèce *Hyalomma savignyi* Gervais, tique des mammifères. Il est permis de se demander si le *Hyalomma savignyi* de l'auteur allemand correspond bien à une des tiques dessinées par Savigny. Les considérations qui précèdent permettent de supposer que cette question ne sera pas facilement résolue.»

Uma interpretação diferente da de DELPY levou ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM (1946-1948), apoiados nas chaves de classificação de SCHULZE, a considerar como *Hyalomma savignyi* formas pertencentes à espécie *Hyalomma excavatum* KOCH 1844. «Pour ceux qui seraient amenés à comparer les travaux de nos collègues de Jérusalem et les nôtres, il est utile de signaler que leur *H. savignyi* correspond à notre *H. excavatum*, et que leur *H. marginatum* est notre *H. savignyi*» (DELPY, 1949). «Following Schulze's key and relying on specimens determined by Schulze, Adler and Feldman-Muhsam (1946-1948) also called such specimens *H. savignyi*. After examining Koch's type is became evident

that *H. savignyi* Gerv., as determined by Schulze, and *H. excavatum* K., are synonyms» (B. Feldman-Muhsam, 1954).

Como se vê, a reduzida precisão da definição original de *Hyalomma savignyi*, feita por Gervais a partir de desenhos pouco elucidativos e não de exemplares reais, originou que ixologistas tão competentes como Delpy, por um lado, e Schulze, Adler e Mrs. Feldman-Muhsam, pelo outro, atribuissem aquela designação a carraças diferentes, — e tanto mais quando na verdade, conforme frisa agora a última investigadora, nenhum dos caracteres usados para diagnose, por Schulze e Delpy, se encontra representado nos desenhos de Savigny.

«Our arguments against the use of the name *H. savignyi* for any known species — afirmou B. Feldman-Muhsam em 1954 — are as follows:

i) Savigny's drawings refer to more than a single specimen.

ii) The punctate scutum of the female cannot be of *H. savignyi* in the sense of Schulze, nor in that of Delpy; in neither species is the scutum so strongly and conspicuously punctated. A scutum like that of the female drawn by Savigny could belong only to *H. impressum* or *H. rufipes*.

iii) The ventral view of the mâle shows a first coxa deeply divided. The anal armature shows four subanal plates on each side, an arrangement which never occurs in *Hyalomma*.»

Conforme já referimos, em Setembro de 1954 Mrs. Feldman-Muhsam publicou a primeira parte de uma revisão do género *Hyalomma*, comportando a descrição dos tipos das espécies criadas por C. L. Koch, em 1844, e conservados em depósito no Museu Zoológico de Berlim.

A comparação do tipo do *Hyalomma truncatum*, constituido por 1 ♂ proveniente do Senegal, com o do *Hyalomma transiens* Schulze 1919, levou a autora a considerá-los idênticos, com prioridade para a espécie de C. L. Koch.

«*H. truncatum* — escreveu Mrs. Feldman-Muhsam —, which is represented by a single specimen closely resembles the type of *H. transiens* Sch. 1919. Both have a smooth and glossy scutum whith heavily punctated caudal area. Both have five central separated festoons with the third, fourth and fifth lateral festoons fused, very short cervical grooves and very long lateral grooves. Both have a comma shaped stigma with

a large tail. The anal plates are very similar; they do not form long and pointed protrusions behind the anus. We could discern only one difference between the types of these two species: this difference concerns the contour of the scutum which is more rounded in *H. truncatum* than in *H. transiens*, lateraly as well as posteriorly. In *H. transiens* the scutum is more elongated and the posterior end more rectilinear than in *H. truncatum*.

The examination of laboratory bred material of *H. transiens* kindly put at our disposal by Dr Gertrud Theiler, showed an enormous range of variation between the off-spring of one female. Although at the first glance one would hesitate to decide whether the two specimens (the types of *H. truncatum* and *H. transiens*) belong to the same species or to two different ones, the range of variation observed among laboratory bred material of *H. transiens* shows even greater differences than those existing between the above two specimens. We therefore consider *H. transiens* Sch. as a synonym of *H. truncatum* K.»

Os argumentos anteriores pareceram-nos bastantes convicentes e levaram-nos posteriormente a escrever, numa carta para a conhecida ixodologista Dr.ª Gertrud Theiler, de Onderstpoort: «En rapport au *Hyalomma* que j'ai classifiqué comme *H. savignyi* — et qui n'est pas autre que celui que vous appelez *H. transiens* et Mme Feldman-Musham ratache au *H. truncatum de Koch* —, il n'éxiste en Guinée Portugaise que dans la zone NW».

Por seu lado, na separata da sua «List of standardised tick names for South Africa» (1952) — que recebemos depois —, G. Theiler anotou a tinta, a seguir ao *H. transiens*, a indicação «=*truncatum*».

O problema da posição do *Hyalomma* da Guiné Portuguesa parecia-nos assim definitivamente esclarecido com os resultados de Mrs. Feldman-Muhsam, aliados à concordância de Miss G. Theiler, sobre a identificação do *Hyalomma transiens* com o *Hyalomma truncatum*. Entretanto, ao compararmos exemplares provenientes de Moçambique e da Guiné Portuguesa, a discrepância entre as aberturas genitais das respectivas fêmeas, tais como figuradas nos desenhos e fotografia inclusas no trabalho de Feldman-Muhsam e como nos apareciam nos exemplares em estudo, trouxe-nos dúvidas quanto à identificação recíproca daquelas formas e fez-nos suspeitar de que nos encontrávamos perante duas espécies

diferentes, correspondendo o *Hyalomma truncatum* ao material guineense e o *Hyalomma transiens* ao material moçambicano.

A observação do pouco material de Moçambique à nossa disposição mostrou que a abertura genital da fêmea tinha o aspecto indicado por Mrs. FELDMAN-MUHSAM para as formas sul-africanas remetidas de Onderstepoort pela Dr.ª GERTRUD THEILER e proveniente de criações laboratoriais: «In the unmounted genital area there is a small transversally elongated protuding knob which does not cover the entrance into the genital tube, and is considerably anterior to it. The entrance to the genital tube is entirely uncovered and appears as half a circle (Figure 2 E). Within this half circle the tegument is depressed, where as in *H. excavatum* the tegument protudes in this area. The mounted genital aperture shows a well rounded and excavated opening of the vagina (Figure 12).»

«... Some males might be confused with *H. marginatum*. The female has no characters which allow its identification apart from the genital aperture. The form of the genital aperture is very characteristic and leaves no doubt as to the specific diagnosis.»

De acordo com a microfot. 8 no material de Moçambique esclarecido pelo líquido de Gater os ramos laterais da abertura genital da fêmea apareciam como largas expansões arredondadas e com um grau de quitinização pouco intenso e semelhante ao tubo vaginal — inteiramente em concordância com a bela microfotografia de Mrs. FELDMAN-MUHSAM, reproduzida na fig. 16.

Nas fêmeas da Guiné Portuguesa os ramos laterais tomavam um aspecto completamente diferente, aparecendo como hastes compridas e adelgaçadas, muito mais quitinizadas que o tubo genital (microfots. 3 e 4).

Em presença destes resultados, atribuímos a discordância entre as nossas observações e as de Mrs. FELDMAN-MUHSAM ao facto de as descrições da autora terem incidido, para o macho, no tipo de C. L. KOCH, do Senegal, enquanto a fêmea foi caracterizada, pelo contrário, a partir de material da África do Sul ([1]).

[1] «*H. truncatum* is represented by one male tick from Senegal whit Catalogue No. 1.072 (of the Berlin Museum). Neumann (1901) also mentions only one male of this species in Koch's collection.

As there is no female type of this species the female will be described here from laboratory bred material, kindly sent by Dr. G. Theiler.»

Posteriormente, em material de Angola gentilmente cedido pelo Médico Veterinário Dr. Vasco Sousa Dias, distinto parasitologista e Director do Laboratório Central de Patologia Veterinária, de Nova Lisboa, a observação da abertura genital da fêmea, feita do mesmo modo após montagem em líquido de Gater, mostrou o aspecto encontrado já no material da Guiné (microfots. 5 e 6) — e muito diferente, portanto, do observado nos espécimes moçambicanos.

Nesta fase das investigações, todos os dados reunidos nos faziam concluir erradamente, com fundamento no método de ADLER e Mrs. FELDMAN-MUHSAM, pela separação das formas *transiens*, circunscrita à África Oriental e Meridional, e *truncatum*, da África Ocidental e estendendo-se, pelo menos, da Guiné Portuguesa a Angola.

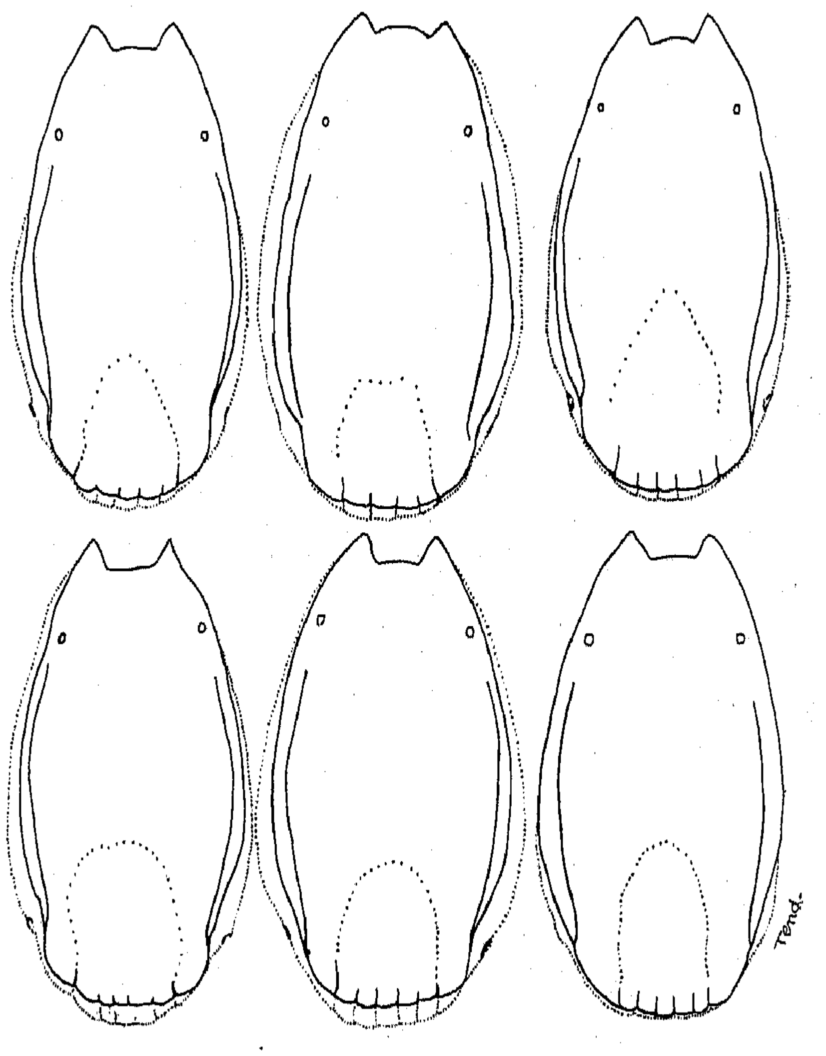


Fig. 17
Contorno do escudo dorsal em machos de *Hyalomma truncatum* provenientes da Guiné (esquerda), Angola (centro) e Moçambique (direita) (Original)

Em presença da conclusão anterior, deduzida do exame da abertura genital da fêmea, procurámos determinar macroscòpicamente outros elementos que nos permitissem fazer a diagnose diferencial entre o *Hyalomma truncatum* e o *Hyalomma transiens*.

As nossas observações, conforme os contornos reproduzidos na fig. 17, confirmaram as conclusões de Mrs. Feldman-Muhsam sobre a insuficiência da forma do escudo dorsal do macho como meio de distinção entre o *Hyalomma truncatum* e o *Hyalomma transiens*. Como se vê, a curvatura lateral e o bordo posterior do escudo dorsal apresentam oscilações semelhantes nas duas espécies, quer se trate de exemplares de Moçambique, quer de material de Angola ou da Guiné Portuguesa.

A pontuação do escudo dorsal do macho pareceu-nos, de início, constituir um elemento diferencial de valor: nos exemplares de Moçambique haveria pontuações intersticiais muito numerosas, por vezes bastante vincadas, nos campos anterior e central, intercaladas por algumas pontuações grandes; nas formas de Angola e da Guiné as pontuações intersticiais seriam raras nos campos anterior e central, quase ausentes neste último. A observação cuidadosa de mais material fez-nos concluir que, embora na maioria dos casos as pontuações dos primeiros se harmonizassem com a disposição acima descrita, apareciam também exemplares com pontuações intersticiais no campo anterior e um certo número delas no campo central.

A forma dos escudos adanais, do mesmo modo, pareceu-nos susceptível de fornecer elementos de diagnose, pela tendência do seu bordo posterior ser bífido na maioria dos machos observados de *Hyalomma truncatum* da Guiné Portuguesa (ver fig. 18). No entanto, não se verificou qualquer entalhe posterior nalguns exemplares guineenses nem na maior parte do material angolano. Por outro lado, encontrámos também uma ligeira reentrância num dos espécimes de Moçambique, se bem muito menos evidenciado.

Como conclusão, a distinção entre o *Hyalomma truncatum* e o *Hyalomma transiens* apenas parecia poder ser feita com base nas diferenças entre as aberturas genitais das respectivas fêmeas. Essas diferenças, no entanto, apareciam-nos como fundamentais e suficientes para permitir uma diagnose diferencial segura.

As primeiras dúvidas sobre as conclusões anteriores foram suscitadas por analogia com as nossas observações sobre o *Hyalomma lusitanicum*.

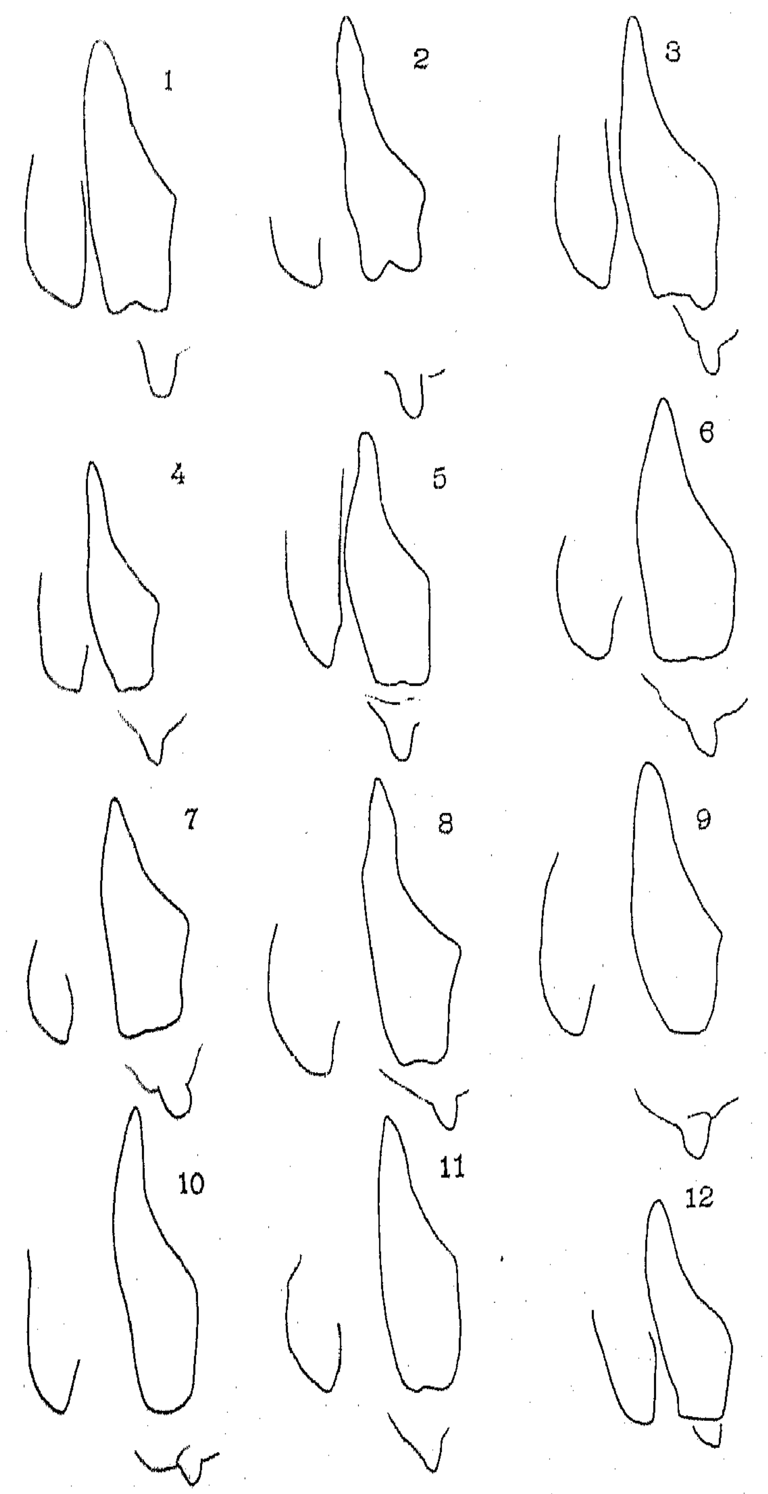


Fig. 18
Hyalomma truncatum
Escudos adanal, acessório e subadanal, do lado direito, de espécimes provenientes da Guiné (1 a 5), de Angola (6 a 10) e de Moçambique (11 a 12)

(Original)

As referidas observações são descritas quando tratamos daquela espécie, não havendo portanto interesse em repetir pormenores excusados. Apenas queremos lembrar que encontrámos aspectos diversos da abertura genital em fêmeas com a morfologia característica do *Hyalomma lusitanicum;* e que, após montagem de numeroso material, fomos levados a relacionar essas diferenças com a idade, o grau de quitinização e o estado de replecção dos exemplares.

A ausência de caracteres macroscópicos diferenciais entre os espécimes guineenses, angolanos e moçambicanos, tanto em relação aos machos como às fêmeas, fez-nos pensar na possibilidade da intervenção de factores semelhantes aos que incidiam no *Hyalomma lusitanicum,* como meio para explicar as diferenças notórias encontradas nas aberturas genitais das fêmeas que rotuláramos respectivamente como *Hyalomma truncatum* e como *Hyalomma transiens.* A favor desta hipótese havia o facto de os aspectos díspares encontrados nos exemplares moçambicanos, por um lado, e angolanos e guineenses, pelo outro, respeitarem — de forma idêntica ao que fora reconhecido no *Hyalomma lusitanicum* — a tegumentos respectivamente com as estrias quitinosas superficiais muito densas (ou seja correspondendo a exemplares pouco ingurgitados) ou bastante laxas (como consequência da distenção cutânea suscitada por um estado de replecção mais ou menos avançado).

Com o fim de esclarecermos as dúvidas levantadas pela nossa nova linha de trabalho, procedemos à montagem das aberturas genitais de algumas fêmeas da nossa colecção ixodológica de origem guineense, conservadas a seco (ver microfot. 7).

O exame das respectivas preparações permitiu-nos verificar a justeza da hipótese de que as diferenças encontradas não eram de natureza étnica mas sim fisiológica e dependiam, como no *Hyalomma lusitanicum,* do grau de quitinização — relacionado, evidentemente, com a idade — e do estado de replecção dos exemplares. Com efeito, nestas fêmeas pouco ingurgitadas a forma da abertura genital em nada se distinguia das que observáramos nos exemplares de Moçambique, correspondendo, do mesmo modo, à iconografia de Mrs. Feldman-Muhsam.

Entre as variações vistas, as dependentes da idade incidem sobre o grau de quitinização dos ramos laterais: nos espécimes novos, os ramos laterais apresentam um grau de quitinização semelhante ao do tubo vaginal, um pouco mais acusado nas partes correspondentes ao seu endosqueleto externo que na porção interna; nos exemplares mais velhos, ficam muito mais quitinizados que o tubo vaginal, sobressaindo, nas preparações montadas, pelo tom bastante escuro em relação ao conjunto da abertura genital.

As diferenças motivadas pelo estado de replecção dizem respeito à forma aparente da abertura genital, em particular dos ramos laterais. Em concordância com a fraca quitinização, nos espécimes em jejum os ramos laterais aparecem como largas expansões arredondadas, englobando tanto o endosqueleto de quitina como a margem hialina interna (microfots. 7 e 8). Nos exemplares ingurgitados, as margens hialinas internas, moles e pouco resistentes, são repuxadas para fora, sobrepõem-se ao endosqueleto quitinoso e ficam mascaradas por ele, aparecendo então os ramos laterais com a forma aparente de hastes compridas e adelgaçadas, reproduzida nas microfots. 3 a 6, e muito mais quitinizados que o tubo vaginal.

Estes aspectos, correspondentes aos que tínhamos catalogado atrás respectivamente como *Hyalomma transiens* e como *Hyalomma truncatum,* tanto se observam no material em álcool a 70° como nos exemplares conservados a seco, — apesar de, nas nossas experiências, estes últimos já se encontrarem em colecção desde Setembro de 1946.

Em conclusão, do mesmo modo que verificáramos em relação aos outros elementos morfológicos experimentados — contorno do escudo dorsal do macho, disposição das pontuações e forma dos escudos adanais — também não existem, na abertura genital da fêmea, factores diferenciais suficientes para distinguir entre si aquelas duas espécies. Por este motivo, confirmam-se plenamente as palavras de Mrs. Feldman-Muhsam sobre a inclusão do *Hyalomma transiens* Schulz 1919 na sinonímia do *Hyalomma truncatum* C. L. Koch 1844.

Gertrud Theiler, em 1943, fez o estudo morfológico da espécie, como *Hyalomma impressum transiens* Schulze 1927, a partir de exemplares provenientes de bovinos de Moçambique e incluidos em material ixodológico remetido para Onderstepoort pelas autoridades portuguesas.

Segundo Travassos Dias (1951), «dentre as espécies do mesmo género, parece ser a que se encontra mais espalhada em Moçambique, estando bem distribuida pelas províncias do Sul do Save e de Manica e Sofala».

Em Angola, o *Hyalomma truncatum* foi estudado por Sousa Dias, em 1950, também como *Hyalomma impressum transiens* Schulze 1927, em exemplares adultos provenientes de bois, cavalos e ovelhas e, apenas no estado de ninfa, de lebres.

No mesmo ano, TRAVASSOS DIAS referiu-o, com idêntica designação, em exemplares angolanos obtidos em bovinos, bem como no cabrito e no cavalo.

Em 1908, A. MORAIS assinalara já a existência de duas espécies do género *Hyalomma*, sob as designações de *Hyalomma aegyptium* L. e de *Hyalomma savignyi* GERVAIS. Como TRAVASSOS DIAS escreveu, «a espécie classificada como *H. aegyptium* deve ser, muito provàvelmente o *H. impressum transiens*» (=*Hyalomma truncatum*). A verosimilhança desta interpretação deixa de pé a hipótese de R. MORAIS ter designado por *Hyalomma savignyi* o *Hyalomma rufipes rufipes*, agora referido naquela Província. A ser assim, teríamos mais uma alternativa para a posição tão discutida do «*Ixodes savignyi*» GERVAIS 1844, — já atribuída ao *Hyalomma excavatum* (SCHULZE e SCHLOTTKE, 1930; ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, 1946, 1948; B. FELDMAN-MUHSAM, 1947-1952) e ao *Hyalomma marginatum* e formas afins, incluindo o *Hyalomma truncatum* (DELPY, 1946; ROUSSELOT, 1946; TENDEIRO, 1948-1952) ou com exclusão deste (DELPY, 1949).

HYALOMMA (HYALOMMA) RUFIPES RUFIPES C. L. KOCH

Hyalomma rufipes C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg., 10* (1): 221, 1844.

Hyalomma rufipes C. L. KOCH, *Uebersicht des Arachnidensystems, 4:* 14 e 38, 1847.

Hyalomma aegyptium NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 285, 1899, *pro parte, nec* LINEU 1758.

Hyalomma aegyptium var. *impressum* NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 14:* 314, 1901, *pro parte.*

Hyalomma aegyptium var. *impressum* HOWARD, *Ann. Transvaal Mus., 1* (2): 102, 1908, *pro parte.*

Hyalomma aegyptium impressum NEUMANN, *Das Tierreich,* 1911, *pro parte* (segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954).

Hyalomma aegyptium impressum f. *rufipes* SCHULZE, *Sitzber. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919.

Hyalomma impressum rufipes SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 38 e 42, 1930.

Hyalomma aequipunctatum OLENEV, 1931 (segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954).

Hyalomma aegyptium impressum BEDFORD, *Rep. Direct. Vet. Serv. and Anim. Ind., Un. of S. Africa, 8* (1): 302, 1932, *pro parte.*

Hyalomma aegyptium impressum BEDFORD, *The Onderstepoort J., 7* (1): 86, 1936, *pro parte.*

Hyalomma aegyptium impressum SENEVET, *Ixodoidés,* p. 39, 1937, *pro parte.*

Hyalomma dromedarii var. *impressa* NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie,* p. 385, 1938, *pro parte.*

Hyalomma impressum rufipes G. THEILER, Doc. *Moçambique, 33:* 96, 1943.

Hyalomma impressum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 21* (5-6): 290 e 291, 1946, *pro parte.*

Hyalomma impressum ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, *Refuah Veterinarith, 3,* 1946, *nec.* C. L. KOCH 1844.

Hyalomma marginatum impressum POMERANZEV, *Publs. Inst. Zool. Acad. Sc. URSS,* 1946 (segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954).

Hyalomma aegyptium impressum MÖNNIG, *Veterinary helminthology and entomology,* p. 359, 1947, *pro parte.*

Hyalomma rufipes rufipes DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (1-2): 105 e 107, 1949.

Hyalomma rufipes DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (5-6): 479, 1949.

Hyalomma impressum rufipes TRAVASSOS DIAS, Doc. *Moçambique, 61:* 1950 (Moçambique).

Hyalomma rufipes rufipes TRAVASSOS DIAS, *An. Serv. Vet. Ind. Anim. Moçambique, 5:* 221, 1951 (Moçambique).

Hyalomma rufipes rufipes TRAVASSOS DIAS, *An. Serv. Vet. Ind. Anim. Moçambique, 4:* 135, 1951.

Hyalomma rufipes rufipes TRAVASSOS DIAS, *An. Serv. Vet. Ind. Anim. Moçambique,* p. 238, 1951 (Moçambique).

Hyalomma rufipes TRAVASSOS DIAS, Doc. *Moçambique, 70:* 84, 1951 (Moçambique).

Hyalomma rufipes rufipes G. THEILER, *Farming in S. Africa,* p. 2, 1952, (separata n.º 49) (África do Sul).

Hyalomma rufipes rufipes TRAVASSOS DIAS, *Mem. Mus. Dr. Álvaro de Castro,* Lourenço Marques, *2:* 32, 1953 (Moçambique).

Hyalomma rufipes rufipes ROUSSELOT, *Parasitologie tropicale, 2:* 60 e 101 1953.

Hyalomma rufipes G. THEILER e BRITHA N. ROBINSON, *Onderstepoort J. Vet. Res., 26* (3): 451, 1954 (Congo Belga e Ruanda Urundi).

Hyalomma rufipes rufipes G. THEILER e BRITHA N. ROBINSON, *Onderstepoort J. Vet. Res., 26* (3): 457, 1954 (Rodésia do Norte).

Hyalomma rufipes B. FELDMAN-MUHSAM, *Bull. Res. Counc. Israel, 4* (2): 167, 1954.

Hyalomma rufipes rufipes HOOGSTRAAL, *J. of Parasit., 40* (3): 308, 1954.

Hyalomma (Hyalomma) rufipes rufipes TRAVASSOS DIAS, *An. Inst. Med. Trop., 12* (1-2): 80, 1955.

Hyalomma rufipes rufipes TRAVASSOS DIAS, Doc. *Moçambique, 81:* 118, 1955.

REGISTOS

Hospedeiro: Diceros bicornis bicornis (L.), o rinoceronte preto; *Bos taurus* L., o boi; *Ovis aries* L., o carneiro.

Localização: Pele.

Origem: Angola.

Referências e material: Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, Parasitologia, material recebido do Dr. Vasco Sousa Dias, Director do Laboratório Central de Patologia Veterinária, de Nova Lisboa, correspondente às refs. A-1/55 (Ochipengo, 9/7/950 — 3 ♂♂ recolhidos num rinoceronte), A-2/55 (Luanda, 1/4/952 — 4 ♂♂, num ovino), A-3/55 (Dirico, 20/11/953 — 1 ♀, em bovino), A-6/55 (Cuangar, 24/11/953 — 1 ♀, em bovino), 7/55 (Tempué, Alto Cuito — 5 ♂♂ e 1 ♀, em bovino), 23/55 (Evale, Pereira d'Eça, 5/10/955 — 2 ♀♀, num bovino) e 27/55 (Vila Arriaga, 4/11/955 — 2 ♀♀, em bovino).

OBSERVAÇÕES

Embora o *Hyalomma rufipes rufipes* só agora seja assinalado em Angola, o mérito da sua primeira diagnose nesta província ultramarina cabe ao nosso prezado colega Dr. VASCO SOUSA DIAS, que nos remeteu, já identificado, o material angolano em que apoiámos o nosso estudo.

Segundo comunicação pessoal, em carta de 14 de Novembro de 1955, TRAVASSOS DIAS identificou do mesmo modo a espécie, em material recolhido em Angola, por BRUMPT, e conservado nas colecções do laboratório de Parasitologia da Faculdade de Medicina de Paris.

Em Moçambique, a espécie foi registada por NEUMANN, em 1901, incluída no «*Hyalomma aegyptium* var. *impressum* (KOCH)». A distribuição geográfica indicada pelo autor ([1]) leva-nos a concluir terem sido incluídas várias formas naquela designação, em particular o *Hyalomma impressum* C. L. KOCH 1844, o *Hyalomma rufipes rufipes* KOCH 1844 e possìvelmente, o *Hyalomma rufipes glabrum* DELPY 1949.

GERTRUD THEILER, em 1943, estudou-a de novo, na África Oriental Portuguesa, como *Hyalomma impressum rufipes,* mas apenas em material proveniente de bovinos do distrito de Tete. A autora escreveu, relativamente às espécies *rufipes* e *transiens:* «não esperávamos encontrar nenhuma das formas nos distritos do sul da Colónia de Moçambique, nem nenhuns espécimes nos foram enviados desses distritos. No distrito de Tete, onde o clima é mais seco e se aproxima do da Rodésia, ambas as formas foram encontradas. Todavia JACK 1936, regista a *rufipes* na Rodésia do Sul. LEWIS, 1939, menciona ambas como tendo sido encontradas na África Oriental, mas parece que ele próprio as não viu durante o seu trabalho de prospecção. Se, todavia, *H. impressum albiparmatum* for *H. impressum transiens* então *transiens* estende-se bem para a África Oriental.»

Em trabalhos subsequentes, TRAVASSOS DIAS teve ocasião de a encontrar por várias vezes, inclusivè no Sul da Província, parasitando o boi, *Bos taurus* L., a girafa, *Giraffa camelopardalis camelopardalis* LESSON, o búfalo, *Syncerus caffer limpopoensis* (MATSCHIE), a palapala, *Hippotragus niger niger* (P. L. SCLATER), a zebra, *Equus (Quagga) burchellii burchellii* (POCOCK), e a galinha-do-mato, *Numida mitrata coronata* GURNEY.

Em 1951 o mesmo parasitologista propôs-se resolver se o pequeno número de colheita da espécie no Sul do Save se devia à raridade ou ao

---

([1]) «La colléction du Muséum de Berlin possède 175 individus de cette espèce, qui en prouvent de nouveau la grand extension: Egypte, Nubie, Tripoli, Tunisie, Maroc, Ténérife, Walwisch Bay, Afrique S.-O., Colonie du Cap, Orange, Afrique orientale allemand, Delagoa Bay, Grèce, Crète, Asie Mineure, Afghanistan et même Pekin.»

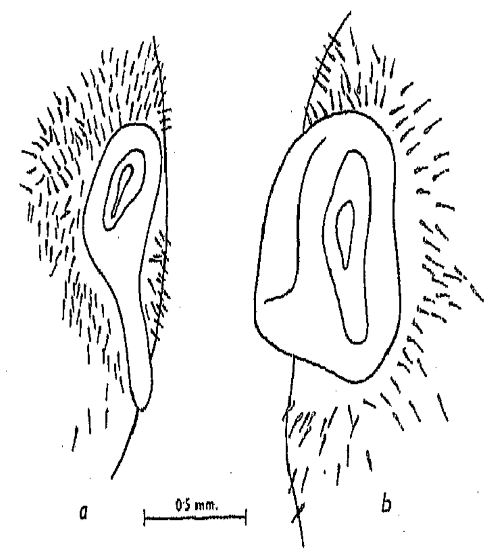


Fig. 19
Hyalomma rufipes rufipes
Cutícula pilosa junto dos espiráculos:
a) macho; *b*) fêmea
(Segundo ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM,
1949, como *Hyalomma impressum*)

facto de não se ter ainda deparado o seu ou os seus principais hospedeiros. De acordo com novas pesquizas efectuadas, TRAVASSOS DIAS concluíu ser o búfalo um bom hospedeiro para a espécie no Sul do Save.

Em 1955, TRAVASSOS DIAS referiu do mesmo modo a existência do *Hyalomma rufipes rufipes* no Sudoeste Africano — onde fora registado, em 1901, por NEUMANN, como *Hyalomma aegyptium* var. *impressum* (KOCH) —, em exemplares ali coleccionados pelo Dr. F. Zumpt, do Instituto de Investigação Médica da África do Sul, em *Oryx gazella* (L.), *Taurotragus oryx* (PALLAS) e *Giraffa camelopardalis* LESSON.

Apesar das numerosas prospecções efectuadas, a espécie não foi encontrada ainda na Guiné Portuguesa.

Os exemplares angolanos de *Hyalomma rufipes rufipes* nada de novo apresentam em relação às descrições dos diversos ixodologistas, designadamente G. THEILER, DELPY, ROUSSELOT e Mrs. FELDMAN-MUHSAM.

Como elementos distintivos da espécie referimos, em particular: 1.º) a ausência de estrangulamento do corpo do macho ao nível dos espiráculos, contràriamente ao *Hyalomma impressum;* 2.º) as pontuações cobrindo quase inteira e uniformemente o escudo dorsal, tanto no macho

como na fêmea; 3.º) os sulcos laterais do macho, bem vincados atrás e superficiais à frente, estendendo-se até próximo dos olhos (1) (2) (3); 4.º) a pilosidade das áreas peristigmáticas de ambos os sexos, atingindo mesmo na fêmea o frame quitinoso dos espiráculos, bastante característica e constituindo o caracter principal de distinção com o *Hyalomma rufipes glabrum* DELPY 1949; e 5.º) a abertura genital da fêmea, caracterizada nos exemplares não montados, pelo opérculo protuberante e um pouco mais largo que comprido — ou, segundo DELPY (4), em oval transversa —, e, após montagem, pela forma em crescente do conjunto formado pela fenda genital e pelos ramos laterais, estes com o mesmo grau de quitinização do tubo genital, e ainda, em concordância com a descrição de Mrs. FELDMAN-MUHSAM (5), pelo espessamento típico da metade inferior do opérculo, que além disso, ultrapassa mais ou menos para trás a fenda genital (microfot. 2).

(1) «Sulcos laterais presentes, mas com tendência para a obliteração». (G. THEILER, 1943).

(2) «L'écusson dorsal est orné d'yeux hémisphériques orbités près desquels commencent des sillons marginaux longs, peu marqués dans leur partie antérieure, devenant profonds au niveau de leur tiers postérieur. «(ROUSSELOT, 1953).

(3) «The lateral grooves reach about the hinder third of the scutum, but are continued more anteriorly by large and dense dots which touch each other.» (B. FELDMAN-MUHSAM, 1954).

(4) «Tablier génital bombé, en ovale transverse.» (DELPY, 1949).

(5) «The operculum of the genital aperture has the form of a protruding knob, somewhat wider than long. This knob is similar to that of *H. marginatum*, but is somewhat larger. In the cleared and mounted genital aperture, the upper edge of the vagina is almost flat. The operculum overlaps slightly beyond the entrance into the genital tube. The lower half of the operculum is characteristically thickened.» (B. FELDMAN-MUHSAM, 1954).

HYALOMMA (HYALOMMA) EXCAVATUM C. L. Koch

Hyalomma Anatolicum C. L. Koch, *Arch. f. Naturg., 10* (1): 220, 1844 (?).

Hyalomma excavatum C. L. Koch, *Arch. f. Naturg., 10* (1): 222, 1844.

Hyalomma Anatolicum C. L. Koch, *Uebersicht des Arachnidensystems, 4:* 13 e 35, 1847 (?).

Hyalomma excavatum C. L. Koch, *Uebersicht des Arachnidensystems, 4:* 14 e 45, 1847.

Hyalomma aegyptium Neumann, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 285, 1899, *pro parte, nec* Lineu 1758.

Hyalomma aegyptium var. *dromedarii* Neumann, *Mem. Soc. Zool. France, 14*: 313, 1901.

Hyalomma rhipicephaloides Neumann, *Mem. Soc. Zool. France, 14:* 317, 1901.

Hyalomma aegyptium aegyptium Neumann, *Das Tierreich,* 1911, *pro parte,* segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma aegyptium dromedarii Neumann, *Das Tierreich,* 1911, *pro parte,* segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma aegyptium aegyptium Schulze, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1949).

Hyalomma aegyptium aegyptium excavatum Schulze, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1919).

Hyalomma aegyptium aegyptum brunnipes Schulze, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma aegyptium mesopotamium Schulze, *Sitzberg. Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma depressum Schulze, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma detritum albipictum f. *excavata* Schulze, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma pusillum Schulze, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma pusillum alexandrinum Schulze, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo Delpy (1949) e B. Feldman-Muhsam (1954).

Hyalomma lusitanicum Senevet, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord, 2* (3): 403 e 416, 1922, *nec* C. L. Koch 1844.

Hyalomma lusitanicum berberum Senevet, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord, 2* (3): 403 e 416, 1922.

Hyalomma aegyptium aegyptium excavatum Margot Chodziedner, *Zool. Jahrbüch, 47,* (4/6), 1924, segundo Delpy (1949).

Hyalomma aegyptium aegyptium brunnipes Margot Chodziedner, *Zool. Jahrbüch, 47* (4/6): 1924, segundo Delpy (1949).

Hyalomma pusillum Margot Chodziedner, *Zool. Jahrbüch, 47* (4/6): 1924, segundo Delpy (1949).

Hyalomma pusillum alexandrinum, Margot Chodziedner, *Zool. Jahrbüch, 47* (4/6): 1924, segundo Delpy (1949).

Hyalomma depressum Maria Tonelli-Rondelli, *Res. Biologicae, 1:* 1926, segundo Delpy (1949).

Hyalomma lusitanicum Senevet, *Arch. Inst. Pasteur Algérie, 6:* 35 e 41, 1928, *nec* C. L. Koch 1844.

Hyalomma lusitanicum algericum Senevet, *Arch. Inst. Pasteur Algérie, 6:* 39, 1928.

Hyalomma lusitanicum Edm. Sergent, Donatien, Parrot e Lestoquard, *Bull. Soc. Path. Exot., 21* (10): 848, 1928, *nec* C. L. Koch 1844.

Hyalomma savignyi pusillum Schulze e Schlottke, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 35, 1930.

Hyalomma savignyi Schulze e Schlottke, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 35, 36, 38, 43 e 44, 1930.

Hyalomma savignyi mesopotamium Schulze e Schlottke, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 35 e 42, 1930.

Hyalomma lusitanicum depressum Schulze e Schlottke, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 36 e 41, 1930.

Hyalomma lusitanicum algericum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 36 e 41, 1930.

Hyalomma anatolicum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 36, 39 e 41, 1930.

Hyalomma savignyi armeniorum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 38 e 43, 1930.

Hyalomma marginatum balcanicum f. *brunnipes* SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 39 e 41, 1930.

Hyalomma savignyi exsul SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl naturf. Gesell. Rostock, 2:* 39, 1930.

Hyalomma lusitanicum algericum COLAS-BELCOUR, *Arch. Inst. Pasteur Tunis, 20* (1): 69, 1931.

Hyalomma lusitanicum COLAS-BELCOUR, *Arch. Inst. Pasteur Tunis, 20* (1): 72, 1931.

Hyalomma turkemeniense OLENEV, *Mag. parasit. Mus. Zool. Ac. Sc. URSS., 2,* 1931, segundo B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma pavlovskyi OLENEV, *Mag. parasit. Mus. Zool. Ac. Sc. URSS., 2,* 1931, segundo B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma tunesiacum franchinii MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 71:* 1932.

Hyalomma tunesiacum ganorai MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 71:* 1932.

Hyalomma erythraeum MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 71:* 123, 1932.

Hyalomma fezzanensis MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 74* (3): 242, 1935, *pro parte.*

Hyalomma somalicum MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 74* (3): 250, 1935.

Hyalomma lusitanicum SENEVET, *Ixodoidés,* p. 41, 1937, *nec* C. L. KOCH 1844.

Hyalomma lusitanicum algericum SENEVET, *Ixodoidés,* p. 42, 1937.

Hyalomma armeniorum KRATZ, *Parasitenk, 11,* 1940, segundo B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma tunesiacum turkemeniense KRATZ, *Parasitenk, 11,* 1940, segundo B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma tunesiacum pavlovskyi KRATZ, *Parasitenk., 11,* 1940, segundo B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma anatolicum anatolicum SERDYUKOWA, *Trav. Ac. Milit. Kiroff, 25,* 1941, segundo DELPY (1949).

Hyalomma anatolicum f. *excavata* SERDYUKOWA, *Trav. Ac. Milit. Kiroff, 25,* 1941, segundo DELPY (1949).

Hyalomma lusitanicum EDM. SERGENT, DONATIEN, PARROT e LESTOQUARD, *Piroplasmoses bovines,* p. 34, 1945, *nec* C. L. KOCH 1844.

Hyalomma excavatum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 21* (5-6): 289 e 293, 1946, *pro parte.*

Hyalomma savignyi ADLER e FELDMAN-MUHSAM, *Refuah Vet., 3,* 1946, segundo DELPY (1949) e B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma anatolicum anatolicum SERDYUKOWA, *Bull. Ac. Sc. URSS., Biol.,* 1946, segundo DELPY (1949).

Hyalomma anatolicum f. *excavata* SERDYUKOWA, *Bull. Ac. Sc. URSS., Biol.,* 1946, segundo DELPY (1949).

Hyalomma anatolicum anatolicum LOTOTZKII e POKOVSKII, *Trav. Fil. Ac. Sc. URSS., Tadjikistan,* 1946, segundo DELPY (1949).

Hyalomma anatolicum f. *excavata* LOTOTZKII e POKOVSKII, *Trav. Fil. Ac. Sc. URSS., Tadjikistan,* 1946, segundo DELPY (1949).

Hyalomma anatolicum anatolicum BLAGOVESCHINSK e SERDYUKOWA, *Trav. Fil. Ac. Sc. URSS., Tadjikistan,* 1946, segundo DELPY (1949).

Hyalomma anatolicum f. *excavata* BLAGOVESCHINSK e SERDYUKOWA, *Trav. Fil. Ac. Sc. URSS., Tadjikistan,* 1946, segundo DELPY (1949).

Hyalomma savignyi B. FELDMAN-MUHSAM, *Parasitology, 38* (3): 111, 1947.

Hyalomma savignyi ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, *Parasitology, 39* (1-2): 98, 1948.

Hyalomma savignyi B. FELDMAN-MUHSAM, *Parasitology, 39* (1-2): 138, 1948.

Hyalomma excavatum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (1-2): 105 e 108, 1949.

Hyalomma savignyi B. FELDMAN-MUHSAM, *Bull. Entom. Res., 40* (2): 305, 1949.

Hyalomma excavatum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (5-6): 474, 1949.

Hyalomma savignyi B. FELDMAN-MUHSAM, *Parasitology, 40* (1-2): 93, 1950.

Hyalomma excavatum COLAS-BELCOUR e RAGEAU, *Arch. Inst. Pasteur Tunis, 4:* 361, 1951.

Hyalomma excavatum B. FELDMAN-MUHSAM, *Bull. Res. Counc. Israel, 4* (2): 155, 1954.

Hyalomma excavatum HOOGSTRAAL, *J. of Parasit, 40* (3): 308, 1954.

Hyalomma excavatum TRAVASSOS DIAS, *An. Inst. Med. Trop., 11* (2): 366, 1954.

REGISTOS

Hospedeiro: *Camelus dromedarius* L., o dromedário.

Localização: Pele.

Origem: Tripolitania.

Referência e material: Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, Parasitologia, registo P-35/55, de 21/11/955 (3 ♂♂ recolhidos pelo médico veterinário Dr. Fernando Vieira de Sá em Bir el Ghnem, na Tripolitânia, num dromedário).

OBSERVAÇÕES

O estudo do *Hyalomma excavatum* reveste para nós grande importância do ponto de vista da parasitologia comparada. Embora se trate de um carraça não existente em Portugal nem na África Portuguesa, o *Hyalomma excavatum* tem andado, de facto, intimamente ligado ao *Hyalomma lusitanicum*, a ponto de ser muitas vezes confundido com ele — como sucedeu no Norte de África com SENEVET (1922-1937), EDM. SERGENT, DONATIEN, PARROT e LESTOQUARD (1928-1945), etc. — ou a ele considerado idêntico, pelos especialistas que recentemente se ocuparam do género *Hyalomma*, em particular DELPY (1946, 1949).

Como vemos na enorme lista de sinonímias e referências, o *Hyalomma excavatum* recebeu numerosas designações. Referimos, em especial, a forma descrita, no trabalho original de C. L. KOCH, como *Hyalomma Anatolicum*, que teria prioridade, por vir publicada no mesmo artigo mas numa página anterior, se não fosse o facto de KOCH se ter apoiado ùnicamente na fêmea para a descrever — sem pormenores seguros de identificação — e se ter perdido o respectivo tipo, não havendo por isso a certeza de se tratar, de facto, do *Hyalomma axcavatum.*

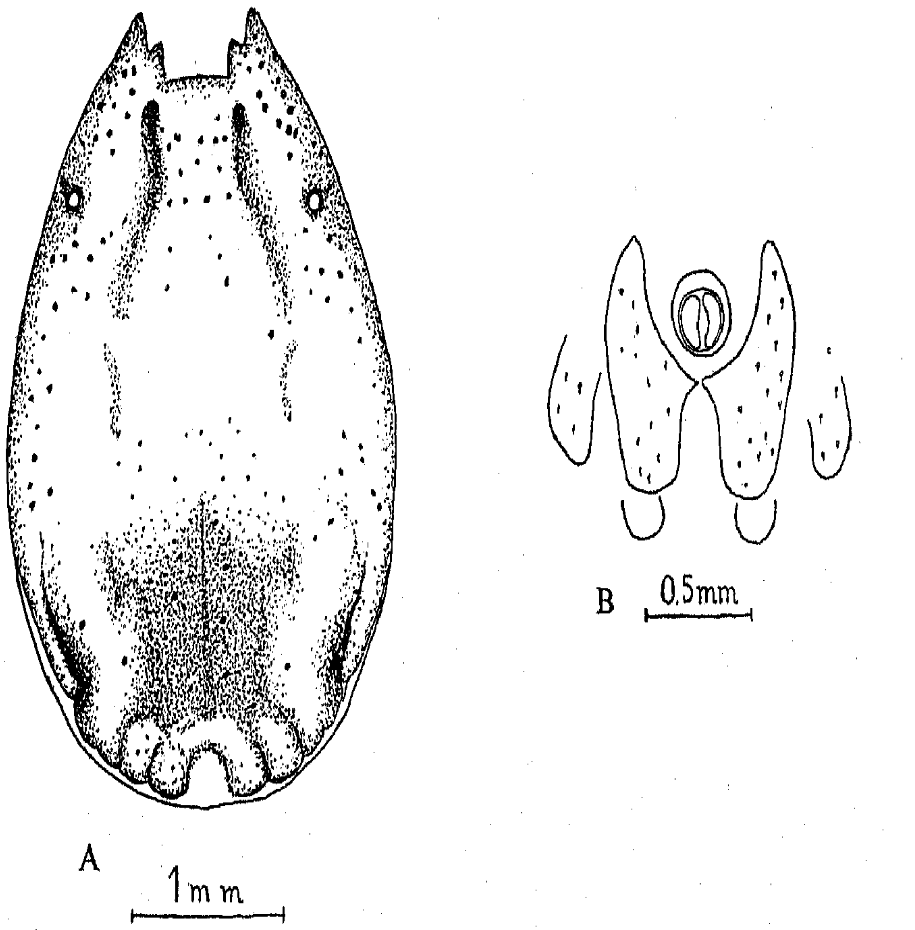


Fig. 20
Hyalomma excavatum, ♂
A, escudo dorsal; *B*, armadura anal
(Segundo B. FELDMAN-MUHSAM, 1954)

SCHULZE, em 1919, identificou a forma em estudo com o *Hyalomma savignyi*, criada por GERVAIS, em 1844, em presença de desenhos publicados por SAVIGNYI, em 1827, na sua «Description de l'Egypte».

SENEVET, em 1922, num estudo sobre as espécies argelinas do género *Hyalomma*, descreveu, como *Hyalomma lusitanicum*, uma carraça cujo macho se caracterizava pela existência de uma saliência típica, a ponte, envolvendo uma parma amarelada [1]; e a fêmea, pela presença de um despolido esbranquiçado no escudo dorsal. Ao mesmo tempo o autor definiu, como *Hyalomma lusitanicum berberum*, uma subespécie de tamanho semelhante à do seu *Hyalomma lusitanicum* mas distinguindo-se,

[1] «Dans la concavité du pont, une parma jaunâtre.»

no macho, pela ausência de parma esbranquiçada e presença de cinco festões bem quitinizados, incluindo o festão mediano (1); e, na fêmea, pela ausência de despolido esbranquiçado no escudo dorsal (2).

Em 1924, SCHULZE chamou a atenção para o facto de o macho de *Hyalomma lusitanicum* de SENEVET não se harmonizar com o do *Hyalomma lusitanicum* de KOCH, ao qual corresponderia antes o *Hyalomma lusitanicum berberum;* além disso, SENEVET teria trocado as fêmeas das suas duas subespécies, visto ser a registada como pertencente à subespécie *berberum* que concordava com a verdadeira fêmea de *Hyalomma lusitanicum,* segundo o tipo de KOCH.

Em presença destes elementos, SENEVET, em 1928, rectificou a posição dos hialommas argelinos, incluindo o *Hyalomma lusitanicum berberum,* na sinonímia do *Hyalomma lusitanicum* de C. L. KOCH e propondo para o seu *Hyalomma lusitanicum* o novo nome de *Hyalomma lusitanicum algericum.* Entretanto, segundo COLAS-BELCOUR e RAGEAU (1951), o macho do *Hyalomma lusitanicum* (*sensu* SENEVET, 1922) — ou *Hyalomma lusitanicum algericum* SENEVET 1928 — corresponde de facto ao *Hyalomma excavatum* (3).

SENEVET, em 1937, na sua monografia sobre ixodídeos, n.º 32 da «Faune de France», tornou a referir o escudo dorsal da fêmea do *Hyalomma lusitanicum* C. L. KOCH 1844 como sendo desprovido de induto claro, presente contudo no capítulo (4), registando de novo as fêmeas

(1) «Taille semblable à celle de l'espèce principale. Cette région est alors formée de cinq festons sensiblement identiques.

En avant des festons on retrouve la zone triangulaire, déprimée, chagrinée, irregulière, les deux masses latérales saillantes et le sillon médian...

Quelques individus présentent une ébauche de pont, quoique ayant leurs festons médians colorés (absence de parma blanchâtre).»

(2) «Diffère du type II par l'absence du dépoli blanchâtre sur l'écusson dorsal.»

(3) «Cete tique avait été mentionnée précédement sous le nom de *H. grossum* (1844) par PAVESI (1844) et de *H. lusitanicum algericum* par l'un d'entre nous (C. B.) (1931).»

(4) «Les femelles qui j'ai trouvées associées à ces mâles (mêmes localités et même animaux porteurs) ont sur les pattes le même dépoli blanchâtre que les mâles, moins marqué toutefois, souvent à peine visible. L'écusson dorsal ne présente pas de dépoli. On en retrouve sur le rostre.»

com induto no escudo e no rostro como pertencentes ao *Hyalomma lusitanicum algericum* (1).

EDM. SERGENT, DONATIEN, PARROT e LESTOQUARD, em 1945, na sua esplêndida monografia sobre piroplasmoses bovinas — onde reuniram os resultados obtidos em trinta anos de observações no Instituto Pasteur da Argélia — continuavam a classificar como *Hyalomma lusitanicum* uma espécie caracterizada, no macho pela seguinte morfologia: 1.º) patas sarapintadas, castanhas malhadas de amarelo e branco; 2.º) escudos adanais formando uma ponta interna fina atrás do ânus; 3.º) escudo dorsal fusco, com um despolido esbranquiçado e uma área pontuada por cima da parma; e 4.º) parma esbranquiçada. E, na fêmea: 1.º) patas também sarapintadas, castanhas malhadas de branco (em particular o 1.º par); 2.º) ramo interno das coxas do 1.º par munido de um dente mais ou menos acentuado; 3.º) escudo dorsal não mais comprido do que largo, negro, com despolido esbranquiçado e pontuações não raras, grandes ou finas; e 4.º) olhos um pouco afastados do bordo do escudo.

Em presença dos caracteres descritos e da respectiva iconografia, verifica-se, sem sombra de dúvida, que os autores, levados decerto pela coloração das patas e pela presença de um despolido esbranquiçado no escudo dorsal — e possìvelmente na esteira de SENEVET (1922 *nec* 1928) —, confundiram com o *Hyalomma lusitanicum* exemplares argelinos portadores de um enclave parmático recortando posteriormente o escudo. Como

(1) «Cette espèce que j'ai décrite en 1922 comme assimilable à *H. lusitanicum* KOCH en différerait d'après P. SCHULZE, au moins en ce qui concerne le mâle, car la femelle serait, d'après cet auteur la véritable femelle de *lusitanicum.* SCHULZE ne paraît pas être très fixé sur l'assimilation de cette espèce. Après l'avoir donnée comme synonyme de *H. depressum* 1925, il en fait (1930) *Hyalomma anatolicum* KOCH?. Cette dernière assimilation est d'autant plus curieuse que *H. anatolicum* a été décrit d'après une femelle.

En réalité, il existe une espécie de *Hyalomma,* le *H. lusitanicum* dont la variété *algericum* ne se distingue que par des détails minimes tels que la présence du «pont», et de nombreuses formes intermédiaires ne permettent pas de la considérer comme une espèce distincte.

♂. Très voisin du type de l'espèce, cette variété n'en diffère que par la zone postérieur de l'écusson où le feston médian, la «parma» est blanche et entourée d'une saillie caractéristique, le «pont», qui interrompt le feston médian. La ♀ possède un enduit blanchâtre plus abondant que dans l'espèce typique. Cet enduit recouvre notamment une partie de l'écusson dorsal.»

vemos, os referidos exemplares são em tudo semelhantes aos espécimes da Argélia e da Tripolitânia aqui estudados como *Hyalomma excavatum*.

Anteriormente, em 1928, EDM. SERGENT, DONATIEN, PARROT e LESTOQUARD tinham conseguido a transmissão experimental da anaplasmose bovina por *Anaplasmosa marginale* THEILER 1910, a partir do mesmo ixodídeo.

DELPY, em 1946, considerou como válido o *Hyalomma savignyi* de GERVAIS, mas identificando-o com as formas referidas, no presente trabalho, como *Hyalomma marginatum* e *Hyalomma truncatum* (1). Ao mesmo tempo, o autor incluiu nas suas chaves de classificação o *Hyalomma excavatum*, caracterizando o macho pelos seguintes elementos: «Sillons marginaux courts, ne dépassant pas le 1/3 postérieur du scutum. Scutum lisse, sauf dans la région postérieure médiane, qui est excavée, enfoncée. Les festons 3, 4 et 5, fusionnés, se prolongent par deux reliefs latéraux saillants. Sillons médian et paramédians visibles, parfois couverts de ponctuations irrégulières (14). Enclose parmatique présente, parfois entourée d'un «pont». Cette espèce change notablement d'aspect en vieillissant: la chitine primitivement brun roux devient brun poix. Les pattes IV grossissent et leur teinte primitivement ambrée, translucide, passe au brun foncé avec des traces blanc-jaune à l'extrémité distale et au bord dorsal des articles. Les variations *pusillum* et *lusitanicum* sont fréquentes. Longueur: 2 à 4,5 mm.» Simultâneamente DELPY descrevia a variação *lusitanicum*, caracterizada pelo aparecimento de um induto leitoso no escudo dorsal, capítulo e patas, tanto do macho como das fêmeas, e susceptível de se observar no *Hyalomma excavatum* e no *Hyalomma dromedarii*.

ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM, em 1946 e 1948, continuaram a adoptar o ponto de vista de SCHULZE, designando a espécie em estudo por *Hyalomma savignyi*. «In this paper — escreveram os autores em 1948 — we use the name *H. savignyi* for a tick with to yellow-brown legs, whith a white or almost white parma... It is the commonest tick of cattle in Palestine.»

Na continuação, Mrs. FELDMAN-MUHSAM (1948-1952) tornou a usar aquela denominação para a espécie. Entretanto, em 1954, depois de

(1) Posteriormente, em 1949, DELPY desmembrou o seu *Hyalomma savignyi* naquelas duas espécies, com as designações respectivas de *Hyalomma savignyi* e *Hyalomma transiens*.

observar os tipos de KOCH, o mesmo ixodologista fez entrar o seu *Hyalomma savignyi* na sinonímia do *Hyalomma excavatum*.

Em 1949, DELPY incluiu de novo nas suas chaves de classificação o *Hyalomma excavatum*, definindo o macho: 1.º) pela coxa I dividida profundamente num ramo externo fino e num ramo interno largo; 2.º) espiráculos com cauda comprida; 3.º) escudos subadanais situados atrás dos adanais; 4.º) sulcos laterais não ultrapassando o terço posterior do escudo; 5.º) escudo dorsal pouco pontuado, excepto no campo caudal, que é deprimido entre dois relevos laterais e por vezes muito enrugado; 6.º) enclave parmático presente.

De novo em 1949, DELPY, no seu ensaio crítico sobre a sinonímia do género *Hyalomma*, fez a seguinte descrição sumária do *Hyalomma excavatum*, incluindo nele o *Hyalomma lusitanicum*, segundo exemplares determinados por SCHULZE e por SENEVET (1):

«Dans les deux sexes: hanche I bifide. Tiques longilignes, peu chitineuses, petites et souvent très petites (variation *pusillum* fréquente). Pattes, palpes et scapulae souvent couvertes par une patine ivoire. Pourtour des péritrèmes glabre.

Mâle: Péritremes en virgule. Ecussons subanaux situés dans le prolongement de l'axe des anaux, sauf chez les sujets très gorgés, mais absents chez les formes naines. Sillons marginaux courts, ne dépassant pas le tiers du scutum. Scutum lisse ou très finement ponctué, sauf dans le champ caudal qui est plus ou moins criblé de ponctuations petites et grandes. Champ caudal déprimé, limité latéralement par deux protubérances résultant de la fusion des festons 3, 4 et 5. *Encoche parmatique présente* (2).

Femelle: Scutum très finement ponctué, avec quelques grosses ponctuations, plus long que large. Palpes plats. Art. I et II plus longs

(1) «*H. lusitanicum* K. 1844. K. 1847: description, et fig. 10 et 11. Sc. 1919. Sen. 1922. Cho. 1924: Cho. qui décrit en détail les espèces de Sc. 1919, et avait accès aux types de K., écrit que cette petite espèce se distingue par un enduit blanc qui donne aux pattes un aspect marbré. Sen. 1922 parle d'aspect «entrelardé» des pattes. C'est un aspect de la variation que j'ai nommée pour cette raison «*lusitanicum*» et qui est fréquente chez *H. excavatum*. Les spécimens de *H. lusitanicum* déterminés par Sc. et par Sen., dont je dispose, rentrent dans l'espèce *H. excavatum*.»

(2) O sublinhado é nosso.

que la moitié du capitulum. Tablier génital bombé en bouton hémisphérique ou ovoïde.»

As discrepâncias levantadas à volta do *Hyalomma excavatum* e do *Hyalomma lusitanicum* provêm do facto de não terem sido esclarecidas com precisão, pelos diversos autores que se ocuparam do género *Hyalomma*, as características da parma na primeira daquelas espécies.

Segundo ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM (1948), a parma do *Hyalomma excavatum* estava sujeita a variações, mas estas incidiram na sua forma «redonda» ou «triangular» e na presença ou ausência de «ponte» [1]. DELPY, em 1949, caracterizou a espécie em discussão pelo enclave parmático presente. Finalmente, B. FELDMAN-MUHSAM, em 1954, referiu a parma como sendo branca [2].

A leitura dos trabalhos anteriores, aliada às observações de SENEVET, conduzem inevitàvelmente à conclusão de que o *Hyalomma excavatum* ♂ se caracterizaria pela presença constante de uma parma recortando a porção posteromediana do escudo dorsal. Entretanto, o exame do material à nossa disposição permitiu-nos concluir que — a exemplo do que sucede no *Hyalomma detritum* e no *Hyalomma brumpti* —, ao lado dos exemplares com enclave parmático nítido, aparece uma proporção menor de espécimes em que aquele se encontra substituído por um festão mediano bem quitinizado e da mesma consistência dura do resto do escudo dorsal. Deste modo, as formas descritas por SENEVET em 1922 e em 1928, como «*Hyalomma lusitanicum*» e «*Hyalomma lusitanicum algericum*» e como «*Hyalomma lusitanicum berberum*» e «*Hyalomma lusitanicum*» constituem, na verdade, variantes de uma e a mesma espécie, o *Hyalomma excavatum* C. L. KOCH 1844.

---

(1) «On the basis of Schulze's classification it would not have been difficult to separate the offspring of one female into four or five species or at least subspecies. In one specimen a bridge was present above the parma but not in others. According to Schulze the absence or presence of a bridge is of prime specific importance. Breeding experiments proved that *H. savignyi* (=*excavatum*) and *H. savignyi pusillum* are identical. The latter name was applied by Schulze to a small tick 3×3 mm, feebly chitinized and with a parma distinctly round in contrast to the very much larger *H. savignyi*, in which the parma is triangular.»

(2) «The parma is white.»

Como conclusão, na África do Norte não existe de facto o *Hyalomma lusitanicum*, espécie caracterizada pela ausência constante de parma e cuja distribuição geográfica se parece circunscrever à Península Ibérica.

Como aconteceu com SENEVET na Argélia, a confusão suscitada pela variabilidade morfológica do extremo posterior do escudo dorsal dos machos levou MÀRIA TONELLI-RONDELLI, em 1932 e 1935, a descrever, como *Hyalomma erithraeum* e como *Hyalomma somalicum*, formas de *Hyalomma excavatum*, respectivamente com e sem enclave parmático.

HYALOMMA (HYALOMMA) LUSITANICUM C. L. KOCH

Hyalomma lusitanicum C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg., 10* (1): 222, 1844.

Hyalomma lusitanicum C. L. KOCH, *Uebersicht des Arachniden-systems, 4:* 14 e 36, 1847.

Hyalomma lusitanicum PAVESI, *Ann. Mus. Civ. Stor. Nat. Genova, 15:* 1880, segundo AMÉLIA BACELAR (1928).

Hyalomma aegyptium NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 285, 1899, *pro parte, nec* LINEU 1758

Hyalomma aegyptium var. *lusitanicum* NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 14:* 314, 1901.

Hyalomma aegyptium lusitanicum NEUMANN, *Das Tierreich:* 1911, segundo DELPY (1949) e B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma lusitanicum SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949) e B. FELDMAN-MUHSAM (1954).

Hyalomma lusitanicum MARGOT CHODZIEDNER, *Zool. Jahrbüch, 47* (4-6): 1924, segundo DELPY (1949).

Hyalomma lusitanicum AMÉLIA BACELAR, *Bull. Soc. Port. Sc. Nat., 10* (17): 195, 1928.

Hyalomma lusitanicum lusitanicum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 34 e 41, 1930.

Hyalomma iberum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzber. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 37, 1930.

Hyalomma lusitanicum cicatricosum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 38 e 42, 1930.

Hyalomma lusitanicum BRUMPT, *Parasitologie, 2:* 1170, 1936.

Hyalomma (*s. str.*) *lusitanicum* GIL COLLADO, *Brotéria*, sér. *Ciênc. Nat.*, *7* (34): 102, 1938.

Hyalomma (*s. str.*) *lusitanicum cicatricosum* GIL COLLADO, *Brotéria*, sér. *Ciênc. Nat. 7* (34): 102, 1938.

Hyalomma lusitanicum NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie*, p. 386, 1938, *pro parte.*

Hyalomma iberum KRATZ, *Parasitenk.*, *11:* 510, 1940.

Hyalomma lusitanicum FIEBIGER, *Parasitos animales*, p. 379, 1941.

Hyalomma lusitanicum SILVA LEITÃO, *Ixodídeos portugueses*, p. 25, 1943.

Hyalomma excavatum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *21* (5-6): 289 e 293, 1946, *pro parte.*

Hyalomma excavatum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (1-2): 105 e 108, 1949, *pro parte.*

Hyalomma excavatum DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *24* (5-6): 474, 1949, *pro parte.*

Hyalomma lusitanicum FELDMAN-MUHSAM, *Bull. Res. Counc. Israel*, *4* (2): 169, 1954.

Hyalomma lusitanicum ALVES DA CRUZ, *Bull. Off. Intern. Epizoot.*, *43* (1-2): 272, 1955.

REGISTOS

Hospedeiros: Bos taurus L., o boi; *Sus scrofa domesticus* GRAY, o porco; *Dama dama* L., o gamo; *Cervus elaphus* L., o veado; *Sus scrofa* L., o javali.

Localização: Pele.

Origem: Portugal e Espanha.

Referências e material: Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, Parasitologia, em material recolhido pelo Sr. Fernando Pedrosa Mendes, no seu laboratório de dermoplastia, correspondente aos registos P-2/55 (Tapada de Mafra, Portugal — 2 ♂♂ e 4 ♀♀ obtidos num gamo), P-15/55 (Espanha, sem indicação de localidade — 1 ♂, de um veado), P-17/55 (Tapada de Mafra, Portugal — 2 ♂♂ e 2 ♀♀, de um javali originário da Alemanha); e exemplares portugueses cedidos pelo Serviço de Parasitologia do Laboratório Central de Patologia Veterinária, de Lisboa, com os registos P-20/55 (1 ♂ e 4 ♀♀, da ref.ª 1.324/54, sem indicação de localidade nem hospedeiro), P-21/55 (1 ♂ e 4 ♀♀, sem indicações), P-22/55 (2 ♂♂ e 4 ♀♀, da ref.º 617, sem mais indicações), P-23/55 (9/4/945 — 1 ♂ e 2 ♀♀, de bovino), P-24/55 (19/10/953 — 1 ♂, de bovino), P-28/55 (2 ♂♂ e 4 ♀♀, sem indicações), P-29/55 (9 ♂♂ e 8 ♀♀, de criação laboratorial — Família 1 D-1941) e P-32/55 (Vidigueira — 1 ♂ e 1 ♀, de porco).

MORFOLOGIA

Espécie de tamanho médio, medindo, nos exemplares estudados, 4,00 a 5,30 mm de comprimento por 2,50 a 3,10 mm de largura, no macho, e 5,05 a 5,60 mm por 2,90 a 3,15 mm, na fêmea não ingurgitada.

MACHO

Corpo oval, estreitando-se para a frente, sem ressalto apreciável ao nível dos espiráculos (ainda que com um estrangulamento ligeiro mas nítido na porção correspondente do escudo) e com a porção não quitinizada um pouco saliente póstero-lateralmente nos exemplares ingurgitados.

Escudo dorsal medindo 3,25 a 4,05 mm de comprimento por 2,40 a 2,80 mm de largura, castanho normal a castanho-escuro, revestido numa maior ou menor extensão — em particular no campo mediano anterior e nas escápulas mas atingindo por vezes todo o escudo — de um induto esmaltado cor-de-marfim, interrompido ao nível das pontuações [1]; convexo e mais ou menos proeminente à frente, fortemente deprimido no campo posterior e formando uma corcova pronunciada na zona de

---

(1) Este induto cor-de-marfim não foi referido no escudo dorsal do macho por C. L. KOCH (1844, 1847), que o apontou, no entanto, no escudo da fêmea e nas patas de ambos os sexos. NEUMANN (1901) referiu, a propósito do seu *Hyalomma aegyptium* var. *lusitanicum:* «Coloration dorsale moins foncée que dans le type. Chez le *mâle*, cela est à peine notable pour l'écusson; pattes blanchâtres au bord dorsal et aux faces des articles, avec des ponctuations foncées. Chez la *femelle*, la patine blanchâtre des pattes est plus accentúee; l'écusson et le rostre sont roussâtres; les dépressions entre les sillons cervicaux et latéraux ainsi que le bord postérieur de l'écusson sont plus foncés; les yeux sont très noirs.» SCHULZE

transição (¹), com um ligeiro estrangulamento ao nível dos espiráculos e sem qualquer vestígio de entalhe parmático. Olhos muito escuros, pequenos e hemisféricos. Sulcos cervicais profundos e divergentes, estendendo-se até para além dos olhos. Sulcos laterais muito curtos, não se prolongando para a frente da porção saliente correspondente aos três festões externos, por vezes obsoletos. Sulco mediano rectilíneo, pouco profundo, atingindo ou não atrás o festão mediano e estendendo-se à frente até o limite da zona deprimida. Sulcos paramedianos obliterados. Apenas cinco festões individualizados, respectivamente o festão mediano — com o mesmo grau de quitinização que o resto do escudo dorsal e nunca formando uma verdadeira parma não quitinizada, como no *Hyalomma dro-*

---

e SCHLOTTKE (1930) separam o seu *Hyalomma lusitanicum lusitanicum* dos machos das numerosas espécies e subespécies incluidas nas suas chaves de classificação pela parte anterior do escudo e todos os segmentos das patas cobertas por um induto esmaltado claro: «Vorderer teil des Rückenschildes mit deutlichem hellem Belag. Der gleiche Belag dick emailleartig auf allen Beinen und sie ganz bedeckend.» Segundo SENEVET (1937), «l'enduit blanchâtre se retrouve sur le quart antérieur de l'écusson dorsal et sur les pièces du rostre». SILVA LEITÃO (1943) escreveu, por sua vez: «O induto leitoso que cobre, segundo aquele autor (NEUMANN), o quarto anterior do escudo dorsal e a face superior do rostro, vimos em certos exemplares, que se estende a todo o escudo e por vezes eram exactamente os palpos que menos tinham da tal «patine»... Como vemos tem esta espécie, como característica, o aspecto particular das suas patas e o induto esbranquiçado do escudo. Ainda sobre o escudo, diz NEUMANN em concordância comnosco, relativamente à espécie *aegyptium*: o escudo não é tão escuro como no tipo, sem se referir à existência anterior do induto. Como dissemos, em muitos exemplares do nosso país, o tom, que traduzimos pelo termo «patine» leitosa estendia-se a todo o escudo.»

Nos espécimes conservados em álcool a 70º o induto ebúrneo evidencia-se mal, aparecendo em geral o escudo dorsal castanho ou castanho-escuro, um pouco mais claro no campo anterior. A montagem dos exemplares em líquido de Gater fá-lo ressaltar com uma nitidez maravilhosa, em contraste com a coloração castanha do fundo, que por sua vez fica bastante mais escura sob a acção daquele líquido.

(¹) SILVA LEITÃO (1943) traduziu à letra a expressão francesa «dos d'âne», en une partie antérieure et une partie postérieure, séparées par le dos d'âne no sentido de lomba ou elevação, e chamou «dorso de burro» (*sic*) à corcova de separação entre o campo anterior convexo e o campo caudal deprimido.

De acordo com DELPY (1936), «il est parfois commode de diviser une tique en une partie antérieure et une partie postérieure, sèparéese par le dos d'âne (qui est parfois effacé)».

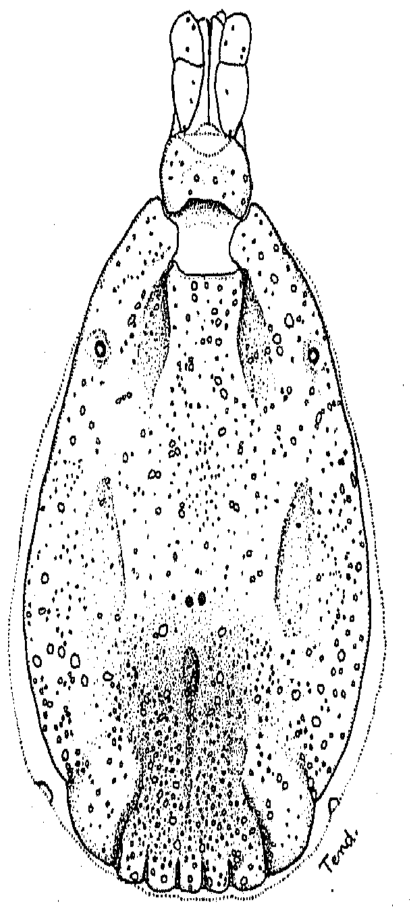


Fig. 21
Hyalomma lusitanicum
Aspecto dorsal do macho
(Original)

medarii e no *Hyalomma excavatum* — e o 4.º e 5.º festões de cada lado; 1.º, 2.º e 3.º festões fundidos numa protuberância única, enquadrando lateralmente o campo caudal deprimido. Pontuações grandes mais ou menos numerosas, aglomeradas particularmente nas escápulas e nos campos laterais e dispersas no campo central e nos festões; pontuações médias misturadas aos lados com as pontuações grandes e muito densas na depressão caudal, onde formam um campo posterior fortemente pontuado, limitado à frente pela corcova média do escudo, lateralmente pelas protuberâncias correspondentes aos 1.º, 2.º e 3.º festões e atrás pelo festão mediano e pelos 4.º e 5.º festões; pontuações intersticiais espalhadas por todo o escudo, mais ou menos vincadas no campo médio. Por vezes as pontuações do escudo são grosseiras e bastante irregulares, condicionando a variação *cicatricosum* — correspondente à subespécie *lusitanicum cica-*

tricosum de Schulze e Schlottke (1930) [1] —, coexistindo com os indivíduos menos pontuados da variação *normal*.

Superfície ventral castanho-amarelada a castanha, glabra ou com pêlos dispersos nas porções não quitinizadas e nos escudos adanais e acessórios, por vezes relativamente abundantes. Orifício genital ao nível da parte anterior das coxas II. Espiráculos em forma de retorta, com o prolongamento posterior bastante comprido. Escudos adanais com a parte posterior quadrangular, o bordo externo convexilíneo ou sub-rectilíneo nos seus 2/3 posteriores e arredondado à frente e o bordo interno rectilínio e projectando uma ponta interna por detrás do ânus. Escudos acessórios bem quitinizados, com o ângulo póstero-interno aguçado e o ângulo póstero-externo mais ou menos arredondado. Escudos subadanais pequenos, situados nos espécimes em jejum exactamente por detrás dos adanais, sobre uma base hemisférica não quitinosa, um pouco divergente nos exemplares ingurgitados. Peltas mais ou menos evidenciáveis, conforme a idade e o grau de quitinização dos exemplares.

Capítulo comprido, de base rectangular, com os bordos laterais arredondados e recoberta total ou parcialmente por um induto cor-de-marfim semelhante ao do escudo dorsal. Palpos compridos e fortes, com ou sem induto ebúrneo, cobrindo a baínha das quelíceras e tendo o II artículo maior que o III. Hipostoma comprido, claviforme, munido de corónula apical e com dentição 3/3, compreendendo 8 a 10 dentes por fiada. Córnuas fortes.

Patas progressivamente mais fortes do 1.º ao 4.º par — em que são bastante robustas —, castanho-avermelhadas, recobertas numa maior ou menor extensão por malhas irregulares de induto cor-de-marfim semelhante

(1) A subespécie *Hyalomma lusitanicum cicatricosum* foi criada por Schulze e Schlottke, em 1930, para exemplares provenientes da Estremadura (Espanha?) e das Canárias, caracterizados pelo escudo dorsal com pontuações grosseiras e irregulares, «Rückenschild sehr grob und unregelmssig punktiert», tanto no macho como na fêmea.

Esta forma, incluida por Delpy (1949) e Mrs. Feldman-Muhsam (1954), como aliás o próprio *Hyalomma lusitanicum*, na sinonímia do *Hyalomma excavatum*, constitui uma simples variação e aparece em conjunto com os exemplares típicos de *Hyalomma lusitanicum*, inclusivè em criações provenientes de uma única fêmea, pelo que a denominámos «variação *cicatricosum*», em oposição à «variação *normal*», reservada para os espécimes com pontuação mais discreta.

ao do escudo dorsal e do capítulo, de contornos imprecisos e com salpicos castanhos correspondentes a pontuações médias dispersas, que dão ao conjunto um aspecto sarapintado ou lardáceo [1]. Coxa I dividida por uma fenda estreita em dois ramos ponteagudos, o interno nìtidamente mais forte e munido de uma saliência mais ou menos acentuada; coxas II a IV com uma crista interna larga e um esporão externo rombo.

FÊMEA

Corpo castanho-amarelado a castanho-escuro, ovóide, um pouco mais estreito à frente, medindo nos nossos exemplares não ingurgitados 3,70 a 4,50 mm de comprimento. Sulcos marginais bem vincados, englobando apenas dois festões. Sulco mediano unindo-se atrás dos sulcos limitantes do festão mediano e quase alcançando à frente o nível das fóveas. Sulcos paramedianos estendendo-se um pouco adiante do mediano. Festões quadrangulares, tão largos como compridos, excepto o festão mediano, que é triangular e mais estreito.

Escudo dorsal com a largura aproximadamente igual ao comprimento ao nível das escápulas mas superior ao comprimento na linha média,

(1) C. L. Koch (1844) descreveu as patas como vermelho-ferruginosas, salpicadas de vermelho-acastanhado e com a parte terminal dos artículos largamente amarelo-clara, também salpicada de vermelho-acastanhado: «Beine rostroth, braunroth bespritzt, der Spitezeurand der Glieder breit hellgelb, ebenfalls braunroth bespritzt».

A expressão «aspecto lardáceo» usada por nós corresponde às «pattes d'aspect entrelardé» referidas por Senevet em 1922. Em 1937, o mesmo autor escreveu: «Coloration des pattes très caractéristique: sur un fond brun marron des taches blanchâtres, superficielles, mal limitées, donnant à la patte l'aspect d'une saucisse où la chair musculaire rouge est «entrelardée» de blanc.»

Segundo Silva Leitão (1943), «a coloração das suas patas é típica e para ela chama Senevet muito justamente a atenção. Observámo-la na quase totalidade dos exemplares. Assim desenham-se várias manchas amareladas de contornos mal definidos sobre um tom castanho uniforme. Aparece-nos um aspecto, como muito justamente traduz Senevet entremeado ou ainda, para melhor traduzir o seu termo «entrelardée», entoucinhado.» «Nos exemplares que estudámos, sem que por ora seja nosso intento generalizar tal observação, pareceu-nos que na espécie *lusitanicum* as manchas claras das patas e o induto do escudo são mais esverdeadas do que amareladas.»

medindo nos nossos exemplares 1,95 a 2,00 mm por 1,60 a 1,70 mm de comprimento na linha média e 1,90 a 2,05 mm entrando com os ângulos escapulares, de coloração castanha mais ou menos escura e revestido em grande parte por um induto esmaltado cor-de-marfim semelhante ao do macho mas em regra mais espesso, particularmente denso no campo mediano e sobre as escápulas e salpicado, como naquele, pelos pontos castanhos correspondentes às pontuações ([1]). Ângulos escapulares robustos; bordos ântero-laterais arredondados; bordos póstero-laterais sinuosos, encontrando-se num ângulo posterior largo e arredondado. Sulcos cervicais profundos, continuando-se até os bordos póstero-laterais por depressões cervicais, marginadas externamente por uma zona franjada e com pontuações grosseiras. Pontuações grandes e médias aglomeradas nos ângulos escapulares e nos campos laterais, na variação *normal* em pequeno número junto do bordo anterior e no campo mediano central, na variação *cicatricosum* muito numerosas, grosseiras e irregulares; pontuações intersticiais espalhadas por todo o escudo, muito finas na variação *normal* e bem vincadas, maiores e mais densas na variação *cicatricosum*. Por vezes, existem rugosidades longitudinais muito curtas sobre as margens póstero-laterais do escudo. Após montagem em líquido de Gater contaram-se 18 a 35 canalículos ao longo do bordo anterior do escudo, dispostos em uma ou duas fiadas.

Superfície ventral de cor semelhante à da superfície dorsal. Orifício genital oposto à parte anterior das coxas II, caracterizando-se pela fenda em forma de ogiva, mais ou menos aberta conforme o estado de replecção, ou parabólica nas fêmeas muito ingurgitadas, e pelo opérculo oval transverso, situado para a frente do limite anterior dos ramos laterais. Após montagem, a abertura genital toma aspectos diferentes conforme a idade, o grau mais ou menos avançado da quitinização e o estado de replecção dos exemplares. Nas fêmeas juvenis, ainda mal quitinizadas, tem a forma de uma ogiva — mais ou menos aberta e de vértice mais ou menos arredondado — ou de parábola, mas sempre com os ramos laterais largos e sem quitinização apreciável, não sobressaindo sobre a tonalidade do tubo vaginal e do tegumento cutâneo (microfot. 9). Nos exemplares mais velhos, a forma da fenda genital é paraboidal; os ramos laterais divergem mais

([1]) Na maioria das fêmeas observadas o induto cobria quase por completo o escudo, com excepção dos sulcos cervicais e de uma curta zona pós-ocular.

ou menos conforme o grau de replecção e têm o endosqueleto fortemente quitinizado, sobressaindo do conjunto pela tonalidade muito escura (microfot. 10). Em relação com a maior ou menor distenção do tegumento cutâneo, as estrias quitinosas superficiais aparecem muito densas nas preparações feitas a partir de exemplares em jejum e bastante laxas nas de espécimes ingurgitados.

Capítulo de base hexagonal, recoberto por um induto cor-de-marfim semelhante ao do macho, ausente na porção correspondente às áreas porosas. Palpos relativamente mais compridos que no macho, em particular o II artículo. Áreas porosas piriformes, do mesmo tipo que no *Hyalomma dromedarii* e no *Hyalomma marginatum*, separadas também por uma crista mediana, que se divide atrás em dois ramos prolongados ao longo do bordo posterior da base do capítulo.

Patas com a mesma coloração que no macho, mas menos fortes e sem o aumento progressivo de robustez verificado naquele.

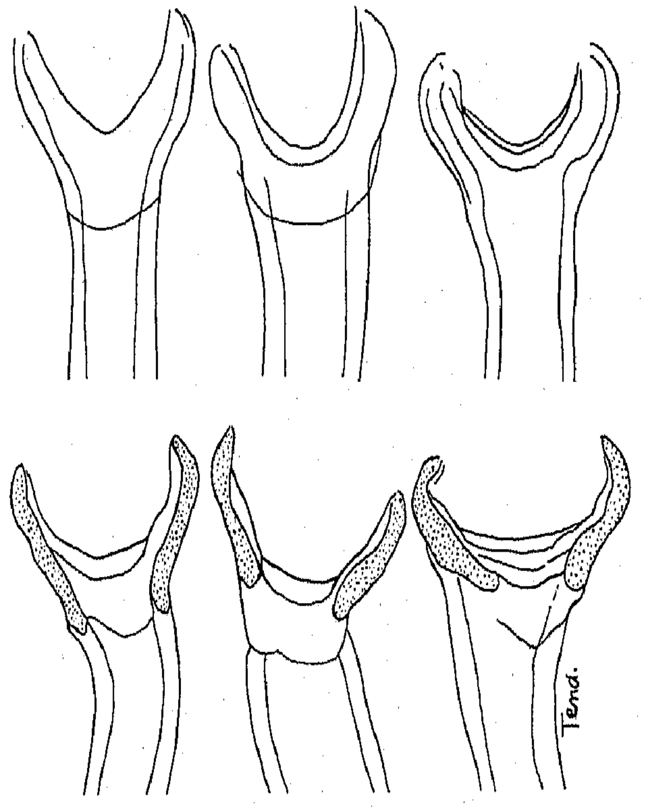


Fig. 22
Hyalomma lusitanicum
Aspectos diferentes da abertura genital da fêmea, após montagem e conforme o grau de quitinização e o estado de replecção, pouco (em cima) ou mais adiantado (em baixo) (Original)

OBSERVAÇÕES

Conforme mostrámos a propósito do *Hyalomma excavatum*, a conformação da porção posterior do escudo dorsal permita separar, sem sombra de dúvida, aquela espécie do *Hyalomma lusitanicum*.

Como vimos, o festão mediano do *Hyalomma lusitanicum* apresenta *o mesmo grau de quitinização que o resto do escudo e nunca forma uma verdadeira parma não quitinizada;* no *Hyalomma excavatum* — a exemplo do que sucede com o *Hyalomma detritum* e com o *Hyalomma brumpti* — ao lado de um predomínio de exemplares com enclave parmático nítido aparecem espécimes com a parma substituída por um verdadeiro festão mediano; por outro lado, as pontuações do escudo dorsal são mais grosseiras e densas no *Hyalomma lusitanicum* do que no *Hyalomma excavatum*, acentuando-se extraordinàriamente essa diferença na variação que denominámos *cicatricosum*, correspondente à subespécie *Hyalomma lusitanicum cicatricosum*, de SCHULZE e SCHLOTTKE (1930).

Na fêmea, a distinção entre as duas espécies faz-se com uma certa facilidade, segundo as iconografias de ADLER e B. FELDMAN-MUHSAM (1948) e de B. FELDMAN-MUHSAM (1954), pela configuração diferente da abertura genital, após montagem, que é ogival ou parabólica (conforme a idade) no *Hyalomma lusitanicum* e arredondada no *Hyalomma excavatum*.

SILVA LEITÃO, em 1943, na sua tese sobre ixodídeos portugueses, fez uma breve referência ao *Hyalomma lusitanicum*, perdendo assim uma esplêndida oportunidade para aclarar o problema da posição sistemática da referida espécie, com base em material recolhido no local típico. «Não tendo esta espécie bibliografia tão completa e minuciosa como a espécie *dromedarii* — escreveu o autor —, limitamo-nos aqui a apresentar as principais diferenças que a separam do grupo precedente, focando aquilo que observámos nos exemplares portugueses e que não está de acordo com as descrições clássicas.»

HYALOMMA (HYALOMMA) DETRITUM SCHULZE

Hyalomma aegyptium NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 285, 1899, *pro parte, nec* LINEU 1758.

Hyalomma aegyptium aegyptium NEUMANN, *Das Tierreich,* 1911, *pro parte.*

Hyalomma detritum SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949).

Hyalomma detritum albipictum SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949).

Hyalomma detritum albipictum f. *ornatipes* SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949).

Hyalomma scupense SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949).

Hyalomma mauritanicum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord 2* (3): 1922.

Hyalomma mauritanicum annulatum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord, 2* (3): 1922.

Hyalomma mauritanicum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Algérie, 6* (1): 35, 1928.

Hyalomma aegyptium isaaci SHARIF, *Rec. Indian Mus., 30:* 309, 1928.

Hyalomma aegyptium ferozedini SHARIF, *Rec. Indian Mus., 30:* 310, 1928.

Hyalomma detritum detritum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 36 e 43, 1930.

Hyalomma detritum dardanicum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 36 e 43, 1930.

Hyalomma scupense SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 36, 37 e 44, 1930.

Hyalomma detritum damascenium SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. Gesell. Rostock, 2:* 37, 1930.

Hyalomma detritum albipictum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock. 2:* 37 e 43, 1930.

Hyalomma uralense SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 38 e 43, 1930.

Hyalomma detritum perstrigatum Schulze, *Z. Parasitenk, 3:* 1930, segundo Delpy (1949).

Hyalomma detritum rubrum Schulze, *Z. Parasitenk., 3:* 1930, segundo Delpy (1949).

Hyalomma sharifi Schulze e Gossel *in* Schulze, *Zool. Anz. 114:* 188, 1936.

Hyalomma steineri Schulze e Gossel *in* Schulze, *Zool. Anz. 114:* 188, 1936.

Hyalomma steineri codinai Schulze e Gossel *in* Schulze, *Zool. Anz., 114:* 188, 1936.

Hyalomma mauritanicum Senevet, *Ixodoidés,* p. 40, 1937.

Hyalomma mauritanicum annulatum Senevet, *Ixodoidés,* p. 41, 1937.

Hyalomma mauritanicum Neveu-Lemaire, *Entomologie,* p. 386, 1938.

Hyalomma mauritanicum Edm. Sergent, Donatien, Parrot e Lestoquard, *Piroplasmoses bovines,* p. 34, 1945.

Hyalomma detritum Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 2* (5-6): 290 e 291, 1946.

Hyalomma detritum var. *scupense* Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 2* (5-6): 290 e 291, 1946.

Hyalomma detritum Adler e B. Feldman-Muhsam, *Parasitology, 39* (1-2): 99, 1948.

Hyalomma detritum B. Feldman-Muhsam, *Parasitology, 39* (1-2): 142, 1948.

Hyalomma detritum Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (1-2): 105 e 108, 1949.

Hyalomma detritum Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (5-6): 471, 1949.

Hyalomma detritum Travassos Dias, *Ann. Inst. Med. Trop., 11* (2): 373, 1954.

Hyalomma detritum Hoogstraal, *J. Parasit. 40* (3): 308, 1954.

REGISTOS

Origem: Argélia.

Referência e material: 6 ♂♂, 10 ♀♀ e 4 ninfas da colecção do Instituto Pasteur da Argélia, sem indicação de hospedeiro, remetidas obsequiosamente pelo Dr. A. Catanei, como *Hyalomma mauritanicum.*

OBSERVAÇÕES

De uma maneira geral, os exemplares, que recebemos da Argélia, integram-se bem nas difinições do *Hyalomma detritum,* segundo Delpy (1946, 1949), e na descrição de Travassos Dias (1954) sobre exemplares da Índia Portuguesa, assim como nas caracterizações dos exemplares norte-africanos designados por *Hyalomma mauritanicum,* devidas a Senevet (1922-1937), Edm. Sergent, Donatien, Parrot e Lestoquard (1945), etc.

A parma encontra-se presente na maioria dos machos, sendo substituída noutros por um festão mediano bem quitinizado ([1]). Nalguns espécimes, entretanto, distingue-se com dificuldade, dada a cor muito escura do tegumento: noutros casos é branca e destaca-se bem.

No escudo dorsal de uma fêmea — único que montámos, em líquido de Gater — contámos 16 túneis ao longo do bordo anterior, numa fiada única. Este número enquadra-se entre os limites de 15 a 20 indicados, por Adler e B. Feldman-Muhsam (1948), para o *Hyalomma detritum* ♂ ([2]).

Nos exemplares não montados, a abertura genital da fêmea caracteriza-se, em concordância com as chaves de Delpy (1949), pelo opérculo genital chato e em oval longitudinal ([3]). Após montagens, as nossas observações não concordam em absoluto com as de Adler e B. Feldman-Mhusam (1948), ainda que a imagem reproduzida na respectiva iconografia se enquadre, até certo ponto, entre os aspectos vistos nos nossos exemplares.

Segundo os autores, a abertura genital da fêmea, após montagem (fig. 1 a) é mais profunda que no *Hyalomma excavatum* e forma um semi-círculo ([4]). Nas nossas preparações (fig. 25; microfots. 11 e 12), apresenta antes uma forma paraboidal mais ou menos aberta conforme

---

([1]) Segundo Delpy (1949), «échancrure parmatique variable».

([2]) «The number of «tunnels» in the anterior part of the scutum varies from 15 to 20 in the female and 10 to 15 in the male.»

([3]) «Tablier genital plat en ovale longitudinal.»

([4]) «The genital aperture in the female is much deeper than in *H. savignyi* and forms a semicircle.»

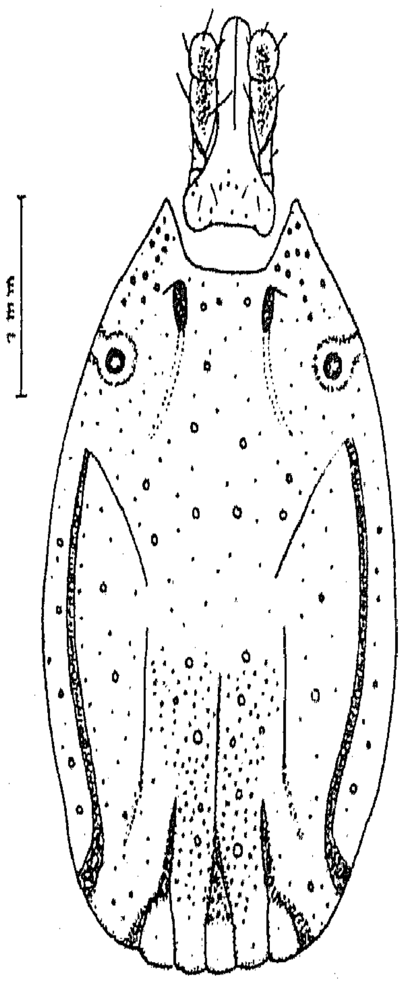


Fig. 23
Hyalomma detritum
Aspecto dorsal do macho
(Segundo Travassos Dias, 1954)

o estado de replecção e com os ramos laterais corniformes, mostrando um grau de quitinização semelhante à do tubo vaginal nos espécimes pouco quitinizados e um pouco mais escuros nas formas com um maior grau de quitinização.

Não existe da parte dos diversos ixodologistas uma uniformidade de observações quanto à coloração das patas do *Hyalomma detritum*, particularmente do macho, o que parece indicar um certo grau de variabilidade, relacionado talvez com meras variantes geográficas ou ecológicas.

Assim, nas suas chaves dicotómicas de 1946, Delpy caracterizou o *Hyalomma detritum* ♂, entre outros elementos morfológicos, pelas patas tendo dorsalmente uma ornamentação clara sobre fundo castanho-

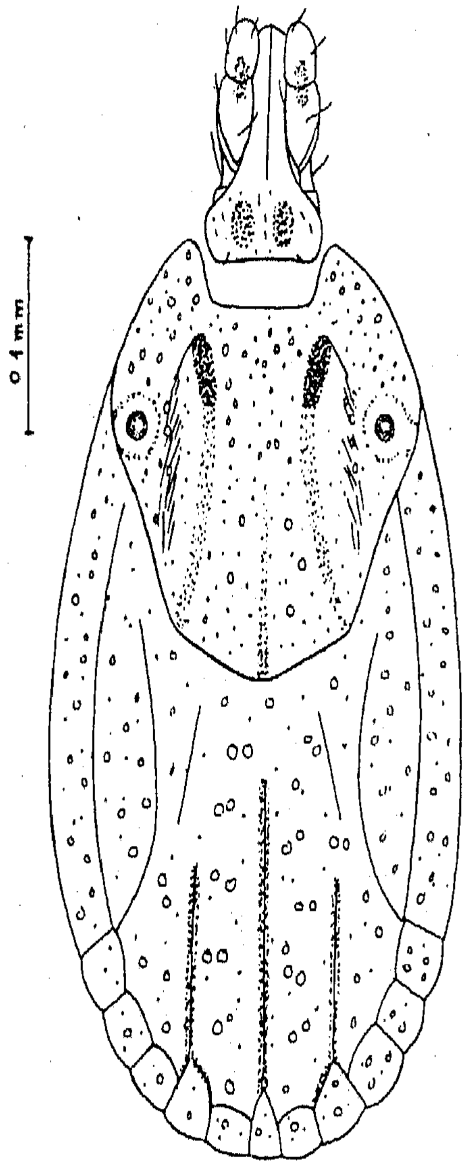


Fig. 24
Hyalomma detritum
Aspecto dorsal da fêmea
(Segundo Travassos Dias, 1954)

-escuro ou com anéis claros completos na extremidade distal dos diversos artículos ([1]).

Segundo Adler e B. Feldman-Muhsam (1948) o *Hyalomma detritum* ♂ da Palestina caracteriza-se pela presença de uma banda

(1) «Pattes portant dorsalment une ornamentation claire sur fond brun foncé, ou présence d'anneaux clairs complets à l'extrémité distale des articles.»

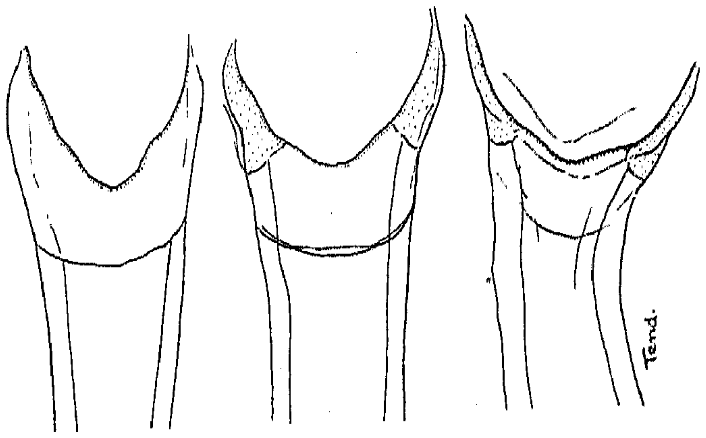


Fig. 25

Hyalomma detritum

Aspectos progressivos da abertura genital da fêmea, após montagem, segundo os respectivos graus de quitinização e ingurgitamento (Original)

amarela longitudinal nas patas, suficiente, só por si, para individualizar a espécie (1) (2).

Em 1949, Delpy descreveu as patas como tendo a coloração castanho-avermelhada ou amarelada sem anelações (3), não fazendo qualquer referência à ornamentação clara dorsal referida em 1946.

Finalmente, Travassos Dias, em 1954, fez uma descrição exaustiva da espécie na Índia Portuguesa, encontrando nas patas uma «coloração castanho-avermelhada, com anelações pálidas na extremidade distal dos segmentos».

Na África do Norte, Senevet (1922) descreveu, como *Hyalomma mauritanicum*, os exemplares com as patas não aneladas, uniformemente amarelo-acastanhado claras ou, por vezes, com uma malha branca ao longo do bordo externo e das extremidades distais (4), reservando

(1) «The colour markings on the legs were found helpful only in the case of *H. detritum* (the presence of a longitudinal yellow band on the legs in the male; in the female this band may be almost indiscernible).»

(2) «*H. detritum* Schulze, 1919. The male is characterized by yellow longitudinal band on legs.»

(3) «Pattes brun rougeâtre ou jaunâtre, non annelées.»

(4) «Pattes non annelées, uniformement jaune marron clair sauf parfois le long du bord extrême et à la genouillère où l'on voit du blanc» (Senevet, 1937).

a designação de *Hyalomma mauritanicum annulatum* para os espécimes com um princípio de anelação clara (1). Do mesmo modo, Sergent, Donatien, Parrot e Lestoquard (1945) referiram as patas do macho como sendo concolores e amarelo-alaranjadas (2) e as da fêmea também concolores e amarelo-alaranjadas (em particular no 1.º par) e apenas com as extremidades distais esbranquiçadas (3).

Nos exemplares em estudo, tanto machos como fêmeas, as patas eram concolores e coradas uniformemente de um tom cor-de-mel escuro, contrastando com a cor castanho muito escuro do corpo.

HYALOMMA (HYALOMMA) BRUMPTI Delpy

Hyalomma savignyi savignyi Schulze e Schlottke, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 35, 36, 38 e 44, 1930, *pro parte*.

Hyalomma brumpti Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 21* (5-6): 289 e 291, 1946.

Hyalomma brumpti Rousselot, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 23* (1-2): 31, 1948.

Hyalomma brumpti Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (1-2): 105 e 108, 1949.

Hyalomma brumpti Delpy, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (5-6): 470, 1949.

Hyalomma Brumpti Rousselot, *Parasitologie tropicale, 2:* 96, 1953.

Hyalomma brumpti Hoogstraal, *J. of Parasit., 40* (3): 308, 1943.

(1) «Les pattes presentent un début d'anneau clair. ...Les fausses articulations des tarses sont teintées de blanc sauf à la première paire» (Senevet, 1937)

(2) «*Pattes unicolores*, jaune-orange.»

(3) «*Pattes unicolores*, jaune-orange (surtout la 1re paire). Genouillères seules blanchâtres.»

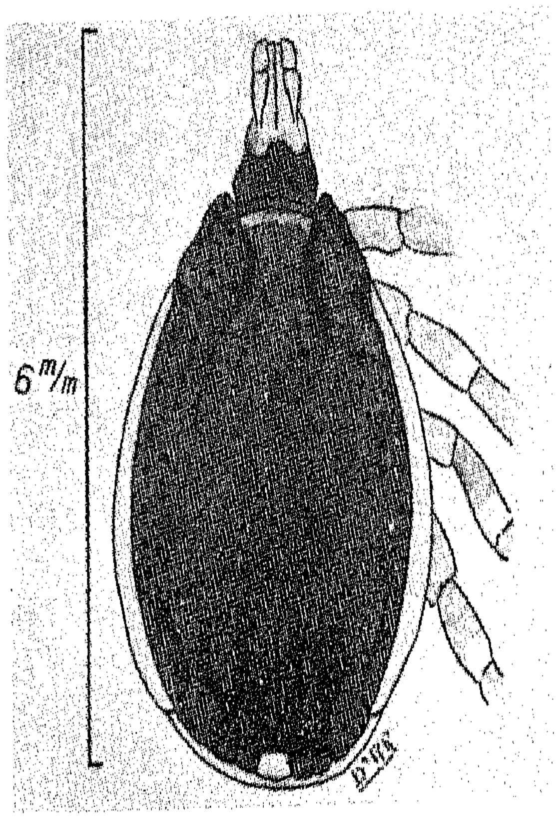


Fig. 26
Hyalomma brumpti, ♂
Aspecto dorsal
(Segundo ROUSSELOT, 1953)

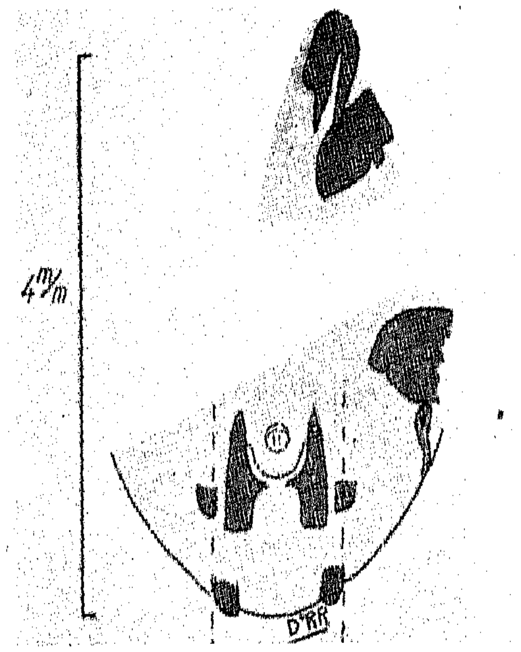


Fig. 27
Hyalomma brumpti, ♂
Aspecto ventral
(Segundo ROUSSELOT, 1953)

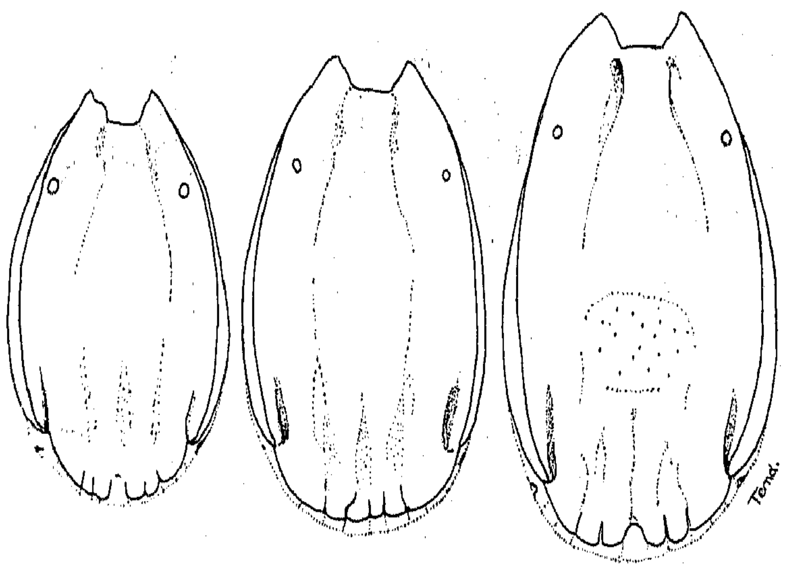


Fig. 28
Hyalomma brumpti, ♂
Contornos do escudo dorsal, os dos extremos com parma presente e o central com esta substituída por um festão mediano bem quitinizado
(Original)

REGISTOS

Hospedeiro: Ovis aries L., o carneiro.

Origem: Líbia.

Referências e material: Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, registo 37/55, de 3/12/955 (8 ♂♂ identificados em colheitas feitas pelo médico veterinário Dr. F. Vieira de Sá em ovinos de Suk-el-Giuma, Tripolitânia).

OBSERVAÇÕES

Na espécie *Hyalomma brumpti*, criada em 1946 por DELPY, os machos, de acordo com as figs. 26 a 29, caracterizam-se essencialmente: 1.º) pelos escudos subadanais inseridos numa base hemisférica não quitinosa e colocados — como no *Hyalomma dromedarii* e em oposição a todos os restantes hialomas — para fora da linha dos escudos adanais, entre estes e os escudos acessórios nos exemplares em jejum, directamente atrás dos escudos acessórios após ingurgitamento; 2.º) pela parma, presente na maioria dos casos e substituída noutros espécimes por um festão mediano bem quitinizado; 3.º) pelos sulcos laterais relativamente curtos,

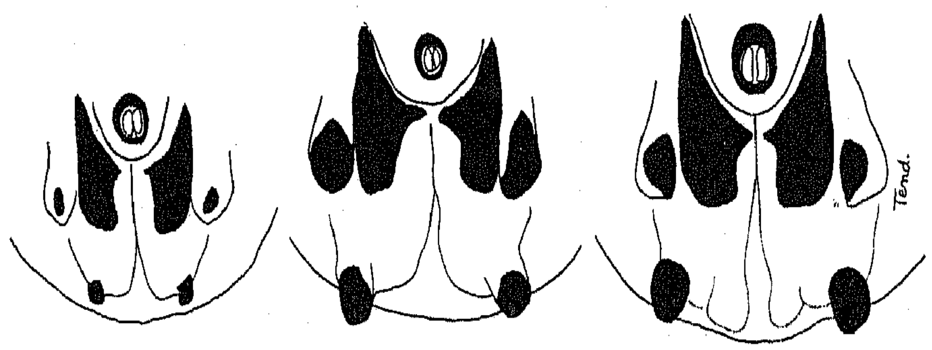


Fig. 29
Hyalomma brumpti, ♂
Diversos aspectos da armadura anal (mesma ordem que na figura anterior)
(Original)

não ultrapassando à frente a parte média do corpo; 4.º) pelas numerosas pontuações espalhadas por todo o escudo dorsal, mais densas no campo mediano posterior — deprimido e enquadrado pelas protuberâncias correspondentes aos 1.º, 2.º e 3.º festões —, embora não obliterando por completo os sulcos mediano e paramedianos.

De uma maneira geral, pode dizer-se que o *Hyalomma brumpti* se aproxima do *Hyalomma dromedarii*, pela morfologia da armadura anal, e do *Hyalomma excavatum*, pelos caracteres do escudo dorsal e pela presença ou ausência de parma.

Trata-se, ao que parece, de uma espécie nova para a Tripolitânia.

«*HYALOMMA LUSITANICUM ALGERICUM*» SENEVET

Hyalomma lusitanicum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord*, *2* (3): 403 e 416, *nec* C. L. KOCH 1844.

Hyalomma lusitanicum algericum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Algérie*, *6*: 39, 1928.

Hyalomma lusitanicum algericum SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzberg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock*, *2*: 38 e 43, 1930.

Hyalomma lusitanicum algericum COLAS-BELCOUR, *Arch. Inst. Pasteur Tunis*, *20* (1): 69, 1931.

Hyalomma lusitanicum algericum SENEVET, *Ixodoidés*, p. 42, 1937.

Hyalomma lusitanicum ED. SERGENT, DONATIEN, PARROT e LESTOQUARD, *Piroplasmoses bovines*, p. 34, 1945, *nec* C. L. KOCH 1844.

OBSERVAÇÕES

SENEVET, em 1922, descreveu, como *Hyalomma lusitanicum*, uma forma caracterizada, no macho, pelo escudo dorsal castanho-avermelhado e recortado, no bordo posterior, por uma parma amarelada; nas fêmeas, pela existência de um induto esbranquiçado no escudo; e ainda, em ambos os sexos, pelas patas com aspecto lardáceo.

Em 1928, concordando com as observações de SCHULZE, para quem o tipo de KOCH correspondia antes ao macho que SENEVET apresentara como *Hyalomma lusitanicum berberum*, o autor propôs para o seu *Hyalomma lusitanicum* a nova denominação de *Hyalomma lusitanicum algericum*. Entretanto, contrariando a opinião de SCHULZE, segundo a qual a fêmea do *Hyalomma lusitanicum algericum* representaria antes, devido à presença de um induto esbranquiçado no escudo dorsal, a forma típica do *Hyalomma lusitanicum*, SENEVET continuava ainda em 1937 a caracterizar a fêmea daquela espécie pelo referido induto, ausente nas fêmeas associadas, nas mesmas localidades e nos mesmos hospedeiros, com o *Hyalomma lusitanicum* (*sensu* SENEVET 1928 e 1937, *nec* 1922).

O *Hyalomma lusitanicum algericum* corresponde, de todos os pontos de vista, ao *Hyalomma excavatum*, tal como este foi descrito, em 1844, por C. L. KOCH. Conforme vimos, nas populações desta espécie aparecem ao mesmo tempo, a exemplo do que se observa no *Hyalomma brumpti* DELPY 1949, machos com uma parma nítida representando o *Hyalomma lusitanicum algericum*, em conjunto com outros com o enclave parmático substituido por um festão médio bem quitinizado — isto é, com a mesma consistência do resto do estudo, inclusivè os 4 restantes festões —, como no «*Hyalomma lusitanicum*» de SENEVET.

«*HYALOMMMA LUSITANICUM*» SENEVET *nec* C. L. KOCH

Hyalomma lusitanicum berberum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord, 2* (3): 403 e 416, 1922.

Hyalomma lusitanicum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Algérie, 6* (1): 35-41, 1928.

Hyalomma lusitanicum COLAS-BELCOUR, *Arch. Inst. Pasteur Tunis, 20* (1): 66-72, 1931.

Hyalomma lusitanicum SENEVET, *Ixodoidés,* p. 41, 1937.

OBSERVAÇÕES

O *Hyalomma lusitanicum* de SENEVET, referido primeiro pelo autor como *Hyalomma lusitanicum berberum,* integra-se por assim dizer completamente na descrição original do *Hyalomma lusitanicum* C. L. KOCH 1844. Este facto levou o autor a escrever:

«L'espèce-type provient du Portugal. C'est très vraisemblablement celle que SCHULZE a retrouvée en Espagne et qu'il apelle *depressum.*

On la connaît d'Algérie (SENEVET), de Tunisie (COLAS-BELCOUR) et de Tripolitaine (RONDELLI).»

O estudo comparativo de numerosos exemplares da Península Ibérica com as formas norte e este-africanas permitiu-nos concluir definitivamente que nos encontrámos perante duas espécies diferentes e bem definidas, respectivamente o *Hyalomma lusitanicum* C. L. KOCH 1844, em Portugal e na Espanha, e o *Hyalomma excavatum* C. L. KOCH 1844 no Norte de África (como *Hyalomma lusitanicum* e *Hyalomma lusitanicum algericum,* de SENEVET) e na Eritreia e Somália (como *Hyalomma erythraeum* e *Hyalomma somalicum,* de M. TONELLI-RONDELLI).

«*HYALOMMA ERYTHRAEUM*» MÀRIA TONELLI-RONDELLI

Hyalomma erythraeum MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 71:* 123, 1932.

Hyalomma erythraeum MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 74* (3): 250, 1935.

REGISTOS

Origem: Somália.

Material e referência: um tubo do Instituto de Zoologia da Universidade de Roma, contendo 2 ♂♂, rotulados «*Hyalomma erythraeum* — Dante, IX. 1932. Somália Italiana» e «Tonelli».

OBSERVAÇÕES

Como no *Hyalomma lusitanicum algericum* de SENEVET, o exame dos tipos do *Hyalomma erythraeum* mostrou que nos encontrávamos em presença de machos de *Hyalomma excavatum* com enclave parmático, conformes com o tipo de C. L. KOCH, segundo os dados deste autor e de Mrs. FELDMAN-MUHSAM. Esta observação vem confirmar o ponto de vista de DELPY sobre a sua inclusão no *Hyalomma excavatum,* suscitado a partir da descrição e da iconografia de M. TONELLI-RONDELLI.

«*HYALOMMA ANATOLICUM ZAVATTARI*» MÀRIA TONELLI-RONDELLI

Hyalomma anatolicum zavattari MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 74* (3): 240, 1935.

REGISTOS

Material e referências: um tubo do Instituto de Zoologia da Universidade de Roma, com 1 ♂ e 2 ♀♀, rotulado «*Hyalomma anatolicum zavattari* n. sp. — Tonelli (Stella)» e «Tarerbo sp. Zavattari 1934».

OBSERVAÇÕES

Segundo Delpy (1949), os caracteres registados por M. Tonelli-Rondelli para o *Hyalomma anatolicum zavattari* permitem pensar que se trata de um *Hyalomma dromedarii* com a variação que denominou *lusitanicum*, definida pela presença de um induto branco ([1]).

O tubo com os tipos de M. Tonelli-Rondelli contém 1 ♂ e 2 ♀♀, uma em começo de replecção e a outra muito ingurgitada.

O macho e a fêmea mais ingurgitada são, de facto, exemplares típicos de *Hyalomma dromedarii*, com a porção anterior do campo médio mais clara, logo atrás do bordo anterior — como se nota com frequência, aliás, nos exemplares de várias espécies de *Hyalomma*, em particular quando conservados em álcool; nos espécimes desta espécie conservados a seco, Delpy, em 1936 observou já que certas regiões, incluindo «a parte anterior do campo cervical», vão do amarelo-acastanhado ao branco puro, «virent du jaune brun au blanc pur».

A fêmea menos replecta integra-se antes no *Hyalomma marginatum*, em particular pelo escudo dorsal mais comprido do que largo, castanho muito escuro nos campos laterais e castanho-avermelhado no campo mediano, mais densamente pontuado à frente que atrás, pelas patas bem aneladas e pelo opérculo muito protuberante, alongado no sentido transversal e calvagando para trás a fenda genital.

([1]) «La description et les figures, le fait que ce spécimen unique a été trouvée avec six mâles de *H. dromedarii*, dont il ne se distingue que par une patine blanche, permettent de penser qu'il s'agit d'un *H. dromedarii* présentant la variation *lusitanicum*. En 1937, Balozet m'a communiqué un spécimen d'Afrique du Nord qui présentait à l'extrême cette variation, étant uniformement revêtu d'une patine blanche, et qui était un *H. dromedarii* anthentique.»

O *Hyalomma anatolicum zavattari* entra assim definitivamente, pelo macho e por uma das fêmeas e como supozera Delpy, na sinonímia do *Hyalomma dromedarii;* e, pela outra fêmea, na sinonímia do *Hyalomma marginatum*.

«*HYALOMMA FEZZANENSIS*» Mària Tonelli-Rondelli

Hyalomma fezzanensis Mària Tonelli-Rondelli, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat.*, *74* (3): 242, 1935.

REGISTOS

Origem: Ubari, Fezzan.

Material e referências: um tubo do Instituto de Zoologia da Universidade de Roma, com 1 ♀ em álcool a 70°, rotulado «*Hyalomma fezzanensis* n. sp. — Tonelli-Rondelli» e «Ubari — sp. Zavattari, 1934».

OBSERVAÇÕES

Entre os tipos da colecção do Prof. Zavattari transferidos do Instituto de Anatomia Comparada da Universidade de Pavia para o Instituto de Zoologia da Universidade de Roma, o *Hyalomma fezzanensis* encontra-se representado apenas por 1 ♀.

Ainda que pareça assim ter-se perdido o tipo do macho, os elementos contidos na descrição e na iconografia originais, em particular os caracteres do campo dorsal posterior, a distribuição das pontuações e a posição dos escudos subadanais na mesma linha dos escudos adanais, levam-nos, com Delpy (1949), a manter o *Hyalomma fezzanensis* ♂ na sinonímia do *Hyalomma excavatum* C. L. Koch 1844.

Por seu turno, o único tipo da espécie de M. Tonelli-Rondelli que parece ter sido conservado, representado pela fêmea em estudo, pertence, sem qualquer possibilidade de dúvida, ao *Hyalomma dromedarii* C. L. Koch 1844, em cuja sinonímia aquela também tem de ser

parcialmente incluída. Justificam particularmente esta asserção o escudo dorsal tão largo como comprido e, em especial, como elemento susceptível de definir só por si a fêmea do *Hyalomma dromedarii*, a abertura genital característica, em forma de V e sem opérculo saliente.

«*HYALOMMA SOMALICUM*» MÀRIA TONELLI-RONDELLI

Hyalomma somalicum MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 74* (3): 250, 1935.

REGISTOS

Origem: Somália.

Material e referências: um tubo do Instituto de Zoologia da Universidade de Roma, com 2 ♂♂, rotulados «*Hyalomma somalicum* (1932) n. sp. Tonelli-Rondelli — Tedeschi, Somália Italiana».

OBSERVAÇÕES

Os tipos de *Hyalomma somalicum* compreendem 2 ♂♂ de *Hyalomma excavatum* sem enclave parmático, idênticos portanto à variação descrita por SENEVET, em 1922 e 1928, respectivamente como *Hyalomma lusitanicum berberum* e como *Hyalomma lusitanicum*.

SUBGÉNERO *HYALOMMASTA* SCHULZE

Hyalommasta SCHULZE, *Z. Parasitenk., 3:* 28, 1930.

HYALOMMA (HYALOMMASTA) AEGYPTIUM (LINEU)

Acarus testudinis HASSELQUIST, *Reise nach Palestina in den Jahren 1749-1752, 2* (124): 472, 1762, segundo DELPY (1949).

Acarus aegyptius LINEU, *Systema Naturae,* 12.ª ed., *1:* 2925, 1758.

Cynorhaestes aegyptius HERMANN, *Mémoire aptérologique*, p. 66, 1804.

Ixodes aegyptius LATREILLE, *Hist. Nat. Gen., 8:* 52, 1804.

Hyalomma Syriacum C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg., 10:* 222, 1844.

Ixodes (acarus) aegyptius LUCAS, *Ann. Soc. Entom. France,* (2) *4:* 54, 1846.

Hyalomma Syriacum C. L. KOCH, *Uebersicht des Arachnidensystems, 4:* 14 e 44, 1847.

Hyalomma testudinis LEYDIG, *Arch. Anat. phys. wiss. Med.*, p. 382, 1855.

Hyalomma cornuger KOLENATI, *Bull. Soc. Imp. Sc. Nat. Moscou, 2:* 431, 1857.

Hyalomma cornuger MURRAY, *Economic entomology,* p. 196 e 204, 1879.

Hyalomma algeriensis MÉGNIN, *Parasites et maladies parasitaires,* p. 121, 1880, *pro parte.*

Hyalomma affine NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 291, 1844.

Hyalomma syriacum NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 14:* 315, 1901.

Hyalomma syriacum WHELER, *J. Agric. Sc., 1:* 419, 1906.

Hyalomma (Hyalomma) syriacum SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949).

Hyalomma (Hyalomma) syriacum f. *punctata* SCHULZE, *Sitzberg. der Gesell. naturf. Freunde zu Berlin, 5:* 1919, segundo DELPY (1949).

Hyalomma syriacum SENEVET, *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord, 2* (3): 1922.

Hyalomma aegyptium NOC, *Rapp. fonctionn. Inst. Biol. A. O. F.*, 1922, segundo DELPY (1949).

Hyalomma (Hyalommasta) aegyptium SCHULZE, *Z. Parasitenk., 3:* 28, 1930.

Hyalomma aegyptium MÀRIA TONELLI-RONDELLI, *Atti Soc. Ital. Sc. Nat., 69:* 123, 1930.

Hyalomma aegyptium SCHULZE e SCHLOTTKE, *Sitzerg. u. Abhandl. naturf. Gesell. Rostock, 2:* 34 e 40, 1930.

Hyalomma aegyptium DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 14* (3): 206, 1936.

Hyalomma syriacum SENEVET, *Ixodoidés*, p. 41, 1937.

Hyalomma aegyptium NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie*, p. 382, 1938.

Hyalomma aegyptium DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 21* (5-6): 288 e 290, 1946.

Hyalomma aegyptium DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (1-2): 103 e 107, 1949.

Hyalomma aegyptium DELPY, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 24* (5-6): 468,1949.

Hyalomma aegyptium RAGEAU, *Ann. Parasit. Hum. et Comp., 28* (5-6): 404 e 405, 1953.

REGISTOS

Hospedeiros: Testudo graeca L. e *Testudo mauritanica* DUMÉRIL et BIBRON, tartarugas.

Origem: Argélia; região indeterminada da África do Norte.

Referências e material: Museu Cívico de História Natural de Génova, ref. «Suppl. Tunísia, sp. 185 (184. C)», como *Hyalomma marginatum* C. L. KOCH (Tunísia — 3 ♂♂ recolhidos numa *Testudo graeca); ♂♂* e ♀♀ obtidos pelo Dr. Travassos Dias nos mercados de Paris, em tartarugas, *Testudo mauritanica*, procedentes da África do Norte.

OBSERVAÇÕES

O «*Acarus aegyptius*» foi descrito por LINEU, em 1758 e em 1764, sem menção de hospedeiro.

Em 1804, HERMANN elucidou que se tratava de uma carraça da tartaruga terrestre, ao mesmo tempo que fazia a seguinte descrição, que, com a devida vénia, transcrevemos de DELPY (1936):

«L'EGYPTIEN (*Aegyptius*)... *Cynorhaestes. Fusco nigricans, abdominis postice crenati lateribus punctis impressis; margine pedumque geniculis albis; antennis apice crassioribus*... Il vit sur la tortue grecque. J'ai trouvé douze individus de cette espèce, attachés à la peau du cou et des aines d'un individu mort de la tortue grecque... J'en ai aussi trouvé un attaché par la bouche à un autre, phénomène que j'ai aussi observé chez le *Cynorhaeste ricin*. Comme il m'était resté quelque doute sur son espèce, je l'ai communiqué au citoyen Bosq, qui m'assuré que c'était l'*Acarus aegyptius* de Linné, et qu'il l'avait pareillement trouvé sur la tortue grecque. J'ai cru devoir le déterminer par une phrase plus étendue, et je pense que la figure que j'en donne est la première et la seule qui en ait paru jusqu'ici.»

C. L. KOCH, em 1844 e em 1847, limitou-se a indicar o «*Acarus aegyptius*» de LINEU, sem qualquer outra consideração sobre o assunto, ao mesmo tempo que descreveu, com a designação de *Hyalomma Syriacum*, uma espécie nova da Síria, também sem menção de hospedeiro.

No mesmo ano, GERVAIS fez uma breve descrição da espécie, indicando-a formalmente como parasita da tartaruga terrestre.

LUCAS, em 1846, escreveu, na introdução de um trabalho sobre alguns ixodídeos das serpentes e do ornitorrinco: «parmi les naturalistes qui ont fait connaître des espèces du genre *Ixodes*, vivant parasites sur les Chéloniens, les Sauriens et les Ophidiens, nous devons d'abord citer Linné, qui dans son *Syst. nat.*, édit. 1h, *Sp. 3*, a décrit sous le nom d'*Ixodes* (*acarus*) *aegyptius*, une espèce très répandue en Egypte et que nous avons retrouvée assez communément dans les possessions françaises du nord de l'Afrique, sur les tortues terrestres (*testudo mauritanica*, Dum. et Bibr.).»

NEUMANN, em 1899, criou a espécie *Hyalomma affine*, parasita de duas tartarugas, *Testudo mauritanica* e *Testudo graeca*, e definida, entre outros caracteres, pelos escudos adanais do macho largos e curtos, com o bordo interno mais curto que o bordo posterior [1]; e, como caracter apenas referido para a fêmea, pelas coxas mais pequenas que no seu *Hyalomma aegyptium*, sendo as do 1.º par de patas divididas menos profundamente, de modo a formarem duas pontas rombas [2].

---

(1) «Écussons adanaux larges, courts, dépassant peu en avant le cadre anal, leur bord interne plus court que leur bord postérieur.»

(2) «Hanches plus petites (que chez *H. aegyptium*), celes de la première paire bien moins profondément divisées, en deux épines mousses, dont l'externe plus courte que l'interne, qui est bilobée.»

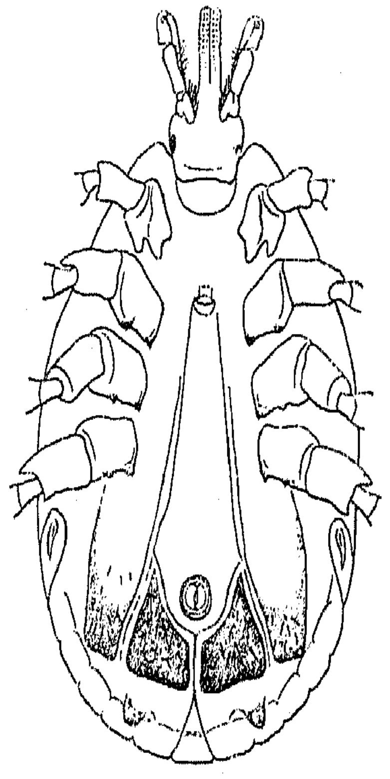


Fig. 30
Hyalomma aegyptium, ♂
Face ventral
(Segundo NEUMANN, 1899,
como *Hyalomma affine*)

Em 1901, o autor fez cair esta espécie na sinonímia do *Hyalomma syriacum*: «L'examen des types de KOCH m'a fait retrouver, dans son *Hyalomma syriacum* ce que j'ai appelé *H. affine*: ce nom tombe donc en synonymie.»

SCHULZE, em 1930, teve a possibilidade de observar o próprio tipo do «*Acarus aegyptius*» de LINEU, concluindo pela sua identidade com o parasita das tartarugas que vinha sendo descrito como *Hyalomma syriacum* KOCH 1844. Ao mesmo tempo, o autor dissociou o género *Hyalomma*, criando para a espécie de LINEU o subgénero *Hyalommasta*, definido pelos seguintes caracteres: Ramo externo da coxa I nitidamente mais curto que o interno. Escudo dorsal sem outros sulcos além dos cervicais, que são muito curtos, e com o bordo posterior dividido por linhas paralelas, que não limitam verdadeiros festões. Escudos acessórios rudimentares, de base alargada característica. Tipo: *aegyptium* (LINEU 1758); sin.: *syriacum* (KOCH 1844).

Nas suas notas sobre os ixodídeos do género *Hyalomma*, DELPY (1936), depois de historiar a posição do *Hyalomma aegyptium*, concluiu, do mesmo modo, que «le nom spécifique *Hyalomma aegyptium*, (Linné) doit s'appliquer au *Hyalomma* de la Tortue terrestre, et le nom *Hyalomma syriacum* KOCH doit disparaître».

As discrepâncias à volta do «*Acarus aegyptius*» de LINEU foram suscitadas pelo facto de NEUMANN, em 1899, se bem sem caracter definitivo [1], ter reunido numerosas formas, incluindo treze espécies criadas em 1844 por C. L. KOCH, na espécie única *Hyalomma aegyptium*, que definia pelos seguintes caracteres: Olhos salientes. Escudo dorsal com pontuações numerosas e desiguais. Coxas I profundamente divididas. Escudos adanais com o bordo interno mais comprido que o bordo posterior. Em vez de uma carraça das tartarugas, como se viu ser de facto a espécie de LINEU, o *Hyalomma aegyptium* (*sensu* NEUMANN 1899) aparecia como parasita dos animais mais variados, se bem com predilecção pelo boi, dromedário e camelo. «*H. aegyptium* s'attaque aux animaux les plus variés. Le Boeuf, le Dromadaire, le Chameau sont ses hôtes de prédilection. Il est fréquent en Algérie sur le Cheval, le Mulet et l'Ane. On l'a trouvé sur le Sanglier, le Mouton, le Cerf, le Chien, le Chat. Il se fixe souvent aussi sur l'Homme. Frauenfeld dit l'avoir trouvé *(H. hispanum)* sur le cou d'un *Lanius ruficeps* à Messine... En raison des dimensions considérables que la femelle peut atteindre et aussi de sa pullulation, cette espèce est une des plus préjudiciables au bétail des pays chauds.»

Esta confusão entre os hialomas das tartarugas e dos animais de de sangue quente, como vimos, encontrava-se já plenamente resolvida antes da saída da tese de SILVA LEITÃO, em que são confundidas as duas espécies, sendo inclusivè discutida com bastante critério no trabalho de DELPY onde se apoiam principalmente as suas descrições.

Em conclusão, o *Hyalomma aegyptium* é uma carraça das tartarugas terrestres, não assinalado em Portugal nem nos territórios portugueses ultramarinos e diferindo das restantes espécies do mesmo género — in-

(1) «La synonymie très riche que je donne ici — escreveu o autor — n'est que probable, en raison de l'insuffisance des descriptions des auteurs et des confusions qu'ils ont certainement faites, même avec des espèces de genres différentes.»

cluindo o *Hyalomma dromedarii*, por sua vez também não existente entre nós —, entre outros elementos, pela disposição peculiar das coxas do I par de patas.

A propósito, em carta de 26 de Setembro de 1955, escrevia-nos o distinto ixodologista veterinário moçambicano Dr. Travassos Dias, estagiando de momento no Instituto Pasteur de Paris: «Observei o *H. aegyptium* pela primeira vez. Merece bem ser considerado como subgénero àparte. As placas anais e os festões como no subgénero *Delpyiella*. O conscutum, lembrando o *R. simus*, com sulcos bem definidos e sem depressão caudal. Os esporões da anca I notòriamente diferentes dos dos outros *Hyalomma* s. str.»

A observação dos exemplares à nossa disposição levou-nos, de igual modo, a manter como bom o subgénero *Hyalommasta* — tão diferente se mostra o *Hyalomma aegyptium* de todas as outras espécies do mesmo género, não só pelo aspecto diverso dos esporões da coxa I, em ambos os sexos, como pelas características peculiares do escudo dorsal do macho!

GÉNERO *APONOMMA* NEUMANN

Aponomma NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 180, 1899.

APONOMMA EXORNATUM (C. L. KOCH)

Amblyomma exornatum C. L. KOCH, *Arch. f. Naturg., 10* (1): 241, 1844.

Amblyomma exornatum C. L. KOCH, *Ueb. Arachnidensystems, 4:* 97, 1847.

Ixodes varani LEWIS, *J. Quekett Microsc. Club,* (2) *5:* 10, 1892.

Aponomma exornatum NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 196, 1899, *pro parte.*

Aponomma exornatum NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 15:* 291, 1901.

Aponomma exornatum HOWARD, *Ann. Transvaal Mus. 1* (2): 148, 1908, *pro parte.*

Aponomma exornatum BEDFORD, *Rep. Direct. Vet. Serv. and Anim. Ind., Un. of S. Africa, 8* (1): 307, 1932, *pro parte.*

Aponomma exornatum NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie,* p. 398, 1938, *pro parte.*

Aponomma exornatum G. THEILER, *Onderstepoort J. Vet. Sc. and Anim. Ind., 20* (2): 165, 1945, *pro parte.*

Aponomma exornatum TRAVASSOS DIAS, *An. Serv. Vet. e Ind. Anim. Moçambique, 1:* 97, 1947, *pro parte.*

Aponomma exornatum WILSON, *Bull. Entom. Res., 41* (2): 416, 1950.

Aponomma exornatum TRAVASSOS DIAS, *An. Serv. Vet. e Ind. Anim. Moçambique,* p. 220, 1951.

Aponomma exornatum TRAVASSOS DIAS, *An. Serv. Vet. e Ind. Anim. Moçambique,* p. 230, 1951.

Aponomma exornatum TENDEIRO, *An. Junta Invest. Colon., 6* (4): 144, 1951.

Aponomma exornatum G. THEILER, *Farming in S. Africa,* p. 1, 1952 (separata n.º 49).

Aponomma exornatum G. THEILER, *Onderstepoort J. Vet. Res., 26* (3): 450, 1954, *pro parte* («The whole of Africa»).

Aponomma exornatum TRAVASSOS DIAS, Doc. *Moçambique, 81:* 130, 1955.

Aponomma (*Aponomma*) *exornatum* TRAVASSOS DIAS, *An. Inst. Med. Trop., 12* (1-2): 82, 1955.

REGISTOS

Hospedeiro: Varanus niloticus niloticus (L.).

Localização: Pele.

Origem: Moçambique.

Referências e material: Missão Zoológica de Moçambique, ref.ª 1.247 (Mauel — dois tubos contendo 20 ♂♂, 39 ♀♀ e 53 ninfas em álcool, já estudados por nós em 1951); Angola, 4 ♂♂ e 4 ♀♀ com o registo A-24/55, recolhidos pelo Dr. Vasco Sousa Dias num bovino de Kakala, Pereira d'Eça.

MORFOLOGIA

Espécie ornamentada, tendo, no macho, a ornamentação escura muito desenvolvida e o fundo reduzido a nove malhas esverdeadas, de brilho metálico; e, na fêmea, uma malha clara mediana e duas malhas simétricas localizadas nos ângulos escapulares. Coxa I munida de dois esporões, tanto no macho como na fêmea.

MACHO

Corpo oval largo, nitidamente mais comprido do que largo e estreitando-se um pouco para a frente (1), tendo nos nossos exemplares 3,09 a 3,17 mm de comprimento por 2,87 a 3,02 mm de largura, excluindo o capítulo. GERTRUD THEILER (1945) referiu de 2,5×2,5 mm a 3×3 mm, medidas da emarginação à extremidade posterior; TRAVASSOS DIAS (1947), 3 a 5 mm de comprimento, incluindo o rostro, por 2,5 a 3,3 mm de largura.

Escudo dorsal com zonas de pigmentação castanho-escura, muito desenvolvidas, sobre um fundo claro-esverdeado, de brilho metálico (2) Manchas ocular e cervical unidas, circunscrevendo, de cada lado, um

(1) A designação de oval largo, correspondente à usada por G. THEILER («In outline a very broad oval, narrowing slightly anteriorly, about as broad as long), condiz melhor com a forma do corpo do *Aponomma exornatum* do que a de «curto, quase tão comprido como largo, com uma forma tendendo para a arredondada», de TRAVASSOS DIAS, ou de «arredondado, um pouco mais comprido do que largo», de TENDEIRO.

(2) Como escrevemos em 1951, «a ornamentação, tanto do *Aponomma exornatum* como da espécie nova aproximada que criámos com o nome de *Aponomma halli* (=*Aponomma flavomaculatum*), deve ser antes encarada como um conjunto de manchas e listras escuras num fundo claro, obedecendo ao mesmo arranjo dos *Amblyomma* de tipo semelhante, como o *Amblyomma variegatum* (FABRICIUS 1794), o *Amblyomma splendidum* GIEBEL 1877 e, particularmente, o *Amblyomma eburneum* GERSTAEKER 1873. Quer dizer, não se trata de uma ornamentação clara sobre um fundo escuro, mas antes de uma ornamentação escura, do mesmo tipo da encontrada em certas espécies de *Amblyomma*, sobre um fundo claro.

Esta nossa maneira de ver encontra ainda uma maior justificação nos exemplares com ornamentação escura reduzida, como o figurado por G. THEILER ao tratar das variações da ornamentação.»

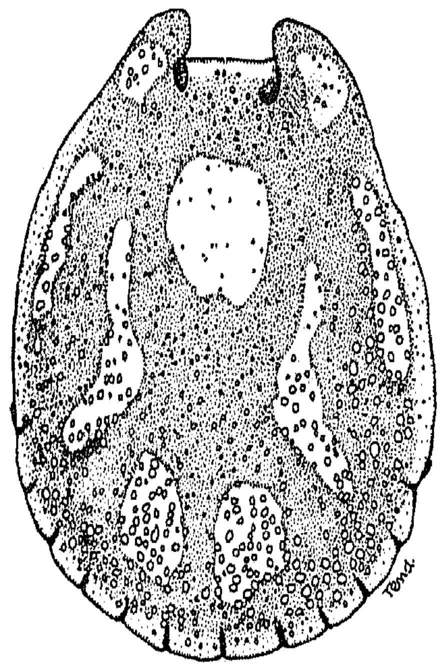


Fig. 31
Aponomma exornatum
Escudo dorsal do macho
(Original)

pequeno espaço claro (malha escapular) e fundindo-se largamente com o conjunto escuro correspondente às manchas frontal e cervical e à listra cervical; listra falciforme bastante larga, unindo-se à frente com o conjunto citado e reunindo-se largamente atrás com as listras ântero-acessórias, por sua vez confundidas entre si na linha média; 1.ª, 2.ª e 3.ª manchas laterais unidas, formando uma banda lateral sinuosa; listras póstero-mediana e póstero-acessórias unindo-se, à frente, com o conjunto das listras ântero-acessórias. O desenvolvimento da ornamentação escura reduz o fundo claro a nove malhas circunscritas, das quais uma mediana e as restantes simétricas, ou sejam respectivamente: uma malha mediana, ocupando uma posição bastante dianteira em relação ao conjunto do escudo e tendo o bordo posterior para a frente do limite entre a metade anterior e a metade posterior deste; duas malhas laterais, lineares e alongadas, um pouco para trás das anteriores; duas malhas internas, compridas, incurvadas e irregulares, colocadas para dentro das malhas laterais; e duas manchas posteriores, trapezoidais, situadas próximo dos festões, divididas uma da outra pela parte do conjunto escuro correspondente à mancha póstero-mediana e separadas da malha mediana por um espaço

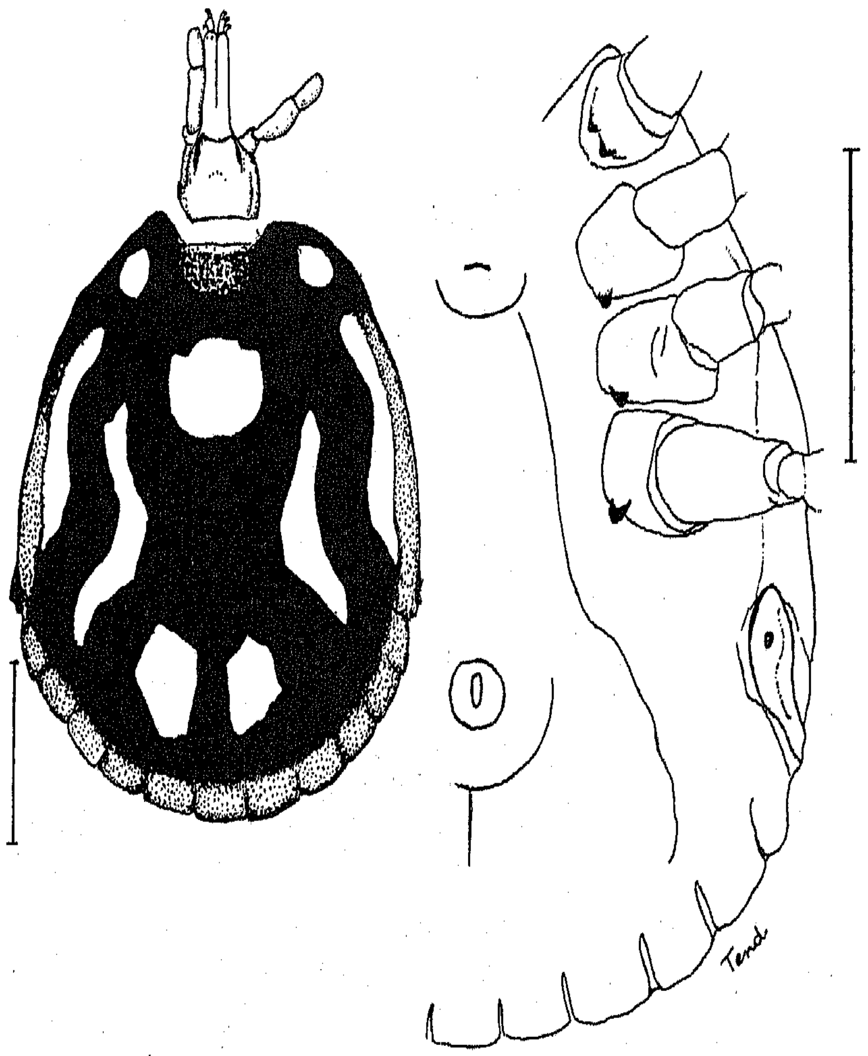


Fig. 32
Aponomma exornatum (KOCH 1844), ♂
Capítulo, escudo dorsal, superfície ventral (coxas I a IV, orifício genital, ânus, espiráculo)
(Segundo TENDEIRO, 1951)

igual ou, quase sempre, superior à distância entre as malhas internas. Sulcos cervicais curtos, em forma de vírgula invertida, com o bordo convexo voltado para fora. Sulcos laterais ausentes. Festões marginais curtos e largos. Numerosas pontuações pequenas e médias, as segundas dispostas particularmente nos campos laterais e posterior e sobre as escápulas.

Superfície ventral amarelo-esverdeada. Orifício genital ao nível da projecção das coxas II. Espiráculos grandes, virgulares.

Capítulo comprido e estreito, medindo 1,80 a1,17 mm de comprimento por 0,60 a 0,62 mm de largura. Hipostoma coroado, com dentição 3×3, tendo 8 a 9 dentes por cada fiada.

Patas fortes. Coxa I com dois esporões, o externo mais largo; coxas II, III e IV com o esporão bem destacado no bordo posterior, junto dos ângulos póstero-internos. Tarso I munido de uma corcova pouco pronunciada e um esporão ventral na extremidade; tarsos II a IV com uma corcova mais destacada e dois esporões ventrais, sendo o distal maior.

FÊMEA

Corpo castanho-amarelado-claro, nos indivíduos pouco ingurgitados ou em jejum, ou castanho-avermelhado-escuro, quando o grau de replecção é extremo, tendo 3,62 a 9,25 mm de comprimento por 2,91 a 5,09 mm (1) nos exemplares estudados.

Escudo dorsal cordiforme, com numerosas pontuações grandes e médias dispersas, medindo 0,43 a 0,74 mm de comprimento por 0,89 a 1,20 mm de largura. Ornamentação clara esverdeada, de brilho metálico, em fundo castanho-escuro, representada por uma grande malha no campo médio posterior e duas malhas simétricas junto dos ângulos escapulares. Sulcos cervicais profundos e de convexidade externa na parte anterior, tornando-se superficiais e um pouco divergentes na parte posterior, até encontrarem os bordos póstero-laterais do escudo.

Capítulo comprido, com as áreas porosas ovais largas, medindo 0,36 a 0,74 mm por 0,23 a 0,26 mm.

Superfície ventral com o orifício genital oposto às coxas II. Após montagem em líquido de Gater, o orifício genital tomou os aspectos reproduzidos na fig. 35, caracterizando-se pelos bordos anterior e posterior rectilínios e paralelos, com ângulos bem difinidos nos pontos de encontro com os bordos laterais e tomando assim um feitio semelhante ao de uma chave-de-porcas.

Patas como no macho.

(1) As medidas máximas do comprimento e da largura referem-se a um exemplar bastante ingurgitado.

OBSERVAÇÕES

Na sequência dos estudos de GERTRUD THEILER (1945) sobre os aponomas do continente africano, a maioria dos ixodologistas vem considerando as formas ornamentadas da região etiópica como pertencendo a uma única espécie, identificada com o *Aponomma exornatum*.

Em 1950 desmembrámos desta espécie o *Aponomma halli* — incluído agora na sinonímia do *Aponomma flavomaculatum* (LUCAS 1846) —, caracterizando-o, entre vários elementos morfológicos relacionados com a forma e a ornamentação do escudo dorsal dos machos e com a forma das patas, pelas coxas do 1.º par com um único esporão.

No presente trabalho estabelecemos a diagnose diferencial entre aquelas duas espécies e o *Aponomma arcanum* KARSCH 1879, considerado por G. THEILER semelhante ao *Aponomma exornatum* e agora revalidado como espécie boa e perfeitamente individualizável, com uma área de dispersão abrangendo pelo menos o Congo Belga e o Norte de Angola.

Por outro lado, enquanto os aponomas ornamentados da região do Dundo, no Norte de Angola, pertenciam constantemente a esta última espécie, tivemos ocasião de identificar o *Aponomma exornatum* num lote recolhido num bovino da região de Pereira d'Eça, no Sul, pelo Dr. Sousa Dias. Este facto leva-nos a considerar Angola como zona de separação do *Aponomma arcanum* e do *Aponomma exornatum* na costa ocidental do continente africano, a primeira ao Norte e a segunda ao Sul. Apenas a continuação das prospecções nos poderá elucidar sobre a linha limite das duas espécies na mesma província ultramarina.

Deste modo, a área de distribuição do *Aponomma excavatum* — referida por G. THEILER como sendo toda a África — parece circunscrever-se à África Oriental e Meridional, incluindo Moçambique e o Sul de Angola [1].

---

[1] A criação, por TRAVASSOS DIAS (1955), da nova espécie *Aponomma rondelliae*, a partir de exemplares de Djibuti conservados no Museu de História Natural de Paris, parece indicar aprioristicamente que a área do *Aponomma exornatum* na costa oriental da África não se estende até o golfo de Aden.

APONOMMA FLAVOMACULATUM (LUCAS) N. COMB.

Ixodes flavomaculatus LUCAS, *Ann. Soc. Entom. France,* (2) *4:* 56, 1846.

Ixodes flavomaculatus LUCAS, *Bull. Soc. Entom. France,* (2) *9:* 120, 1851.

Ixodes flavomaculatus LUCAS, *Bull. Soc. Entom. France,* (2) *25:* 72, 1867.

Ophiodes flavomaculatus MURRAY, *Economic entomology,* p. 204, 1879.

Aponomma Gervaisi NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 182, 1889, *pro parte* (Senegal).

Aponomma exornatum NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 186, 1899, *pro parte.*

Aponomma exornatum HOWARD, *Ann. Transvaal. Mus., 1* (2): 148, 1908, *pro parte.*

Aponomma exornatum BEDFORD, *Rep. Direct. Vet. Serv. and Anim. Ind., Un. of S. Africa, 8* (1): 307, 1932, *pro parte.*

Aponomma gervaisi NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie,* p. 398, 1938, *pro parte* (Senegal).

Aponomma exornatum G. THEILER, *Onderstepoort J. Vet. Sc. and Anim. Ind., 20* (2): 165, 1945, *pro parte.*

Aponomma exornatum TRAVASSOS DIAS, *An. Serv. Vet. e Ind. Anim. Moçambique, 1:* 97, 1947, *pro parte.*

Aponomma halli TENDEIRO, *Fauna parasitológica da Guiné,* p. 58, 1948.

Aponomma halli TENDEIRO, *An. Inst. Med. Trop., 7:* 135, 1950.

Aponomma halli TENDEIRO, *An. Junta Invest. Colon., 6* (4): 147, 1951.

Aponomma halli TENDEIRO, *Actualidade Veterinária da Guiné,* p. 131, 1951.

Aponomma halli TENDEIRO, *An. Inst. Med. Trop., 9* (1): 213, 1952.

Aponomma halli TENDEIRO, *Febre Q,* p. 156, 1952.

Aponomma exornatum ROUSSELOT, *Parasitologie tropicale, 2:* 62 113, 1953, *nec* C. L. KOCH 1844 (Sudão Francês).

Aponomma halli TENDEIRO, *Bol. Cult. Guiné Port., 8* (29): 70, 1953.

Aponomma halli Tendeiro, *Rev. Ciênc. Vet., 49* (350): 294, 1954.

Aponomma exornatum G. Theiler, *Onderstepoort J. Vet. Res., 26* (3): 450, 1954, *pro parte* («The whole of Africa»).

Aponomma exornatum Bequaert e Aronnenc in Villiers, *Bull. Inst. Fr. Afr. Noire,* (A) *17* (2): 448, 1955, *nec* C. L. Koch (Senegal; Casamansa).

Aponomma halli Travassos Dias, *An. Inst. Med. Trop., 12* (1-2): 82, 1955.

REGISTOS

Hospedeiros: Varanus niloticus niloticus (L.) e *Varanus exanthematicus* Bosc., em crioulo da Guiné respectivamente «linguana» e «cútò»; *Naia nigricollis* Reinhardt, a cobra-cuspideira; e *Python sebae* Gmelin, a jiboia ou irã-cego.

Localização: Pele, em particular, nos varanídeos, junto da fenda cloacal, nas narinas e entre os dedos (adultos e ninfas) ou em volta dos olhos (larvas).

Origem: Guiné Portuguesa.

Referências e material: Missão Zoológica da Guiné, exemplares recolhidos, pela Dr.ª Sara Manaças, nas colecções herpetológicas conservadas no Centro de Zoologia, nos *Varanus niloticus niloticus* das ref.as 37/45, de 26/1/945 (Brene, ilha de Bissau — 12 ♂♂ recolhidos junto da fenda cloacal), 155/45, de 1/3/945 (ilha Formosa, Bijagós — 3 ♂♂, junto da fenda cloacal), e 170/45, de 28/3/945 (Bambadinca — 4 ♂♂, junto da fenda cloacal); e nos *Varanus exanthematicus* das ref.as 80/45, de 7/11/945 (Bissalanca, ilha de Bissau — 1 ♂, numa narina; 6 ♀♀ e 2 ninfas, entre os dedos), 192/45, de 20/4/945 (Canchungo, actualmente Teixeira Pinto — 2 ♂♂, 1 em cada narina; 18 larvas, em torno dos olhos), 219/45, de 26/4/945 (Pecixe — 5 ♂♂, junto da fenda cloacal), 220/45, de 26/4/945 (Pecixe — 4 ♂♂, junto da fenda cloacal) e 112/46, de 18/4/946 (Piche — 8 ♂♂ e 1 ♀, junto da fenda cloacal). Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Parasitologia, em colaboração com a Repartição Técnica dos Serviços de Veterinária e Industrial Animal da Província da Guiné, exemplares obtidos nos *Varanus niloticus niloticus* das ref.as 57/50, de 16/11/950 (Pessuba, ilha de Bissau — 15 ♂♂, 4 ♀♀ e 18 ninfas), 97/51, de 12/6/951 (Pessuba — 21 ♂♂ e 26 ninfas) e 126/51, de 3/8/951 (Teixeira Pinto — 4 ♂♂ e 4 ♀♀); nos *Varanus exanthematicus* das ref.as 4/49, de 28/9/949 (Pessuba — 16 ninfas e 1 larva), 23/50, de 22/6/950 (Pessuba — 3 ♂♂, 5 ♀♀ e 1 ninfa), 24/50, de 23/6/950 (Pessuba — 1 ♀ e 2 ninfas), 29/50, de 12/7/950 (Pessuba — 1 ♀ e 2 ninfas), 49/50 de 28/9/950 (Pessuba — 2 ♂♂ e 1 ♀), 56/50, de 15/11/950 (Pessuba — 3 ♂♂) e 62/51 de 12/3/951 (Bissau — 1 ♀); na *Naia nigricollis* da ref.ª 6/52, de 28/1/952 (Pessuba — 3 ♂♂, em conjunto com 7 ♂♂, 2 ♀♀ e 4 ninfas de *Aponomma latum*); e no *Python sebae* Gmelin da ref.ª 48/50, de 20/9/950 (Pessuba — 1 ♂, com 2 ninfas de *Aponomma latum*).

MORFOLOGIA

Espécie com ornamentação do mesmo tipo que no *Aponomma exornatum,* mas distinguindo-se deste, entre outros elementos, pelo tamanho menor, forma discoidal e certos pormenores ornamentais, no macho, e presença de um único esporão na coxa I, em ambos os sexos.

MACHO

Corpo discoidal, sempre mais largo que comprido, com a largura máxima ao nível ou um pouco à frente da parte anterior dos espiráculos, tendo, conforme a nossa descrição original (como *Aponomma halli*), 1,65 a 2,12 mm de comprimento por 1,80 a 2,50 mm de largura.

Escudo dorsal com ornamentação castanho-escura bastante desenvolvida, sobre um fundo claro verde metálico limitado a nove malhas, em posição correspondente às do *Aponomma exornatum.* A disposição da ornamentação escura aproxima-se bastante da desta espécie; contudo, a aproximação entre o *Aponomma flavomaculatum* e o *Aponomma exornatum* «apenas se justifica no respeitante à organização geral do escudo dos ♂♂, que segue em ambas as espécies as mesmas linhas gerais, ao passo que existem diferenças nítidas de pormenor, em particular em relação a limites e à localização topográfica das manchas, amplamente suficientes para as distinguir uma da outra» (Tendeiro, 1950). O conjunto formado pelas manchas cervicais, manchas frontais e lista falciforme forma um arco contínuo de contorno convexo, ficando o bordo anterior daquela listra situado no campo central do escudo. As malhas claras têm

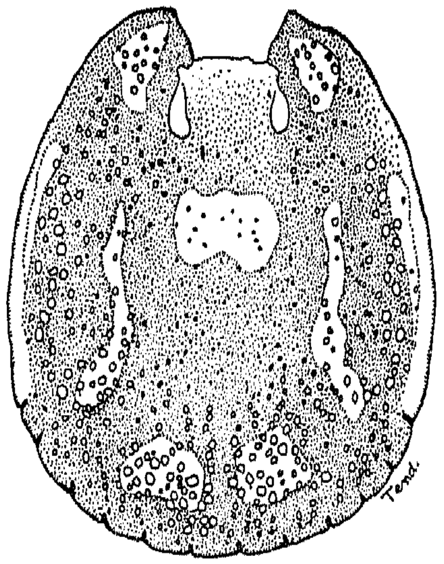


Fig. 33
Aponomma flavomaculatum
Escudo dorsal do macho
(Original)

pouco mais ou menos a mesma forma que no *Aponomma exornatum*, com excepção da mancha mediana, que apresenta com regular frequência uma reentrância posterior característica, por vezes pouco perceptível nos exemplares conservados em álcool, e que, na dependência da disposição da listra falciforme, se localiza no campo central, portanto numa zona bastante recuada em comparação com a espécie de C. L. Koch. As malhas internas são também compridas e irregulares, mas encontram-se sempre separadas entre si por um espaço nìtidamente superior à distância entre a malha mediana e as malhas posteriores. Sulcos cervicais em forma de vírgula invertida, mais largos atrás e com o bordo convexo voltado para fora. Sulcos laterais estreitos, superficiais e pouco perceptíveis, dispostos ao longo do bordo externo das malhas laterais. Festões largos e curtos. Um certo número de pontuações grandes agrupadas perifèricamente, em particular nos campos laterais e posterior; pontuações médias, para dentro das primeiras e sobre as escápulas; pontuações pequenas em todo o campo central e ao longo das margens externas do escudo.

Superfície ventral de tonalidade castanho-esverdeada, sem placas ventrais nem escudos dos festões. Orifício genital oposto às coxas II. Espiráculos finamente granitados, em forma de vírgula, com uma comprida ponta póstero-lateral.

Capítulo comprido e estreito, medindo 0,62 a 0,94 mm de comprimento por 0,42 a 0,70 mm de largura, de base rectangular, esta com duas pontuações grandes simétricas na parte externa; algumas pontuações mais finas na base e nos palpos.

Patas fortes, castanhas-escuras, com os diversos artículos, à excepção dos tarsos, ligeiramente anelados de claro. Coxa I com um único esporão triangular forte, no ângulo póstero-interno; coxas II, III e IV munidas igualmente de um esporão forte. Tarsos gibosos, atenuados na extremidade; tarso I com a corcova muito pronunciada e com um esporão ventral subterminal; tarsos II a IV com a gibosidade também bastante forte e munidos de dois esporões, sendo o externo mais pronunciado que o interno.

FÊMEA

Corpo castanho-claro, oval largo, com a largura máxima ao nível dos espiráculos, medindo 2,78 a 4,82 mm de comprimento por 2,26 a 3,77 mm de largura.

Escudo dorsal triangular-cordiforme, castanho-escuro, ornamentado com três malhas claras esverdeadas, tendo 1,48 a 1,49 mm de comprimento por 1,73 a 1,99 mm de largura Sulcos cervicais compridos, subparalelos, estendendo-se até junto dos bordos póstero-laterais. Algumas pontuações grandes junto dos sulcos cervicais; numerosas pontuações médias espalhadas por todo o corpo.

Superfície ventral glabra, castanho-clara, com numerosas pontuações médias e pequenas. Orifício genital oposto ao intervalo entre as coxas II e III; após montagem, tem os aspectos reproduzidos na fig. 35, distinguindo-se bem da abertura genital do *Aponomma exornatum* e do *Aponomma arcanum* pelas margens anterior e posterior arredondadas e continuando-se para a frente sem ângulos, de modo a condicionarem um conjunto em forma de crescente, correspondendo a uma fenda hemisférica.

Capítulo com a mesma forma que no macho, com as áreas porosas ovais largas. Hipostoma idêntico ao do macho.

Patas como no macho.

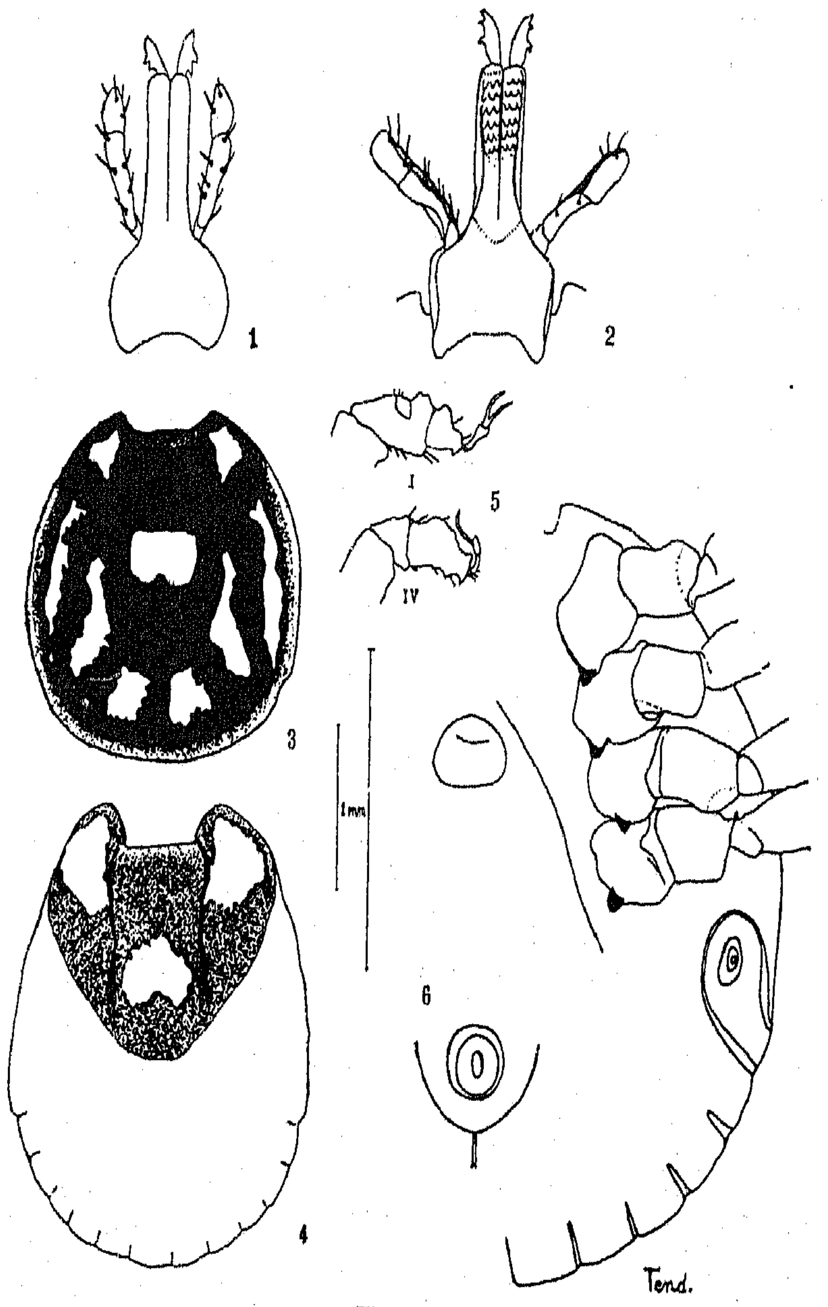


Fig. 34
Aponomma flavomaculatum
1 e *2* — faces dorsal e ventral do capítulo (♂); *3* — ornamentação do escudo dorsal do ♂; *4* — face dorsal da ♀; *5* — tarsos I e IV (♂); *6* — face ventral do ♂ (coxas I a IV, orifício genital, ânus, espiráculos, festões)
(Segundo TENDEIRO, 1950, como *Aponomma halli*)

OBSERVAÇÕES

No discurso presidencial de 1947 da Sociedade Sul-Africana de Biologia, GERTRUD THEILER (1949) chamava a atenção para o contraste entre a simplicidade da classificação dos géneros de carraças e a dificuldade em determinar certas espécies pertencentes aos mesmos e cuja aceitação

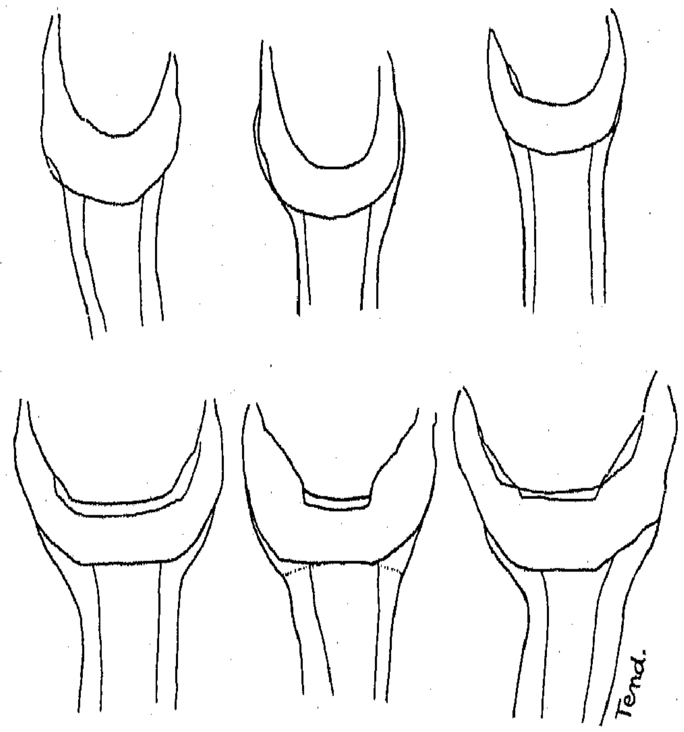


Fig. 35
Aspectos da abertura genital da fêmea, no *Aponomma flavomaculatum* (em cima) e no *Aponomma exornatum* (em baixo)
(Original)

ou negação chegaria mesmo, por vezes, a constituir uma matéria de opinião baseada em experiência pessoal. «The classification of ticks down to genera is relatively simple, out the identification of species is difficult; for within the genus ticks are all built to the same plan, they are monotonous in their lack of initiative to find new variations of the fundamental generic structure. If it is difficult for an entomologist to decide on what is a species — insects usually have something that is constant and that can be measured — it is impossible for an acaralogist to do so with any degree of finality, for there does not seem to be anything that lends

itself to being measured. So that, at the moment, the classification of most ticks is a matter of personal opinion based on personal experience. If you have had the same experience as A, you agree with him, if not, then you differ. For, given that the species of a genus are all built to the identical plan, the specific characters instead of being equally stable, are very unstable and most variable; and it is here, in this range of variability, that there is so much room for differences of opinion.»

Esta afirmação, bem exemplificada no género *Hyalomma* e nas espécies não ornamentadas de *Rhipicephalus*, atenua-se bastante nas formas ornamentadas, como nos ambliomas e em parte dos aponomas, em que as diferenças de arranjo dos desenhos e colorações são, em regra, típicos para cada espécie ou existem em conjunto com outros pormenores morfológicos constantes, que permitem uma fácil identificação.

A avaliação da constância dos caracteres formais indispensáveis para diferenciar espécies aproximadas de ixodídeos ou para definir, nas formas de maior variabilidade, quais as características com um grau de permanência suficiente para as identificar, faz-se, evidentemente pelo estudo colectivo das respectivas populações. Entretanto, enquanto o simples exame morfológico basta para estabelecer a diagnose das espécies bem definidas, em certos casos existe a necessidade de apoiar a classificação num critério biológico — em especial na observação das variantes registadas na descendência de um número limitado de formas —, de modo a distinguir os caracteres com valor específico das simples variações individuais. A descrição, por SCHULZE, de uma pretensa nova espécie, *Hyalomma delpyi*, e de três subespécies de *Hyalomma dromedarii*, respectivamente *asiaticum*, *canariense* e *dromedarii*, a partir de exemplares obtidos na descendência de um única ♀, em primeira geração, remetidos por DELPY sem indicações suficientes, deve representar bem o pior percalço até hoje registado em taxonomia ixodológica.

O caso do *Aponomma flavomaculatum* (LUCAS 1846) (=*Aponomma halli* TENDEIRO 1950) exemplifica bem, pela sua constância morfológica, a noção de um ixodídeo cuja distinção com a espécie tipo, neste caso o *Aponomma exornatum* (KOCH 1844), se realiza por assim dizer perfeita e automàticamente, sem a necessidade de apoiar a respectiva diagnose num critério pessoalista ou mesmo na observação dos caracteres transmitidos à descendência — uma vez que os elementos descritos para um exemplar se aplicam, de uma maneira geral, a todos os restantes.

Em 1950 (¹) descrevemos o *Aponomma halli*, a partir de 8 ♂♂ e 1 ♀ recolhidos num *Varanus niloticus* (L.) e num *Varanus exanthematicus* BOSC, dos arredores de Bissau, Guiné Portuguesa —, exemplares que serviram para as descrições e para a morfometria e a que juntámos 12 ♂♂ e 3 ♀♀, apanhados, ao tempo, noutro *Varanus niloticus niloticus* da mesma proveniência.

«Os ♂♂ do *Aponomma halli* — concluímos então — distinguem-se dos do *Aponomma exornatum* pelos seguintes caracteres morfológicos: 1.º) o conjunto formado pelas manchas cervicais, manchas frontais e listra falciforme forma um arco contínuo de contorno convexo; 2.º) a parte média do bordo anterior da listra falciforme localiza-se no campo central do escudo, junto do limite entre a metade anterior e a metade posterior deste, portanto bastante recuada em comparação com o *Aponomma exornatum*, condicionando o correspondente recúo da mancha clara média; 3.º) a listra falciforme tem os bordos laterais regularmente convexos e bem definidos, continuando-se por um bordo posterior também convexo; 4.º) a corcova do tarso I é muito mais pronunciada que no *Aponomma exornatum*, formando na parte declive não uma única área em feitio de sela, mas antes duas, uma de cada lado da base; nos tarsos II a IV, a corcova é mais alta e pronunciada; 5.º) a coxa I tem um único esporão, fortemente quitinizado, cuja base, em regra escamóide, envolve o ângulo póstero-interno daquela; 6.º) a forma geral do corpo é discoidal e não oval larga, como na espécie de KOCH.

(¹) A primeira referência ao *Aponomma halli* data de 1948, constando, se bem que sem qualquer indicação de valor taxonómico, dos nossos «Subsídios para o conhecimento da fauna parasitológica da Guiné». A respectiva descrição foi apresentada à Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária, em sessão científica de 22 de Junho de 1949, apenas vindo a ser publicada, no entanto, em Julho de 1950, no vol. VII dos *Anais do Instituto de Medicina Tropical*. Julgando suficiente a sua aprovação em reunião científica, passámos desde então a referir a espécie a 1949.

Na sua reunião de Paris (1948), a Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica deliberou especificadamente que a apresentação em qualquer reunião, «the presentation of a paper before a meeting of any kind» (MAYR, LINSLEY e USINGER, 1953), não constitui publicação, para efeitos do artigo 25º das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica.

Deste modo, a designação correcta da espécie, agora caída em sinonímia, deveria ser *Aponomma halli* TENDEIRO 1950 e não *Aponomma halli* TENDEIRO 1949.

As ♀♀ distinguem-se igualmente pelo esporão único da coxa I e pela gibosidade mais pronunciada dos tarsos.

E, mais adiante: «*Aponomma halli* n. sp. may be defined as a species of the *exornatum* group differing from the typical species by the peculiar arrangement of the ornamentation of the scutum of the ♂♂ and by certain details of morphological organisation, in particular by the single spur of 1st coxa».

As diferenças fundamentais registadas entre a ornamentação das duas espécies foram as seguintes:

«*a*) No *Aponomma exornatum*, o conjunto formado pelas manchas cervicais, manchas frontais e listra falciforme tem um contorno externo côncavo ou sub-côncavo.

No *Aponomma halli*, este mesmo conjunto forma nìtidamente um arco contínuo do contorno convexo.

b) No *Aponomma exornatum*, a parte média do bordo anterior da listra falciforme fica localizada ao nível da separação entre o terço anterior e o terço médio do escudo dorsal. A mancha clara circunscrita pelas manchas cervical e frontal e pelo bordo anterior da listra falciforme ocupa, portanto, uma posição dianteira em relação ao conjunto do escudo.

No *Aponomma halli*, a parte média do bordo anterior da listra falciforme localiza-se no campo central do escudo, junto do limite entre a metade posterior deste, portanto bastante recuada em comparação com o *Aponomma exornatum*, o mesmo sucedendo com a mancha clara acima referida.

c) No *Aponomma exornatum*, a listra falcforme forma, em regra, um conjunto longitudinal quadrangular de bordos laterais mal definidos e irregulares, côncavos ou sub-côncavos.

No *Aponomma halli*, a listra falciforme, ainda que relativamente larga, tem os bordos laterais regularmente convexos e bem definidos, continuando-se por um bordo posterior também convexo.»

Por outro lado, no *Aponomma exornatum* a coxa I apresenta, tanto no ♂ como na ♀, um esporão externo, maior, e um esporão interno, mais pequeno, estreitamente aplicado sobre ele [1]. A observação de um certo número de exemplares provenientes de Moçambique mostrou que

---

[1] «Coxa I with a larger external spur and a smaller inner spur clossely applied to it (G. THEILER, 1945).»

este caracter se mantinha sempre, em concordância absoluta com as descrições de G. THEILER (1945) e de TRAVASSOS DIAS (1947). Ùltimamente, este nosso colega, com a inegável autoridade que a larga experiência em ixodídeos lhe concede, confirmou-nos pessoalmente que, nas suas múltiplas observações em Moçambique, encontrou sempre dois esporões nos ♂♂ e ♀♀ de *Aponomma exornatum*.

No *Aponomma halli*, tal como o descrevemos em 1950, a coxa I tem, em ambos os sexos, um único esporão fortemente quitinizado. *A observação do numeroso material à nossa disposição mostrou que se tratava de um caracter constante, não sujeito a variações e, portanto, de valor definitivo na diagnose diferencial das duas espécies em causa.*

Lembramos, entre parêntesis, que a estrutura das coxas I tem sido considerada de grande importância na dicotomização de certos géneros, de tal modo que SCHULZE, em 1930, distinguiu a partir dela o seu subgénero *Hyalommasta*, com o bordo póstero-externo da coxa I munido de duas protuberâncias largas e curtas, do subgénero *Hyalomma* s. str., caracterizado pela coxa I profundamente dividida em dois ramos, o externo fino e o interno largo.

Ao organizarmos, para o presente trabalho, a lista de sinonímia e referências do *Aponomma exornatum*, verificámos que o «*Ixodes flavomaculatus*» LUCAS 1846 — colocado unânimemente pelos ixodologistas, a partir de NEUMANN (1899) e com passagem por HOWARD (1908), BEDFORD (1932), GERTRUD THEILER (1945) e TRAVASSOS DIAS (1947), na sinonímia daquela espécie — fora descrito com base em exemplares obtidos, no Museu de Paris, numa serpente originária do Senegal, — portanto do mesmo conjunto geográfico que a Guiné Portuguesa —, designada pelo autor como *Boa constrictor*. Segundo NEUMANN (1899), tratar-se-ia antes, sem dúvida, de um *Python* [1].

A origem senegalense indicada para o material de LUCAS e a circunstância de estarmos na presença de uma forma ornamentada levaram-nos a considerar aprioristicamente a possibilidade de o *Ixodes flavomaculatus* corresponder ao *Aponomma halli*.

---

[1] «Lucas indique, évidemment par erreur, comme hôte, un *Boa constrictor*, du Sénegal (!). Il s'agit sans doute, d'un Python.»

Como se sabe, a *Boa constrictor* L. é uma serpente da América do Sul, pertencente à família *Boidae* e à subfamília *Boinae*. Os boídeos da África Ocidental, por sua vez distribuem-se pelas subfamílias *Pythoninae*, representada pelos géneros *Python* DAUDIN e *Calabaria* GRAY, e *Boinae*, na África apenas com o género *Eryx* DAUDIN, ao que parece não existente no Senegal. O género *Calabaria* tem um único representante oeste-africano, *Calabaria reinhardti* SCHLEGEL, cuja área de distribuição, de acordo com ANGEL (1933) e VILLIERS (1950), se estende da Libéria ao Congo, ou seja bastante ao sul do Senegal.

Em material recolhido no *Python sebae*, LUCAS, em 1845, descrevera o *Ixodes transversalis* (=*Aponomma transversale*); e, em 1860, definiu o «*Ixodes globulus*», também do *Python sebae*, considerado por G. THEILER (1945), no seu trabalho sobre aponomas não ornamentados, como uma simples ninfa de *Aponomma transversale*.

Como o autor indica taxativamente, para o «*Ixodes flavomaculatus*», um hospedeiro diferente do *Python sebae* (¹), surge como possível a hipótese de a colheita inicial da espécie em estudo ter sido feita na jiboia-real, *Python regius* SHAW, reconhecida do Senegal ao Sudão Egípcio, incluindo a Guiné Portuguesa.

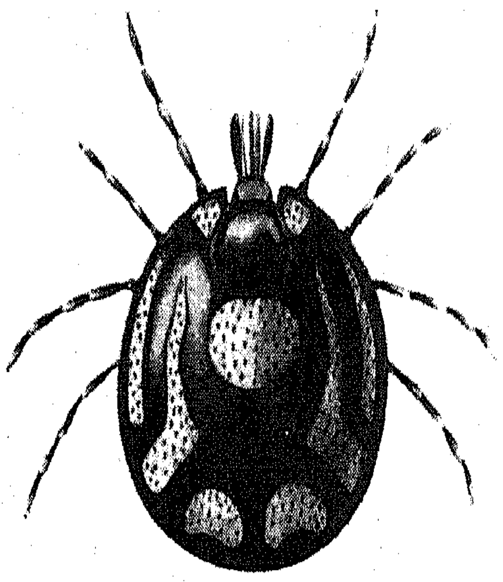


Fig. 36
Aponomma flavomaculatum
Aspecto dorsal do macho
(Reprodução fotográfica do desenho colorido que acompanha a descrição original de LUCAS, 1846, como *Ixodes flavomaculatus*)

(¹) «Dans cette petite notice — escreveu LUCAS —, nous faisons connaître trois espèces nouvelles d'*Ixodes* dont deux vivent parasites sur le *Boa constrictor* et sur le *Python Sebae*...»

A leitura do trabalho de LUCAS permitiu-nos concluir, com fundamento na descrição morfológica e, em particular na sua bela iconografia, reproduzindo um macho a cores, pela justeza da nossa suposição sobre a identidade entre o «*Ixodes flavomaculatus*» e o *Aponomma halli*, com prioridade absoluta para o primeiro. Este facto levou-nos a dar àquela espécie a nova combinação de *Aponomma flavomaculatum* (LUCAS 1846), comportando em sinonímia o *Aponomma halli* TENDEIRO 1950.

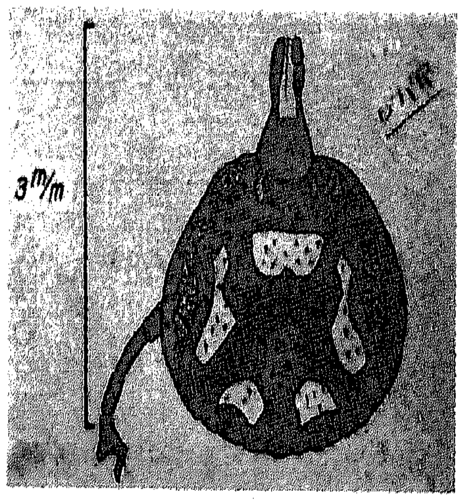


Fig. 37
Aponomma flavomaculatum, ♂
(Segundo ROUSSELOT, 1953,
como *Aponomma exornatum*)

Por vir incluída num trabalho actualmente de consulta difícil, passamos a transcrever a descrição original de LUCAS:

«1. *Ixodes flavomaculatus*, Lucas
Long. 3 millim., larg. 2 3/4 millim.

1. *Corpore orbiculato, sat fortiter punctato, fusco-rubescente, maculis flavis ornato, his subtilissimè fusco-rubescente punctulatis; capite fusco-rubescente, subtiliter punctulato; palpis pedibusque fusco-rubescentibus,*

primis sat elongatis, crassis, compressis, ultimis exilibus, sat elongatis; corpore infrà flavo-cinerescente.

Le corps est orbiculaire, un peu plus large que long cependant, légèrement rétréci à sa partie antérieure; il est d'un brun rougeâtre, parsemé de points arrondis, peu serrés, bordé de jaune testacé et orné de taches d'un jaune assez foncé: ces taches finement pointillées de brun rougeâtre sont au nombre de sept dont une médiane plus large que longue; les suivantes ou celles qui sont situées près des parties latérales sont longitudinales, très dilatées postérieurement du côté externe, tandis que celles qui occupent la partie postérieure sont à peu près de forme arrondie et assez fortement échancrées postérieurement; il est aussi à noter que de chaque côté de l'échancrure dans laquelle vient s'insérer la tête, il existe un sillon assez profond, et entre ce sillon et bord latéro-antérieur, on aperçoit également de chaque côté une petite tache jaunâtre, quelquefois d'un jaune verdâtre cependant et très finement pointillée, comme les précédentes, de brun rougeâtre. La tête est plus longue que large, d'un brun rougeâtre, finement ponctuée. Les palpes presque aussi longs que le suçoir, comprimés, épais, sont d'un brun rougeâtre, parsemés de poils d'un jaune testacé. Le suçoir est d'un jaune testacé. Les pattes sont grêles, assez allongées d'un brun rougeâtre. Tout le corps en dessous est d'un jaune grisâtre.

Cette espèce est très agile et paraît être assez rare; nous n'en avons rencontré que quelques individus que nous avons trouvés vivants et fixés entre les écailles du *Boa constrictor,* Dum. et Bib., nouvellement du Sénégal.»

Independentemente da proveniência geográfica do material em que LUCAS se apoiou para criar o «*Ixodes flavomaculatus*» e da falta de referência à disposição da coxa I, a descrição original contém, de facto, elementos suficientes para o identificar com o *Aponomma halli* e o separar simultâneamente do *Aponomma exornatum.* Referimo-nos, em particular, ao «corpo um pouco mais largo que comprido» e à disposição da ornamentação específica, segundo o desenho respectivo (fig. 36), que reproduzem com bastante precisão as características morfológicas e ornamentais dos numerosos exemplares colhidos na Guiné Portuguesa. A origem senegalense do material de LUCAS, por outro lado, constitui um contributo adicional deveras importante a juntar às conclusões anteriores sobre a inclusão do *Aponomma halli* na sinonímia do *Aponomma flavomaculatum* (¹).

ROUSSELOT, em 1953, redescreveu sumàriamente o *Aponomma exornatum*, sobre exemplares provenientes do *Varanus niloticus* e do *Varanus exanthematicus*, do Sudão Francês. Referindo-se às coxas, o autor caracterizou a do 1.º par como não dividida — o que parece corresponder em todos os pontos a uma coxa com um único esporão — e as coxas II a IV com um esporão interno bem marcado (²). Estes elementos, em conjunto com a forma discoidal do corpo e com a disposição dos elementos ornamentais, em particular a reentrância posterior da mancha clara central, tão característica do *Aponomma flavomaculatum*, deram-nos a certeza de que ROUSSELOT teve entre mãos esta espécie e não o *Aponomma exornatum.*

Do mesmo modo, dada a origem geográfica das colheitas, pensamos que os espécimes catalogados como *Aponomma exornatum*, por BEQUAERT e por ABONNENC (³), para o Instituto Francês da África Negra, especialmente os obtidos no *Varanus niloticus* e no *Varanus exanthematicus* do Senegal e do Casamansa, se devem identificar antes com o *Aponomma flavomaculatum.*

APONOMMA ARCANUM (KARSCH)

Amblyomma arcanum KARSCH, *Zeitschr. f. die ges. Naturw., 52:* 330, 1879.

Aponomma Gervaisi NEUMANN, *Mem. Soc. Zool. France, 12:* 182, 1899, *pro parte* («Chinchoxo, Loango»).

(¹) Simultâneamente com as nossas observações anteriores, TRAVASSOS DIAS (comunicação pessoal) teve ocasião de encontrar em Paris os tipos do «*Ixodes flavomaculatus*», concluindo, do mesmo modo, pela identidade entre o *Aponomma halli* e a espécie de LUCAS.

(²) «Hanches I non divisées. Les hanches 2, 3 et 4 portent une épine interne bien marquée.»

(³) *In* VILLIERS (1955).

Aponomma trimaculatum GAMBLE, *J. Trop. Med. and Hyg.*, *17*: 148, 1914, *nec* LUCAS 1878 (Angola).

Aponomma exornatum NUTTALL, *Bull. Ent. Res.*, *6* (4): 339, 1916, *nec* C. L. KOCH 1844 (Congo Belga).

Aponomma exornatum SCHWETZ, *Rev. Zool. Afr.*, *15* (1): 78, 84, 85, 88 e 92, *nec* C. L. KOCH 1844 (Congo Belga).

Aponomma exornatum BEQUAERT, *Rev. Zool. et Bot. Afr.*, *20* (3): 225, 1931, *nec* C. L. KOCH 1844 (Congo Belga).

Aponomma arcanum SCHULZE, *Zool. Anz.* *112*: 328, 1935.

Aponomma gervaisi NEVEU-LEMAIRE, *Entomologie*, p. 398, 1938, *pro parte* («Loango»).

Aponomma exornatum G. THEILER, *Onderstepoort J. Vet. Sc. and Anim. Ind.*, *20* (2): 165, 1945, *pro parte* («Loango»).

Aponomma exornatum TRAVASSOS DIAS, *Mem. e Est. Mus. Zool. Univ. Coimbra*, *224*: 14, 1954, *nec* C. L. KOCH 1844 (Ruanda-Urundi) (?).

Aponomma exornatum G. THEILER, *Onderstepoort J. Vet. Res.*, *26* (3): 450, 1954, *pro parte* («The whole of Africa»).

REGISTOS

Hospedeiros: *Varanus niloticus niloticus* (L.) e *Varanus exanthematicus angolensis* SCHMIDT, em quioco respectivamente «mussenvo» e «tchitato».

Localização: Pele.

Origem: Angola (enclave de Cabinda; Dundo, Lunda).

Referências e material: Museu Zoológico de Berlim, ref.ª 2.943 (Chinchoxo, enclave de Cabinda — 2 ♂♂, ambos com a designação de «tipo», representando os espécimes originais de KARSCH, cedidos gentilmente por empréstimo pelo Dr. A. Kaestner, Director daquele Museu). Material recebido do médico veterinário Dr. Albuquerque Matos, da Companhia de Diamantes de Angola, compreendendo: *a*) exemplares do Laboratório de Biologia do Museu do Dundo, colhido pelo Dr. A. de Barros Machado no *Varanus niloticus niloticus* — registos Ang. 1.135, de Outubro de 1948 (Dundo — 7 ♂♂ e 4 ♀♀), Ang. 1.136, da mesma data (Dundo — 11 ♂♂ e 1 ♀), 3.142, de 16/6/953 (Dundo — 11 ♂♂, 2 ♀♀ e 6 ninfas) e 3.343, de Novembro de 1953 (16 ♂♂ e 1 ninfa) — e na madeira de troncos podres caídos, registo Ang. 1.522.42, de 15 a 26/6/949 (Dundo, Parque Carrisso — 1 ♂); e pelo Sr. Ed. Luna de Carvalho, no *Varanus niloticus niloticus* do registo Ang. 3.954, de 16/9/954 (Dundo — 7 ♂♂ e 1 ninfa); *b*) espécimes dos Serviços de Veterinária e Indústria Animal de Angola, obtido pelo Dr. Albuquerque Matos no *Varanus niloticus niloticus*, registo Pec B, de 23/10/952 (Cacanda — 11 ♂♂ e 1 ninfa), e no *Varanus exanthematicus angolensis*, registo Pec A, de 25/9/952 (Cossa — 2 ♂♂ e 1 ninfa).

MORFOLOGIA

Espécie ornamentada, com disposição geral da ornamentação aproximada da do *Aponomma exornatum*, mas distinguindo-se, no macho, pela forma diferente do corpo e pelo aspecto e relações mútuas das malhas claras, circunscritas pelas zonas castanho-escuras predominantes; ornamentação da fêmea semelhante à daquela espécie.

Nos exemplares estudados, o comprimento total foi de 3,40 a 4,05 mm, para o macho, e de 4,85 a 7,40 mm, para as fêmeas em estados variados de replecção.

MACHO

Corpo discoidal, nitidamente mais largo do que comprido, tendo nos exemplares medidos 2,40 a 2,90 mm de comprimento por 2,70 a 3,15 mm de largura.

Escudo dorsal com pigmentação castanho-escura muito desenvolvida, do mesmo tipo do *Aponomma enornatum*. O fundo, esverdeado claro, reduz-se do mesmo modo a nove malhas, dispondo-se as malhas escapulares, laterais e posteriores mais ou menos como naquela espécie, enquanto a malha mediana é quase sempre circular, — e tendo o contorno posterior situado a meio do comprimento do corpo. A principal diferença ornamental, entretanto, reside na forma e disposição das malhas internas, curtas, constantemente triangulares (e não compridas, incurvadas e irregulares) e separadas uma da outra por um espaço bastante superior ao da distância entre as malhas mediana e as posteriores — espaço que no *Aponomma exornatum* é igual ou, quase sempre, inferior à referida distância. Sulcos cervicais curtos, em vírgula invertida. Sulcos laterais ausentes. Festões marginais curtos e largos. Numerosas pontuações pequenas e médias,

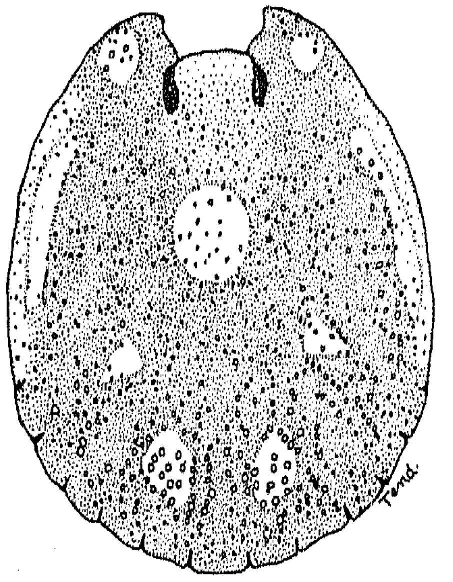


Fig. 38
Aponomma arcanum
Escudo dorsal do macho
(Original)

estas menores, contudo, que no *Aponomma exornatum*, aproximando-se mais do tamanho das primeiras e limitadas quase ao campo posterior do escudo, originando assim um conjunto mais regular.

Superfície ventral esverdeada, com o orifício genital ao nível das coxas II. Espiráculos grandes, em forma de vírgula.

Patas fortes. Coxa I com 2 esporões; coxas II a IV como no *Aponomma exornatum*.

FÊMEA

Corpo amarelo-esverdeado a castanho-oliváceo-escuro, tendo nos nossos exemplares 4,05 a 6,60 mm de comprimento por 3,40 a 4,50 mm de largura.

Escudo dorsal triangular-cordiforme, castanho-escuro, ornamentado por três malhas claras esverdeadas, uma no campo médio posterior e uma em cada escápula, e medindo 1,60 a 1,70 mm por 2,15 a 2,25 mm. Sulcos cervicais compridos, subparalelos, atingindo os bordos póstero-laterais. Numerosas pontuações médias espalhadas regularmente por todo o escudo.

Superfície ventral glabra, com a mesma cor da superfície dorsal. Orifício genital em frente do intervalo entre as coxas II e III e, após montagens, do mesmo tipo do *Aponomma exornatum*.

Capítulo semelhante ao do macho, com as áreas porosas ovais largas.

Patas semelhantes às do macho.

OBSERVAÇÕES

NEUMANN, em 1899, identificou o *Amblyomma arcanum* de KARSCH com o *Aponomma gervaisi* (LUCAS 1847), caracterizando-o, entre outros elementos, pelas coxas curtas e pequenas, tendo na ♀ *um ou dois esporões muito curtos, iguais, no bordo posterior das do 1.º par* e um único nas restantes (1); e, no ♂, *um único esporão, também curto*, em todas as coxas (2).

O estudo comparativo foi feito a partir de: 12 ♂♂, 4 ♀♀ e 1 ninfa recolhidos por LUCAS debaixo das escamas de um *Python molurus*, das Índias (tipo, Museu de Paris); 4 ninfas, de um *Sepedon haemachates* do Senegal (3), e 1 ♂ e 1 ninfa de dois *Python* sp., do Senegal (col. Railliet); 15 ♂♂, de um varanídeo da costa de Coromandel (Índia); 1 ♂ de outro *Python* (col. Trouessart); 71 ♂♂, 1 ♀ e 8 ninfas, de um varanídeo de Bengala (Museu de Paris); 2 ♂♂ e 3 ♀♀, de uma *Naja tripudians* (Museu de Hamburgo); e 1 ♂ (*Amblyomma arcanum*) de KARSCH, originário de Chinchoxo, Luango (Museu de Berlim).

A disposição diferente dos esporões da coxa I dos ♂♂ e das ♀♀, respectivamente com um único e com dois esporões, dá um grande coeficiente de incerteza às determinações de NEUMANN, tudo indicando que o autor incluiu na mesma descrição mais de uma forma de *Aponomma*.

---

(1) «Hanches courtes, petites; une ou deux épines très courtes, égales, au bord postérieur de celles de la première paire; une seule à celles des trois autres paires.»

(2) «Une seule épine, courte, à toutes les hanches.»

(3) = *Haemachatus haemachatus* (LACEPEDE), de acordo com BOGERT (1940). Deve tratar-se de um erro de referência, por o *Haemachatus haemachatus* ser uma serpente da África do Sul, cuja área de dispersão, segundo FITZSIMONS (1912), compreende a Colónia do Cabo, Natal, Zululândia, Orange, Basutolândia e Sudoeste Africano, não tendo sido registada na Rodésia nem ao Norte do Zambeze.

Segundo ANASTOS (1950), os esporões da coxa I constituem — como no caso do *Aponomma exornatum* e do *Aponomma flavomaculatum* — um dos elementos que permitem separar o *Aponomma gervaisi* do *Aponomma lucasi* WARBURTON 1910. «In the male... Coxa I of *gervaisi* may have a very short, blunt spur or else may have a second, smaller, inconspicuous spur internal to it; they are so near each other that they appear as a single blunt, spur but on careful examination there can be seen, in most cases, two distinct points, with the external slightly longer. In *lucasi* the coxal spurs are definitely separated, and they appear as two distinct spurs with the external slightly longer.» «The females also differ in several important respects. The coxal spurs of *gervaisi* are similar to those of the male; in some cases the internal spur is so reduced that it is inconspicuous or obsolete, but in no cases were they seen to be distinctly separated. The coxal spurs of *lucasi* are also similar to those of the male; the spurs distinct and decidedly separated.»

No trabalho atrás referido, NEUMANN não se referiu aos esporões das coxas do *Aponomma exornatum*, se bem tenha escrito que se devia talvez identificar com esta espécie uma ♀ encontrada numa serpente americana (?), com «espinhos» duplos no 1.º par de patas (1).

A distinção entre os ♂♂ de *exornatum* e *gervaisi* foi dada por NEUMANN a partir das seguintes dicotomizações:

«Écusson ... ... { marqué de taches vert métallique ... *a*
sans taches vert métallique ... *b*

a. Taches de l'écusson au nombre de { cinq ... ... *Gervaisi*
neuf ... ... *exornatum*»

E, nas ♀♀:

«Écusson ... ... { marqué de trois taches vert métallique ... ... *a*
brun rougeâtre, concolore, sans taches vertes ... ... *c*

---

(1) «Je rapporte, avec doute, à *A. exornatum* une femelle trouvée sur un Serpent d'Amérique (?) (coll. Trouessart). L'écusson est plus grand, à ponctuations plus fortes, les taches plus grandes, sur un fond brun marron, le reste du corps jaune terreux, les épines des hanches doubles à la première paire.»

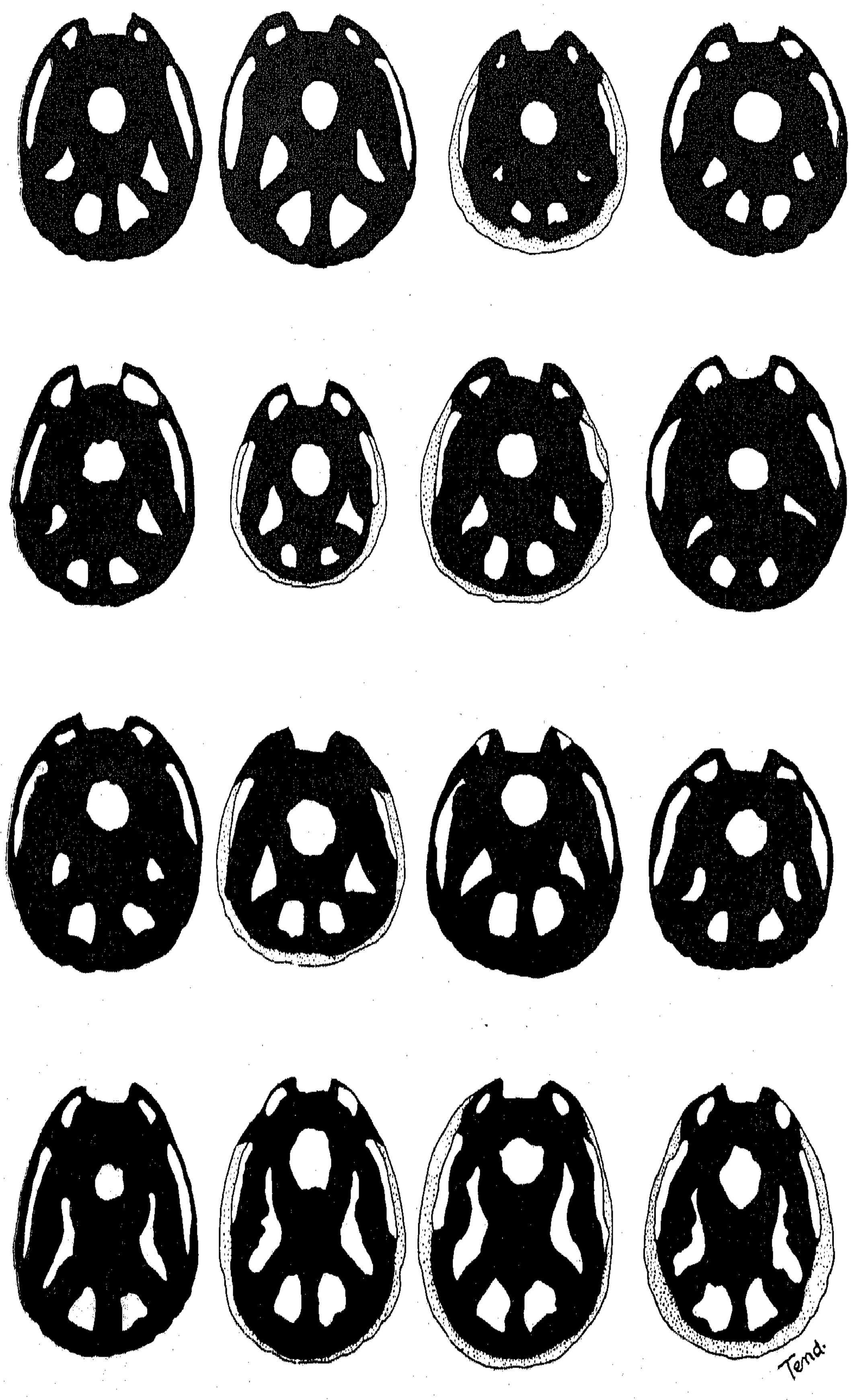


Fig. 39

Comparação entre a forma e a ornamentação do escudo dorsal do *Aponomma arcanum* (três primeiras fiadas, representando os dois primeiros exemplares os tipos de KARSCH) e do *Aponomma exornatum* (última fiada)

(Original)

a. Écusson	au moins aussi large que long, ponctuations grandes, écartées	*Gervaisi*
	aussi long ou plus long que large, ponctuations fines, rapprochées	*b*
b. Tarses	éperonnés	*exornatum*
	non éperonnés	*trimaculatum*»

Como vimos na descrição da respectiva morfologia estudada a partir dos tipos de KARSCH e de material angolano, o *Aponomma arcanum* tem nove manchas claras no escudo dorsal e não apenas cinco características do *Aponomma gervaisi*.

De acordo com os dados referidos no presente trabalho, a distinção entre os aponomas em estudo faz-se pelos seguintes elementos diferenciais:

1 — Coxa I com um único esporão no ângulo póstero-interno, fortemente quitinizado. Corpo do ♂ discoidal. Escudo dorsal do ♂ com as malhas claras internas compridas e irregulares, separadas entre si por um espaço nìtidamente superior à distância entre a malha mediana e as malhas posteriores. Espécie muito pequena.
Aponomma flavomaculatum (LUCAS 1846)

Coxa I com dois esporões. Espécies maiores 2

e estreitando-se um pouco para a frente. Malhas claras internas compridas, incurvadas e irregulares, separadas entre si por um espaço igual ou, quase sempre, inferior à distância entre a malha mediana e as malhas posteriores.
Aponomma exornatum (C. L. KOCH 1844)

Corpo do ♂ discoidal, nìtidamente mais largo que comprido. Malhas internas curtas, constantemente triangulares, separadas uma da outra por um espaço bastante superior ao da distância entre a malha mediana e as malhas posteriores.
Aponomma arcanum (KARSCH 1879)

Microfotografias originais de Raúl Lopes

(Trabalho realizado no Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar — Director: Prof. Fernando Frade)

REFERÊNCIAS

ADLER, S., FELDMAN-MUHSAM, B. — A note on the genus *Hyalomma* Koch in Palestina. — *Parasitology*, 39 (1, 2): 95-101, 1948.

ALVES DA CRUZ, A. — Les maladies parasitaires du bétail au Portugal. — *Bull. Off. Intern. Epizoot.*, 43 (1-2): 269-281, 1955.

ANGEL, F. — Les serpents de l'Afrique Occidentale Française. — Paris, 1933.

BEDFORD, G. A. H. — Notes on some South African ticks with descriptions of three new species. — *15th Ann. Rep. Dir. Vet. Serv. Un. of S. Afr.*, 495, 1912.

—— A synoptic check-list and host-list of South African ectoparasites. — *18th Rep. Dir. Vet. Serv. and Anim. Ind.*, 1: 223-523, 1932.

—— South African ticks I. — *Onderstepoort J. Vet. Sc. and An. Ind.*, 2: 49, 1934.

BEQUAERT, J. — Synopsis des tiques du Congo Belge. — *Rev. Zool. Bot. Afr.*, 20 (3): 209-251, 1931.

BOGERT, C. M. — Herpetological results of the Vernay Angola expedition, with notes of African Reptiles in other collections. Part I. — Snakes, including an arrangement of African Colubridae. — *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 77: 1-107, 1940

COLAS-BELCOUR, J. — Notes sur la faune parasitologique des oasis de Tozeur et Kébili. — *Arch. Inst. Pasteur Tunis*, 20 (1): 66-72, 1931.

COLAS-BELCOUR, J., RAGEAU, J. — Tiques de Tunisie — Ixodines. — *Arch. Inst. Pasteur Maroc*, 4: 360-367, 1954.

DELPY (L.) — Notes sur les Ixodides du genre *Hyalomma*. — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, 14: p. 206-245, 1936.

—— Description de *Hyalomma dromedarii* (Koch 1844). Morphologie de la larve et de la nymphe. — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, 15 (6): 401-486, 1937.

—— Biologie de *Hyalomma dromedarii* (Koch 1844). — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.* 15 (6): 487-499, 1937.

—— Révision par des voies expérimentales du genre *Hyalomma* C. L. Koch 1844 (Acarina, Ixodoidea, Ixodidae). Note préliminaire. — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, 21 (5-6): 267-293, 1946.

—— Revision par des voies expérimentales du genre *Hyalomma* C. L. Koch 1844 (2e partie). — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, 24 (1-2): 97-109, 1949.

—— Essai critique de synonymie du genre *Hyalomma* C. L. Koch 1844 depuis Linné, 1758. — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.* 24 (5-6): 464-494, 1949.

DESPORTES, C. — A propos d'une nymphe monstrueuse de *Hyalomma mauritanicum* Senevet. — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, 16: 11, 1938.

FELDMAN-MUHSAM, B. — Resistance of larvae and nymphae of *Hyalomma savignyi* Gerv. to various conditions of temperature and humidity. — *Parasitology*, 38 (3): 111-115, 1947.

—— Hibernation of *Hyalomma savignyi* (Ixodidae) in Palestine. — *Bull. Entom. Res.*, *40* (2): 305-306, 1949.

—— On some abnormalities in *Hyalomma savignyi*. — *Parasitology*, *40* (1-2): 93-95, 1950.

—— Revision of the genus *Hyalomma*. I. Description of Koch's types. — *Bull. Res. Counc. of Israel*, *4* (2): 150-170, 1954.

FITZSIMONS, F. W. — The snakes of South Africa. Londres, 1912

HOWARD, C. W. — A list of the ticks of South Africa. — *Ann. Transvaal Mus.*, *1*: 73, 1908.

KOCH, C. L. — Systematische Uebersicht über die Ordnung der Zecken. — *Archiv. f. Naturgesch.*, *10* (1): 220-222, 1844

—— *Uebersicht des Arachnidensystems*, *4*, pp. 13, 33-46; pl. II-VI, fig. 6-23, 1847.

LEWIS, E. A. — Tick investigations in Kenya Colony. — *Parasitology 24*: 175, 1932.

NEUMANN, G. — Révision de la famille des Ixodidés (3ᵉ *Mémoire*). — *Mém. Soc. Zool. France*, *12*: 107-294, 1899

—— Révision de la famille des Ixodidés (4ᵉ *Mémoire*). — *Mém. Soc. Zool. France*, *14* (2-3): 249-372, 1901.

NEVEU-LEMAIRE, M. — Traité d'entomologie médicale et vétérinaire. Paris, 1938.

NUTTALL, G. H. F. — Ticks of the Belgian Congo and the diseases they convey. — *Bull. Entom. Res.*, *6* (4): 313-352, 1916.

NUTTALL, G. H. F., WARBURTON, C. — Ticks, a monograph of the Ixodoidea. Part II. Ixodidae. I. Classification. II. The genus Ixodes. Cambridge, 1911.

RAGEAU, J. — Note complémentaire sur les *Ixodidae* du Cameroun. — *Bull Soc. Path. Exot.*, *46* (6): 1090-1098, 1953.

—— Clés pour l'identification des tiques du Cameroun. — *Ann. Parasit. Hum. et Comp.*, *28* (5-6): 399-411, 1953.

ROUSSELOT, R. — Notes de parasitologie tropicale. II. Ixodes. Paris, 1953.

SCHULZE, P. — Zur Kenntnis der Zeckengattung *Aponomma*. — *Zool Ang.*, *112*: 328-330, 1935.

SCHULZE, P., SCHLOTTKE, E. — Bestimmungst. f. das Zeckengenus *Hyalomma* Koch s. str. — *Sitzungsberichte und Abhandlungen der Naturforschenden Gesellschaft zu Rostock*, *3* (2): 32-46, 1927-1929 (1930).

SCHWETZ, J. — Note sur les Ixodidae (Tiques) du Katanga. — *Rev. Zool. Afr.*, *15* (1): 65-72, 1927.

—— Contribution à l'étude des Ixodidae (Tiques) du Congo belge. (Deuxième note). — *Rev. Zool. Afr.*, *15* (1): 73-80, 1927.

—— Contribution des Ixodidae (Tiques) du Congo belge (Troisième note). — *Rev. Zool. Afr.*, *15* (1): 81-92, 1927.

SENEVET, G. — Les espèces algériennes du genre *Hyalomma*. — *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord*, *2* (3): 393-418, 1922.

—— Les espèces algériennes du genre *Hyalomma*. — *Arch. Inst. Pasteur Afrique du Nord*, *2* (3): 393-418, 1922.

—— *Hyalomma mauritanicum* et *Hyalomma lusitanicum*. — *Arch. Inst. Pasteur d'Algerie*, *6* (1): 35-41, 1928.

—— Faune de France. 32. Ixodoidés. Paris, 1937.

SERGENT, Edm., DONATIEN, A., PARROT, L., LESTOQUARD, F. — Tiques et piroplasmoses bovines d'Algérie. — *Bull. Soc. Path. Exot.*, *24* (10): 846-849, 1928.

—— Études sur les piroplasmoses bovines. Argel, 1945.

SILVA LEITÃO, J. L. — Contribuição para o estudo dos ixodídeos portugueses. Lisboa, 1943.

—— Parasitologia veterinária nalgumas colónias portuguesas. Lisboa, 1946.

SIMPSON, Jason J. — Entomological Research in British West Africa. I. Gambia. — *Bull. Entom. Res.*, *2* (3): 187-239, 1911

—— Entomological research in British West Africa. I. Gambia. — *Bull. Ent. Res.*, *2* (3): 187-239, 1911.

—— Entomological research in British West Africa. II. Northern Nigeria. — *Bull. Ent. Res.*, *2* (4): 301-356, 1912.

—— Entomological research in British West Africa. III. Southern Nigeria. — *Bull. Ent. Res.*, *3* (2): 137-193, 1912.

—— Entomological research in British West Africa. IV. Sierra Leone. — *Bull. Ent. Res.*, *4* (3): 151-190, 1913.

—— Entomological research in British West Africa. V. Gold Coast. — *Bull. Ent. Res.*, *5* (1): 1-36, 1914.

—— Bionomics of tsetse and other parasitological notes in the Gold Coast. — *Bull. Ent. Res.*, *8* (3-4): 193-214, 1918.

SOUSA DIAS, V. — Subsídios para o estudo dos ixodídeos de Angola. Animais domésticos. — *Pecuária, An. Serv. Vet. e Ind. Anim. da Colon. de Angola*, *1947-948*, 2.º, vol., 127-280, 1950.

TENDEIRO, J. — Subsídios para o conhecimento da fauna parasitológica da Guiné. Lisboa, 1948. — *Bol. Cult. da Guiné Port.*, *3* (11): 638-738, 1948.

—— Ixodídeos da Guiné Portuguesa: *Hyalomma savignyi* Gervais 1844. — *Bol. Cult. da Guiné Port.*, *4* (14): 319-344, 1949.

—— Ixodídeos da Guiné Portuguesa: *Aponomma halli* n. sp., parasita dos varanídeos. — *An. Inst. Med. Trop.*, *7*: 135-154, 1950.

—— Subsídios para o conhecimento da entomofauna parasitária de Moçambique. — *An. Junta Invest. Colon.*, *6* (4): 121-152, 1951.

—— Actualidade veterinária da Guiné. Bissau, 1951.

—— Ixodídeos da Guiné Portuguesa. Chaves para a identificação das carraças guineenses. Listas de hospedeiros e de espécies. — *An. Inst. Med. Trop.*, *9* (1): 195-263, 1952.

—— Elementos para a identificação genérica dos ixodídeos. — *Med. Vet.*, *21* (9) *2-3*: 7-22, 1953.

THEILER, GERTRUD — Notas sobre carraças dos animais domésticos na África Oriental Portuguesa. — Doc. *Moçambique*, *33*: 51-120, 1943.

—— Ticks in the South African zoological survey collection. Part III. The ornate Aponommas. — *Onderstepoort J. Vet. Sc. and Anim. Ind.*, 20 (2): 165-178, 1945.

—— Ticks in the South African zoological survey collection. Part. IV. The inornate Aponommas. — *Onderstepoort J. Vet. Sc. and Anim. Ind.*, 20 (2): 179-190, 1945.

—— Ticks. Presidential Adress to the S. A. Biological Society, 20th November, 1947. — *S. Afr. Biolog. Soc. Pamphlet*, *14:* 1-37, 1949.

—— Parasitological investigations in relation to animal industry in the Union. — *Afr. Reg. Sc. Conference, Johannesburg, 1949*, com. n.º C (k) 6: 1-5, 1949.

—— List of standardised tick names for South Africa. — *Farming in South Africa, Reprint N. 49:* 1-3, 1952.

—— Tick survey. VIII. — Checklists of ticks recorded from the Belgian Congo and Ruanda Urundi, from Angola, and from Northern Rhodesia. — *Onderstepoort J. of Vet. Res.*, *26* (3): 447-461, 1954.

Travassos Santos Dias, J. A. — Nótula acerca de dois ixodídeos do género *Aponomma* existentes em Moçambique. — *An. Serv. Vet. e Ind. Anim.*, *1:* 95-112, 1947.

—— Mais um ixodídeo do género *Aponomma* para a fauna de Moçambique: *Ap. transversale* (Lucas, 1844), a carraça do piton. — *An. Inst. Med. Trop.*, *6:* 127-138, 1949.

—— A propósito de alguns lotes de carraças provenientes da Colónia de Angola. — *An. Inst. Med. Trop.*, *7:* 155-197, 1950.

—— Contribuição para o conhecimento da fauna ixodológica de Moçambique. Carraças provenientes de animais selvagens abatidos pelas brigadas de caça do Governo (distrito de Inhambane). — Doc. *Moçambique:* 61: 113-170, 1950.

—— Acerca de alguns lotes de carraças provenientes da circunscrição do Alto Limpopo (distrito de Gaza, província do Sul do Save). — *An. Serv. Vet. Moçambique:* 207-225, 1951.

—— List of Mozambique ticks and their known hosts. — *An. Serv. Vet. Moçambique:* 227-252, 1951.

—— Subsídios para o estudo da fauna ixodológica da província do Niassa. — *An. Inst. Med. Trop.*, *8* (4): 563-614, 1951.

—— Lista das carraças de Moçambique e respectivos hospedeiros. II. — *An. Serv. Vet. e Ind. Anim. Moçambique*, *4:* 121-166, 1951.

—— Acerca de alguns ixodídeos parasitas do javali africano (*Phacochoerus aethiopicus aethiopicus* Pallas, 1766) em Moçambique. — *An. Serv. Vet. Ind. Anim. Moçambique*, *4:* 104-111, 1951.

—— Resultados de um reconhecimento zoológico no Alto Limpopo efectuado pelos drs. F. Zumpt e J. A. Travassos Santos Dias. I. Organização da expedição, prospecção glossínica, fauna ixodológica e lista dos animais hospedeiros. — Doc. *Moçambique*, *70:* 43-100, 1952.

—— Acerca de alguns lotes de carraças em colecção no Museu Dr. Álvaro de Castro. — *Mem. do Mus. Dr. Álvaro de Castro*, *2:* 27-41, 1953.

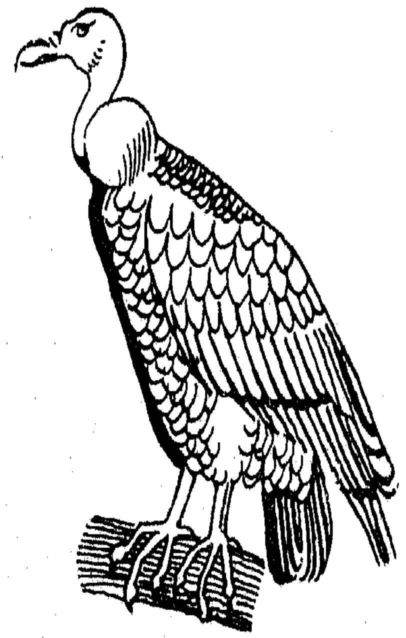
—— Contribuição para o conhecimento da fauna ixodológica do Protectorado de Ruanda-Urundi (África-Central). — *Mem. e Est. do Mus. Zool. Univ. Coimbra*, *224:* 1-18, 1954.

—— Contribuição para o conhecimento da fauna ixodológica da Índia Portuguesa. — *An. Inst. Med. Trop.*, *11* (2): 360-439, 1954.

—— Sobre uma pequena colecção de carraças provenientes de Tete (Moçambique). — Doc. *Moçambique*, *81:* 117-132, 1955.

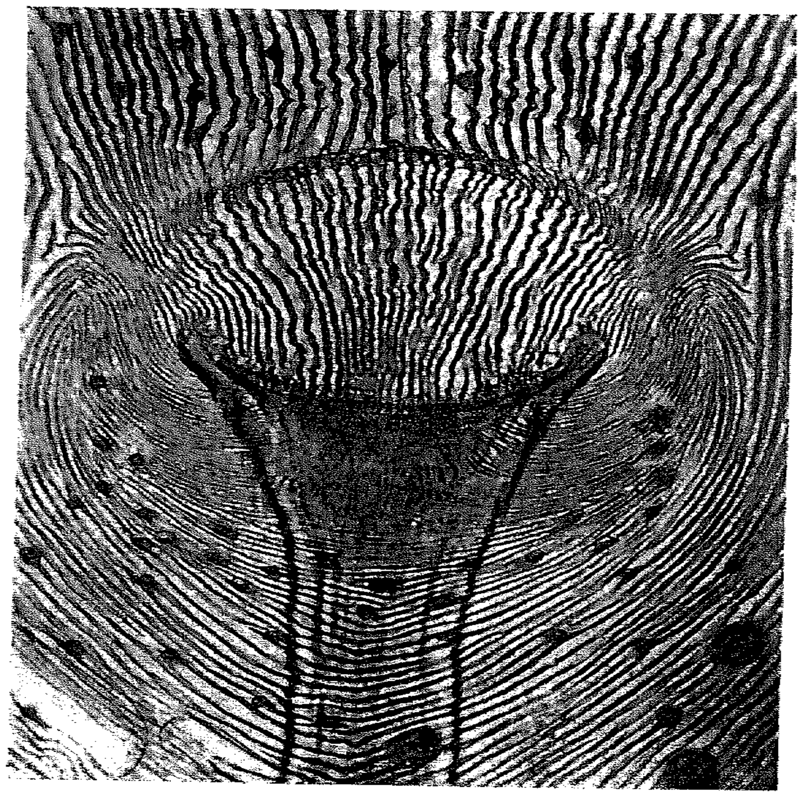
—— Sobre a necessidade de um novo agrupamento subgenérico para o género *Hyalomma* Koch, 1844 (Acarina, Ixodoidea). — *An. Inst. Med. Trop.*, *12* (3): 449-461, 1955.

Unsworth, K. — The ixodid parasites of cattle in Nigeria. — *Ann. Trop. Med. Parasit.*, *46:* 331-336, 1952.



Microfot. 1
Hyalomma marginatum
Exemplar de um porco, de Portugal (col. L. C. P. V.)
Abertura genital da fêmea

(Original)



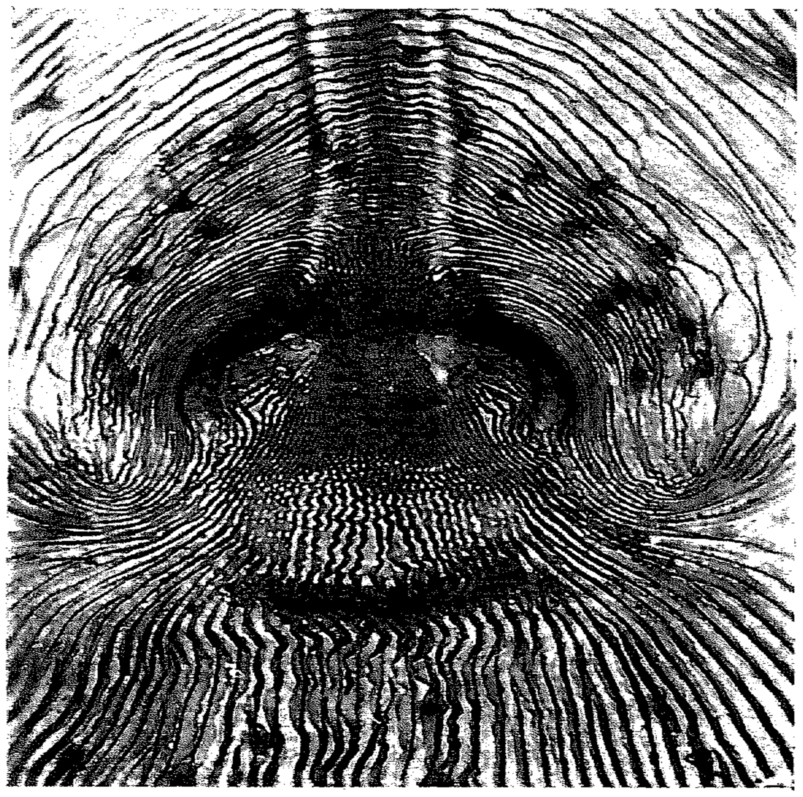
Microfot. 2
Hyalomma rufipes rufipes
Exemplar de um bovino, de Angola (col. Sousa Dias)
Abertura genital da fêmea

(Original)

Microfot. 3
Hyalomma truncatum
Exemplar de um bovino, da Guiné (col. J. Tendeiro)
Abertura genital da fêmea
(Original)

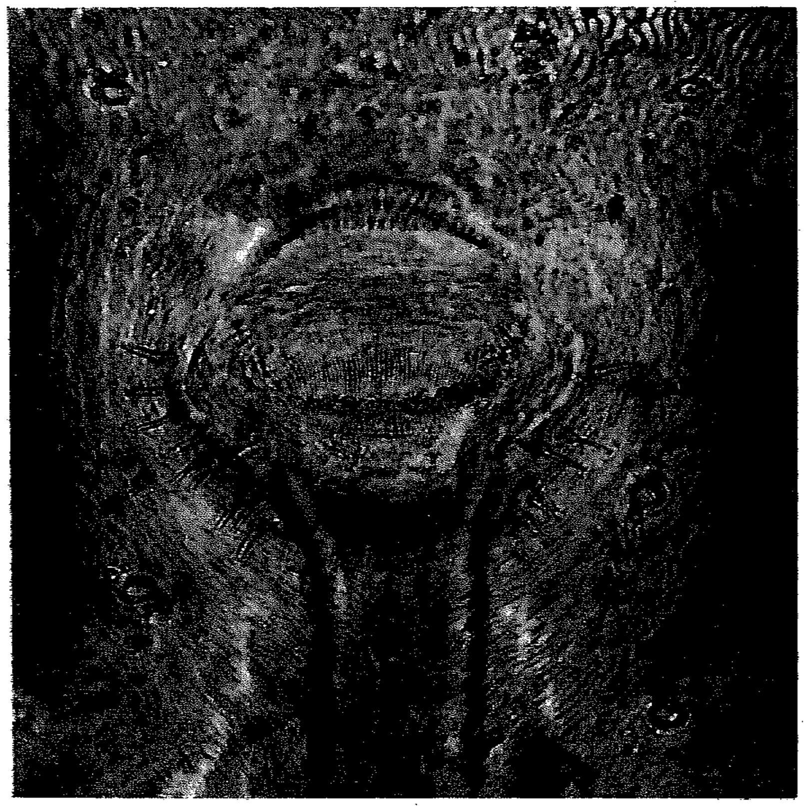
Microfot. 4
Hyalomma truncatum
Exemplar de um bovino, da Guiné (col. A. M. Meireles)
Abertura genital da fêmea
(Original)

Microfot. 5
Hyalomma truncatum
Exemplar de um bovino, de Angola (col. Sousa Dias)
Abertura genital da fêmea
(Original)

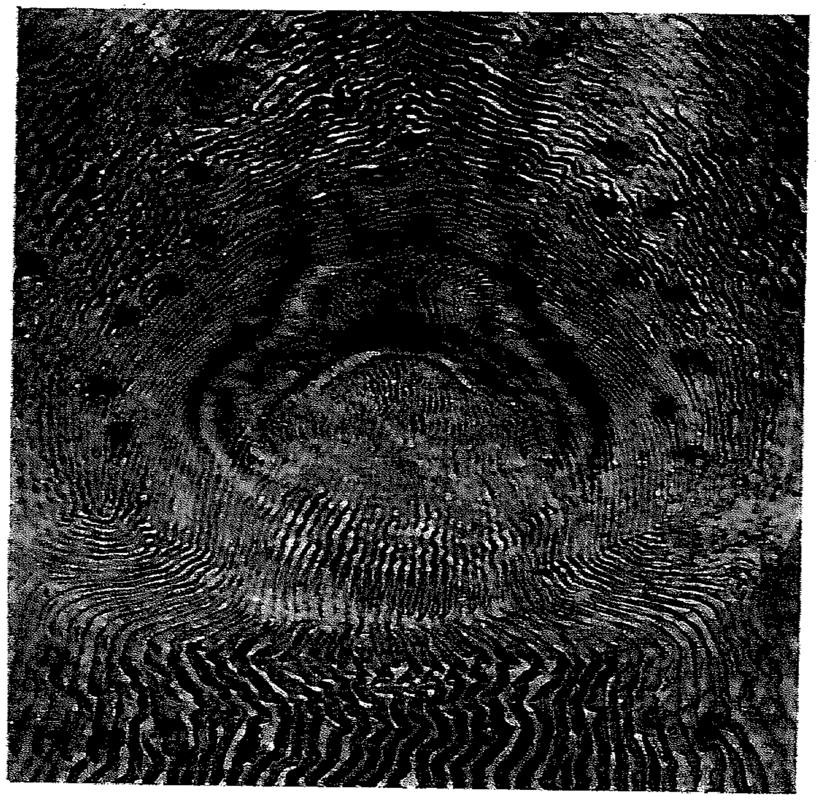


Microfot. 6
Hyalomma truncatum
Exemplar de um bovino, de Angola (col. Sousa Dias)
Abertura genital da fêmea
(Original)

Microfot. 7
Hyalomma truncatum
Exemplar de um bovino, da Guiné (col. J. Tendeiro)
Abertura genital da fêmea
(Original)



Microfot. 8
Hyalomma truncatum
Exemplar de um búfalo, de Moçambique, pouco ingurgitado (col. Travassos Dias)
Abertura genital da fêmea
(Original)

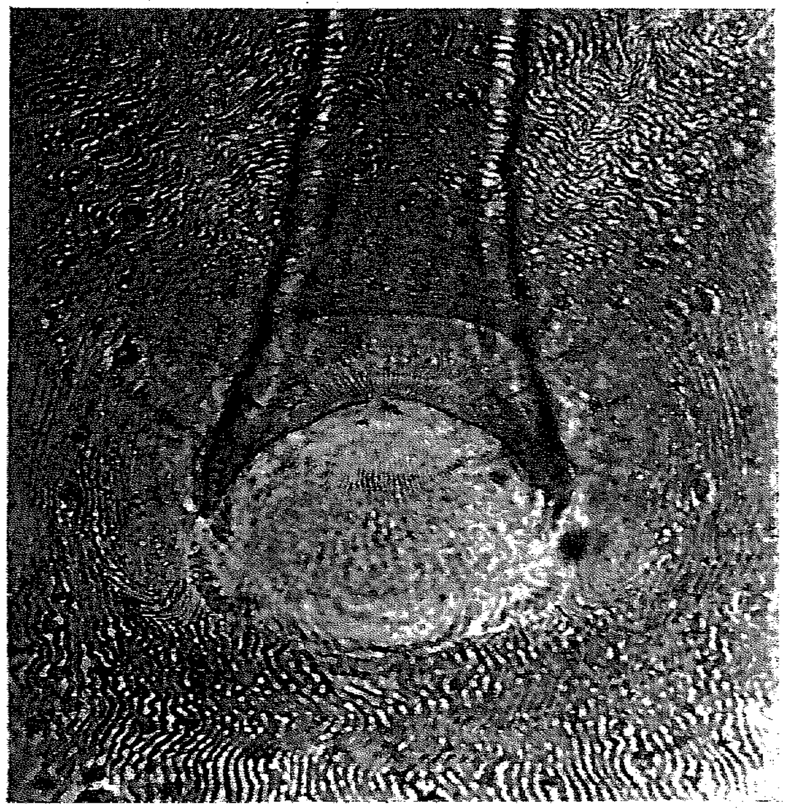


Microfot. 9
Hyalomma lusitanicum
Exemplar, sem indicação de hospedeiro, de Portugal (col. L. C. P. V.)
Abertura genital da fêmea
(Original)

Microfot. 10
Hyalomma lusitanicum
Exemplar de um javali da Tapada de Mafra (Portugal), originário da Alemanha (col. F. Mendes)
(Original)

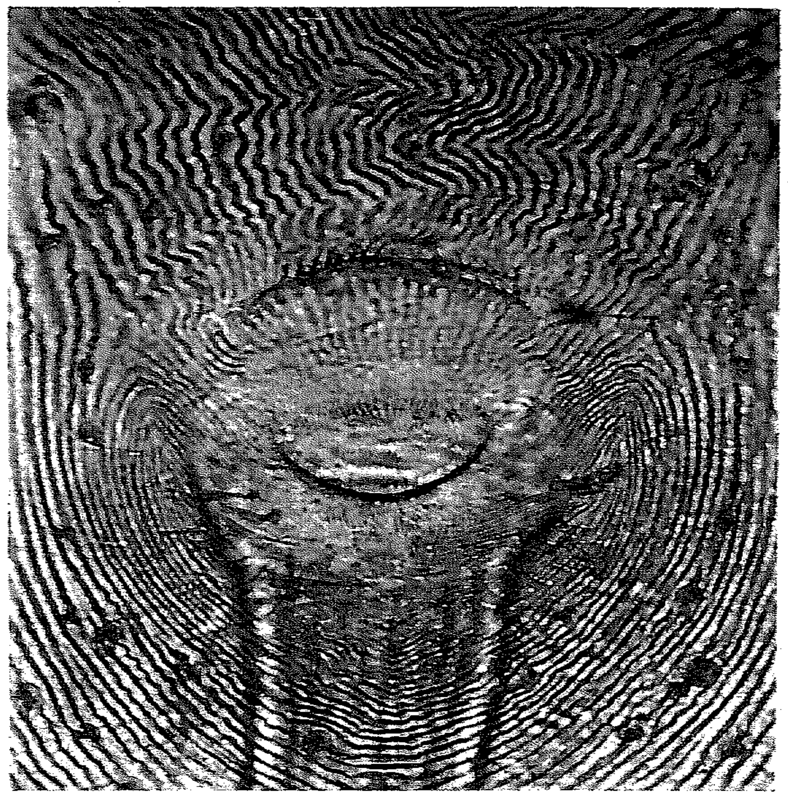
Microfot. 11
Hyalomma detritum
Exemplar da Argélia (col. do Instituto Pasteur, da Argélia, como *Hyalomma mauritanicum*)
Abertura genital da fêmea

(Original)



Microfot. 12
Hyalomma detritum
Exemplar da Argélia (col. do Instituto Pasteur da Argélia, como *Hyalomma mauritanicum*)
Abertura genital da fêmea

(Original)

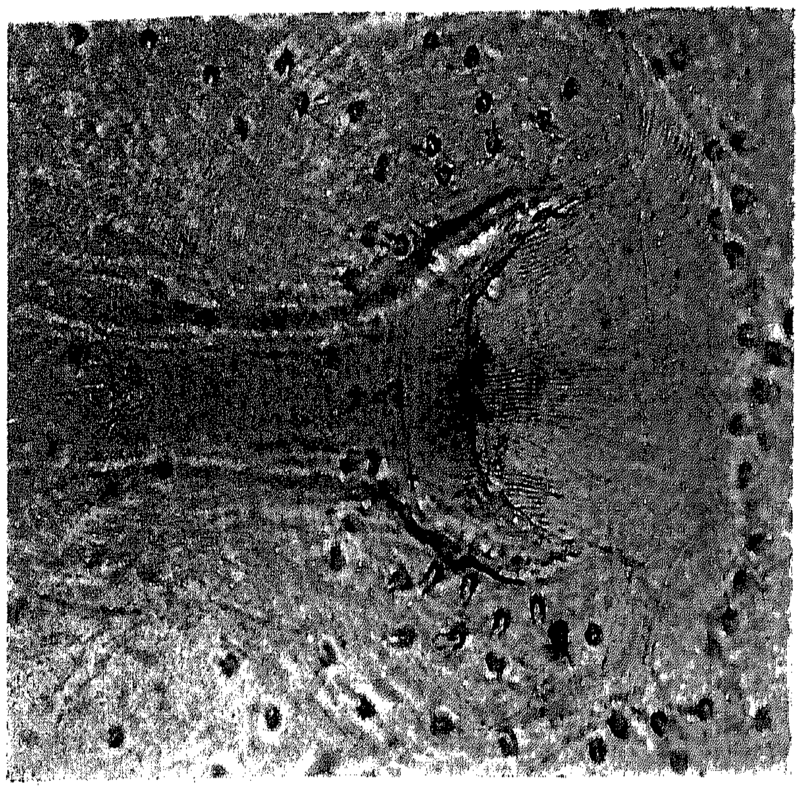


Microfot. 13
Hyalomma impressum
(col. Travassos Dias)
Abertura genital da fêmea

(Original)

Microf. 14
Aponomma flavomaculatum
Exemplar do *Varanus niloticus*, da Guiné
(col. Missão Zoológica da Guiné)
Abertura genital da fêmea

(Original)



Microfot. 15
Aponomma exornatum
Exemplar do *Varanus niloticus*, de Moçambique
(col. Missão Zoológica de Moçambique)
Abertura genital da fêmea
(Original)

Microfot. 16
Aponomma exornatum
Exemplar do *Varanus niloticus*, de Moçambique
(col. Missão Zoológica de Moçambique)
Abertura genital da fêmea
(Original)

Alguns aspectos da alimentação dos indígenas bijagós da Guiné Portuguesa

por

RUY ÁLVARO VIEIRA

Médico de 2.ª classe do Quadro Médico Comum do Império Ultramarino Português
Sócio da Sociedade Portuguesa de Medicina Tropical

INTRODUÇÃO

De todos os inquéritos realizados nos nossos territórios do Ultramar se conclui, apenas com diferença de grau, que as carências observadas entre as populações nativas são mais ou menos sempre da mesma natureza: carência de boas proteínas, de sais minerais e de vitaminas, isto é, carência dos alimentos denominados protectores por Mc Collum.

Na Guiné Portuguesa desconhecemos, entretanto, que algum desses inquéritos tivesse sido já realizado, motivo por que neste trabalho vimos apresentar a nossa contribuição neste sentido, tanto mais que a alimentação do indígena desta Província não difere tão fundamentalmente da das restantes que nos leve a considerar «a priori» a inexistência de doenças motivadas por carência de certos princípios basilares de uma correcta alimentação.

Com esse objectivo estudamos um certo número de crianças pertencentes à tribo bijagó da Guiné Portuguesa sendo precisamente sobre esse estudo que pretendemos apresentar agora as nossas conclusões.

Evidentemente que o trabalho não está perfeito, ficando alguns pontos talvez insuficientemente elucidados enquanto que noutros as deficiências constatadas resultaram das reduzidas condições em que o efectuamos. Apesar de tudo tornamo-lo público com o único objectivo de chamar a atenção para o assunto nesta nossa Província sendo para desejar que a propósito da alimentção do indígena viessem a ser superiormente consideradas mais algumas medidas tendentes a melhorar este aspecto da vida do indígena.

Conhecendo os hábitos alimentares da generalidade dos indígenas da Guiné e em especial os da tribo bijagó, entendemos que ao trabalho por nós apresentado cabe pelo menos o mérito, quando outro não tiver, de ser oportuno.

MATERIAL DO INQUÉRITO

O nosso inquérito incidiu sobre 112 crianças pertencentes à tribo bijagó da Guiné Portuguesa tendo sido observados 59 varões e 53 fêmeas de idades compreendidas entre os 0 e os 5 anos, pertencentes a 6 povoações diferentes da Ilha de Bubaque.

No Quadro I apresentamos a distribuição dessas crianças pelas diferentes povoações, com a separação segundo os sexos e segundo os grupos etários que consideramos.

QUADRO I

Povoações	0-8 meses		8 meses-2 anos		2-5 anos		TOTAIS
	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	Varões	Fêmeas	
Agumpa	1	1	–	1	1	2	6
Ambanha	–	2	1	–	1	1	5
Bijana	2	1	1	1	1	2	8
Bijante	9	7	4	6	21	13	60
Bruce	3	4	7	2	5	9	30
Timbato	1	–	1	–	1	–	3
Totais	**16**	**15**	**14**	**10**	**30**	**27**	**112**
	31		**24**		**57**		

Se bem que tivessemos efectuado apenas um reduzido número de observações, realizadas todas elas em crianças pertencentes à mesma ilha do arquipélago, consideramos este trabalho suficientemente representativo dada a uniformidade de hábitos alimentares dos indígenas em estudo e atendendo à homogeneidade racial deste núcleo da população indígena da Guiné.

Foi difícil na generalidade dos casos a determinação da idade exacta das crianças observadas. As informações fornecidas pelas respectivas mães foram sempre de valor bastante reduzido mas, mesmo assim, não deixaram de ser tomadas em consideração pelo menos na medida em que as mesmas nos puderam fornecer quaisquer elementos úteis.

Rodeamos a dificuldade, entretanto, considerando os três grupos etários seguintes:

1) grupo etário dos 0 aos 8 meses;
2) grupo etário dos 8 meses aos 2 anos;
3) grupo etário dos 2 aos 5 anos.

Os referidos grupos não foram considerados tão arbitràriamente como se pode supor à primeira vista.

No primeiro grupo incluímos todas as crianças alimentadas exclusivamente com leite materno e ainda sem dentes.

A homogeneidade do grupo é assegurada pelo facto de as crianças nele incluídas não poderem digerir os alimentos feculentos visto não disporem ainda de maltases. Aquela fase de digestão não se pode cumprir, com efeito, antes da erupção dos dois primeiros dentes.

Acresce, por outro lado, que os sinais de malnutrição são muito raros antes dos oito meses, período durante o qual o leite materno sempre vai chegando para as necessidades da criança. Por fim, as crianças deste grupo não estão ainda sujeitas, na generalidade dos casos, ao regime alimentar que caracteriza o segundo grupo.

Neste incluímos as crianças dos 8 meses aos 2 anos de idade, sujeitas já a um regime misto de alimentação, mais ou menos intenso e variado consoante a idade da criança, e no qual estão incluídos predominantemente os hidratos de carbono associados em maior ou menor escala ainda ao leite materno. Isto quando a alimentação do adulto não tenha sido já a eleita — que é o que sucede precisamente com a alimentação das crianças mais velhas incluídas neste grupo.

O terceiro grupo etário estendemo-lo até aos 5 anos. Uma ou outra criança continua ainda mamando, por vezes por tempo apreciàvelmente longo e mais por hábito do que por verdadeira necessidade, sendo o desmame definitivo efectuado muitas vezes por volta dos dois anos e meio ou três anos. O regime alimentar das crianças deste grupo etário é já, entretanto, francamente o regime do adulto são.

O limite máximo da idade para este terceiro grupo foi fixado por nós tendo em atenção o facto de TROWELL, num estudo que envolveu mais de 1.000 casos de kwashiorkor publicados em toda a literatura mundial, ter verificado que até à data do seu estudo a incidência daquele sindroma era a seguinte:

dos 0 aos 4 meses	0 %
dos 4 aos 6 meses	1 %
dos 6 aos 12 meses	15 %
de 1 aos 2 anos	45 %
dos 2 aos 3 anos	24 %
dos 3 aos 4 anos	8 %
dos 4 aos 5 anos	4 %
dos 5 aos 15 anos	3 %

Conclui, por isso, aquele autor que 96 % dos casos daquele sindroma de desnutrição ficam compreendidos entre os 6 e os 5 anos de idade.

ALIMENTAÇÃO DO INDÍGENA BIJAGÓ

A alimentação do indígena bijagó é essencialmente vegetal e constituída predominantemente pelo arroz descascado a pilão, pelo peixe em fraca quantidade, por mariscos (o mais frequente é conhecido pelo nome de «kombé» e assemelha-se à ameijoa da Metrópole), pelo chabéu e pelo óleo de palma.

O peixe, se bem que entre na ementa do bijagó, não é usado com a frequência que a sua abundância no mar do arquipélago faria supor. A habitual preguiça do indígena, por um lado, e por outro o facto de as suas tradições marítimas se estarem perdendo sem que se tenham transformado em actividade piscatória constituem elementos que levam

o bijagó a dispensar aquele alimento grande número de vezes simplesmente pela razão de a pesca representar para este indígena um trabalho já bastante apreciável. A obtenção dos mariscos, feita essencialmente pelas crianças e por vezes também pelas mulheres, é mais fácil e sobretudo mais cómoda para ele do que a do peixe, motivo que o faz prescindir tão frequentemente deste alimento e usar os mariscos, um dos poucos alimentos que o bijagó consome quase diàriamente com excepção, evidentemente, do arroz e do chabéu, alimentos sem os quais não passa senão por extrema necessidade.

Não tendo preferência especial por qualquer qualidade de peixe fresco, o indígena bijagó consome-o também quando seco ao sol, depois de aberto, sob a forma de «cassequé», alimento que exala um cheiro difícil de suportar.

Desconhece o uso dos legumes e das hortaliças substituindo estas eventualmente por folhas de certos arbustos e algumas árvores.

Porque não caça e porque não se dedica à criação de gado (o gado vacum encontra-se no mato em estado bravio), a carne só eventualmente entra na alimentação do indígena que está muito frequentemente até um ano sem provar carne de qualquer espécie de animal. As aves de capoeira assim como a de outros animais (cabritos, leitões, etc.) só figuram na sua alimentação em dias de festa. As primeiras são consumidas mesmo quando mortas espontâneamente pouco lhe importando saber a causa da morte do animal e o seu estado de conservação, regra que, aliás, é generalizada a todos os restantes alimentos.

Não pratica a geofagia (alguns casos apenas nas crianças mas sem carácter alimentar) e excepcionalmente utiliza o mel, salvo se dá com algum favo nas suas deambulações pelo mato, assim como não usa os ovos, o leite e os seus derivados. Também não consome habitualmente o amendoim (mancarra) mas quando o faz utiliza-o apenas depois de torrado.

A mandioca e o inhame são consumidos em pequeníssimas quantidades sendo a primeira, por assim dizer, um artigo de luxo e objecto de ofertas.

O feijão é pouco consumido, já porque é mínima a quantidade cultivada já porque habitualmente o indígena não tem interesse em o consumir, defeito de que devia ser corrigido dado o seu valor alimentar.

Nas leguminosas secas, com efeito, a água que nas verdes anda à volta de uns 80 % do peso, forma apenas 9 a 10 % pelo que, por unidade

de peso, contêm mais de 4 vezes de elementos nutritivos. As leguminosas constituem, na verdade, um alimento de alto valor calórico, com uma quantidade apreciável de proteínas (mais ou menos 20 %) e hidratos de carbono (cerca de 50 %), poucas gorduras (1 %), uma quantidade média de sais, muita celulose e vitaminas do complexo B.

É para lamentar, por isso, que o indígena bijagó não se dedique à cultura do feijão em larga escala dada a importância que ele poderia assumir na sua alimentação. Basta dizer que 100 gramas desta leguminosa lhe forneceriam metade das proteínas vegetais, de cobre e de ferro e mais de 1/3 da vitamina B_1 necessárias diàriamente para o equilíbrio da ração do adulto, além de quantidades não desprezíveis de fósforo, cálcio, vitaminas B_2 e PP, apenas com o inconveniente da sua alta proporção de celulose e da ausência de carotenos e vitamina C.

Acresce que a análise das suas proteínas mostra que o feijão possui os 10 aminoácidos essenciais à vida. Se bem que relativamente pobre em metionina, lisina e triptofano o feijão tem, entretanto, os restantes ácidos aminados em quantidades satisfatórias, o que, em azoto, corresponde a 60 % do total.

Seria para desejar, portanto, que o indígena bijagó fosse levado a dar maior atenção às suas actuais mas exíguas culturas de feijão com o que ele só teria a lucrar.

Dos frutos são usados, nas épocas próprias, apenas a papaia, a laranja, pouca tangerina, o cajú, a manga e pouca banana. De resto, o indígena consome alguns outros frutos silvestres se bem que em pequena quantidade.

Se o arroz, o peixe e os mariscos constituem as principais fontes de proteínas da alimentação habitual do indígena bijagó (os valores médios para os peixes gordos são 15-30 gr. % e para os peixes magros 16-23 gr. %, contendo a tainha, o peixe mais vulgarmente utilizado, cerca de 16 gr. % de proteínas) e se o peixe constitui, por outro lado, fonte apreciável de vitaminas A, B_1, pouca B_2, algum ferro, fósforo e cálcio é, entretanto, ao óleo de palma que ele vai buscar sobretudo os carotenos e a gordura de que necessita para a sua alimentação.

O arroz, usado habitualmente na razão de 300 gramas por cabeça e por dia, é descascado a pilão e cozinhado normalmente em água e sal sob a forma de arroz branco levando por vezes, como temperos, além do sal, a malagueta e o limão. Frequentemente é cozinhado também simultâneamente com o peixe, ou com o marisco, e o conjunto regado com

o imprescindível óleo de palma que o bijagó obtém ainda hoje pelos processos mais rudimentares.

Ferve para esse efeito os frutos, depois de deixar amadurecer a infrutescência após a sua colheita; assim amolecidos, estes separam-se mais fàcilmente da parte fibrosa do caroço. A massa amarelo-avermelhada assim obtida é então fortemente batida no pilão e de novo fervida ficando o óleo à superfície da água de onde é então recolhido. A massa proveniente da primeira cozedura constitui o chabéu pròpriamente dito, rico em proteínas, e faz parte da alimentação usual do indígena ao mesmo tempo que lhe fornece as gorduras vegetais necessárias à alimentação e, à mistura, uma boa porção de fibras bastante indigestas.

As gorduras da alimentação do bijagó são, como se vê, quase exclusivamente representadas pelo óleo de palma, rico em carotenos, calculando-se que cada indígena adulto consome em média cerca de 150-160 gramas daquele óleo por dia.

Porque o processo da sua obtenção é ainda dos mais primitivos, este óleo fica com elevada acidez (variável entre os 25 e os 40 %, expressa em ácido oleico) devida à transformação das gorduras pelos fermentos existentes na polpa do fruto. A fermentação provocada intencionalmente pelo amadurecimento da infrutescência se por um lado facilita a sua desagregação provoca por outro lado precisamente o aparecimento dos ácidos gordos. Por isso, além de impuro, o óleo é apreciàvelmente ácido.

Contém 45 % do seu peso em gorduras e glúcidos líquidos (1/3 %) sendo constituído principalmente por oleína, palmitina e fracas proporções de linolina, estearina e ácido mirístico.

Realizando, finalmente, uma única refeição por dia, efectuada por volta das 6 ou 7 horas da tarde, o bijagó substitui o arroz, quando dele não pode dispor, por qualquer outra coisa que lhe encha o estômago e que ele habitualmente consome fora do horário normal da sua única refeição cozinhada: mandioca, chabéu cru, arroz cru, raízes, frutos, etc., etc. Entretanto, pode ficar dois ou três dias sem comer com o que, na verdade, também pouco se importa. Eventualmente consome o arroz depois de farinado constituindo com essa farinha e com água e açúcar (se o comprou no comércio local) uma espécie de bolo que é utilizado assim mesmo ou depois de assado na brasa.

A primeira coisa que nos chama a atenção é a relativa carência em prótidos animais na alimentação normal do indígena bijagó. Já referimos

que a utilização do peixe não é tão frequente como as condições locais fariam admitir. «Ora, de acordo com as técnicas da alimentação, pelo menos metade das proteínas da ração deveriam ser de origem animal embora estudos recentes pareçam mostrar que as proteínas de origem vegetal, embora nitidamente inferiores às de origem animal, podem ser suficientes quando dadas em quantidades apropriadas e devidamente misturadas de forma a contribuirem com todos os ácidos aminados essenciais para o indivíduo que utiliza a ração» (GONÇALVES FERREIRA) — o que não é precisamente o caso do indígena bijagó. Conclui-se, por isso, e sem grande esforço, que a alimentação habitual do bijagó é caracterizada por uma relativa carência de proteínas animais, com a agravante de consumir muito poucos vegetais.

Segundo as modernas concepções sobre alimentação e regimes alimentares chega-se à conclusão de que, afinal, tudo se resume na necessidade do organismo em amino-ácidos.

Mas se o organismo é capaz de sintetizar alguns dos ácidos aminados de que carece (a partir dos resíduos azotados dos proteicos), outros há cuja síntese ele não pode efectuar pelo que têm de ser fornecidos do exterior como sucede com a lisina, a isoleucina, o triptofano, a metionina, a fenilalanina, a valina, etc., etc.

Acresce que não basta fornecer proteínas ao organismo; é importante a sua origem. Os amino-ácidos resultantes das proteínas de origem animal não são realmente iguais, qualitativa e quantitativamente, aos provenientes da digestão das proteínas vegetais e não possuem, como já deixámos entrever, o mesmo valor biológico ou capacidade nutritiva. Enquanto que as proteínas animais têm um valor biológico de 60 a 100 %, as proteínas de origem vegetal têm um valor biológico que varia entre 32 e 72 %. Por isso as proteínas animais são consideradas proteínas completas — porque contêm todos os ácidos aminados.

Por muito que se ingira proteínas vegetais, na prática o organismo necessita igualmente de proteínas de origem animal que devem estar representadas na percentagem de 30-50 % em relação ao total das proteínas da ração estando calculado, por outro lado, que a ingestão de alimentos vegetais devia ser 7 vezes maior que a de alimentos de origem animal para que se atingisse idêntico aporte proteico.

No que se refere ao arroz, se bem que o exame de 28 amostras deste cereal, como está escrito, tivesse demonstrado que o arroz da Guiné é mais rico em substâncias proteicas e matérias amiláceas do que as variedades consumidas na Metrópole, o que na verdade lhe confere alto valor alimentar, o que é certo é que o arroz da Guiné não foge à regra sendo dos cereais que têm menor percentagem de proteínas. «O défice neste aspecto não está ligado à qualidade mas à quantidade de proteína» devendo dizer-se, entretanto, que «as experiências têm demonstrado que o seu valor biológico é elevado quer para a manutenção quer para o crescimento». Sucede, contudo, que «para cobrir, por exemplo, 80 gramas de proteínas que uma criança de 10 anos necessita, teria de consumir mais de 1.000 gramas daquele cereal!» (PACHECO DE FIGUEIREDO).

Por outro lado, se é certo que o bijagó consome o arroz descascado a pilão, processo de descorticação que lhe empresta na realidade uma parte de proteínas, minerais, vitamina B_1 e da pouca B_2, contidos no pericarpo e no gérmen (embrião), não é menos certo que se trata dum cereal que não contém as vitaminas A e C, sendo as suas percentagens em vitamina B_2, cálcio e ferro muito fracas. O arroz, portanto, como de resto qualquer outro cereal, não é um alimento completo e com o seu uso sistemático o indígena fica mais bem servido em hidratos de carbono, que ele contém em apreciável quantidade, do que em qualquer outro nutriente.

Acresce que o regime feito à base de arroz agrava a deficiência do mesmo em cálcio porquanto o ácido fítico (forma sob a qual se encontra uma parte do fósforo orgânico dos cereais) combinando-se com o cálcio e constituindo sais insolúveis «imobiliza e evita a absorpção do cálcio do próprio cereal» e, por outro lado, «actua sobre o cálcio que entra na constituição doutros elementos da dieta» (PACHECO DE FIGUEIREDO). Daqui o facto de se considerar os cereais como raquitogénios.

Ora se nas áreas consumidoras de arroz o regime já de si é pobre em cálcio, a deficiência deste elemento acentua-se com a presença em grande quantidade de ácido fítico na alimentação. Na intensa radiação solar existente nos trópicos reside o motivo por que é fraca a incidência do raquitismo entre a população indígena infantil se bem que se deva fazer a restrição de que a elevada mortalidade infantil verificada normalmente entre as populações indígenas constitui até certo ponto um factor que torna difícil a frequente observação de casos de raquitismo; nada nos garante, com efeito, que sem esse factor não houvesse oportunidade de constatar uma maior incidência daquela doença.

A propósito dos resultados do nosso inquérito voltaremos ainda a fazer referência a algumas vitaminas.

RESULTADOS DO INQUÉRITO

Para cada um dos grupos etários que considerámos, os resultados do nosso inquérito foram os seguintes (Quadros II e III):

QUADRO II

	0-8 meses				8 meses-2 anos				2 5 anos				TOTAIS
	Normal		c/ desnut		Normal		c/ desnut.		Normal		c/ desnut		
	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	V	F	
Agumpa	1	1	-	-	-	-	-	1	1	2	-	-	**6**
Ambanha.	-	2	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	**5**
Bijana	2	1	-	-	1	-	-	1	1	1	-	1	**8**
Bijante.	9	6	-	1	3	4	1	2	20	12	1	1	**60**
Bruce	2	4	1	-	5	2	2	-	5	8	-	1	**30**
Timbato	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	**3**
	15	**14**	**1**	**1**	**9**	**6**	**5**	**4**	**29**	**24**	**1**	**3**	
	29		**2**		**15**		**9**		**53**		**4**		**112**
Totais	**31**				**24**				**57**				

QUADRO III

Povoações	Com sinais de desnutrição	Sem sinais de desnutrição	TOTAIS
Agumpa	1	5	**6**
Ambanha	1	4	**5**
Bijana	2	6	**8**
Bijante	6	54	**60**
Bruce.	4	26	**30**
Timbato.	1	2	**3**
Totais.	**15**	**97**	**112**

1) *Crianças dos 0 aos 8 meses:*

Número de crianças observadas:

Varões 16
Fêmeas 15
31 — o que corresponde a 27,6 % em relação ao número total de observações.

Com estado de nutrição normal ... ... 29 93,5 %
com conjuntivites 9
com glossite 2

Com sinais de malnutrição ... ... 2 6,5 %
Hipotrépsia, hépato-esplenomegália, anemia, edemas, hiperqueratose, queilite, glossite e querato-conjuntivite ... 1 (a)
Esplenomegália, cabelos desfrisados, quebradiços e descorados, pele descorada, gengivite hemorrágica, hiperqueratose, conjuntivite e queilite ... ... 1 (a)

Percentagem em relação aos portadores de sinais de malnutrição:

(a) — Afecções nutritivas graves .. ... 100 %

2) *Crianças dos 8 meses aos 2 anos:*

Número das crianças observadas:

Varões 14
Fêmeas 10
24 — o que corresponde a 21,4 % em relação ao número total de observações.

Com estado de nutrição normal ... ... 15 62,5 %
com conjuntivites 6
com queratite 4
com glossite 4

Com sinais de malnutrição	9	37,5 %
Kwashiorkor constituido	2 (a)	
Atrépsia, hépato-esplenomegália, queilite glossite, anemia, hiperqueratose, querato-conjuntivite	1 (b)	
Hépato-esplenomegália, pele descorada, hiperqueratose, gengivite hemorrágica	2 (b)	
Hiperqueratose, cabelos desfrisados, quebradiços e descorados, pele descorada e descamada, queilite, glossite, anemia, esplenomegália, edemas	2 (b)	
Gengivite hemorrágica, anemia, edemas, hiperqueratose, conjuntivite, queilite, glossite	1 (b)	
Cabelos desfrisados, quebradiços e descorados, querato-conjuntivite, bom estado geral	1 (c)	

Percentagens em relação aos portadores de sinais de malnutrição:

(a) — Kwashiorkor constituido	22,2 %
(b) — Afecções nutritivas graves	66,6 %
(c) — Afecções nutritivas ligeiras	11,1 %

3) *Crianças dos 2 aos 5 anos:*

Número de crianças observadas:

Varões	30
Fêmeas	27
	57

— o que corresponde a 50,8 % em relação ao número total de observações.

Com estado de nutrição normal	53	92,9 %
com conjuntivites	18	
com queratite	7	
com glossite	5	

Com sinais de malnutrição	4	7,1 %
Kwashiorkor constituido	1 (a)	
Hépato-esplenomegália, anemia, hiperqueratose, pele descorada e descamada, queilite, glossite	1 (b)	
Esplesomegália, cabelos desfrisados, quebradiços e descorados, pele descorada, hiperqueratose, querato-conjuntivite, bom estado geral	1 (c)	
Anemoia, edemas, queilite, querato-conjuntivite, pele descamada, bom estado geral	1 (c)	

Percentagem em relação aos portadores de sinais de malnutrição:

(a) — Kwashiorkor constituido	25,0 %
(b) — Afecções nutritivas graves	25,0 %
(c) — Afecções nutritivas ligeiras	50,0 %

Resumo considerando o conjunto dos 3 grupos etários:

	N.º de casos	% em relação aos portadores de sinais de malnutrição (2+9+4=15)	% em relação ao n.º total de Observações (112)
Kwashiorkor constituido . .	3	20,0	2,6
Afecções nutritivas graves. .	9	60,0	8,03
Afecções nutritivas ligeiras .	3	20,0	2,6
Estado de nutrição normal. .	97	-	86,6

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

1) Encontramos 3 casos de *kwashiorkor constituído* (2 no grupo etário dos 8 meses aos 2 anos e 1 no grupo dos 2 aos 5 anos).

O conjunto dos sinais clínicos dos referidos casos — atraso de crescimento, bastante apreciável num deles; cabelos desfrisados, atro-

fiados, quebradiços e descorados, sobretudo nas regiões temporais onde tomavam, em dois casos, o aspecto de verdadeira penugem; pele descorada, sobretudo na face e pregas de flexão dos membros superiores; queilite angular; querato-conjuntivite acompanhada num caso por blefarite; anemia, edemas infra-orbitários e dos membros inferiores num dos casos; hepatomegália; ventre distendido; astenia — não nos deixaram dúvidas pelo que os classificamos clinicamente como de kwashiorkor constituído.

Todos eles foram fotografados se bem que por motivos alheios à nossa vontade apenas possamos agora apresentar a fotografia que se refere ao doente Chico Coné, do sexo masculino, de 2 anos de idade, pertencente à povoação de Timbato, da ilha de Bubaque.

2) As *conjuntivites* foram observadas com grande frequência (41 casos) sendo a sua incidência sensìvelmente igual em ambos os sexos.

Da totalidade dos casos verificados:

8 foram encontrados nos 15 doentes que apresentavam sinais de desnutrição (2 no 1.º grupo, 3 no 2.º e 3 no 3.º);

33 foram encontrados nas 97 crianças que não apresentavam aqueles sinais (9 no 1.º grupo, 6 no 2.º e 18 no 3.º).

Concluimos, portanto, as seguintes percentagens:

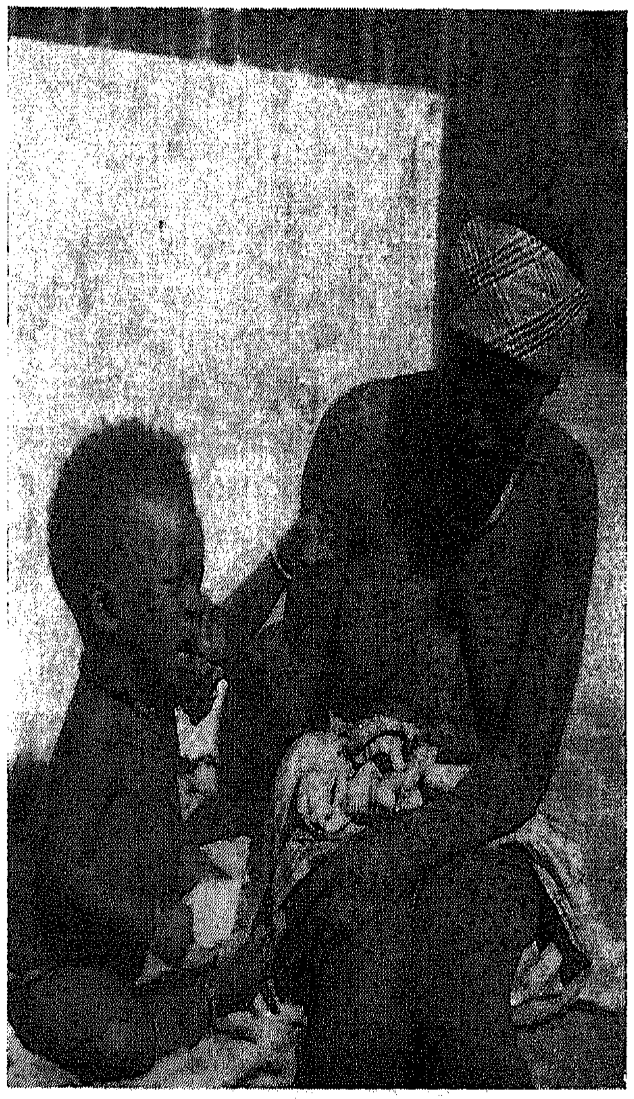
53,3 % de conjuntivites em relação ao número de casos que apresentavam sinais de malnutrição;

34,02 % de conjuntivites em relação ao número de casos que não apresentavam aqueles sinais;

36,6 % de conjuntivites em relação ao número total de crianças observadas.

Estaremos em presença duma especial sensibilização da conjuntiva em relação com determinada carência da ração ou será o facto destituído de significado entrando em linha de conta com a tradicional falta de higiene do indígena bijagó?

Não podemos, na verdade, excluir categòricamente a hipótese da existência de certo grau de carência em vitamina A sendo, como é, a maior percentagem de casos de conjuntivite constatada nos 2.º e 3.º grupos etários que, como dissemos, incluem crianças sujeitas na generalidade dos casos a um regime mais ou menos livre de alimentação, bem próximo ou quase identificado mesmo com a alimentação do



Um caso de kwashiorkor
Chico Coné, sexo masculino, de 2 anos de idade
Povoação de Timbato — Ilha de Bubaque

indígena adulto são, embora nas crianças mais novas se continui verificando a alimentação láctea simultânea.

É ao óleo de palma, como já referimos, que o indígena bijagó vai buscar a provitamina A que em abundância nele se encontra (100 gramas de óleo de palma fornecem entre 35.000 e 52.000 U. I. de vitamina A).

Se esta vitamina é representada na alimentação do bijagó pela quantidade de carotenos fornecidos exclusivamente ou quase pelo óleo de palma, desconhece-se entretanto qual o valor biológico deste caroteno como fonte daquela vitamina. Acresce que é difícil avaliar a parte com

que os carotenos duma dieta contribuem para a elaboração da vitamina A. Se alguns são convertidos completamente e com facilidade, com outros verifica-se certa dificuldade nessa conversão, segundo JANZ, GABRIELA PINTO e FRANÇA, os quais acrescentam ter KREULA verificado que apenas são absorvidos 50 a 70 % dos carotenos administrados sob a forma de óleo de palma. E como as perturbações gastrointestinais são bastante frequentes nestas idades nas crianças indígenas não merece a pena ir mais longe para encontrar motivos para a existência de certo grau de défice em vitamina A no organismo destas crianças cuja capacidade digestiva, finalmente, está longe ainda de se encontrar plenamente desenvolvida e capaz de aproveitar, portanto, tudo quanto nestas idades é já administrado à criança como alimento ou com esse objectivo, pelo menos.

É claro que a proverbial falta de higiene individual e colectiva do indígena da tribo bijagó muito deve contribuir para tão grande incidência de afecções oculares de carácter infeccioso mas parece-nos que invocar este argumento é rodear um pouco a questão pois se houver uma maior predisposição do organismo para essas afecções por motivo de carência em vitamina A é natural que a falta de higiene constitua o factor desencadeante das mesmas.

Só as determinações da taxa dos carotenos ou da própria vitamina A no soro sanguíneo tornariam possível esclarecer o assunto se bem que, como afirmam JANZ, GABRIELA PINTO e FRANÇA, «a interpretação dos dados sobre a concentração dos carotenos e vitamina A no soro» seja «complicada, pois sabe-se que os carotenos sofrem uma baixa rápida poucos dias após a administração de uma dieta isenta daqueles nutrientes, enquanto que muitos meses são necessários, com uma dieta carenciada, para que se note uma diminuição apreciável da concentração em vitamina A do soro».

Por outro lado, se «é frequente encontrar valores baixos de vitamina A em casos de malnutrição», não é menos frequente «encontrar valores normais em indivíduos com sintomas geralmente considerados como devidos a uma avitaminose A» (mesmos autores), acrescendo que, apesar de o organismo absorver carotenos, estes «não são assimilados senão quando o fígado está íntegro. Ora nos 15 indivíduos observados com deficiência do seu estado de nutrição foram registadas nada menos do que 8 hepatomegálias o que corresponde a uma percentagem de 53,3 %.

Mas porque a conjuntiva pode também encontrar-se lesada nos casos de carência de riboflavina incluímos sob a designação genérica de conjuntivites todas as alterações verificadas na conjuntiva não atendendo em especial à sua natureza.

3) Pele descamada — cabelos desfrisados e descorados:

Registamos o *descoramento da pele*, sobretudo com localização na face e pregas de flexão dos membros superiores, em 10 casos (1 no 1.º grupo etário, 6 no 2.º e 3 no 3.º) o que dá uma percentagem de 66,6 % para a incidência deste sintoma em relação aos 15 casos que apresentavam sinais de desnutrição.

Com *cabelos desfrisados, quebradiços e descorados* registamos 8 casos fazendo-se a sua localização essencialmente nas regiões temporais (1 no 1.º grupo etário, 5 no 2.º e 2 no 3.º) o que traduz por uma incidência de 53,3 % deste sintoma em relação aos mesmos 15 portadores de sinais de malnutrição.

A despigmentação quer num caso quer noutro só foi por nós considerada quando absolutamente nítida de modo a não permitir dúvidas sobre a sua existência e depois de ter sido considerado o tom da cor da pele e dos cabelos dos respectivos ascendentes. Foi assim que deixamos de considerar 1 caso pelo facto de o termos considerado hereditário tanto mais que dois dos respectivos irmãos mais velhos também apresentavam idêntica característica na cor dos cabelos e da pele.

As percentagens que apontamos para estes sintomas são para considerar tanto mais que, quando não integrados nos casos de kwashiorkor constituído, correspondem certamente a estados de carência no limiar da transição para aquele sindroma. E na verdade foram sempre acompanhados por outros sinais de desnutrição ainda que subsistisse um razoável estado geral.

4) Hiperqueratose — queilite — glossite — descamação da pele:

A *hiperqueratose* foi o sintoma mais frequentemente encontrado, sobretudo localizada na face posterior dos braços e na face externa das coxas e pernas. Observamo-lo em 13 casos (2 no 1.º grupo etário, 8 no 2.º e 3 no 3.º) o que em relação aos 15 portadores de sinais de desnutrição corresponde a uma percentagem de 86,6 % de incidência.

A *queilite angular* esteve presente em 11 casos (2 no 1.º grupo etário,

6 no 2.º e 3 no 3.º) o que corresponde a uma incidência de 73,3 % para este sintoma.

A *glossite* foi encontrada em 6 casos (1 no 1.º grupo etário, 4 no 2.º e 1 no 3.º) o que corresponde a uma frequência equivalente a 40 % em relação aos mesmos 15 doentes. Nos indivíduos sem estigmas de desnutrição apenas se verificaram 11 casos deste sintoma o que corresponde, portanto, a uma incidência de 10,3 %.

A *descamação da pele* apenas foi constatada em 4 casos (2 no 2.º grupo etário e 2 no 3.º) verificando-se, portanto, uma incidência de 26,6 % deste sintoma. Se por vezes acompanhava a hiperqueratose, outras vezes apresentava-se isolada.

Enquanto que a hiperqueratose e a descamação da pele podem corresponder a um défice de vitamina A, o que nem sempre sucede em especial para a hiperqueratose, a queilite e a glossite correspondem sem dúvida a um défice de riboflavina.

Em relação a esta última vitamina admitimos que ela não deve entrar na ração do bijagó na quantidade estritamente necessária. Prova-o pelo menos a frequência com que encontramos a queilite angular e a possibilidade, como referimos, de a conjuntiva, poder encontrar-se igualmente lesada por falta daquele nutriente no regime alimentar.

Sabe-se, de resto, que as taxas de vitamina B_2 podem estar sistemàticamente baixas nas rações utilizadas sem que sejam acompanhadas paralelamente por sintomas de arriboflavinose. Esclarecemos a este respeito que GONÇALVES FERREIRA chegou, pelos seus estudos, à conclusão que basta 1,2 miligramas deste nutriente para o indivíduo são, valor que na verdade não deixa de estar muito abaixo do preconizado pelos autores americanos (1,8 mgr.). Admite-se por isso a possibilidade de o número indicado pelos americanos ser excessivo, dadas as conclusões do autor português. Devemos dizer, entretanto, que o valor indicado por GONÇALVES FERREIRA se refere à população metropolitana.

A vascularização pericorneana que, nalguns casos, pode ser devida à carência de vitamina B_2, não foi por nós procurada atendendo ao facto de estar em descrédito como sinal precoce de arriboflavinose. Mas a frequência com que encontramos a queilite (73,3 % nos nossos casos) e também a glossite levam-nos a admitir a existência de certo grau de carência em vitamina B_2 no regime utilizado pelo indígena da tribo bijagó.

5) Gengivite hemorrágica:

A *gengivite hemorrágica* foi constatada em 4 casos (1 no 1.º grupo etário e 3 no 2.º) concluindo-se, portanto, que em relação aos 15 portadores de sinais de desnutrição esteve presente em 26,6 % dos casos.

Não podemos deixar de relacionar este sintoma com um défice de vitamina C na ração habitual do indígena bijagó tanto mais que era acompanhado por ligeira tumefacção gengival em todos os casos e num deles também por dor à pressão na parte inferior do fémur.

De resto, num outro trabalho nosso tivemos oportunidade de chegar à seguinte conclusão:

12,3 % dos indígenas desta tribo encontravam-se em estado de carência em ácido ascórbico;

23,5 % encontravam-se subcarenciados;

63,4 % estavam dentro dos limites considerados como normais;

0,56 % apresentavam uma eliminação urinária em vitamina C superior àqueles limites.

6) A *anemia*, o sintoma mais frequentemente constatado entre a população nativa desta Província, esteve presente em quase todas as crianças observadas, com ou sem sinais de malnutrição.

Tão variadas são as suas causas que não nos atrevemos a considerar a anemia como sinal pròpriamente representativo dos estados de desnutrição precisamente porque nunca podemos destrinçar em que medida devem ser considerados os diferentes factores que podem ser responsáveis pelo aparecimento daquele sintoma.

Se bem que pelo arroz, para nos referirmos apenas ao alimento base do indígena, sejam fornecidos cerca de 19 microgramas de ferro diários e o organismo careça apenas de 10-15 microgramas diários daquele elemento, o certo é que as anemias ferriprivas são bastante frequentes nos indígenas desta Província.

Porque são numerosas, entretanto, as incógnitas que dizem respeito à absorpção, às necessidades diárias, às possibilidades de absorpção de todo o ferro da alimentação, etc., se bem que se saiba seguramente que uma certa quantidade deste elemento é absorvido pelo organismo, sobretudo a partir dos compostos inorgânicos e não dos orgânicos como até

há pouco se admitia, conclui-se que o assunto é bastante complexo não se limitando apenas às necessidades em ferro por parte do organismo.

A carência de boas proteínas, sobretudo de origem animal (parece que uma parte de ferro da alimentação deve ser pelo menos de origem animal); a existência de helmintíases, sobretudo da ancilostomíase, sempre espoliadoras do organismo; o paludismo; as carências vitamínicas, etc., etc. — são factores que, em conjunto, desempenham certamente relevante papel no aparecimento da anemia.

Mas o facto, diàriamente constatado, de a terapêutica férrica melhorar apreciàvelmente a anemia que acompanha a infestação ancilostomiásica, mesmo quando os doentes não tenham sido prèviamente desparasitados, vem pôr em relevo a carência em ferro por parte do organismo do indígena.

Ora a infestação ancilostomiásica é das mais frequentes parasitoses intestinais verificadas nos indígenas da Guné. CRUZ FERREIRA no seu estudo sobre «As parasitoses intestinais na Guiné Portuguesa», a ela se refere dizendo textualmente: «Os Ancylostomidae são de longe os vermes mais frequentes, principalmente nos indivíduos de raça negra e mestiça. O Necator americanus é mais frequente que o Ancylostoma duodenale e algumas vezes se encontra a infestação simultânea pelos dois helmintas. É uma parasitose que na Guiné afecta as populações indígenas em percentagens que variam de 30 a 98 %».

Assim sendo, e conjugando esta alta incidência da doença com o facto, já referido, dos benéficos efeitos da terapêutica marcial nestes doentes, somos levados a admitir que a carência em ferro é uma situação bastante frequente nos indígenas embora na etiologia da anemia não possamos invocar exclusivamente o factor relativo à carência em ferro.

Daqui o facto de termos constatado tão grande incidência da anemia, não exclusivamente ligada aos estados de desnutrição se bem que BROCK e AUTRET sejam de opinião que, pelo menos em certas regiões, a ancilostomíase intervém muito provàvelmente na etiologia dos estados de malnutrição como factor contributivo.

7) 4 das 15 crianças observadas com sinais de malnutrição, entre as quais se contavam 2 casos de kwashiorkor constituído, tinham *febre* no momento da nossa observação, sintoma que com boas razões atribuímos ao paludismo.

Não é para rejeitar a ideia de que o paludismo desempenhe de certo modo qualquer papel no aparecimento destes estados de desnutrição. Cabe-lhe, sem dúvida, pelo menos, o papel de factor agravante dos regimes alimentares insuficientes ou mal equilibrados embora o factor dietético seja considerado o mais importante.

CONCLUSÕES

BROCK e AUTRET, referindo-se à população do Baixo Casamança (região do Senegal situada entre a Gâmbia e a Guiné Portuguesa) afirmam que «son régime alimentaire à base de riz, d'huile de palme, de poissons et de crustacés permet à cette population, vivant dans un pays à marécages, de faire place au paludisme et d'avoir, en dépit de ce paludisme, un excellent état sanitaire».

Ora o indígena bijagó da Guiné Portuguesa tem um regime alimentar absolutamente idêntico ao indicado por aqueles autores para a referida população francesa. Seria de esperar, portanto, que as nossas conclusões se aproximassem das daqueles autores. Como nada disso sucede, de tudo quanto ficou exposto somos levados a concluir que o indígena bijagó da Guiné Portuguesa vive num regime de insuficiência crónica quer por erros de alimentação quer, sobretudo, por insuficiência global da mesma a qual, em resumo é caracterizada pelos seguintes factores:

1) carência qualitativa e quantitativa de boas proteínas animais;
2) excesso de hidratos de carbono;
3) gorduras e sais minerais, com excepção talvez do cálcio, em quantidade suficiente;
4) carência em vitaminas A, B_2 e C;
5) regime alimentar monótono, desiquilibrado, muito provàvelmente de baixo nível calórico, pobre em alimentos protectores, em vegetais e em frutos.

Bubaque, Maio/Julho de 1955

ALGUMA BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1) — AGUIAR (Luís Rego de) — *Alimentação Humana* — in Jornal do Médico, n.º 592, 1954.

2) — AUFFRET (Ch.) e TANGUY (F.) — *Note sur la teneur en protides et lipides du foie chez quelques enfants atteints de kwashiorkor* — Bull. Méd. de l'AOF, T. VII, fasc. 1, 1950.

3) — BERGERET (Ch.) — *Quelques réflexions sur l'ankilostomiase* — Bull. Méd. de l'AOF, T. IV, fasc. 2, 1947.

4) — BERGERET (Ch.) — *Un syndrome de dénutrition maligne de l'enfant noir le «kwashiorkor»* — Bull. Méd. de l'AOF, T. V, fasc. 2, 1948.

5) — BERGERET (Ch.) — *Quelques réflexions sur la cirrhose africaine* — Bull. Méd. de l'AOF, T. VII, fasc. 1, 1950.

6) — BERGOUNIOU (J. L.) — *Malnutrition et sous-nutrition àà Kaolack et Fatick (Sénégal)* — Bull. Méd. de l'AOF, T. VIII, fasc 2, 1951.

7) — BERGOUNIOU (J. L.) — *Malnutritions et sous-nutritions chez les jeunes enfants de la presqu'île du Cap-Vert* — Bull. Méd. de l'AOF, T. IX, fasc. 1, 1952.

8) — BERGOUNIOU (J. L.) — *Malnutritions et sous-nutritions observées chez les jeunes enfants de la région de Ouahigouya (Haute-Volta)* — Bull. Méd. de l'AOF, T. IX, fasc. 2, 1952.

9) — BERGOUNIOU (J. L.) e RAOULT (A.) — *Quelques aspects iconográphiques du kwashiorkor* — Bull. Méd. de l'AOF, T. IX, fasc. 1, 1952.

10) — BEST (Herbert) e TAYLOR (Burke) — *Las bases fisiologicas de la Pratica Medica* — 3.ª ed., Cultural, S. A., Habana, 1944.

11) — BIGWOOD (E. J.) — *Metabolisme des glucides, des protides et des matières grasses et leurs influences reciproques* — An. Inst. Med. Trop. Vol. X, n.º 1, 1953.

12) — BRAGA (Munhoz) — *Doenças por carência ou por excesso de alimentação* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 1, 1954.

13) — BROCK (J. F.) e AUTRET (M.) — *Le kwashiorkor en Afrique* — Organização Mundial de Saúde, Série de Monografias, n.º 8, 1952.

14) — BÜRGER (M.) — *Transtornos de la nutrición* — Trat. de Med. Interna, Vol. VI, ed. Labor, S. A., 1949.

15) — CAMAIN (R.) e PIERCHON (M.) — *Lésions pancréatiques dans le syndrome de dénutrition maligne* — Bull. Méd. de l'AOF, T. IX, fasc. 2, 1952.

16) — CAMPOS (Carlos A.) — *Nociones generales sobre alimentación normal* — «Terapeutica Clinica», César Cardini e outros — Ed. «El Ateneo», Buenos Aires, 1947.

17) — CAMPOS (F. Cruz de) — *Inquéritos alimentares* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 1, 1954.

18) — CARDINI (César) — *Perturbaciones del metabolismo de las vitaminas* — «Terapeutica Clinica», César Cardini e outros — Ed. «El Ateneo», Buenos Aires, 1947.

19) — CARDINI (César) e BEGUIRISTAIN (Manuel A.) — *Desnutrición* — Terapeutica Clinica», César Cardini e outro. — Ed. «El Ateneo», Buenos Aires, 1947.

20) — CAROTHERS (J. C.) — *Psychologie normale et pathologique de l'africain* — Organização Mundial de Saúde, Série de Monografias, n.º 17, Génova, 1954.

21) — CRUZ (João Agostinho da) — *Regime alimentício em Cabo Verde e o seu valor biológico* — An. Inst. Med. Tropical, vol. VIII, 1950.

22) — DIAZ (C. J.) — *Lecciones sobre las enfermedades de la nutricion* — III de las lecciones de Pat. Médica, 1941.

23) — ESPÍRITO SANTO (J.) — *Notas sobre a cultura do arroz entre os balantas* — Bol. Cult. da Guiné Portuguesa, vol. IV, n.º 14, 1949.

24) — FEIJÃO (Raúl de Oliveira) — *As vitaminas em terapêutica dietética* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 3, 1945.

25) — FERREIRA (F. S. da Cruz) — *Algumas perspectivas do problema da nutrição entre as tribos africanas consumidoras de arroz* — Bol. Cult. da Guiné Portuguesa, vol. V, n.º 17, 1950.

26) — FERREIRA (F. S. da Cruz) — *As parasitoses intestinais na Guiné Portuguesa* — Gazeta Médica Portuguesa, vol. II, 1949.

27) — FERREIRA (F. S. da Cruz) e ALMEIDA (C. Lehmann de) — *Contribuição para o estudo da ancilostomíase na Guiné Portuguesa. II — Aspectos clínico-terapêuticos* — Gazeta Méd. Portuguesa, vol. VI, 1953.

28) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Os ácidos aminados essenciais dos peixes de maior consumo em Portugal* — Arq. do Inst. de Patolog. Geral da Universidade de Coimbra, V (1947-1949).

29) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Determinação do conteúdo em azoto das proteínas do peixe* — Bol. do Inst. Sup. de Hig. Doutor Ricardo Jorge, n.º 36, 1951.

30) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Orientação actual dos estudos sobre alimentação* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 2, 1952.

31) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Free and combined ascorbic acid in vegetable foodstuffes* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 2, 1952.

32) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Normas gerais da alimentação racional nas diferentes idades e situações fisiológicas* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 3, 1952.

33) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Nota sobre a composição de alguns alimentos portugueses com interesse para o estabelecimento da alimentação equilibrada* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 3, 1952.

34) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Nota sobre um provável caso de avitaminose provocada por alimentação desiquilibrada* — Cl. Hig. Hidrolog. n.º 3, 1952.

35) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *As vitaminas na alimentação dos portugueses* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 3, 1954.

36) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Dados sobre a composição de alimentos vegetais portugueses* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 8, 1954.

37) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Normas para a organização de regimes alimentares* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 10, 1953.

38) — FERREIRA (F. A. Gonçalves) — *Proteínas e ácidos aminados em terapêutica* — Portugal Médico, vol. XXXIV, 1950.

39) — Ferreira (F. A. Gonçalves), Borges (Ilda), Guimarães (Maria Helena), Reis Machado (Beatriz) — *Composição e valor alimentar das leguminosas portuguesas* — Bol. do Inst. Sup. de Hig. Doutor Ricardo Jorge, n.º 40, 1953.

40) — Ferreira (Nuno Cordeiro) — *Anemias carenciais no lactente* — Portugal Médico, n.º 11, 1952.

41) — Figueiredo (J. M. Pacheco de) — *Contribuição para o estudo do problema da alimentação na Índia Portuguesa e a sua influência sobre a saúde* — An. do Inst. Med. Tropical, vol. X, n.º 3, fasc. II, 1953.

42) — Fongi (Enrique G.) — *Tratamento de las afecciones por carencia de vitaminas* — *Terapeutica Clinica,* César Cardini e outros — Ed. «El Ateneo», Buenos Aires, 1947.

43) — Freitas (João Araújo de) — *Trabalhadores indígenas de Angola, sua alimentação, doenças predominantes e algumas medidas profiláticas adoptadas* — An. Inst. Med. Tropical, vol. X, n.º 3, fasc. II, 1953.

44) — Getino (Urbano Perez) — *Vitamina A — Su función protectora del epitelio* — Medicamenta, T. XIV, 1950.

45) — Grall (A.) — *La «Pellagre Infantile» de l'enfant noir* — Bull. Méd. de l'AOF, T. VII, fasc. 1, 1950.

46) — Janz (G. Jorge), Pinto (Gabriela L.) e França (Celso S.) — *Sobre o estado de nutrição dos serviços em S. Tomé* — An. Inst. Med. Tropical, vol. X, n.º 3, fasc. II, 1953.

47) — Mira (Ferreira de) — *Inquérito à alimentação e condições sanitárias do pessoal numa exploração agrícola* — Gazeta Méd. Port., vol. I, 1948.

48) — Pales (L.) — *La conférence interafricaine de Dschang sur l'alimentation et la nutrition* — Bull. Méd. de l'AOF, T. VI, fasc. 2, 1952.

49) — Raoult (A.) e Pierchon (E.) — *Essai d'un traitement du kwashiorkor associant androgènes et cure diététique* — Bull. Méd de l'AOF, T. IX, fasc. 2, 1952.

50) — Rodrigues (Francisco Castelo) — *A alimentação do indígena de Vilanculos* — An. Inst. Med. Tropical, vol. X, n.º 3, fasc. II, 1953.

51) — Rodrigues (Ivone) — *Nota acerca do valor alimentar de alguns peixes em salmoura* — Cadernos Cientificos, vol. II, 1950.

52) — Sarmento (Alexandre) — *Alimentação dos Huambos* — O Médico, n.º 56, 1952.

53) — Sarmento (Alexandre) — *Temas médicos e antropológicos do Ultramar* — O Médico, n.º 125, 1954.

54) — Senecal (J.) e Anella (M. d') — *Un cas d'hypervitaminose A aigüe suivie d'hypercarotinémie* — Bull. Méd. de l'AOF, T. X, 1953.

55) — Senecal (J.), Toury (J.), Monze (M. le), Camain (R.) — *Deux cas de fibrose kystique du pancréas chez l'enfant africain réalisant le syndrome du kwashiorkor* — Bull. Méd. de l'AOF, T. XI, fasc. 1, 1954.

56) — Silvestre (Prof. A.) — *Aspectos do problema da alimentação humana humana em meios coloniais* — An. Int. Med. Tropical, sup. ao vol. VII, 1950.

57) — Silvestre (Prof. A.) — *Noções gerais de dietética* — Cl. Hig. Hidrolog., n.º 8, 1954.

58) — Simões (Tito Serras) — *O problema da alimentação dos trabalhadores negros, na Lunda* — An. Inst. Med. Tropical, vol. I, fasc. II, 1944.

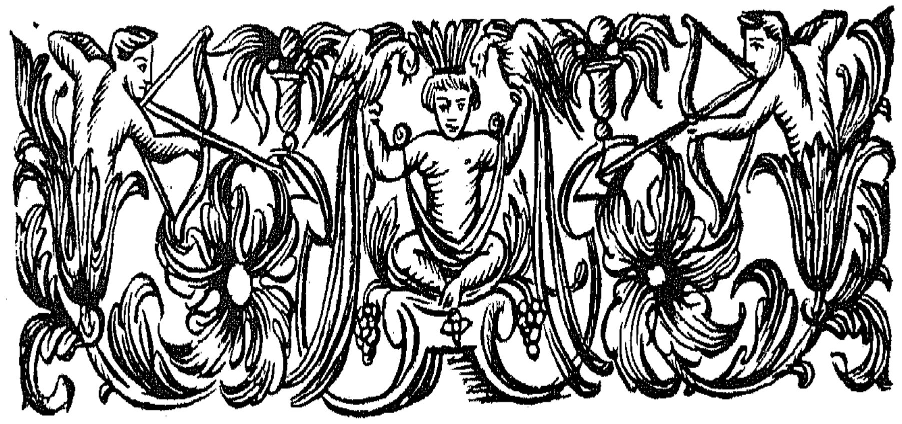
59) — Simões (Tito Serras) — *Uma ração alimentar para trabalhadores negros. Seus fundamentos e análise dos resultados* — An. Inst. Med. Tropical, vol. III, 1946.

60) — Sousa (C. S.) — *Fisiopatologia da nutrição do lactante* — 1942.

61) — Tremolieres (Dr. J.) — *A taxa proteica a preconizar para a ração alimentar do homem normal* — Jornal do Médico, n.º 532, 1953.

62) — Trincão (Carlos), Franco (Almeida), Gouveia (Egídio) e Parreira (Francisco) — *Estudo da regeneração eritrocitária nos doentes de ancilostomíase, no decurso do tratamento pelo ferro* — Portugal Médico, n.º 10, 1952.

63) — Vieira (Ruy Álvaro) — *Pesquisa de vitamina C na urina dos indígenas bijagós da Guiné Portuguesa* — para publicação.



CONTOS BIJAGÓS

I

O IRÃ-CEGO E AS CABRINHAS

(Um conto da ilha de Uno)

ERA uma vez um enorme irã-cego (gibóia) que, serpeante, se dirigia cautelosamente para a fonte, afim de se banhar.

Chegado ali, depararam-se-lhe duas cabrinhas brancas trajadas com vistosos saiotes de tara, que enrolavam graciosamente à volta da cintura. Trazia cada uma delas um pote de barro e ostentavam ambas um caprichoso penteado, simulando o das «campunes», — raparigas bijagós — cujos penteados, constituem para as mesmas motivo de orgulho e vaidade, e para os «cabaros» (rapazes) atractivo e admiração.

As cabrinhas tinham ido à fonte buscar água, tarefa que lhes competia executar, pois a mãe encontrava-se já decrépita.

O irã-cego começou por se despojar do vestuário, pachorrenta e cautelosamente. Ao meter-se na água, fitou com olhar penetrante e guloso as donairosas e ingénuas cabrinhas, declarando-lhes que gostava imenso delas e indagando se queriam casar com ele.

— Repudiamos os teus sentimentos amorosos que nos repugnam, tanto mais que não possues como nós a «bunda» (nádegas) rechonchuda — respondeu uma das cabrinhas.

Então o réptil assim desfeiteado, colérico, perseguiu as duas cabrinhas para as capturar, abraçar e... banquetear-se.

Aterrorizadas, fugiram desatinadamente e, para melhor correrem, arremessaram ao chão os potes que se estilhaçaram. A gibóia, no entanto,

logrou alcançar uma delas, dominando-a. Precisamente na altura em que ia concretizar o seu propósito, surgiu, alvoraçado, o bode-cabaro (bode-jovem) que, avisado pela outra fugitiva a meio caminho da tabanca, adrede se dirigiu para o local afim de se aventurar a socorrer a esbelta e ingénua cabrinha. Porém, quando chegava, morria a pobre cabra-campune (cabra-moça) sob a pressão da possante gibóia.

— Qual o motivo que te levou, irã-cego, a matar a inofensiva e ingénua cabrinha? — inquiriu com indignação.

— Tão sòmente porque se recusou a *casar* comigo de livre vontade. E tu, arrogante bode-cabaro, o mesmo trágico fim te espera se, neste momento, não te prestares a satisfazer os meus desejos, sentenciou a gibóia.

E como o desgraçado caprino se não ofereceu acabou também por ser morto pelo irã-cego que, num ápice, os enguliu inteirinhos: à cabrinha e ao bode.

Acto contínuo, apareceu a legionária e terrível formiga correição que perguntou à gibóia qual a razão daquele choro na tabanca dos cabaros, primos-irmãos dela correição. O irã-cego contou, sem reservas o sucedido.

— Onde enterraste as tuas vítimas, nossas parentas? — indagaram as formigas.

— Sepultei-as no meu ventre, retorquiu, com desplante o réptil.

— Vingaremos a morte dos nossos parentes, tirando-te também a vida, disseram as formigas consternadas e enraivecidas.

O irã-cego, ao ser ameaçado com a pena de talião, soltou uma estridente gargalhada de escárnio, replicando:

— Tão pequeninas, tão insignificantes sois que nem podeis agarrar-me.

— A ver vamos — remataram as formigas.

Todas reunidas atiraram-se impetuosas e furiosamente contra a gibóia que, coberta de tais formigas, se lançou logo à água com o objectivo de as afogar ou desenvencilhar-se delas. Porém, todos os seus esforços se frustaram, porque a correição bem agarrada ao corpo da gibóia, a nada cedeu, tendo acabado por matá-la e trazê-la para fora da água.

As formigas vitoriosas e radiantes começaram a tocar o «bombolom», anunciando que a gibóia tivera finalmente a morte que merecia. As avezinhas, alegres e felizes, abandonaram as árvores e, apressadas, voaram em direcção à fonte. Um passarinho vermelho de rectrizes compridas, parecido com o pardal, acercou-se do «bombolom» e, a solicitações das formigas, serviu-se deste para apregoar a ocorrência e convidar todas as outras aves a participarem na festa.

O mato animou-se como por encanto. Bandos de rolas e de pombos verdes cruzaram o espaço e adejaram sobre a planura verdejante, contentes, ébrios de alegria, dando largas à sua expansão e felicidade.

Compareceram os jagudis, que começaram por tirar ao defunto irã-cego a gordura, substância famosa pelas suas virtudes terapêuticas. Afluíram ao local outras aves de grande bico, que foram levando para casa enormes nacos de carne. Sòmente o passarinho, por estar entusiasmado a tocar o «bombolom», ficou sem carne.

Quando, porém, regressava a casa, encontrou pelo caminho um velho jagudi, que mal podia com o fardo que pendia das suas garras. Ocorreu ao ladino passarinho oferecer-lhe os seus préstimos pois, novo como era, podia bem arcar com o peso da carne, custosamente transportado pelo milhafre.

Convicto da amabilidade da avezinha, confiou o acepipe a esta que, em seguida, fugiu, não sem que o jagudi tentasse prendê-la por um pé. Mais ágil, conseguiu escapulir-se embrenhando-se no mato cerrado, onde o jagudi não podia penetrar devido à sua avantajada envergadura.

Ao longe, ouviam-se ainda as formigas a cantar em coro, ao ritmo do bater das palmas, do compasso dos tambores e das danças.

— Eis por que o irã-cego antes de engolir qualquer animal tem a precaução de, sem precipitação, circunvagar pelas redondezas a verificar se não circula a sua «amiga» — a correição —.

II

O MOCHO, O MACAQUINHO DE NARIZ BRANCO E O CORVO

(Um conto da ilha de Uno)

Outrora, numa ilha existente nos Bijagós pontificava o mocho, único vertebrado cornífero (aparentemente), entre os elementos componentes da variada fauna alada.

Certa manhã, o mocho intimou o macaquinho de nariz branco a apresentar-lhe, sem tardança, um cacho de chabéu. Este, embora solícito

e submisso, teve a leviandade de perguntar àquele — o ferrabraz da comunidade — que lhe ofereceria em recompensa.

Obsequiar-te-ei com um esplêndido par de chifres, tão potentes e temidos como os meus, — prometeu o mocho, sem deixar transparecer o melindre experimentado pela sua magnificência ao ouvir a insólita pergunta.

O símio, todo convicto e prazenteiro, trepou a uma palmeira contígua, com celeridade nunca vista. Enquanto cortava o cacho, chegou o seu amigo corvo que se pôs a retirar do mesmo alguns bagos de chabéu para a preparação da refeição matutina.

O mocho, aguardando em baixo, acompanhava com o olhar o afã de ambos. A sua atitude de mandão suscitou no espírito do corvo um assomo de revolta que não poude refrear, e que exteriorizou:

— Como nos encontramos atarefados no topo da palmeira, seria vantajoso que tu, oh mocho, sem desprimor para a tua majestade, entretivesses essa ociosidade indo dispor já a panela e a água para, quando descermos, arranjarmos o pequeno almoço.

— Que ousadia! apeia-te imediatamente para ires à fonte, sob pena de te fazer passar pelos gumes destes chifres, — vociferou o mocho.

O corvo, receoso, pôs-se a caminho da fonte, e ei-lo de regresso com o pote cheio de água.

Nessa altura, o macaquinho apareceu com a lenha. Lareira acesa, cozinham sob a fiscalização ameaçadora do mocho. Preparado o manjar, e antes de ser servido o mocho ordenou que o macaquinho fosse ao matagal escolher boa e rija madeira para lhe confeccionar os chifres prometidos.

A estoirar de alegria, lá foi o pobre animal a correr, à procura da madeira que entregou ao mocho. Este aparelhou os chifres, aguçou-os a primor e, em seguida, disse ao inocente primata:

— Pronto! aqui tens o prometido. Assenta-te para os encaixar.

Começa a operação. Tuca... Tuca, até à perfuração do crâneo. O animal geme dolorosamente e sangra em abundância. Tuca... tuca, o mocho ia-lhe entalando os ambicionados cornos. A vida do supliciado extinguia-se ao som das pancadas. E, impassível, o cruel mocho foi massacrando o macaquinho que acabou por morrer.

Em vez dos chifres deu-lhe a morte, antes velada na falaz e malévola promessa.

Eliminado o primata, o mocho quase sòzinho, regalou-se com a suculenta refeição, pois o corvo, consternado e abalado pela perda do seu amigo, mal provou o manjar e esteve durante três dias consecutivos carpindo em silêncio o defunto. Ao quarto, achando-se a preparar um punhado da mancarra bijagó para o almoço, notou que o mocho, ali perto, ressonava, apossado de um sono de chumbo.

Pela mente do corvo perpassou a feliz e curiosa ideia de saber de que natureza era a poderosa arma (chifres) do mocho. Pé ante pé, respiração contida, acerca-se do mocho, e afaga-lhe com as mãos os chifres, vê, apalpa, examina, observa, e conclue, com espanto e gaudio, que se tratava de simples penas, pois os cornos não eram verdadeiros, mas postiços, sem nenhuma força nem poder letífero ou lesivo.

Satisfeitíssimo e, agora, tornado valentão, voltou o corvo para a cozinha, com a mesma precaução, aguardando pacientemente que o mocho acordasse. Desperto, autoritàriamente exigiu ao corvo que lhe desse de comer. Este, estendendo com a esquerda o cabaço da *bianda* ao mocho, a um tempo, agrediu-o com a destra no rosto e na cabeça.

O ferrabraz de antes, ao recompor-se da tapona, compreendeu que o corvo lhe descobrira o ardil, pelo que fugiu da tabanca para o recôndito da selva para jàmais ser visto a deambular à luz do sol.

Sobreveio a alegria, a paz e o bem-estar entre os íncolas daquela ilha distante.

— Eis a razão por que o mocho só sai à noite do seu esconderijo, — tendo-se tornado noctívago a partir daquela data —.

III

O SOL E O MINHOTO (PENEIREIRO)

(Um conto da ilha de Bubaque)

Num daqueles dias ruins, pluviosos e melancólicos, dirigiu-se o Sol com pezinhos de lã, a contrastar com a sua majestade, ao minhoto, e pediu-lhe, compungido, dinheiro emprestado. Este, tentando esquivar-se, expressou desta feita, a sua relutância:

— Se eu te abonar dinheiro, Alteza, sei de antemão, que não mo restituirás.

O céu continuava pardacento, a atmosfera carregada... e, lá longe, muito ao longe, sobre a linha do horizonte, flutuava uma mancha negra...

O Sol insistiu, necessitava de dinheiro, precisava de satisfazer um compromisso urgente antes de dissipar aquelas nuvens plúmbeas e fazer baixar à terra o esplendor desaparecido.

A instâncias suas, o avarento minhoto com vistas a um favor que pretendia solicitar do Astro, cedeu-lhe algumas moedas de prata, por empréstimo.

Decorreram semanas, e a dívida continuava em aberto.

Numa manhã em que o Sol projectava, a fluxo, os seus raios, o usurário minhoto, muito animado, foi ter com o Astro-Rei, para lhe rogar a solvência do compromisso. Acabava o Sol de lavar o rosto. E, suspendendo as estrondosas gargalhadas que soltava, respondeu altivamente:

— Bem sei que te sou devedor de algumas moedas; porém, ainda que me pese, não disponho agora de tempo para te atender, pelo que tornarás aqui amanhã, logo ao amanhecer, para receberes o dinheiro.

Desiludido e cabisbaixo, a matutar maduramente no caso, retirou-se o pássaro. Dorminhoco, não sabendo como proceder para poder madrugar, lembrou-se do mestre Galo — o arauto da alvorada. Encaminhou-se para o poleiro deste, a solicitar-lhe o seu conselho e a pedir-lhe que o instruísse sobre a maneira como havia de agir para rehaver o seu rico dinheirinho.

Prestando toda a atenção ao que o minhoto, aflito, lhe ia narrando, depois de magicar uns minutos, disse:

— Nada mais simples e fácil, caríssimo minhoto. Ao ouvires o meu primeiro canto, levantarás voo, imediatamente, para o Oriente. Se assim o fizeres, chegarás precisamente na altura em que o Sol se levanta.

Agradecido, o minhoto voltou para casa. Passou toda a noite em claro e com os ouvidos alerta. Precedendo o romper da aurora, o galo anunciou o início do dia. Em voo desabrido, o minhoto dirigiu-se à vivenda do Sol, encontrando-o ainda no leito a estremunhar...

— Aqui estou, amigo! bom dia! Como vês, compareci cedo, à hora certa e conforme os teus desejos, que, afinal, são também os meus. Confesso-me antecipadamente satisfeito por saber que cumprirás a tua

palavra de Rei, tanto mais que se trata de uma dívida de honra, — assim o minhoto abriu o diálogo.

O Sol, depois de retribuir as saudações, disse:

— Como o prometido é devido, e o meu brio e dignidade deste modo o impõem, aqui tens o teu dinheiro; e muito obrigado, pois, pelo favor que me prestaste naquele dia de chuva. Mas, meu bom amigo, agradeço a mercê de uma explicação: quem te acordou tão cedo — tu que és supinamente indolente — para cá vires a estas horas tão matutinas, a ponto de me antecederes? — interrogou o Sol.

O minhoto, a quem só interessava o seu dinheiro, não hesitou em repetir ao Sol a confidência que, para o efeito, lhe fizera o mestre galo.

— Maravilhoso, meu bom amigo minhoto! Nada tenho, infelizmente, além do meu calor vivificante, para te oferecer aqui. Mas... já que o galo sabe tanto, e amor com amor se paga, vou ensinar-te a maneira de nos dias em que eu esteja a brilhar, visitares aqueles pintaínhos tão lindos e nutridos, que a mulher do galo tem cercado de todas as precauções defensivas, num espaço aberto, mesmo em frente da palhota, que até dá vontade de rapinar alguns...

E o minhoto, que sempre foi o flagelo dos pintos, alheio ao sentimento de gratidão para com o galo pois, se não fora este, nunca teria tido a necessária experiência para rehaver do Sol as moedas de prata, dando largas à sua avidez de ave de rapina começou a roubar-lhe os pintaínhos...

— Três personagens simbolizando três sentimentos díspares: a comiseração do mestre galo, a vingança do soberbo Sol e a chocante ingratidão do falso minhoto.

IV

A TARTARUGA E A CARAPAÇA

(Um conto da ilha de Bubaque)

O bijagó dotado de espírito imaginativo, procura sempre explicar, facetamente, a razão de ser das coisas do mundo irracional.

Assim, conta-se que certa vez, uma tartaruga desorientada, em demanda do litoral, errava pela floresta virgem onde predominavam esguias palmeiras. Fortuitamente, foi ter a uma clareira perdida na espessura do mato, onde, passiva e estoicamente, os «cabaros» se encontravam a *pagar grandeza,* provação ritual que consiste na absoluta submissão dos pacientes às sucessivas vergastadas brutalmente aplicadas pelos *grandes* — veteranos e anciãos.

A presença profana da intrusa tartaruga no local só reservado a determinadas classes de idade, suscitou, como não podia deixar de ser, o descontentamento e a sanha dos *verdugos,* que resolveram sujeitar o errante animal à dura prova. Este, que até àquele momento vivera desprovido de carapaça, sentiu calafrios, provocados por um medo indescritível por estar indefeza, ao invés dos «cabaros» que cobriam a cabeça com chapéus de palha, feitos de fibras resistentes e escudavam o corpo com os braços envoltos em mangas de taras de bambús.

Perante tal conjuntura, o anfíbio teve a feliz ideia de se servir, em defensiva, de um grande tacho de tagarra que lhe estava à mão, cobrindo o dorso, enquanto, precipitadamente e em fuga, se lançava ao mar.

— Assim se justifica a razão da carapaça. E o facto de a tartaruga, de quando em vez emergir a cabeça da água, é para, antes de se por em terra, ver se descortina no litoral aqueles «Grandes» que a sovaram e perseguiram até ao mar.

V

O SAPO, O ROLA-PIPA E O CONANCOI

Timba, o velho bijagó, durante uma interminável e acidentada viagem pelo arquipélago quando, ao cair da noite, nos via invadidos pela tristeza de que o ambiente nos impregnava, começava contando uma daquelas mil e uma histórias do seu inesgotável reportório. Algumas ficaram-me gravadas na memória e, entre essas, a do sapo, do rola-pipa e do conancoi.

Certo dia, por se encontrar mal humorado, lembrou-se o «conancoi» de tornar a vida negra ao pobre sapo e ao doido «rola-pipa».

O sapo, ao ver o «rola-pipa» estacionado no leito da estrada, advertiu-o de tamanha imprudência, porque, inopinadamente, podia aparecer no local o «conancoi», inimigo comum de ambos e, sem possibilidades de fuga, seria devorado.

O «conancoi» — pássaro como que pastor — acompanha os bovinos e entrega-se à cata das suas carraças com que se alimenta.

As vacas, por acaso, tinham vindo pastar para o capim das bermas da estrada. O «rola-pipa», não dando crédito às advertências do sapo, manteve-se naquela zona perigosa, porque... lá tinha a sua fisgada. Entrementes, surge o «conancoi», que, cautelosamente, se aproximou da manada e se instalou sobre o dorso de um boi. Lançou em volta um olhar inquiridor, mas não descobriu a presença do «rola-pipa» no local, pois este, mal pressentiu o voo do «conancoi», agachou-se num dos sulcos das pegadas dos bovinos.

Para se certificar de que se encontrava a sós com o seu gado, sobrevoou o «conancoi», em reconhecimento, a pastagem circundante. Enquanto procedia a tais deligências, ouviu o coaxar indiscreto do sapo. Orientando-se, foi ter ao respectivo esconderijo e agrediu o sapo à bicada. Vibrou-lhe golpes sobre golpes, até o deixar quase inanimado, não consumando o seu extermínio porque o «conancoi» ouviu passos que provinham das imediações onde a manada estava a pastar. Assim, abandonou a vítima que, momentos depois, veio a morrer naquele ermo, em consequência da rudeza dos maus tratos infligidos.

Ao avizinhar-se o crepúsculo desse mesmo dia, toda a numerosa e variada família do sapo começou a carpir, em coro plangente, a morte do seu extremoso e desditoso parente.

Todos os batráquios se dirigiram, depois, ao «rola-pipa» e lhe prometeram grandes dávidas, com a finalidade deste lhes proporcionar uma plataforma para se livrarem do pássaro assassino.

Nesta conformidade, o *Rola-Pipa* impôs o holocausto de um animal na «balôba» (lugar sagrado destinado às cerimónias fúnebres e sortilégios), para, evocando espíritos sobrenaturais personificados nos «irãs», receber daqueles os necessários conselhos e orientação a seguir.

Feito isto, foi-lhe revelado que, para se colocarem os sapos ao abrigo da maldade do «conancoi», deviam os mesmos passar a fazer os «choros» só pela calada da noite.

Após algumas práticas determinadas pela revelação do mago «rola--pipa», ficou assente, para todo o sempre, a decisão de só carpirem os sapos àquela hora, mas... nem aguardaram que a noite avançasse; e o alarido começou.

— Desde então, os sapos passaram a coaxar de noite, cantando os *sapos-campunes* ao desafio com os *sapos-cabaros*, ao compasso do bater das palmas e do rufar do tantã.

(Muita vez se preconizam conselhos a outrém, quando o próprio deles necessita. É o caso em questão: o sapo fez ver ao rola-pipa, o perigo em que incorria, mas não se lembrou que o seu coaxar imprudente, chamaria a atenção do pássaro vigilante.)

VI

Esta história apresenta-nos a primeira viagem à lua, realizada por um espécimen da fauna simiesca e que, segundo o velho Timba, trouxe uma carta de recomendação para os que pensam lá ir...

Corre entre os bijagós uma lenda, afirmando que foi um primata de nariz branco quem primeiro realizou a proeza de chegar à lua.

Nas proximidades de uma aldeia, cujo nome não interessa mas que era a mais povoada da ilha de Uno, os macaquitos de nariz branco, lembraram-se certo dia de fazer uma viagem até à lua, a fim de a trazer cá para baixo.

O que foi a viagem e o destino do macaquinho que conseguiu realizar tamanho «feito», não vieram escritos nos jornais daquela época... Só agora a sua lenda nos foi contada e nós vamos tentar reproduzi-la o mais fielmente possível.

No tempo em que esta historieta se passou não havia ainda festas ou batuques ou simples cerimónias... E os macacos impacientavam-se cada vez mais, vivendo agarrados à ideia de irem um dia buscar a lua.

Ora, certa manhã, depois de procurarem em vão por onde subir, começaram a encavalitar-se uns nos outros, fazendo uma barulheira infernal. Iniciaram com um tempo magnífico e sem sinal de vento, a maior ascensão já levada a efeito na amplitude imensa do céu, até que um deles conseguiu, finalmente, tocar na lua.

Em baixo os macacos começavam a aborrecer-se de tão prolongada espera, o *fardo* ia-se tornando cada vez mais pesado para as suas débeis forças e acabaram por ir caindo, desfalecidos, um a um, arrastando todos na queda.

Apenas um macaquito ficou agarrado à lua até que o Rei do satélite lhe estendeu a mão e o ajudou a subir.

O monarca, certamente, olhou-o com espanto mas, simpatisando com o engraçado macaquinho, chamou um vassalo e ordenou que lhe dessem um tambor.

Ao fim de pouco tempo o macaquinho começou a sentir saudades das palmeiras gigantes e foi pedir com insistência ao Rei que o auxiliasse a regressar à sua terra.

O Soberano, olhando para ele com ar bondoso, fê-lo sentar no tambor que tinha a seu lado e amarrando-o com uma corda, disse:

— Vou fazer-te descer mas tem cuidado não toques o tambor antes de chegares lá a baixo e quando puzeres os pés em Terra, tocarás então com força para eu ouvir e cortar a corda, pois não desejo de forma alguma que outro se sirva dela para viajar até aos meus domínios.

E o bom do macaquinho, muito satisfeito, foi descendo sentado no tambor mas no meio do trajecto começou a tocá-lo muito devagar (não fosse o Rei ouvir...). Porém os sons começaram a vibrar e o vento, como que soltando blandiciosos queixumes, fazia, aos poucos, estremecer a corda. Ouviu o Soberano, através o *cabo*, o som compassado do tantã, pelo que mandou que o cortassem imediatamente.

E o macaquinho, tal como uma pedra lançada no espaço, caiu desamparado no solo da ilha onde as ondas miudinhas do Oceano vinham desfazer-se brandamente na areia, em espuma branca...

Uma indígena, adornada com uma saia de palha, seguia, nesse momento, pela vereda adiante, num ritmo estranho e peculiar, em direcção à praia — afim de apanhar «combé», quando lhe surge, com espanto bem visível, o infeliz primata estendido na areia, todo esfacelado mas com os olhos muito abertos e fixos na abóboda celeste e bem chegado a ele o tambor, até então desconhecido na Terra, que o Senhor e Deus da Lua se dignara ofertar-lhe.

A moça, ainda não refeita da surpresa, correu o mais velozmente que pode para a tabanca a contar aos *cabaros*, que vieram logo, em bando, a saber do que se tratava. Estes, mal descobriram o tambor ficaram tão contentes que não esperaram pelos «Grandes» para desatarem a dançar e tocar com toda a força...

O céu continuava admiràvelmente azul, céu digno dos trópicos e das magias do Zodíaco. Pouco tempo depois, para festejar o acontecimento, acendiam fogueiras, excitando o ambiente, e realizava-se naquele recanto da selva o primeiro batuque, espalhando-se com os ecos de mil vozes misteriosas os sons excitantes do tambor.

É por isso, diz a lenda, que o tambor é pertença das tribos africanas — famosas desde os tempos imemoriais pelos seus batuques — e que caiu do céu aos trambolhões com um macaquinho de nariz branco como o giz...

Aí estava o «sinal do céu!».

VII

O PEIXE-BUCE, O CAVALO MARINHO E A TARTARUGA

Inspira-se este conto nas lendas de monstros marinhos que infestavam estas paragens do Continente Negro.

Neste Arquipélago, em tempos remotos, todos os animais, além de serem dotados de fala, possuiam o dom da inteligência e discernimento como o «bípede implume», e até se afigura que tinham alma...

Conta o velho Timba que o *peixe-buce* era um quadrúpede e ostentava dois enormes cornos. Anfíbio, vinha para terra pastar, beber água doce e... questionar com os demais.

Certa manhã, estando em terra, deparou-se-lhe o hipopótamo, sobre cuja avalanche de carne lançou o peixe-buce, resmungando, um olhar ameaçador.

A rivalidade e o ressentimento recíprocos já vinham de longe. Altercaram, e a furiosa discussão descambou em briga acesa. O peixe-buce assentou uma violentíssima marrada no hipopótamo e, em resultado, os chifres despedaçaram-se contra o corpo maciço do antagonista.

Bastante maltratado na primeira fase da peleja, recompôs-se o hipopótamo que, com suas potentes mandíbulas e dentuça, filou as pernas do peixe-buce, amputando-as, pelo que saiu vitorioso da rija contenda.

Para perpetuar a singular façanha, o hipopótamo resolveu, todo triunfante e gabarola, obsequiar, com um batuque e baile de gala, todos os animais seus amigos.

Participou na festança toda a fauna marítima, nomeadamente, jacarés, tubarões, espadartes, toninhas... dispostas em círculo, uns de pé e outros sentados.

Música e canto, orquesta e dançarinos com seus trajes típicos, espalhafatosos. Reinava entusiasmo e mesmo delírio.

As gigantescas toninhas faziam retumbar o tambor. As campunes, como não podia deixar de ser, tomaram parte activa no folguedo, exibiam as características saias de palha e, requebrando-se, marcavam com o bater de palmas o ritmo da dança. Tudo batucava. Festa brava, retumbante e condigna do inédito episódio que a motivou.

No auge do entusiasmo colectivo, o hipopótamo impôs silêncio para, mais solenemente, justificar a razão do divertimento.

À turba queda e muda, arengou:

— Meus caríssimos e familiares amigos! Convidei-os para esta festa, em que se soleniza um facto notável da nossa existência: subjuguei o inimigo comum — o peixe-buce. Com grande orgulho, eu vos anuncio que me foi possível, no remate de uma luta titânica, feroz e desesperada, amputar as quatro patas ao peixe-buce, que tentava matar-me à chifrada. Em consequência da brutalidade agressiva, ficaram os seus chifres reduzidos a pedaços, pois experimentaram a dureza da minha couraça. De dia para dia, o inimigo crescia em arrogância, e os seus desmandos e arbitrariedades esgotaram a nossa paciência e capacidade de sofrer, pelo que achei por bem, numa pugna de vida ou de morte, por cobro ao seu despotismo. Desta feita, ficamos livres do sistemático perigo que nos rodeava. Assim sublinhou o hipopótamo a sua peroração.

A tartaruga que, desinteressada, assistia às danças e ouvia sem prazer, durante horas, o concerto, deixou que o hipopótamo acabasse de falar. E dirigindo-se calmamente àquele, perguntou-lhe se ignorava que ela — a tartaruga — era sobrinha do peixe-buce.

Com ar escarninho, o interpelado respondeu que desconhecia até ao momento presente tal parentesco, e mesmo que fosse verdade tal circunstância não constituiria razão suficiente para a tartaruga se mostrar assim tão aborrecida...

— Estou muito zangada contigo, hipopótamo, — retorquiu a tartaruga.

O peixe-cavalo, que não gostou da resposta, exclamou, enfurecido:

— Se continuas a manifestar descontentamento pelo que sucedeu com o teu suposto parente, ver-me-hás obrigado a extripar-te, também, as tuas frágeis pernas.

Perante a ameaça, a tartaruga, sem perder a serenidade, solicitou-lhe o favor de aguardar uns instantes, enquanto ela ia chamar o seu irmãozinho — o cágado. E, dizendo isto, afastou-se pressurosamente em direcção ao pântano.

O cágado não se fez esperar. Apareceu, munido de um facalhão, empunhando a tartaruga uma espada bem afiada.

O hipopótamo, vendo a tartaruga e o cágado armados, correu a chamar a gibóia para o ajudar na luta que ia travar.

O cágado, de espírito vivo e circunspecto, mal viu assomar a serpente meteu o mais ràpidamente possível a arma na baínha, que trazia escondida sob a carapaça.

Quase num abrir e fechar de olhos, a gibóia atravessou o espaço que a separava dos batráquios e, sem perguntar coisa alguma, engoliu, num ápice, o cágado.

O hipopótamo, dando largas à sua satisfação, fez repercutir o «bombolom», difundindo a notícia.

A tartaruga, voltando-se para ele, disse-lhe que não estivesse a deitar foguetes antes de tempo, porque ao cabo e ao fim de tudo, ainda se havia de arrepender e... chorar.

— A ver vamos, rematou o hipopótamo.

Apostaram. Ficou combinado que o vencido entregaria um filho ao vencedor. Juraram cumprir a aposta.

Mal os interessados acabaram de estabelecer o compromisso, o cágado, que se encontrava nas entranhas da gibóia conseguiu desembainhar o já aludido facalhão e, rasgando-lhe o ventre, libertou-se, triunfante.

A tartaruga, louca de alegria por ver o *irmãozinho* ileso, voltou-se para o peixe-cavalo, e disse:

— Perdeste a partida. E quem vai ter choro és tu...

Irritadíssimo, e não pensando mais em cumprir a promessa, intimou a tartaruga a arredar-se imediatamente do local. Esta, sempre calma, respondeu-lhe:

— Já que não me queres dar o teu filho, em cumprimento da nossa aposta, matá-lo-ei logo ao nascer.

No dia seguinte, sobreveio ao perjuro hipopótamo dores de parto. Cirandava pelo mato dentro, à procura de um sítio escondido para ter o filho. A tartaruga, disfarçadamente, perlustrava a selva e o litoral, pois o hipopótamo usa *atolar o recém-nascido, apenas deixando livres as fossas nasais.*

Após tantas andanças, a tartaruga perdeu-se nos labirintos do mato cerrado, pelo que o hipopótamo veio a ter o seu herdeiro em lugar seguro, longe das vistas do seu perseguidor.

Despitada, a tartaruga resolveu deitar fogo à selva.

O hipopótamo retirou, a tempo, o filho do esconderijo, transferindo-o para uma praia, onde o enterrou no lodo.

Entrementes, a tartaruga escolhia um lugar à beira-mar para por os ovos. Fez uma cova onde desovou, tapando-a, em seguida, com areia.

De longe, o hipopótamo observava a azáfama da tartaruga. E desabridamente pos-se a caminho para se vingar do batráquio. Ao passar por um bode, este, desconfiado das más intenções do hipopótamo, pôs-se a berrar.

A tartaruga, alarmada, teve tempo de agarrar da espada e fazer frente ao inimigo que, desesperado, abandonou a luta.

A tartaruga, reconhecida, foi agradecer ao bode «cabaro» o grande serviço que este acabara de prestar, oferecendo-lhe, em paga, uma cabra nova e bonita.

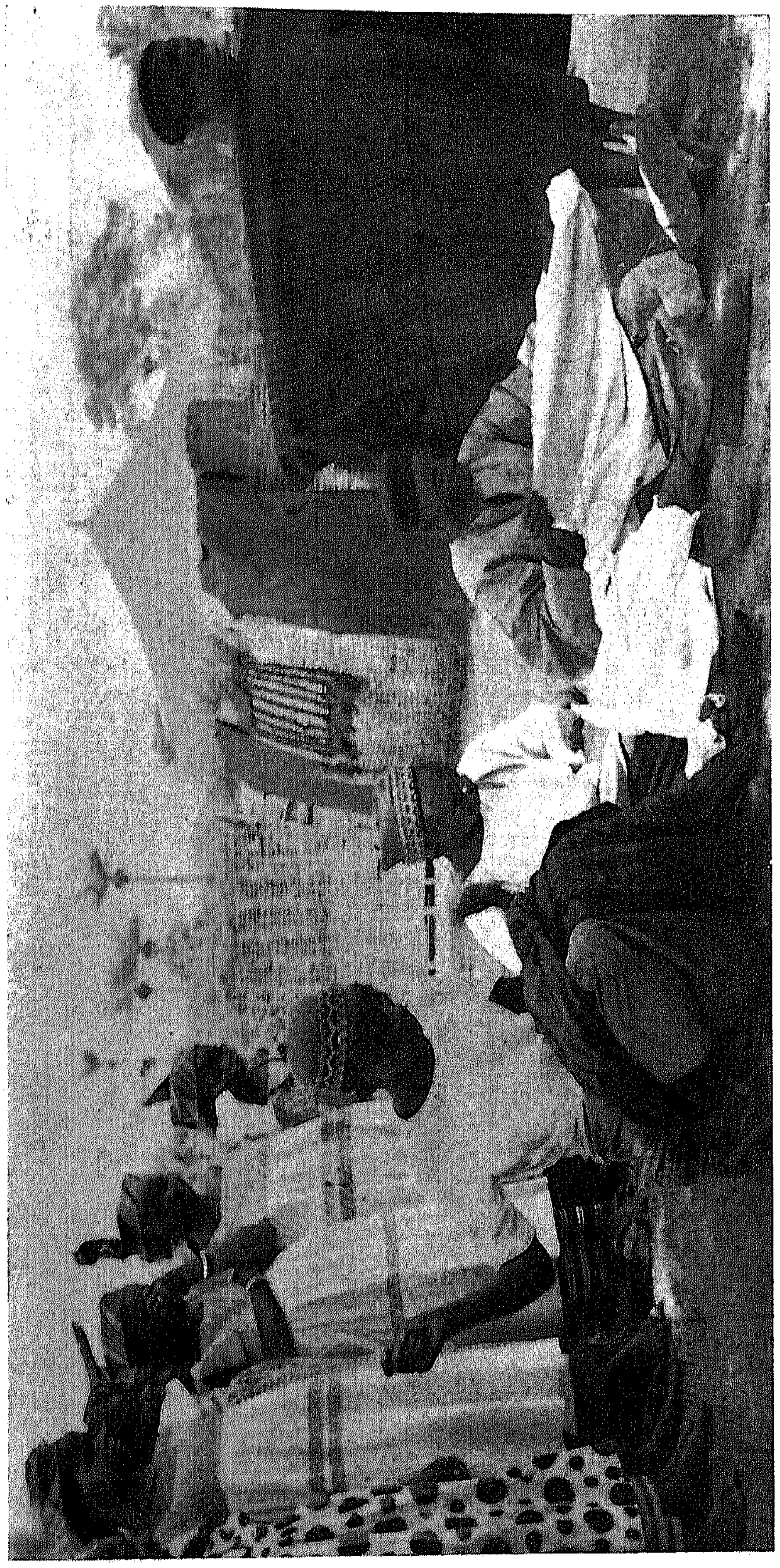
O bode, ao ver tão extraordinária beleza, branca como a neve, e com uns «olhos que nas mulheres são a perdição dos homens», ficou tão perturbado, que só pôde exclamar: bé! bé!...

É o que, ainda hoje o bode sabe dizer quando se lhe depara uma beldade caprina.

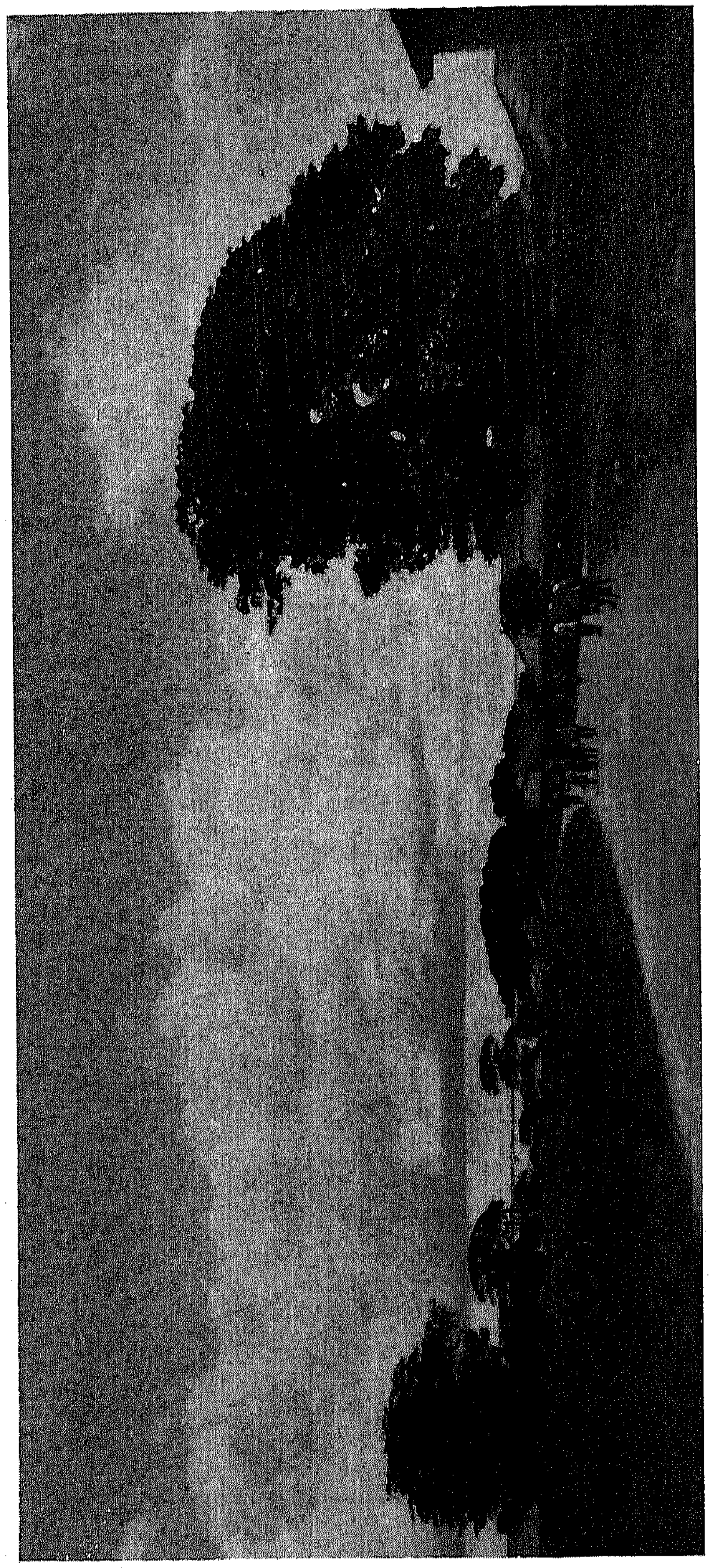
— Nem sempre a força bruta tem a última palavra: A astúcia, aliada à fortaleza de ânimo, consegue superar aquela.

João Eleutério Conduto

Aspectos e tipos da Guiné Portuguesa



Sarancolés cosendo banda



Alto de Crim — Bissau

Crónica da Província
Economia e Estatística
Livros e Publicações

CRÓNICA DA PROVÍNCIA

Visita de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Craveiro Lopes, à Província da Guiné Portuguesa

Em 2 de Maio

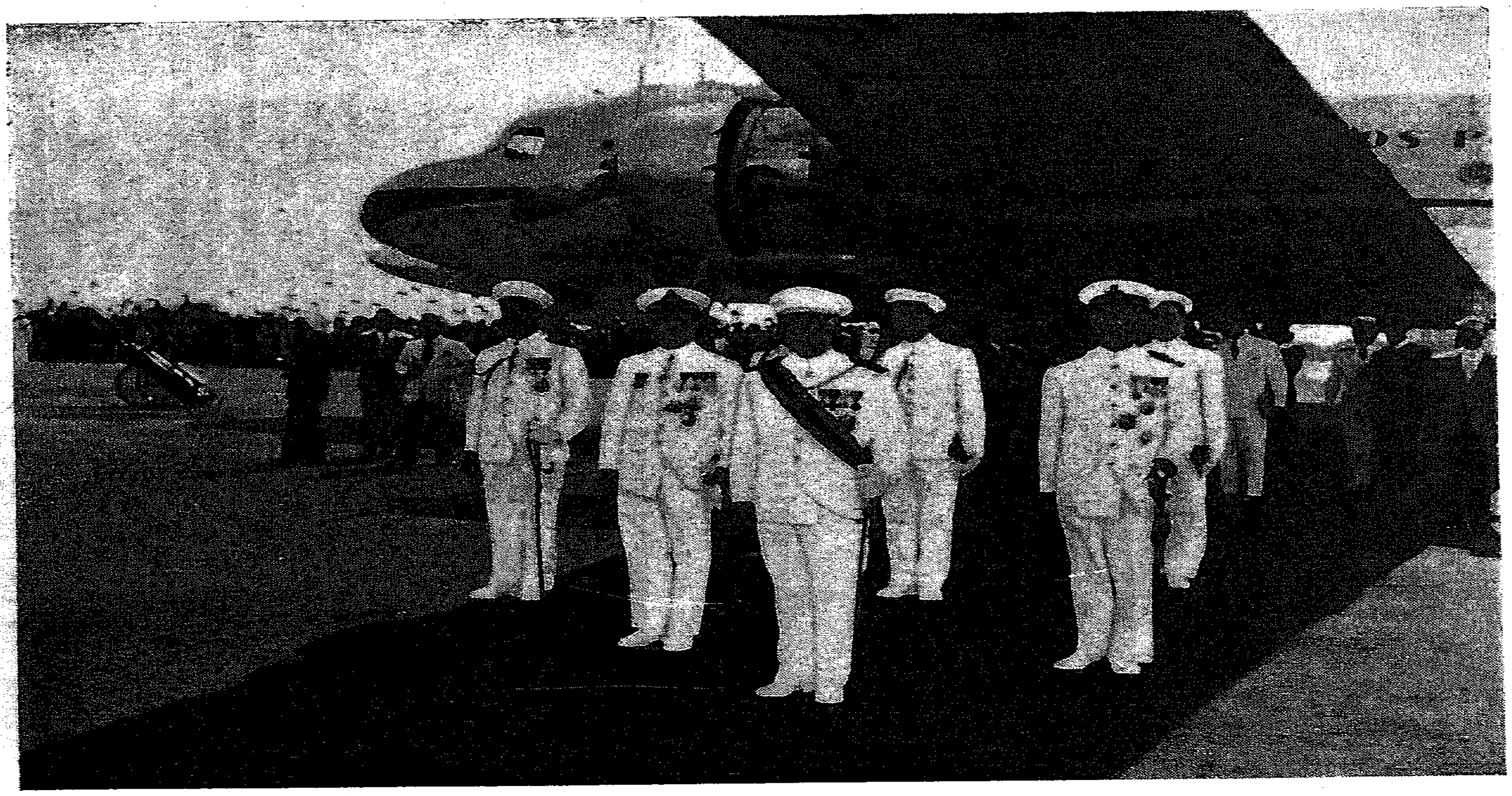
AO aproximar-se o solene momento da chegada à Guiné Portuguesa de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, junto do aeroporto de Bissalanca aglomerava-se uma verdadeira multidão de portugueses de todas as classes e categorias, que ali se deslocara para apresentar cumprimentos ao Chefe da Nação que era o primeiro a visitar a mais antiga das Províncias Ultramarinas — a Guiné.

A donairosa aeronave dos T. A. P. começa a pairar sobre a cidade de Bissau e a multidão agita-se num frenesim de incontido entusiasmo que recrudesce à medida que o gigantesco transporte se aproxima do solo.

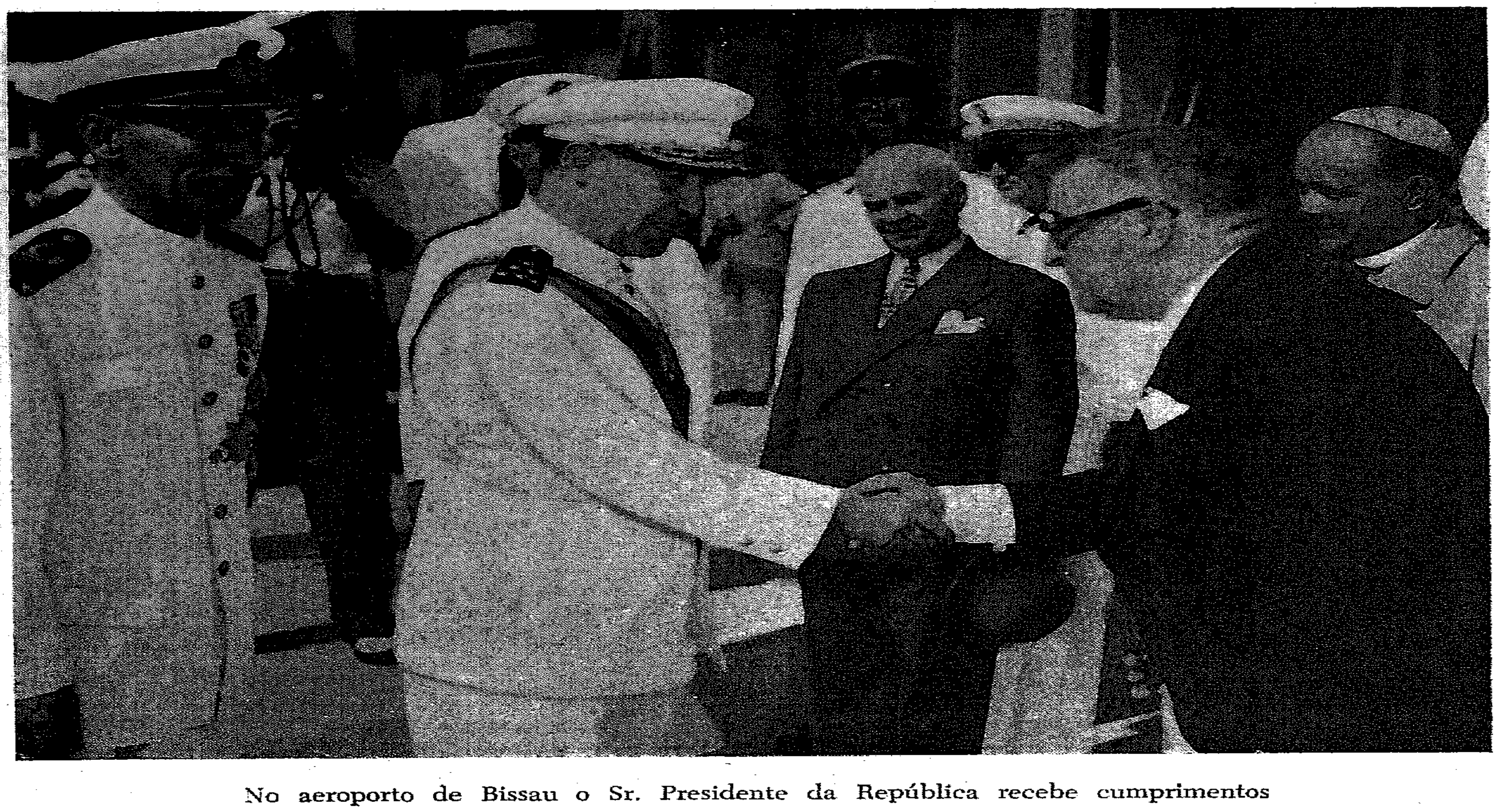
Sua Excelência o Senhor Presidente da República desce do avião e uma salva de 21 tiros anuncia à multidão o solene momento em que o Chefe da Nação Portuguesa pisa o solo africano da Guiné.

Sua Excelência o Senhor General Craveiro Lopes recebe os cumprimentos do Governador da Guiné, Capitão-de-mar-e-guerra, Diogo de Mello e Alvim, do Comandante Militar, sr. Coronel Neves e Castro, do Alto Comissário da África Ocidental Francesa, sr. Cornut Gentil, que se deslocara expressamente a Bissau para, em nome da República Francesa cumprimentar o Chefe do Estado Português, e do Embaixador especial da República do Líbano, sr. Ahmad Daouk, que chegara horas antes.

Também esperavam o Chefe do Estado, o Prefeito Apostólico, Mons. Martinho Carvalhosa, o Juiz da Comarca, interino, Dr. Casimiro da Rosa, todos os Chefes de Serviços; Coronel João Teixeira Pinto; Dr. Castro Fernandes; Comandante Gabriel Prior, Chefe da força naval de escolta; Comandante e Comandante Adjunto da Polícia; Director, professores e alunos do Colégio-Liceu de Bissau;



O momento em que o Sr. Presidente da República desceu do avião que o conduziu à Guiné



No aeroporto de Bissau o Sr. Presidente da República recebe cumprimentos

professores e alunos das Escolas Oficiais; Director do «Arauto»; corpos directivos da Associação Comercial acompanhados de todo o comércio da cidade e ainda corpos directivos das colectividades desportivas de Bissau com os seus atletas devidamente equipados, etc.

De todos os règulados do Concelho de Bissau e Administrações vizinhas, milhares de indígenas se concentravam ao longo da estrada que do aeroporto conduz a Bissau.

Passada em revista a guarda de honra, procedeu-se, então, ao descerramento da placa inaugural do aeroporto, a qual contém os seguintes dizeres:

> «AEROPORTO PRESIDENTE CRAVEIRO LOPES. ESTE AEROPORTO FOI INAUGURADO PELO CHEFE DO ESTADO, GENERAL FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES, COM A PRESENÇA DO MINISTRO DO ULTRAMAR, CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA MANUEL MARIA SARMENTO RODRIGUES, SENDO GOVERNADOR O CAPITÃO-DE-FRAGATA DIOGO DE MELLO E ALVIM, EM 2 DE MAIO DE 1955».

O Senhor Governador da Guiné pronunciou as seguintes palavras:

Senhor Presidente da República

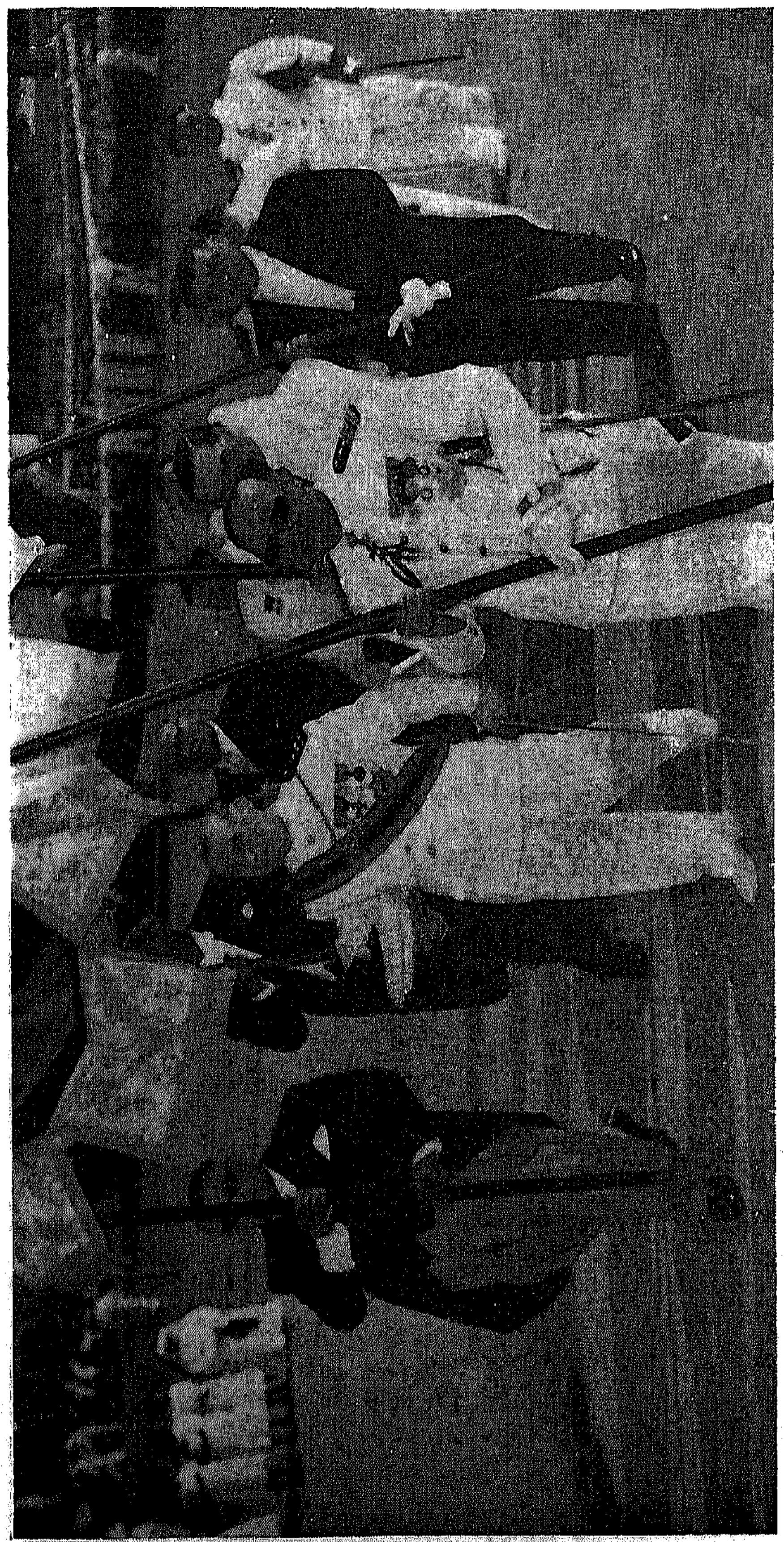
Excelência:

Acaba de se inaugurar o aeroporto «Presidente Craveiro Lopes» que nas terras da Guiné perpetuará o nome de V. Ex.ª e a data e o local do desembarque do Chefe do Estado que primeiro visitou esta Província.

Assim, este aeroporto ficará como padrão simbólico a atestar às gerações vindouras o acrisolado amor que V. Ex.ª consagra ao Ultramar, de pai generoso que não sabe distinguir entre os filhos. Homenagem bem singela, é certo. Mas certo é também que, para o esclarecido espírito de V. Ex.ª, não desmerecerá da carinhosa intenção que a ditou.

Seguiu-se o cortejo para a cidade entre alas de indígenas que, ostentando bandeiras, aclamavam o Chefe do Estado e toda a sua comitiva.

No Alto do Crim, à entrada da cidade, armava-se uma tribuna onde o Presidente do Município, acompanhado de toda a vereação, fez a solene entrega das chaves da cidade ao Senhor General Craveiro Lopes. Depois, já em Bissau, o cortejo dirigiu-se pela Avenida da República à Catedral, onde teve lugar um solene «Te Deum» a que presidiu Sua Ex.ª Rev.ª o Prefeito Apostólico, D. Martinho da Silva Carvalhosa e que foi oficiado pelos Rev.os Padres Fernando Félix, Provincial dos Franciscanos Portugueses, que se encontrava de visita às Missões da sua Ordem na Guiné e Alberto Moreira, acolitados por mais cinco missionários.



A caminho do solene «Te Deum» realizado na igreja da Sé de Bissau

Antes da cerimónia litúrgica o Prefeito Apostólico pronunciou as seguintes palavras:

Excelência:

Na singeleza do aparato externo que em sóbria e piedosa solenidade se sublima, a custo cabe a veemência dos sentimentos que nos enchem de júbilo, fazem o templo do Senhor exultante de hosanas e harmonias.

Misto de expectativa e alvoroço, o calor e a ternura de vos ver e saudar e possuir, pròdigamente se vem derramando nos corações e nos lares, nas praças e na sociedade, criaram já um ambiente incomparável que assume as características dos grandes dias e dos acontecimentos com que se ilustra a história.

Ao sublinhá-lo, Nós sentimo-nos a alma do povo fiel, de quase 20.000 católicos, somos, sobretudo, a voz da Santa Madre Igreja que se apressura a dar-Vos as boas-vindas em nome do Senhor, a agradecer ao Altíssimo a mercê da Vossa veneranda presença, tão ilustre quanto sagrada a autoridade e íntegra a dignidade que Vos exornam, tão querida que nem precedentes tem.

A Santa Madre Igreja e Portugal estão aqui numa dupla homenagem de glorificação a Deus e consagração da Pátria.

Ao Senhor que lhe encheu o solo de encantos e cobriu com flores e na explosão do sangue do calvário lhe enchera a alma de redenção e luz, ao Senhor omnipotente, digo, se dirige hoje Portugal, como fez no início da sua vida e em todos os empreendimentos da sua epopeia, apresentando-se em prece de adorar piedoso e benfeitor munificente.

E Deus debruça-se novamente, para ele, a recebê-lo com complacência, a proteger com a sombra da sua cruz todos os passos do povo português, povo, que renascido no baptismo para os valores do espírito, se fez simples e forte e generoso e crente, trabalhador ardoroso e guerreiro intemerato, berço dos povos e pia baptismal das gentes.

Consagra-se assim aquela união mais velha que o próprio tempo, porque de Deus querida na eternidade e que na História não conhece nem mais fiel, nem mais nobre nem mais renovadora.

Deu ao solo da Pátria a magnificência dos templos e a poesia das ermidas; derramou nas almas a fé que redime e a esperança que fortalece, o génio que inspira e a raça que realiza; depois de ter banhado de luz todos os caminhos de Portugal, guiou-o nas descobertas e empolgou-o à vitória, fazendo lídimo bemfeitor da humanidade, grande e estimado de todos.

Foi ela quem nos chamou ao recinto sagrado e por isso de oração há-de ser esta nossa presença. Oração ao Senhor Deus que nos predestinou à intimidade da sua filiação e nos dotou perdulàriamente com os bens da Fé e da Raça, que nos fazem cantar a glória de Deus e engrandecer Portugal.

Pela redenção da sua Cruz e amor de sua Mãe.

Pela Pátria que nos sustenta, nobilita e ama.

Pela vossa eleição e visita a que se associou vossa Ex.ma Esposa, que deslumbra Portugal com as bondades do seu coração.

Pelo Governo da Nação que saudamos na pessoa de Sua Excelência o Ministro do Ultramar, pródiga providência de bondades e auxílios às Missões, que a esta Província deu saúde e engenho, favores de amigos, os mais legítimos interesses, as mais queridas afeições, o calor das virtudes de sua Ex.ma Esposa.

Pela amizade íntima e generosidade ardente do nosso Governador para com a Missão, que maior realce encontrarão na beneficente religiosidade de sua Ex.ma Esposa, demos graças ao Senhor nosso Deus.

Terminada a cerimónia na Catedral, o Chefe do Estado, acompanhado pelo Ministro do Ultramar, Prefeito Apostólico e comitiva, deixou o templo, seguindo, a pé, para a Câmara Municipal, onde lhe foram dadas as boas vindas pelo Presidente do Município, sr. Silva Horta, Capitão dos Portos da Guiné, que disse:

Senhor Presidente da República

Excelência:

Tive há momentos a honra de depor nas mãos de Vossa Excelência as chaves da cidade de Bissau. Chaves simbólicas, não precisou delas Vossa Excelência para abrir as portas da cidade e o coração dos seus habitantes.

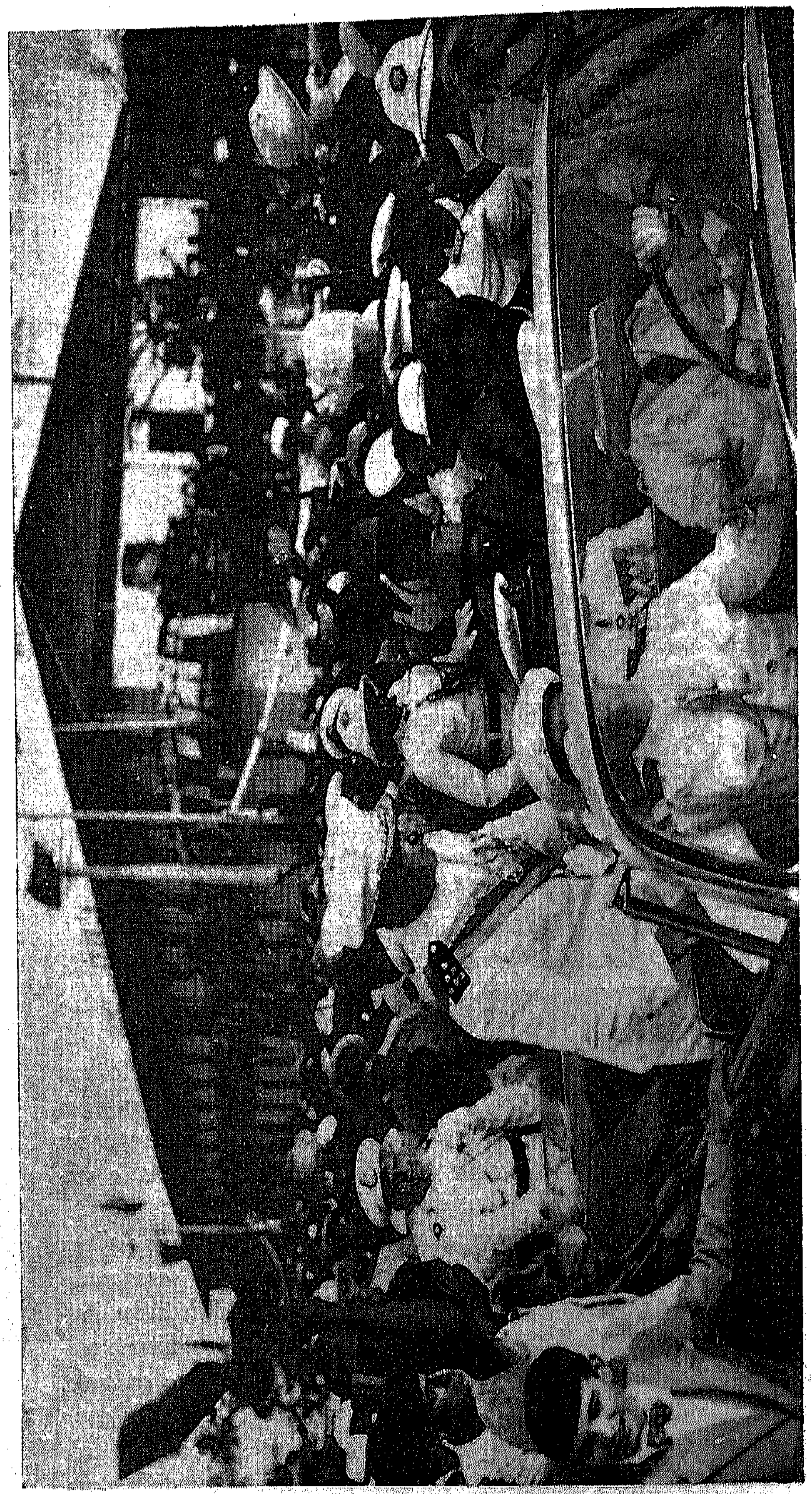
Umas e outras estão alegres, rasgadamente abertos no grande júbilo de receber a veneranda pessoa do Chefe do Estado.

Melhor, bem melhor, do que eu o posso fazer em descoloridas palavras, o povo de Bissau, em cuja casa nos encontramos, já manifestou a Vossa Excelência a imensa, a sentida, a enorme satisfação de que se encontra possuído.

Nas suas aclamações espontâneas, cuja eloquência e vibração eu não pretendo igualar, já vos mostrou quanto aprecia a subida honra que lhe foi concedida. A honra de albergar nos seus muros o supremo Magistrado da Nação, a personificação viva da Pátria.

Conhece Vossa Excelência profundamente o Ultramar Português. Há bem pouco tempo numa triunfal viagem teve oportunidade de apreciar o progresso de Angola e S. Tomé. A modéstia dos nossos recursos não nos permite mostrar-vos realizações do mesmo vulto. Mas posso dizer-vos, Senhor, que a ânsia do progresso é a mesma e o ritmo de desenvolvimento também.

Nos últimos anos a vida em Bissau sofreu radical modificação. Quase duplicou o número dos seus fogos e dos habitantes civilizados, e foram equacionados e estão em via de resolução efectiva os principais problemas daí derivados. Rasgaram-se novas ruas e avenidas. Mercê de subsídios avultados generosamente concedidos pelo Governo da Província iniciou-se, e prossegue em ritmo acelerado, o asfaltamento das artérias da cidade, cuja completa execução, dentro do plano de trabalhos estabelecido e seguido até agora, em breve será uma realidade e graças ainda ao auxílio do Governo da Província procedeu-se ao estudo e projecto da electrificação da cidade em novas bases, está em curso a sua realização. Já são os novos grupos-geradores que abastecem a cidade de energia eléctrica,



Nas ruas de Bissau o Sr. Presidente da República foi delirantemente aclamado pela multidão

já é feita em alta tensão o transporte da mesma. Estão sendo ampliadas as captações e melhoradas as condições de abastecimento de água.

Mercê do trabalho e da dedicação de muitos, e em especial da actuação de um dos mais brilhantes Governadores da Guiné — Comandante Sarmento Rodrigues — o acanhado e pouco acolhedor burgo de há alguns anos, vai-se transformando, salubrizando, aformoseando e adquirindo geitos de cidade, pequena é certo, mas progressiva e em sadio crescimento. Formou-se uma nova mentalidade, e, dos rendimentos obtidos na Guiné, parte começa a ficar aqui transformada em novos edifícios, novos estabelecimentos, novos empreendimentos até. Fecha-se assim um circuito económico restituindo à Província uma parcela importante da riqueza que dela se extrai. E é consolador ver que são quase exclusivamente nacionais os elementos desta operação. De todo o Ultramar Português a Guiné é talvez a Província cujos elos de ligação à Metrópole são mais apertados. Contribui para isso não só a distância relativamente curta que as separa, como a estrutura fundamentalmente nacional do seu comércio.

Senhor Presidente da República:

Excelência:

Há cinco séculos que Portugueses labutam nestas terras da Guiné, no cumprimento da histórica missão de civilizadores que o destino nos confiou.

Desde o século XVI que neste sítio de Bissau os primeiros mercadores e missionários se fixaram, em luta constante com o clima, com o gentio, com dificuldades de toda a espécie.

É a primeira vez que a Província, a mais antiga das nossas Províncias Ultramarinas, tem a honra de receber a visita do Chefe do Estado. Acontecimento de transcendente significado, ficará assinalado a letras de ouro na História da Guiné, marcando uma época, comprovando a afirmação de que entre as parcelas do território nacional, do Minho a Timor, não existem diferenças, de que, se umas são mais ricas, mais desenvolvidas, mais prósperas, todas são partes dum todo único, indivisível, dum todo maravilhoso que nós fizemos em oito séculos de história, com o sacrifício de muitos e o esforço de todos — de PORTUGAL.

Senhor Presidente da República:

Excelência:

Em nome do povo desta terra presto a minha homenagem à figura de militar distinto do primeiro cidadão do País.

Em nome das gentes de Bissau, metropolitanos, naturais de Cabo Verde e da Guiné, que aqui mourejam, argamassando com esforço de vidas inteiras e o suor do trabalho de todos os dias as pedras desta cidade.

Em nome dos Portugueses de Bissau que, modesta mas pacientemente, com fé e sem olhar a sacrifícios, aqui constroem uma parcela de Portugal.

Eu saúdo Vossa Excelência.

Sê-de benvindo a Bissau, Senhor Presidente da República!

Seguidamente o Presidente da Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné, Dr. Sousa Leite, pronunciou algumas palavras sobre o momento que se estava vivendo.

Em nome da população indígena, o Administrador Jaime Pinto Bull apresentou a Sua Excelência o Presidente da República os cumprimentos nestes termos:

Senhor Presidente da República

Excelência:

Foi com grande prazer que recebi o honroso convite da Ex.ma Câmara Municipal de Bissau para, como filho desta província, tomar parte nesta sessão solene e apresentar a V. Ex.a, Sr. Presidente da República, as saudações dos naturais desta portuguesíssima Guiné. Se o convite constituiu para mim grande honra e se particularmente me sinto feliz por me encontrar aqui, perante V. Ex.a, no cumprimento deste sagrado dever que me é sumamente grato, não deixo, contudo, de reconhecer que a Câmara Municipal de Bissau poderia ter escolhido entre outros filhos desta província quem mais rico em recursos oratórios pudesse, melhor do que eu, que por temperamento e por imposição da lei sou mais homem de acção do que de palavras, traduzir a satisfação, o regozijo e o sentimento patriótico que neste momento vai na alma de todos nós; procurarei, no entanto, animado pela sinceridade e entusiasmo que me dominam, cumprir o encargo que sobre mim pesa e assim permita-me V. Ex.a, Sr. Presidente da República, que comece por vos prestar as vivas homenagens e as sinceras e calorosas saudações dos naturais desta Guiné que hoje se veste de gala para receber V. Ex.a, ilustre e venerando Chefe do Estado, que nesta vossa triunfal visita traz até nós a certeza da unidade imperial deste Portugal uno e indivisível. Consubstanciou V. Ex.a a aspiração máxima das gentes desta Guiné que desde a primeira visita presidencial às terras de África acalentou sempre a esperança de que um dia chegaria a sua vez de ter a honra de receber e saudar o primeiro magistrado da Nação. Se este período de expectativa nos chegou a causar certo desânimo e desfalecimento, sentimo-nos hoje vivamente recompensados e imensamente felizes pela agradável coincidência de V. Ex.a se fazer acompanhar nesta visita pelo ilustre titular da pasta do Ultramar, Sua Ex.a o Sr. Comandante Sarmento Rodrigues, colonialista dos mais distintos e cujo nome está e estará sempre ligado à Guiné, que soube acarinhar e superiormente governou, tornando-a conhecida do mundo civilizado e onde deixou uma obra grandiosa e sólida que nem o tempo nem a distância e nem a ingratidão dos homens farão esquecer.

Traduzirei certamente a opinião de todos os meus conterrâneos se afirmar a V. Ex.a, Sr. Presidente da República, que todos os naturais da Guiné se sentem imensamente gratos a V. Ex.a pelo sacrifício que acaba de fazer, visitando esta província nesta quadra do ano em que o clima fustiga e martiriza mesmo os que de há longos anos mourejam por estas paragens e terei certamente o apoio de todos ao garantir a V. Ex.a que nos nossos corações está cada vez mais enraizado o sentimento da Pátria amada e que todos nós não olvidamos o esforço titânico dos bravos navegadores portugueses, entre os quais Nuno Tristão que em 1446 aportou às terras da Guiné, legando à coroa portuguesa mais esta parcela do nosso Império que o Estado Novo tem sabido fazer prosperar sob todos os aspectos, trazendo às suas gentes a tranquilidade, o bem estar e o progresso.

Sr. Presidente da República: acaba V. Ex.a de pisar as terras da Guiné e tomar o primeiro contacto com as suas gentes. Em nome dos naturais da província auguro sinceramente que as impressões que V. Ex.a vier a colher nesta sua auspiciosa visita sejam as melhores e possam garantir a V. Ex.a o patriotismo e o amor pátrio das gentes nesta unidade do Império. Vai V. Ex.a dentro de dias começar a sua digressão pelo interior e inicia a sua visita por Bolama, antiga e histórica cidade e que foi mui nobre capital da província, terra outrora mui cobiçada e onde os naturais por diversas vezes evidenciaram rasgos de patriotismo perante as investidas dos estrangeiros em que por variadíssimas vezes aportaram à ilha de Bolama, cidade hoje meio adormecida em face dos golpes sofridos mas que estou certo vibrará de novo e abandonará o sono letárgico em que vive, com o sopro de vida que a visita de V. Ex.a lhe concederá. Atravessará V. Ex.a depois, a região de Quinará, terra dos Beafadas que outrora foram de uma insolência desnorteante mas que hoje estão completamente integrados na ordem e paz estabelecidas. Passará V. Ex.a por Catió, o celeiro da Guiné, rica e progressiva circunscrição com pouco mais de quinze anos, onde os Balantas põem à prova a capacidade produtiva dos naturais da província. Entrará V. Ex.a em seguida no reino dos Fulas e Mandingas, as duas mais alegres tribos da Guiné, que ajudaram com entusiasmo e patriotismo a destruir os focos de rebelião e que, enquadrados entre os nosssos bravos soldados, contribuiram para a pacificação desta terra onde a fera e o homem vivem a paredes meias. Depois de apreciar os Felupes, com o seu atraso característico mas que mesmo assim não deixarão certamente de saudar V. Ex.a com a habitual mas respeitosa genuflexão, visitará V. Ex.a Cacheu, outro padrão de glória da nossa obra de pacificação, *terra do grande Honório Barreto, ilustre filho que foi desta província, exemplo máximo de patriotismo e a quem em grande parte se deve a manutenção da nossa soberania em várias regiões desta sua terra natal. Ali terá V. Ex.a oportunidade de visitar o forte onde os nossos antepassados fizeram valer e respeitar os nossos direitos e cujos canhões, hoje silenciosos e apontados para o céu, parecem suplicar ao Todo-Poderoso que com o seu poder sobrenatural faça parar os barcos que demandam a sua barra em busca dos portos de Binta e Canjajá e os obrigue a aproveitar as condições naturais, tanto portuárias como climatéricas da terra que foi outrora capital da província. Já no regresso das terras de Mansoa passará V. Ex.a por Braia, foco de rebeldia nos tempos idos e em cujas bolanhas teve lugar o célebre morticínio das forças comandadas pelo malogrado alferes Pedro. Ali alguns velhos que tomaram parte nessa terrível chacina e que hoje estão de alma e coração integrados na nossa soberania, saudarão respeitosamente V. Ex.a como preito de admiração pela nossa colossal obra colonizadora. Em todos esses pontos por onde V. Ex.a passar terá ocasião de sentir o entusiasmo patriótico e o acrisolado amor que os naturais desta província tributam ao nosso*

querido Portugal. Permita-me pois, V. Ex.ª, Sr. Presidente da República, que vos enderece mais uma vez as calorosas e sinceras saudações dos naturais da Guiné, com os mais ardentes votos para que tenha oportunidade, nesta triunfal visita, de apreciar em cada filho desta portuguesíssima parcela do Império um coração de português.

Viva Portugal.

Falou em seguida o Governador da Guiné que saudou o Chefe do Estado dizendo:

Excelência:

Cumpre-me apresentar a V. Ex.ª, em nome dos portugueses de todas as raças que habitam esta Província da Guiné, as mais respeitosas e ardentes saudações e os mais sinceros cumprimentos de boas vindas.

Estas saudações e cumprimentos envolvem ainda o desvanecido agradecimento das populações pela vinda de V. Ex.ª que, além dos excepcionais méritos pessoais que o distinguem — incarna, consubstância e representa a própria essência da Pátria.

Todos nós sentimos, na presença de V. Ex.ª, o recolhimento das grandes horas e das grandes evocações. Na alma de quantos aqui se encontram perpassam imagens heróicas, frémitos de bandeiras, rufos de tambores, alaridos de mareantes, sacrifícios e dores sem fim, para que Portugal se estendesse por todos os Continentes, levando a tantos povos, à sombra sacrossanta da Cruz, os benefícios do seu universalismo.

Perante Vós, Senhor, sentimos tudo isto e também o profundo desejo de continuar na mesma senda, para que o Portugal de hoje em nada desmereça do Portugal de outros tempos!

E sentimos ainda a consoladora certeza de que, tendo sido pioneiros da Renascença, operamos nestes últimos anos o próprio Renascimento, reatando a linha tradicional da política portuguesa.

Excelência:

A Vossa augusta presença nesta Província marca o prosseguimento da verdadeira cruzada de unidade nacional que Vossa Excelência empreendeu o ano passado, percorrendo, uma após outra, as terras lusitanas dispersas pelo mundo.

Na Guiné, o clima é duro, a vida não é fácil para muitos e o apelo da Mãe-Pátria persiste intensamente, tão apoucada é a distância que as separa. Mas nem por isso a Guiné deixa de exercer, sobre quantos a conhecem, singular sortilégio! Conhecer esta terra é ficar para sempre preso ao encanto das suas paisagens, à variedade das suas pacíficas gentes, às tarefas sem conta que a nossa missão civilizadora nos impõe.

Vai V. Ex.ª, dentro de dias, percorrer a Província inteira, indiferente às fadigas de tão árdua jornada, para a todos levar, com o seu nobilíssimo exemplo, o mais forte estímulo para novos trabalhos e cometimentos.

Permita Deus que, no regresso, V. Ex.ª se sinta tão encantado com a Guiné, quão encantados estamos nós com a visita do nosso tão querido Presidente.

Encerrou a sessão Sua Excelência o Senhor Presidente da República, que agradeceu a todos com estas palavras:

«No seguimento das visitas às províncias do Ultramar, iniciadas no ano que findou, e segundo o que havia sido anunciado, venho junto da população da Guiné para lhe exprimir os sentimentos amigos dos portugueses de todo o Império. Não esqueço que estas terras africanas foram as primeiras onde nos fixámos no período das descobertas e que embora disputadas em incursões perigosas pelos armadores da Andaluzia, por piratas e corsários gauleses, por renegados a soldo dos ingleses e, mais tarde, pelos holandeses, conseguimos atravessar todas estas tormentas e chegar aos nossos dias conservando-as portuguesas.

Sinto-me feliz por poder dispender as energias de uma vida já avançada a percorrer o território nacional para trazer aos povos a palavra de solidariedade e fé que dá confiança aos que no Ultramar trabalham com persistência e coragem inegualável, pela prosperidade da nação portuguesa.

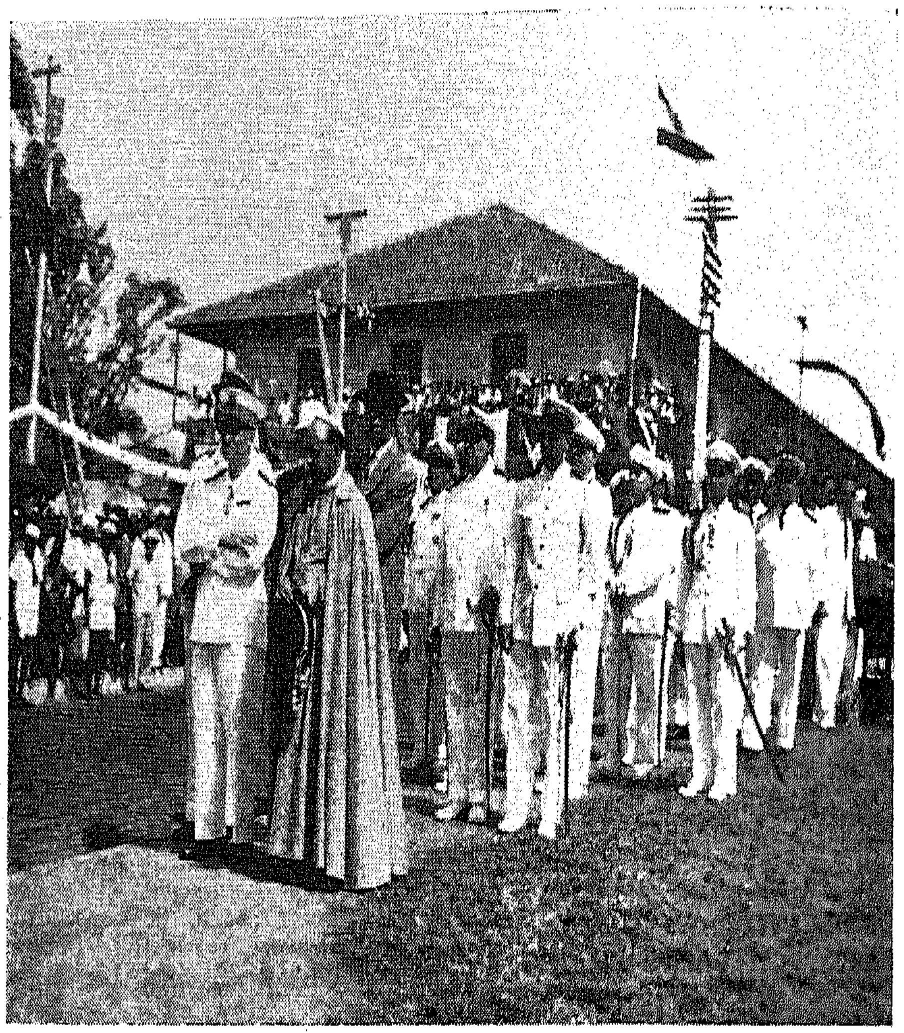
Não tenho dúvidas sobre o êxito desta grata missão, pois os factos demonstraram já quanto é apreciada a presença do Chefe do Estado. Em Angola e S. Tomé assisti emocionado a demonstrações de patriotismo como outras não vi em minha vida.

São estes sentimentos de unidade que tornaram as nações fortes e conservam as pátrias livres, colocando-as em condições morais e materiais de resistir à cobiça dos que procuram momentos de fraqueza para satisfazerem as suas iníquas ambições.

Aceitem os povos da Guiné, e particularmente os habitantes desta cidade de Bissau, as saudações muito afectuosas do Presidente da República no momento em que dá início à sua visita, tornada tão longa quanto foi possível.

Desejo deslocar-me não só àquelas localidades com antigas tradições no trato do comércio com os primeiros marinheiros que aqui chegaram, mas também às regiões do interior onde se constituíram os vários grupos étnicos.

Deste lugar, cabeça da Província, afectuosamente desejo a todos os que nela residem muita prosperidade nas suas empresas e toda a ventura nos seus lares.»



O Chefe do Estado presta homenagem a Nuno Tristão depondo uma placa junto ao monumento do grande navegador

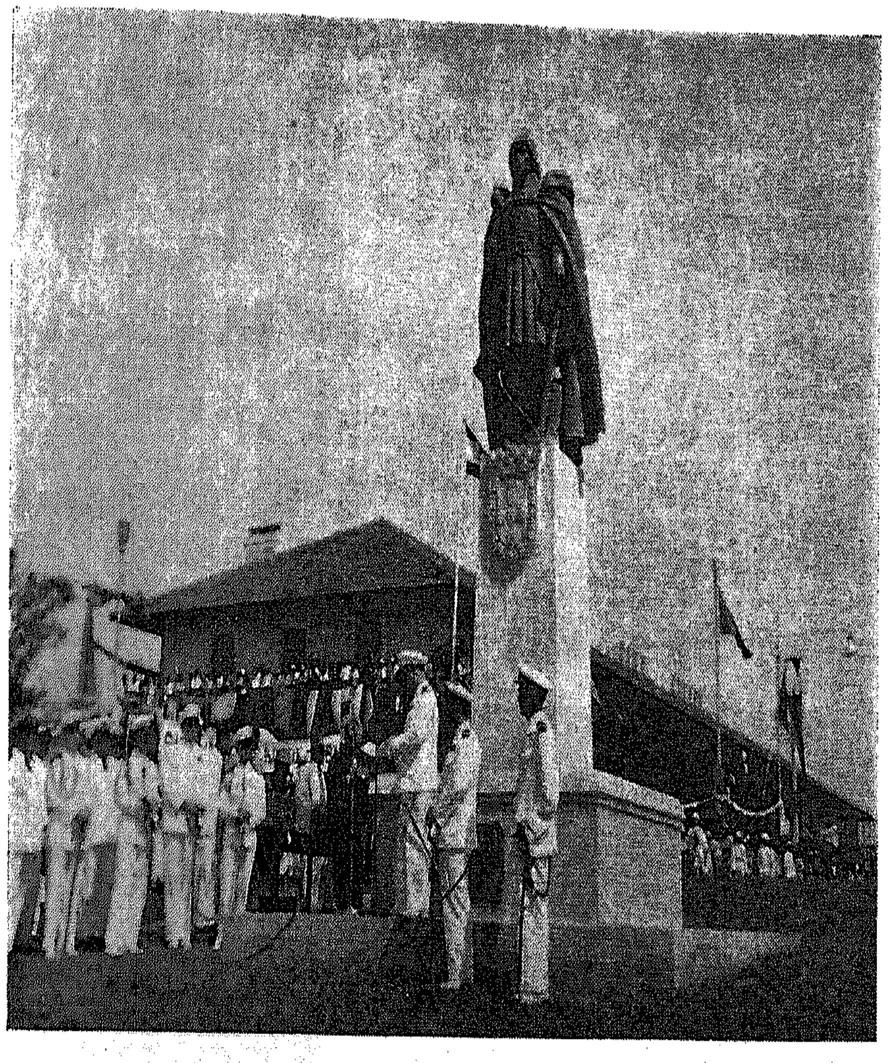
Homenagem a Nuno Tristão

Em 3 de Maio

Sua Excelência o Sr. Presidente da República prestou homenagem ao navegador Nuno Tristão, depondo junto do seu monumento, que se ergue no início da Avenida da República, uma placa de bronze com a seguinte inscrição: «A NUNO TRISTÃO, HOMENAGEM DO CHEFE DE ESTADO — 3 DE MAIO DE 1955».

Após esta singela cerimónia, o Sr. Presidente da República usou da palavra dizendo:

Do promontório de Sagres mandava o Infante todos os anos duas caravelas na faina de, rumando ao sul, ir cada vez «mais além».



O Chefe do Estado discursando junto ao monumento a Nuno Tristão

Gil Eanes dobrara o cabo Bojador em 1434, ficando assim iniciada a rota das descobertas.

Num desses reconhecimentos Nuno Tristão e os seus companheiros avistam no mês de Junho de 1446 as margens baixas, cobertas de exuberante vegetação, dos rios da Guiné.

Nuno Tristão, que na viagem que antes fizera havia já navegado muito próximo de Cavo Verde, comandava uma pequena barca tripulada apenas por 24 homens em demanda das terras do Sul, de onde se sabia ser levado o ouro que se negociava nos mercados da Mauritânia.

A hostilidade dos indígenas não permitiu que voltasse à pátria: as setas envenenadas dos «guinéus» deram a morte a vinte dos intrépidos mareantes, entre os quais o próprio chefe.

Este monumento levantou-o a Província como preito de gratidão ao esforçado marinheiro que primeiro chegou a estas terras ubérrimas, notável feito que representa o início da nossa missão imperial de estender o território nacional

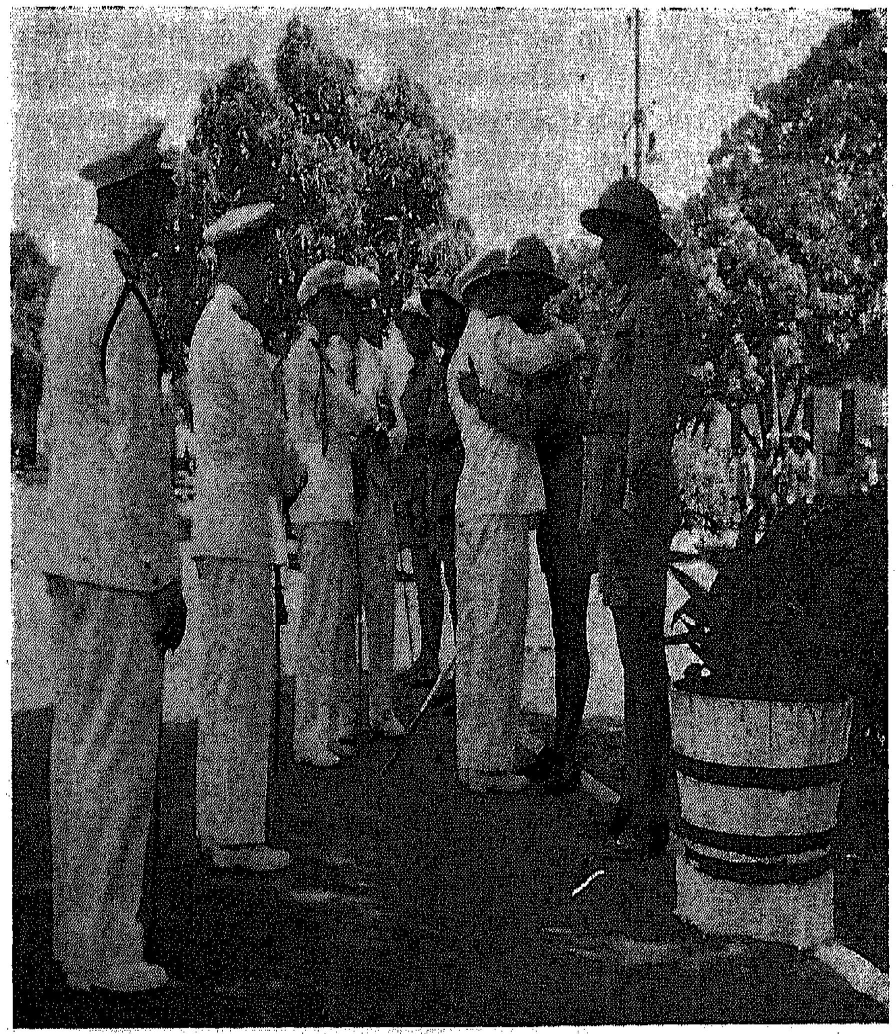
muito para além dos mares, levar a palavra de Cristo a povos que viviam na ignorância, animar o trato entre os homens das mais diversas condições e raças.

A continuação de tão grande empresa exigia quantias fabulosas para armar navios, e aliados poderosos que nos ajudassem na luta contra o Infiel. O Infante que tantos cuidados dedicou ao comércio do ouro, procurou saber onde se encontrava na costa africana a região aurífera, para nela organizar o comércio de trocas com o indígena.

Não foi dado a Nuno Tristão localizá-la e só mais tarde com a fundação do castelo de S. Jorge da Mina por Diogo da Azambuja, foi possível encontrar os consideráveis recursos em ouro que permitiram a D. João II estabelecer definitivamente o grande plano das Índias.

O Presidente da República cumpre o dever de vir junto da estátua do descobridor da Guiné para depôr uma coroa de bronze que perpetuará a homenagem que lhe é prestada pelo primeiro Chefe do Estado que tem a ventura de pisar estas terras, que há já 500 anos são portuguesas.

O Sr. Presidente da República visita os Serviços Militares na Fortaleza da Amura
Junto ao monumento aos heróis da ocupação



Visita aos Serviços Militares
O Chefe do Estado condecorando alguns graduados e praças

Visita à Fortaleza de São José de Bissau

Seguiu-se depois a visita à Fortaleza de São José de Bissau — Amura — na qual estão instalados os Serviços Militares.

O Chefe do Estado, em recolhido silêncio, parou junto do monumento erigido no meio da parada, em memória dos heróis da ocupação, e onde, numa placa, se lêm os nomes das campanhas.

No final da visita o Senhor General Craveiro Lopes condecorou alguns graduados e praças.

Inauguração da Escola Central das Missões Católicas

Entre os padrões que ficam a atestar a passagem por esta Província de Sua Excelência o Sr. Presidente da República, General Craveiro Lopes, pode contar-se a Escola Central das Missões Católicas em Bissau, que Sua Ex.ª inaugurou sob o nome de sua Ex.ma Esposa — «D. Berta Craveiro Lopes.»

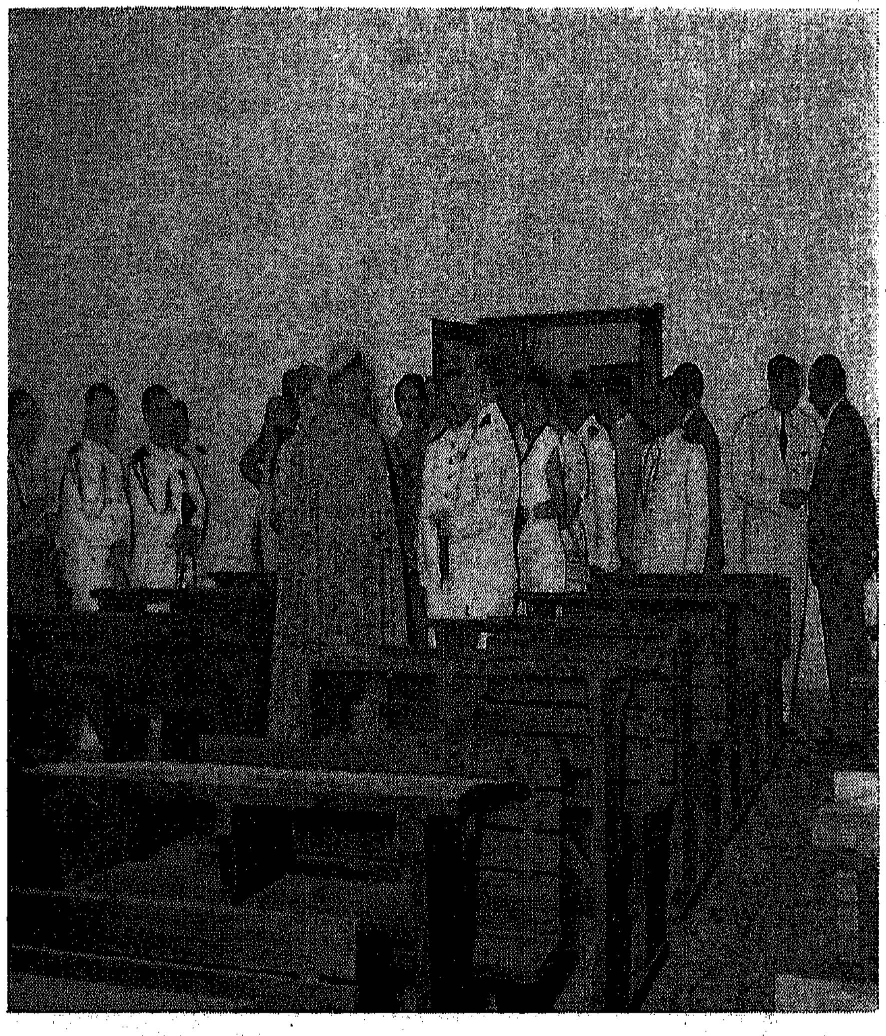
Terminada a visita ao quartel da Amura, o Chefe do Estado dirigiu-se à Escola Central das Missões Católicas em Bissau que ia inaugurar. Alí aguardavam Sua Ex.ª, o Prefeito Apostólico, todos os missionários em serviço na cidade, alunos das escolas missionárias e muito povo.

Numa placa de bronze, descerrada por Sua Ex.ª o Chefe do Estado liam-se as seguintes palavras:

«ESCOLA D. BERTA CRAVEIRO LOPES — INAUGURADA PELO CHEFE DE ESTADO, COM A PRESENÇA DO MINISTRO DO ULTRAMAR, SR. CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA MANUEL MARIA SARMENTO RODRIGUES, SENDO GOVERNADOR O CAPITÃO-DE-FRAGATA DIOGO DE MELLO E ALVIM — EM 3 DE MAIO DE 1955»

Descerrada a placa efectuou-se a visita a todas as salas de aula e recreios dos alunos, que em formatura cantaram o «Hino Ncional» e uma composição adequada ao acto cujo estribilho era «*Viva o nosso Portugal! Viva o nosso General!*».

Inauguração da Escola Central das Missões Católicas «D. Berta Craveiro Lopes»



O Sr. Presidente da República e comitiva visitam as salas de aula e recreios da escola das Missões Católicas em Bissau

Na tarde do mesmo dia Sua Ex.ª o Chefe de Estado visitou o Hospital Central de Bissau, a Missão de Estudo e Combate da Doença do Sono e ainda todas as depências destes dois organismos.

Ao fim da tarde, em honra do Chefe do Estado, o Governador da Guiné ofereceu, nos jardins do Palácio do Governo, um «Pôr do Sol» ao qual assistiram numerosos convidados e que decorreu com grande animação.

Inauguração do monumento a Teixeira Pinto

Em 4 de Maio

Por volta das 8 horas começou a concentrar-se no Alto de Crim, onde se ergue o monumento ao pacificador da Guiné — Capitão João Teixeira Pinto — uma numerosa e heterogénea multidão de indígenas, entre os quais sobressaíam os cavaleiros fulas envoltos nas suas vestes brancas.

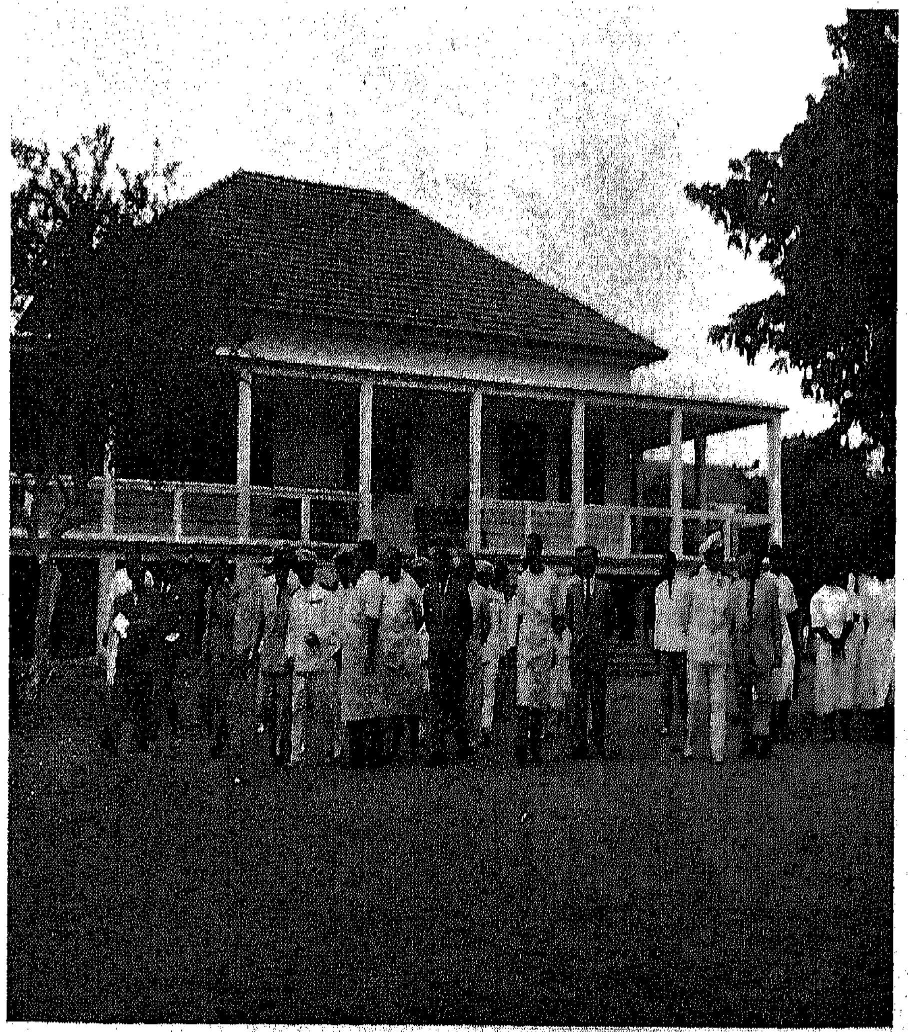
Um pelotão de soldados indígenas e outro de marinheiros, estes desembarcados do «Bartolomeu Dias» e do «Lima», com as respectivas bandeiras, prestaram a guarda de honra ao monumento e uma companhia de Caçadores Indígenas fazia a guarda de honra ao Chefe do Estado, que era acompanhado pelo Ministro do Ultramar, Governador Mello e Alvim e numeroso elemento oficial.

Antes de descerrada, pelo Chefe do Estado, a inscrição com que se inaugurou o monumento, o Coronel Neves e Castro, Comandante Militar da Província, pronunciou um brilhante discurso, do qual damos algumas passagens:

«Senhor Presidente da República

Excelência:

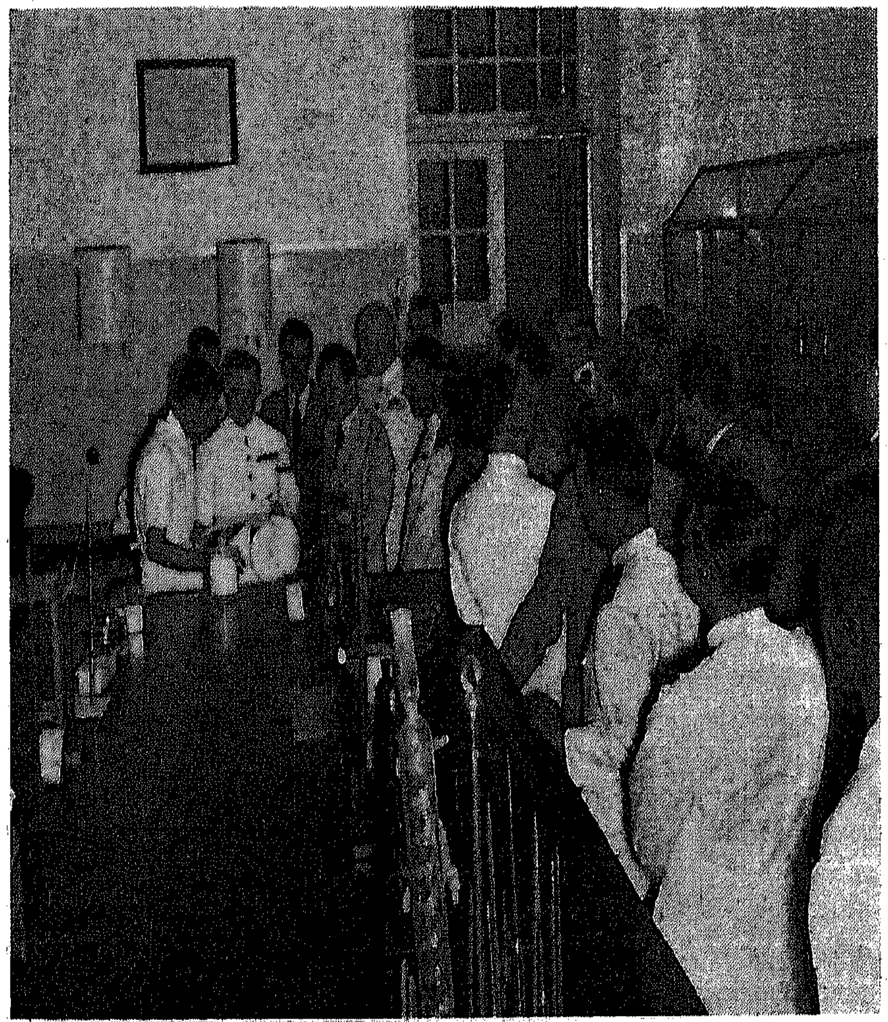
Dentro do plano de remodelação desta cidade de Bissau, capital duma das mais pujantes Provincias do nosso Império Ultramarino, neste local conhecido por Alto de Crim e outrora regado com suor e sangue de tantos compatriotas



O Chefe do Estado visita o Hospital Central de Bissau

ergue-se agora imponente, cheio de magestade, o monumento a Teixeira Pinto, o pacificador da Guiné, que Vossa Excelência vai descerrar dentro de minutos e que ficará aqui a perpetuar, pelos tempos adiante, a memória dessse grande militar.

Não podia ter havido mais acertada escolha da pessoa para o desempenho de tal acto; é que nos encontramos na presença do Supremo Magistrado da Nação, gozamos o alto privilégio de o termos entre nós, cidadão de íntegro carácter, símbolo de bondade, querido e respeitado pelos portugueses; mas é que nos encontramos também perante o oficial general distintíssimo com feitos extraordinários em campanha em terras também do Ultramar e que aos 29 anos apenas contava já 3 recompensas das que fazem justamente o maior orgulho do Soldado: a Medalha Comemorativa das Campanhas do Exército Português com a legenda «Moçambique, 1914-1918», a Cruz de Guerra de primeira classe e o grau de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito.



Visita do Chefe do Estado às instalações da Missão de Estudo e Combate da Doença do Sono — Bissau

Excelência:

Vão para Vossa Excelência as minhas primeiras palavras de homenagem sincera, de profundo respeito e de viva satisfação pela honra da presença a esta sessão inaugural».

Historiou depois a vida de Teixeira Pinto falando dos seus estudos, da sua vida de militar na Metrópole, em Angola e descreveu pormenorizadamente o que foi a sua acção nas campanhas contra os papéis, manjacos e balantas da Guiné, nestes termos:

«...Em Setembro de 1912, desembarcou em Bolama por ter sido requisitado para Chefe do Estado-Maior desta Província da Guiné, e continua a sua carreira militar aqui de forma brilhante e heróica.

Em Março de 1913 nomeado então comandante da coluna de operações para estabelecimento dos postos militares indispensáveis à ocupação da dita região, durante três meses tomava parte nas acções a seguir designadas, efectuando marchas através do mato denso apesar de perseguido de flanco por ataques incessantes dos balantas e oincas: assim fez a defesa do bivaque em Porto Mansoa, tomadas e defesas de Cambaiu, de Baracó e Onfarim, de Couval e Ganjugulo, de Maqué, Canicó, Manambo, Samsambaton e Iracunda, de Morés, de Cudé e Mansoadé, capital e centro de resistência dos oincas».

... ...

«Em Dezembro de 1914 era o Governo da Província surpreendido com a notícia do massacre do Administrador de Cacheu, alferes Nunes e seus auxiliares quando, procedendo socegadamente ao arrolamento e cobrança do imposto, foram atraídos por meio de cilada pelo gentio do Churo o qual se apoderou igualmente do navio motor «Cacine» havendo trucidado também a sua tripulação.

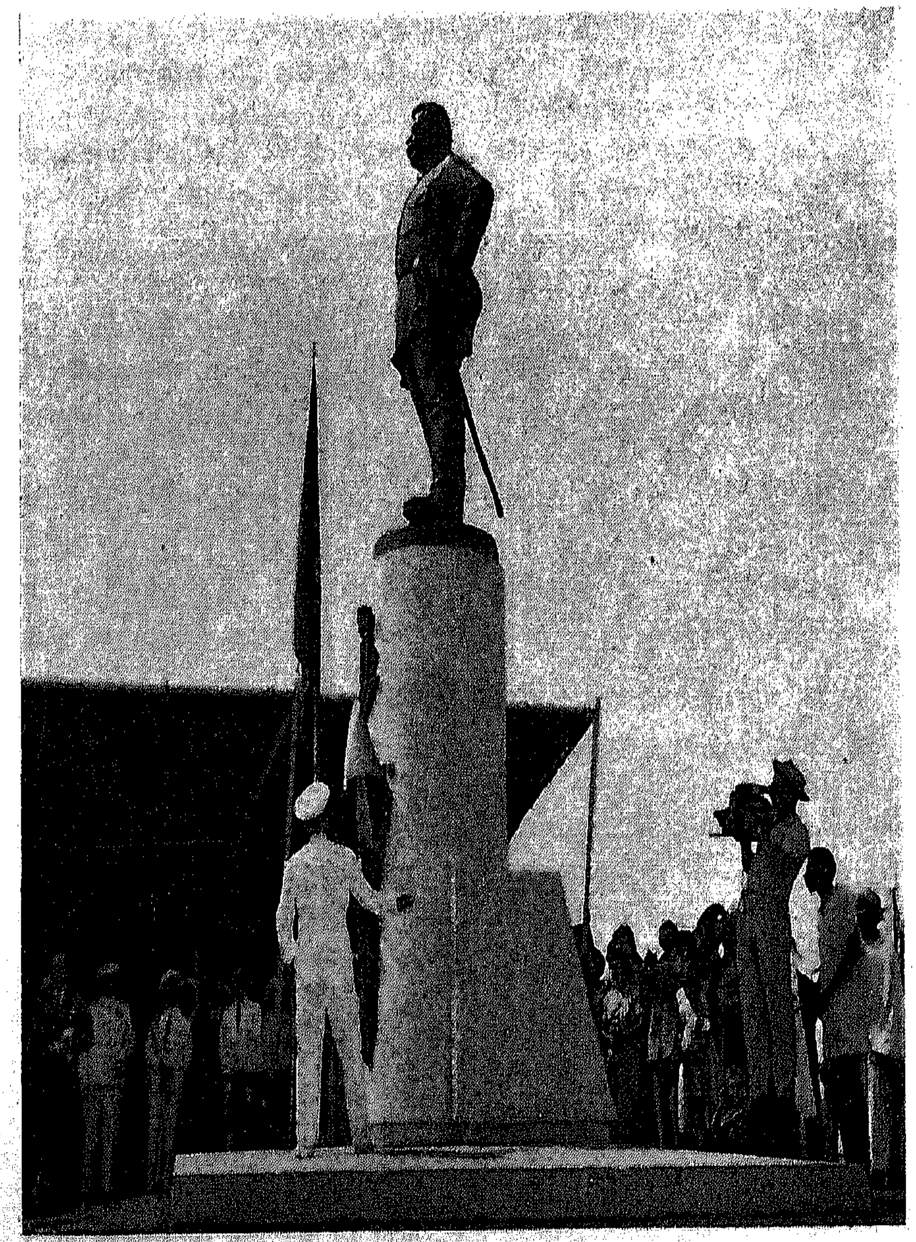
Logo foi Teixeira Pinto encarregado de comandar uma pequena coluna, sem oficiais para operar em Cacheu e Costa de Baixo com o fim de castigar os rebeldes.»

«...Mal havia terminado esta campanha e após a dissolução da coluna eram iniciadas imediatamente novas operações, outra vez sob o seu comando, para operar contra os balantas que se encontravam revoltados entre os rios Farim e Gêba e haviam também massacrado o alferes Augusto Pedro e o seu pelotão de cavalaria, quando saídos de Mansoa procediam despreocupadamente ao reconhecimento de local apropriado para lançamento de uma ponte sobre o rio Bambi.»...

«...Terminada esta campanha embarcou Teixeira Pinto em Outubro do mesmo ano de regresso à Metrópole por haver concluído a sua comissão de serviço e para retemperar a saúde.

Requisitado a seguir para desempenho de mais uma missão na Guiné embarcou novamente para esta província em Janeiro de 1915, outra vez como Chefe do Estado-Maior.

Apesar das dificuldades e resistências deletérias provocadas pela política local de então, de modo a opôr-se ao seu projecto de pacificação definitiva da ilha de Bissau, Teixeira Pinto com a sua tenacidade, sempre alheio a qualquer interesse de ordem pessoal, visionando acima de tudo a glória da Pátria, vencendo todas as reacções era nomeado Comandante da nova coluna de operações, agora contra os papéis e grumetes revoltados na ilha de Bissau, com a missão de castigar a insubmissão daqueles povos e acabar com os constantes desacatos e actos de rebeldia por eles cometidos e que não permitiam sequer que se fizesse os arrolamentos das suas palhotas, negando-se ao pagamento do seu imposto, apesar dos meios suasórios empregados para subordinação à nossa autoridade.



Inauguração do monumento ao Pacificador da Guiné — TEIXEIRA PINTO — Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República descerra a placa comemorativa

A coluna operou de Maio a Agosto de 1915, em renhidos combates em defesa da fortaleza de S. José de Bissau, nos ataques e tomadas dos altos do Intim e Bandim em que os rebeldes ofereceram sempre grande resistência, de Jaal e de Safim. Teixeira Pinto no ataque a Jaal caía ferido mas apesar disso acompanhou a coluna até Safim, donde teve de ser evacuado por motivo de febres consequentes da infecção do seu ferimento. Retomando o comando da coluna passados 18 dias, tomou ainda parte em operações contra Cumura, Prábis, Quecete e Cunhambale, em marchas sempre sob o fogo inimigo, terminando pelo ataque à tabanca do régulo do Biombo e tomada desta povoação, onde as suas tropas tiveram de fazer frente a inúmeros e aguerridos papéis, bem armados e que valentemente combatiam, resistindo tenazmente, o que não obstou no entanto a que fossem totalmente desbaratados com centenas de baixas.»

... ...

«Estavam concluídas as operações na Guiné e a Província entrara em completa paz e sossego.»

Fez ainda um relato minucioso da actuação de Teixeira Pinto nas campanhas de Moçambique em 1917, onde perdeu a vida no ataque feito a Negomano pelas tropas alemãs.

... ...

Assistiu a esta grandiosa manifestação ao pacificador da Guiné seu filho, Capitão João Teixeira Pinto, que com os olhos marejados de lágrimas de alegria, orgulho e comoção, viu exaltado o grande herói que tanto honrara a Pátria por estas adustas terras africanas.

Seguiram-se durante o resto da manhã deste dia as visitas ao bloco industrial da Sociedade Comercial Ultramarina, à Escola Oficial e a inauguração do *«Lar Santa Isabel»*.

Visita ao Centro de Estudos da Guiné Portuguesa

Pelas 16 horas do dia 4 Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República acompanhado do Ministro do Ultramar, Governador da Província e restante comitiva, dirigiu-se ao edifício do Museu da Guiné, onde teria lugar a sessão promovida pelo «Centro de Estudos da Guiné Portuguesa», organismo cultural fundado pelo Comandante Sarmento Rodrigues durante a sua governação desta província.

Recebido à porta do edifício por todos os membros da Comissão Executiva do Centro de Estudos, Sua Ex.ª dirigiu-se à Biblioteca onde lhe foram apresentados os primeiros cumprimentos, após os quais o Presidente do Centro, Sr. Intendente Augusto dos Santos Lima ofereceu ao Senhor Presidente da República , ao Ministro do Ultramar e Governador da Província, medalhas de bronze gravadas expressamente para comemorar a visita presidencial ao Centro de Estudos. Estas medalhas, da autoria do escultor Anjos Teixeira, apresentam na face uma europeia de mãos dadas com uma indígena africana e circundadas pela frase latina *«SURGE ET AMBULA»* e no verso dois anjos segurando o escudo da Guiné envoltos pela

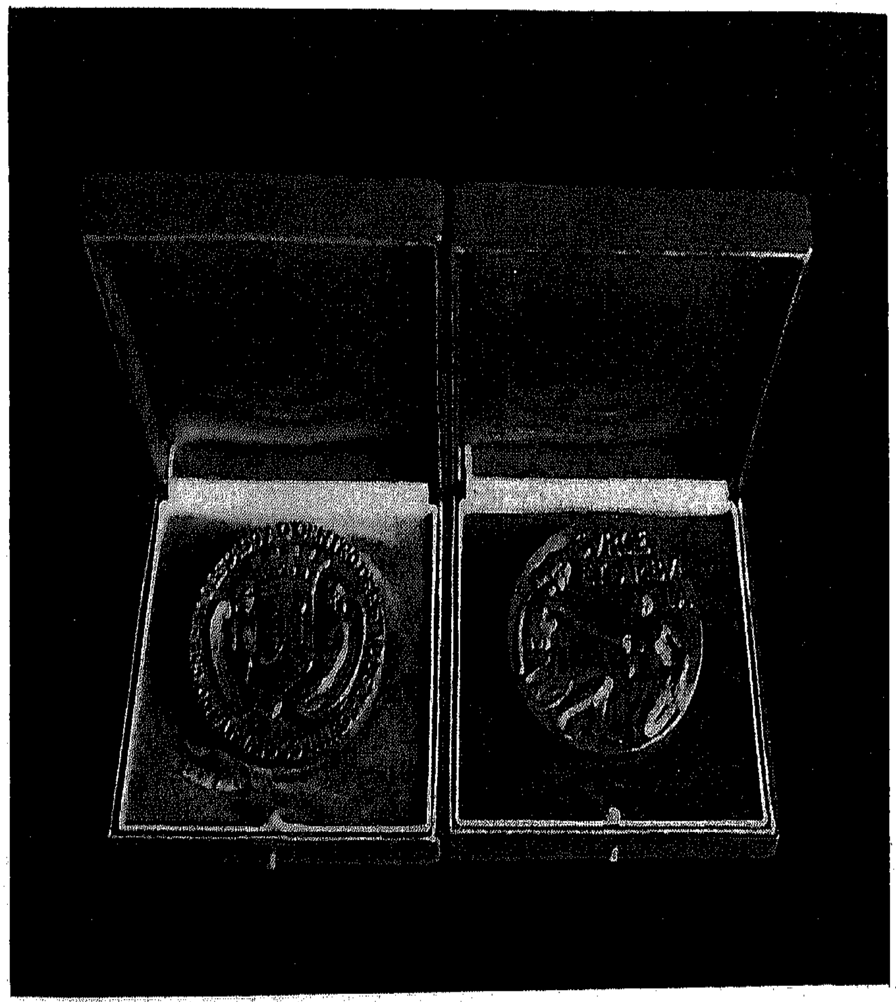
legenda: *«VISITA DO CHEFE DO ESTADO AO CENTRO DE ESTUDOS DA GUINÉ»*.

Depois desta breve cerimónia Sua Ex.ª o Sr. General Craveiro Lopes encaminhou-se para o salão de conferências que se encontrava revestido das suas melhores galas, sobressaindo os festões de verdura emoldurada por bandeiras e galhardetes com as cores nacionais.

Ladeavam Sua Ex.ª o Chefe de Estado, Suas Ex.as o Ministro do Ultramar, Comandante Sarmento Rodrigues, o Governador da Província, Comandante Mello e Alvim, o Comandante Militar da Guiné, Coronel Neves e Castro e o Presidente da Comissão Executiva do Centro de Estudos, Intendente Santos Lima.

Após uma breve saudação a Sua Ex.ª o Presidente da República, a quem agradeceu tão honrosa visita, o Presidente do Centro de Estudos fez a apresentação do orador, Sr. Primeiro Tenente Avelino Teixeira da Mota, que desde o início tem sido o grande impulsionador do Centro de Estudos e o seu melhor colaborador.

Num bem elaborado e desenvolvido trabalho, o orador expôs toda a actividade do Centro de Estudos durante os nove anos da sua existência, fazendo



Medalha comemorativa da visita de S. Ex.ª o Sr. Presidente da República ao «Centro de Estudos da Guiné Portuguesa»

realçar a sua acção cultural levada a todos os continentes através do Boletim Cultural que vai no seu n.º 85 e das Memórias que já sobem a 17.

Sobre a investigação a que se tem devotado o Centro de Estudos, o orador disse: «*É sobretudo no campo do estudo das populações que a actividade dos investigadores locais do Centro de Estudos da Guiné, se tem revelado mais fecunda. No aspecto mais pròpriamente etnológico e etnográfico, contam-se numerosos ensaios e monografias de carácter geral ou estudos sobre os aspectos particulares, quase todos da autoria de funcionários administrativos, que neste capítulo adquiriram um honroso renome, que vem completar o da sua eficiência profissional*».

Focou o orador os valiosos trabalhos de parasitologia animal feitos pelo investigador Dr. João Tendeiro. Referiu-se ainda aos trabalhos dos Professor Dr. Cruz Ferreira, Reimão Pinto, Lehmann de Almeida, Administrador A. Carreira, Santos Lima, Mendes Moreira, Basso Marques, Jaime Walter, Velez Caroço e ainda aos vários trabalhos da Missão Geo-Hidrográfica que têm ilustrado as páginas do Boletim Cultural.

A terminar o orador disse: «*Sem qualquer exagero, pode dizer-se que, nestes nove anos se reuniram mais dados para o conhecimento da Guiné do que nos cinco séculos anteriores a 1946*».

Com uma estrondosa salva de palmas a assistência aplaudiu o orador que foi muito cumprimentado.

Depois da sessão, o Chefe do Estado e comitiva visitaram a Biblioteca e a Secretaria do Museu, onde admiraram algumas obras de arte indígena e diversas pinturas sobre motivos da Guiné, entre as quais algumas feitas por funcionários públicos da Província e oferecidos ao Museu.

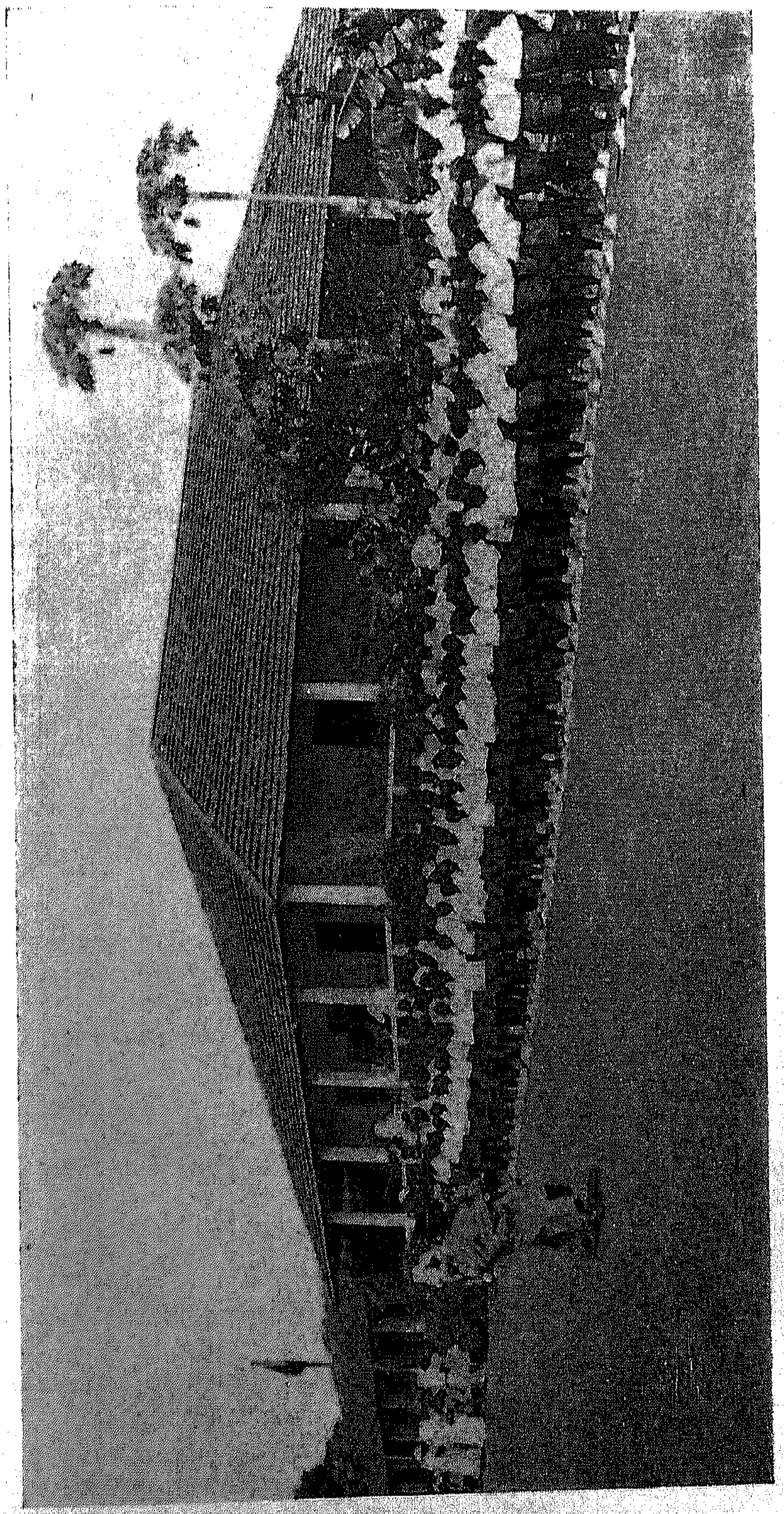
Do Centro de Estudos Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República e comitiva seguiram para a Associação Comercial, Industrial e Agrícola da Guiné, onde lhes foi oferecido um «Porto de Honra» que decorreu animadamente.

° ° °

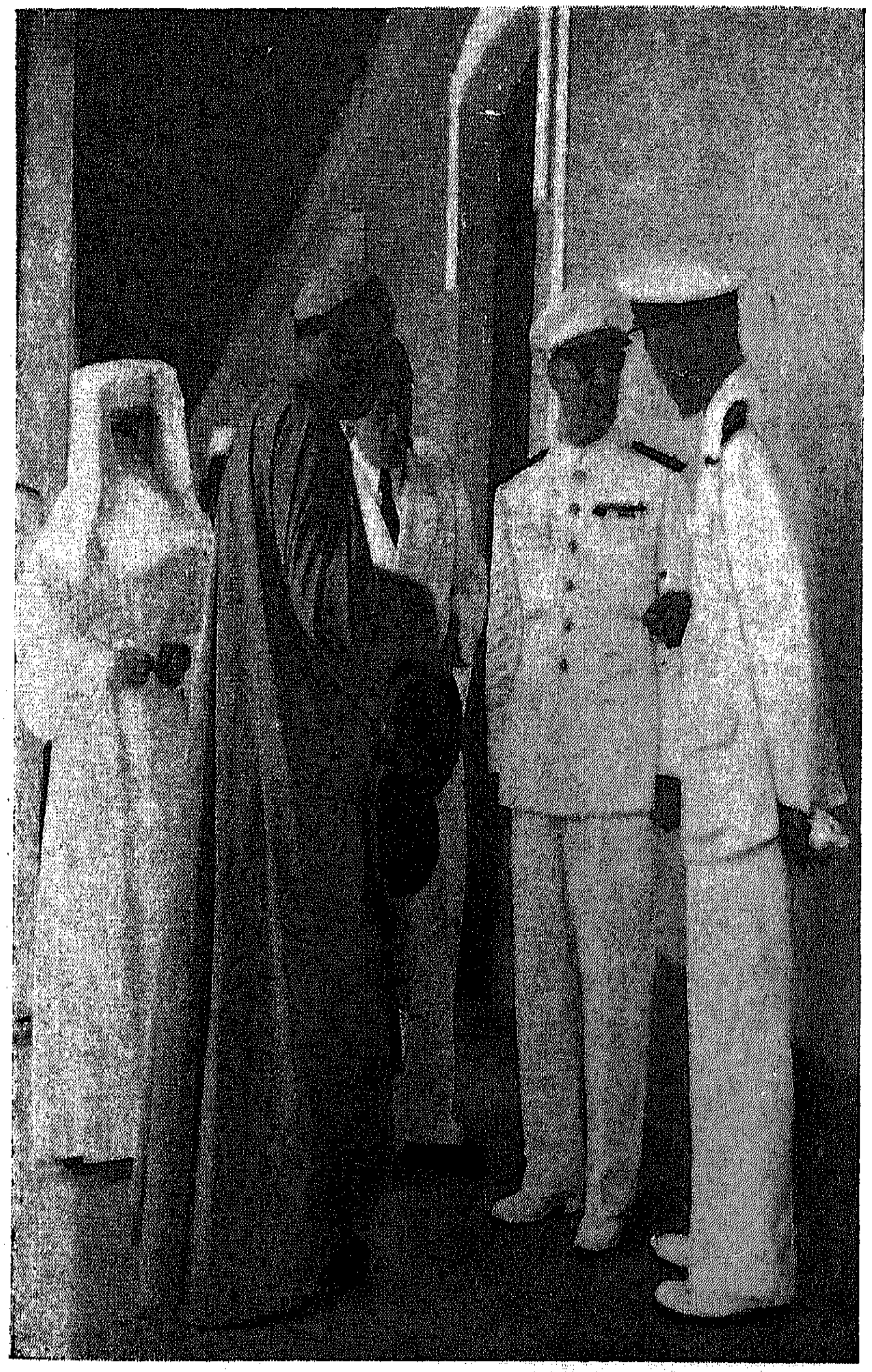
Em 5 de Maio

No quinto dia de Maio, quarto da sua permanência na Guiné, Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República visitou o Dispensário do Mal de Hansen, onde era aguardado pelo Chefe dos Serviços de Saúde, Dr. Ruy Roncon, pelo médico leprólogo, Dr. Mário Veiga e pessoal de enfermagem que ali presta serviço.

O Sr. Dr. Mário Veiga relatou aos ilustres visitantes toda a actividade desenvolvida e as medidas adoptadas para debelar tão cruciante mal, apresentando estatísticas em que figuram números bastante elevados de curas completas e mais de 1.000 doentes que entraram na fase de não contagiantes, graças ao tratamento recebido.



Momentos antes da chegada do cortejo presidencial à Missão de Bor



O Prefeito Apostólico da Guiné trocando impressões com o Sr. Presidente da República, durante a visita à Missão de Bor

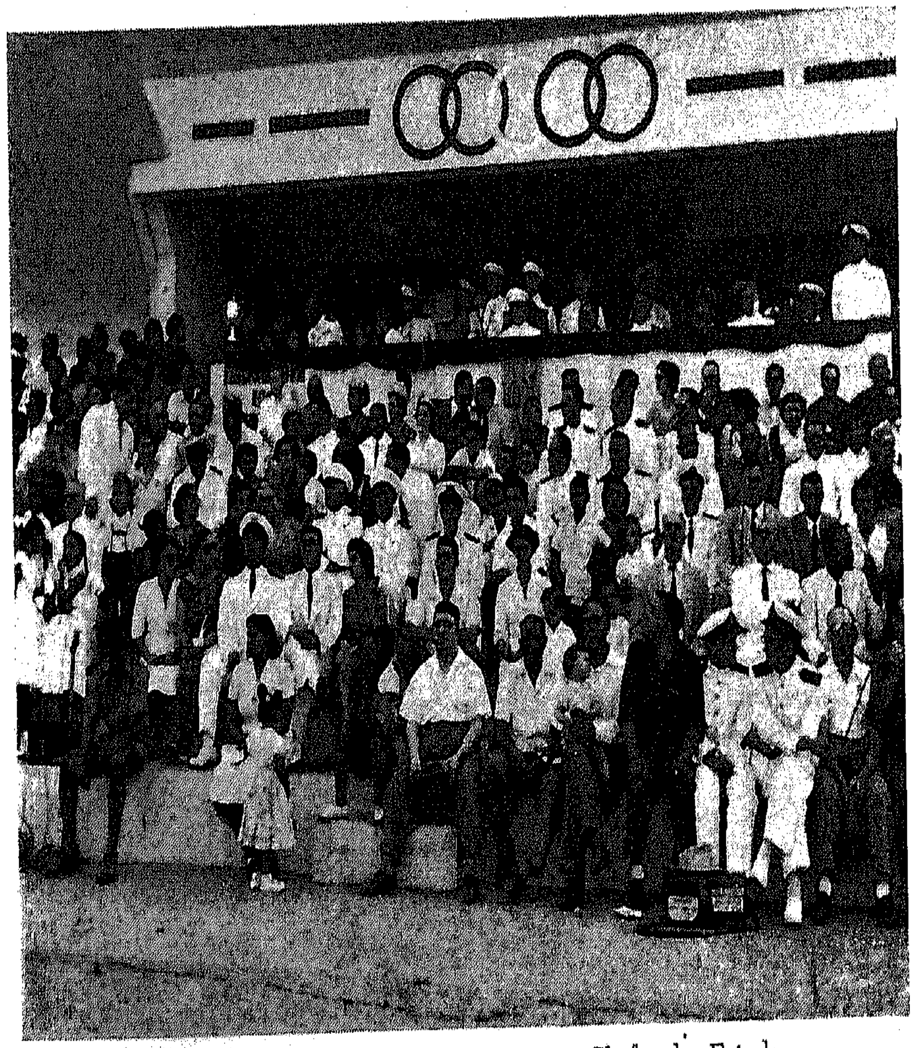
Seguiu-se a visita ao Asilo da Infância Desvalida de Bór, situado a sete quilómetros de Bissau e onde já se encontravam as Esposas do Chefe do Estado, do Ministro do Ultramar e do Governador da Guiné, acompanhadas por Sua Ex.ª Rev.ª o Prefeito Apostólico.

À frente do Asilo aguardavam também o Chefe do Estado, as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas que dirigem aquela instituição, desde o seu início, com as internadas, as quais ostentando bandeirinhas ovacionaram o Senhor Presidente da República cobrindo-o de flores.

Muito interessado, o Sr. General Craveiro Lopes, percorreu todas as dependências do Asilo e observou os planos de ampliação do edifício, que presentemente já não chega para as necessidades e virá a ter capacidade para mais 50 crianças, um pavilhão para crianças anormais e ainda um lar para raparigas sem família.

Sua Excelência o Sr. Presidente da República, encantado com a obra de caridade e apostolado que lhe foi dado observar, felicitou o Prefeito Apostólico e as Irmãs Franciscanas que ali dispendem a sua vida em prol dos desemparados da sorte e das famílias.

Neste mesmo dia e durante a tarde, realizou-se no Estádio «Sarmento Rodrigues» o festival desportivo mencionado no programa, e que foi iniciado



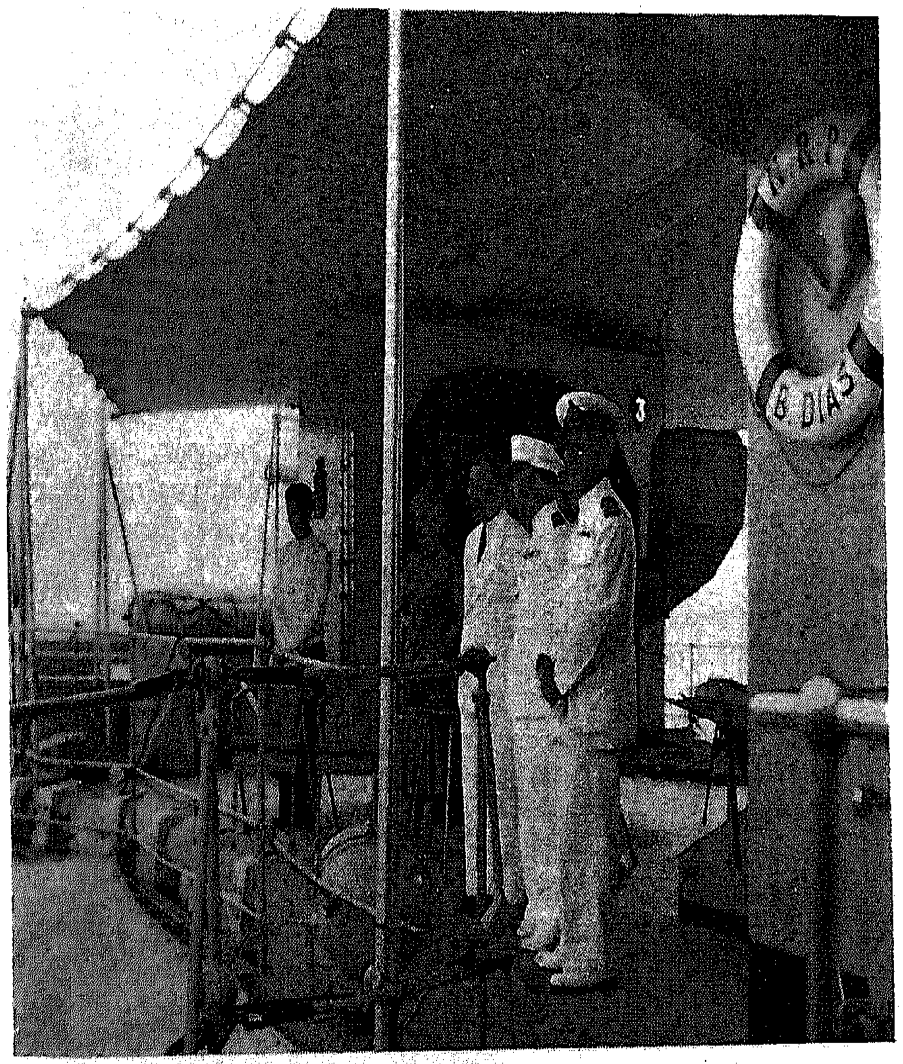
Festival desportivo em homenagem ao Chefe do Estado

Festival desportivo — Um aspecto das competições

pelo desfile de uma Companhia de Caçadores com banda e bandeira, seguindo-se-lhe a Mocidade Portuguesa nas suas secções masculina e feminina, alunos das escolas, os atletas dos diversos clubes desportivos da Província; encerrava o desfile uma coluna de tropas de 2.ª linha.

Depois do torneio de futebol, o Chefe do Estado entregou uma valiosa taça ao vencedor — o Benfica. Seguidamente distribuiu a cada um dos componentes dos grupos de futebol, que entraram no torneio, uma medalha comemorativa da visita presidencial à Guiné e impôs laços em 18 bandeiras de associações desportivas.

O festival terminou com a condecoração de alguns chefes indígenas do Concelho de Bissau.



O Chefe do Estado a bordo do «Bartolomeu Dias» a caminho de Bolama

VISITA AO INTERIOR DA PROVÍNCIA

O Chefe do Estado embarca no aviso de 1.ª classe «Bartolomeu Dias» a caminho de Bolama

Em 6 de Maio

Pelas 7 horas já a ponte-cais de Bissau regorgitava de funcionários, comerciantes e muitos indígenas que desejavam assistir à partida do Chefe da Nação portuguesa, que nesse dia encetava as suas visitas ao interior da Província, principiando por Bolama, de acordo com o programa traçado.

Todas as embarcações surtas no porto se achavam embandeiradas e as suas tripulações formavam para os cumprimentos do estilo.

Logo que o Sr. General Craveiro Lopes desceu do automóvel, o «Bartolomeu Dias» salvou com 21 tiros e a banda de Caçadores executou o Hino Nacional.

Feitas as despedidas Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República entrou a bordo e o «Bartolomeu Dias» largou para a viagem até Bolama, enquanto as tripulações do «Lima» e do «Mandovi» davam os vivas da ordenança.

Depois de uma viagem de poucas horas por entre as ilhas que ficam junto à costa, o «Bartolomeu Dias» fundeou em Bolama, onde o entusiasmo foi indiscritível, sobretudo no momento que Sua Ex.ª o Sr. Presidente entrou na ponte, que se achava atapetada de panos indígenas. Após a revista à guarda de honra, que era feita por uma Companhia de Engenhos, aquartelada naquela cidade, o Presidente da Comissão Municipal de Bolama fez a entrega das chaves da cidade a Sua Excelência o Sr. Presidente da República, que seguidamente recebeu os cumprimentos do Administrador do Concelho, do Pároco e outras individualidades.

Muitas centenas de indígenas, de todas as raças, ladeando a rua que conduz do cais aos Paços do Concelho, aclamavam entusiàsticamente o Chefe do Estado

O Sr. Presidente da República desembarca em Bolama

O Chefe do Estado assiste, na escadaria da Comissão Municipal de Bolama, ao desfile em sua honra

na sua passagem para a Comissão Municipal, onde lhe foram dadas as «boas vindas» pelo Presidente, sr. Júlio Lopes Pereira.

Falou depois, em nome do comércio de Bolama, o sr. Manuel Grândola e pelo povo o sr. Fernando Miranda. Todos os oradores foram muito aplaudidos.

Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República agradeceu a todos os oradores as palavras que lhe dirigiram e fez votos pelas prosperidades da antiga Capital, dizendo, a concluir:

«É certo que esta cidade e esta região, representam qualquer coisa grandiosa na história da Guiné. As dificuldades que tiveram em manter-se ante as cobiças que pairaram sobre esta região, o esforço dedicado e sobrehumano dos nossos antepassados, tudo isto representa muito de grandioso que não pode perder-se, que perdurará através dos séculos. Os meus votos são de que a vossa persistência e o vosso trabalho sejam de molde a justificar a política do Governo, para que a prosperidade possa voltar a esta terra».

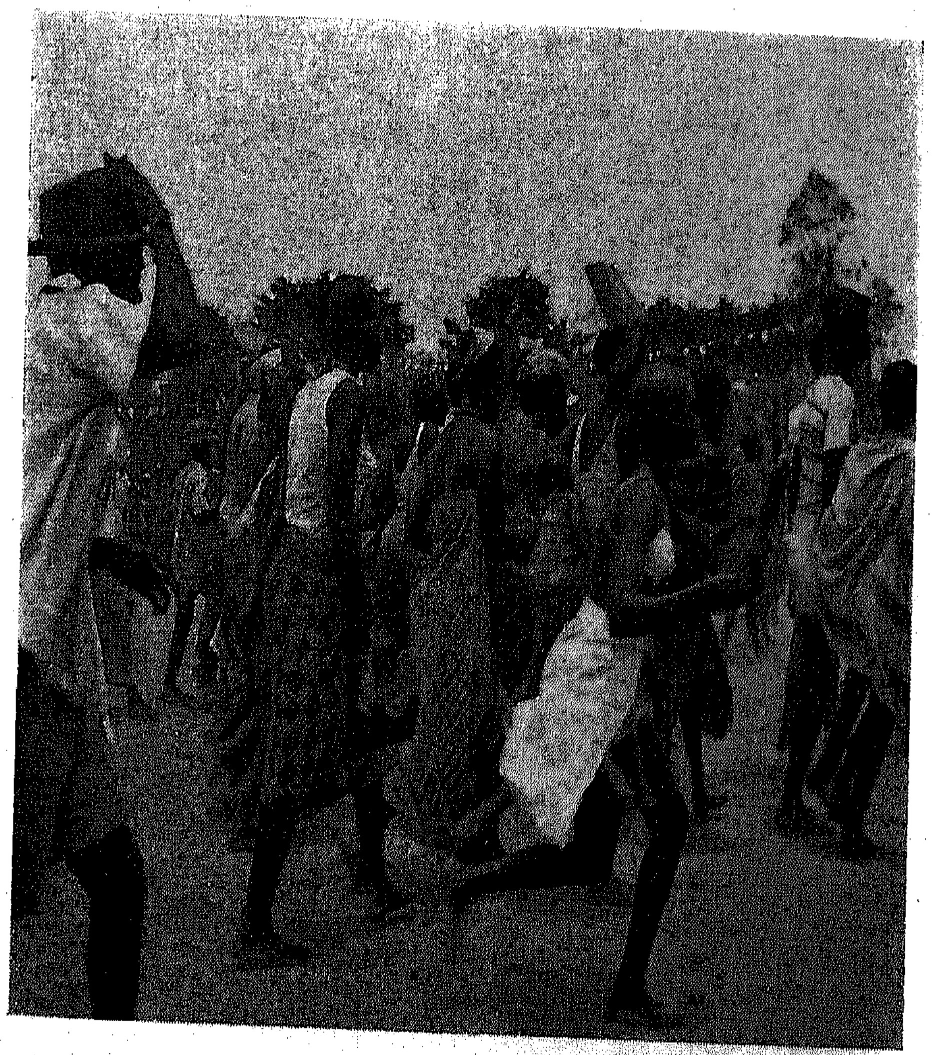
Seguidamente, e após a leitura do decreto ministerial que concede brazão de armas à cidade de Bolama, o Chefe do Estado entregou ao Presidente daquela edilidade o estandarte já com as armas que lhe foram concedidas, acto que foi sublinhado por calorosa salva de palmas e entusiásticos vivas de toda a assistência.

Depois de visitar o hospital regional, os aquartelamentos da Companhia Indígena de Engenhos, a Missão Católica e uma propriedade agrícola da firma António Silva Gouveia, Lda., Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República recolheu ao Palácio do Governo, junto do qual o entusiasmo da multidão sempre crescente continuava vitoriando o Chefe da Nação.

Partida de Bolama para Fulacunda e Catió

Em 7 de Maio

Pelas primeiras horas da manhã do dia 7 de Maio partiu Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República, de Bolama a caminho de Fulacunda e Catió.

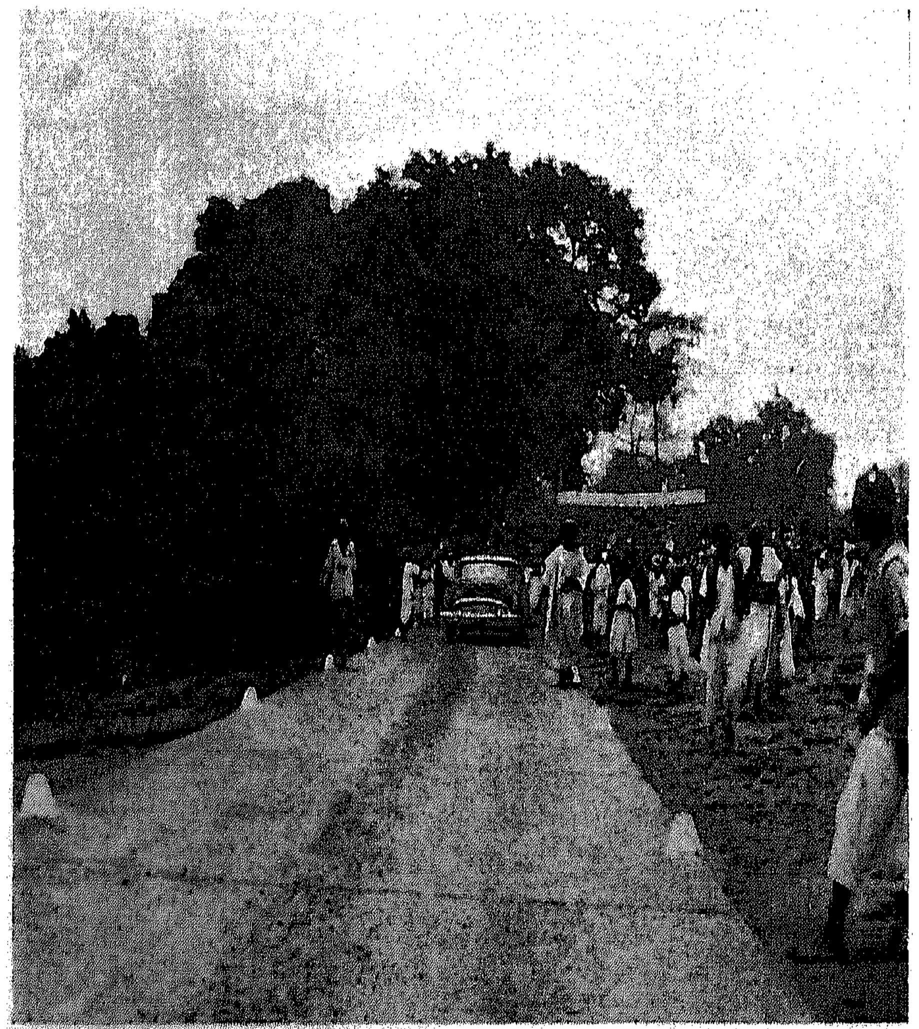


A população de Catió e arredores corre ao encontro do carro presidencial que se aproxima daquele centro

Feita a travessia do canal de Bolama e visitado o Posto Administrativo de São João, a caravana, em automóveis, seguiu pelas tranquilas estradas da região dos biafadas a caminho de Fulacunda, sendo por todo o trajecto saudado por todos os povos da região que se aglomeravam junto da estrada, alguns mesmo a bastante distância dos seus povoados.

A recepção em Fulacunda foi entusiástica, vendo-se todos os comerciantes, agricultores e milhares de indígenas. Na sede da Administração Sua Ex.ª o General Craveiro Lopes foi saudado pelo Administrador e recebeu os cumprimentos de todos os funcionários, comerciantes, régulos e chefes de povoação. A estas duas autoridades gentílicas foram, por Sua Excelência, distribuidas medalhas comemorativas desta visita e bandeiras.

De Fulacunda seguiu-se a visita a Catió, principal centro comercial da região dos nalús, onde Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República e comitiva chegaram por volta das 12 horas, sendo recebido com vivas delirantes de toda a população, contando-se por milhares os indígenas postados ao longo da estrada, à entrada daquele laborioso centro comercial.



Travessia da passagem submersível do Saltinho — obra construida durante o governo do Comandante Sarmento Rodrigues

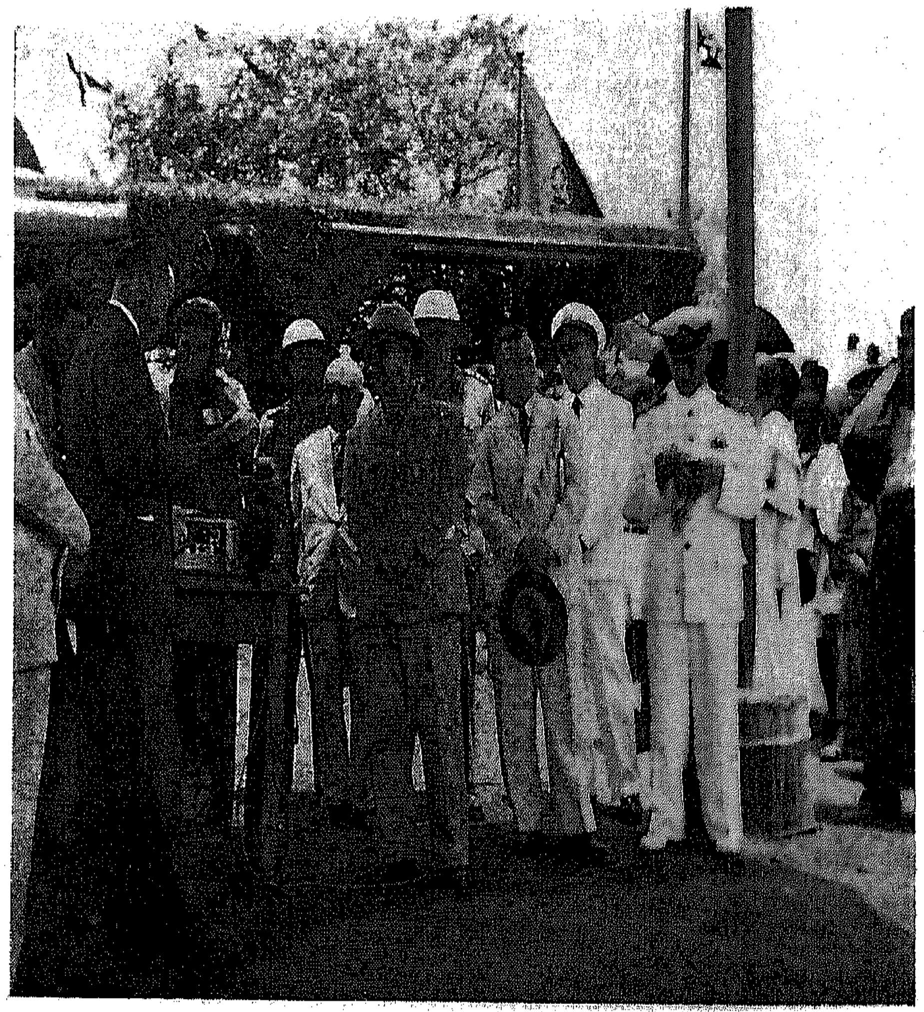
Durante a tarde deste dia o Chefe do Estado visitou o Centro de Saúde, a escola missionária, onde as crianças cantaram o Hino Nacional e o Hino de Saudação ao Presidente da República, da autoria do Rev.º Padre Francisco de Macedo, da Missão Católica de Bissau, algumas bolanhas de arroz e a propriedade do Sr. Álvaro Camacho, onde lhe foi oferecido um «Porto de Honra».

Partida para Bafatá

Em 8 de Maio

Uma das etapas mais longas a percorrer era, sem dúvida, esta de Catió a Bafatá, por isso, logo aos alvores da manhã já se ouviam os tambores e as vozes de muitos e muitos indígenas que aguardavam a partida do Senhor Presidente da República.

Após os cumprimentos de despedida, Sua Ex.ª e comitiva, iniciaram a viagem, em automóvel, através das grandes florestas — a verdadeira floresta tropical —



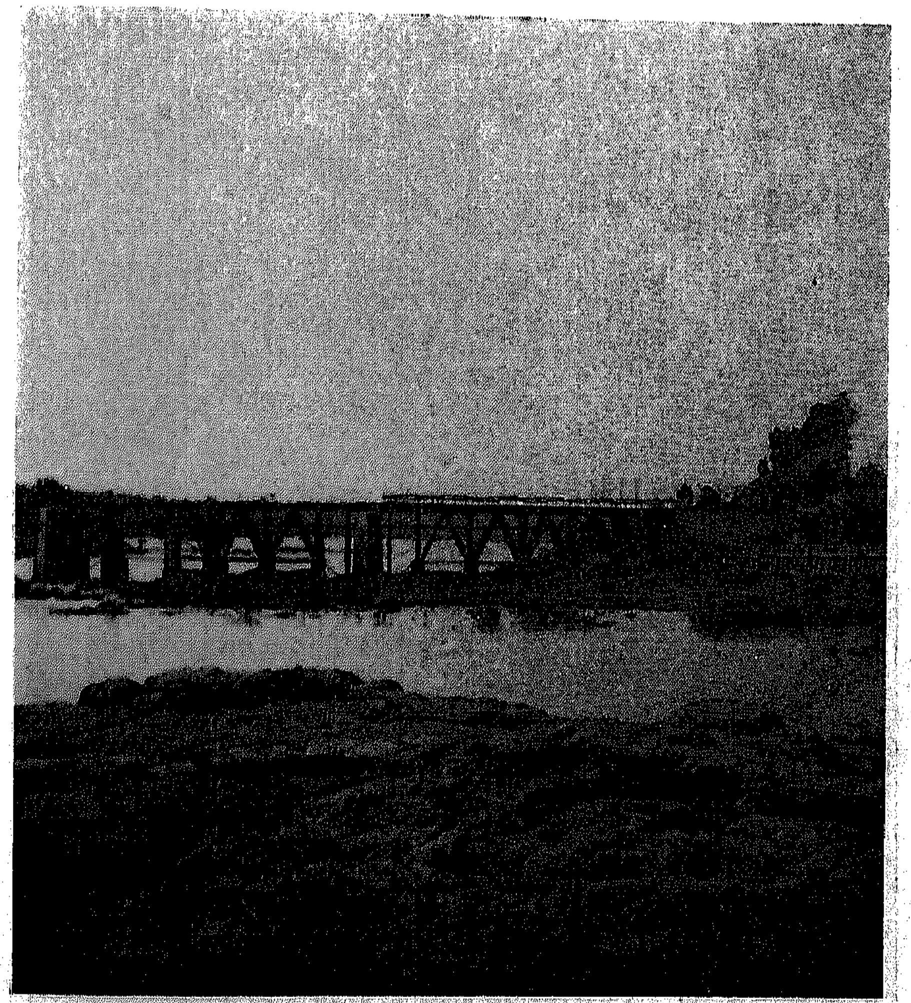
O Chefe do Estado visita as obras da ponte «Craveiro Lopes» em construção no Corubal

que medeiam entre Catió e o Saltinho, términus da primeira etapa deste dia e onde aguardava toda a caravana um almoço volante para refazer as energias e dar um pouco de descanso.

Durante a estadia no Saltinho, Sua Ex.ª o Presidente visitou as obras da ponte que tem o seu nome e fica situada um pouco a jusante da passagem submersível que presentemente dá acesso à região sul da Província. Junto à ponte, em construção, já se encontrava o Chefe da Repartição das Obras Públicas, Sr. Engenheiro Carlos Abel Aires, que saudou o Chefe do Estado agradecendo-lhe a honra da sua presença naquele local. Falou ainda sobre o desenrolar de toda a obra, dos investimentos feitos e a fazer das verbas do Fundo do Fomento para estradas, pontes, portos e seus respectivos apetrechamentos.

O Sr. Presidente da República, que ouviu com interesse toda a exposição do Engenheiro Aires, agradeceu a lembrança do seu nome para designar esta nova ponte pelo que se sentia, disse, ainda mais ligado à Guiné e seus habitantes e onde deixava com o seu agradecimento um pouco do seu coração.

Foi descerrada uma placa, colocada num marco junto à ponte, que contém a seguinte inscrição: «PONTE PRESIDENTE CRAVEIRO LOPES. — FOI VISITADA ESTA PONTE, DURANTE A SUA CONSTRUÇÃO, PELO CHEFE



Aspecto da ponte «Craveiro Lopes» em construção no rio Corubal

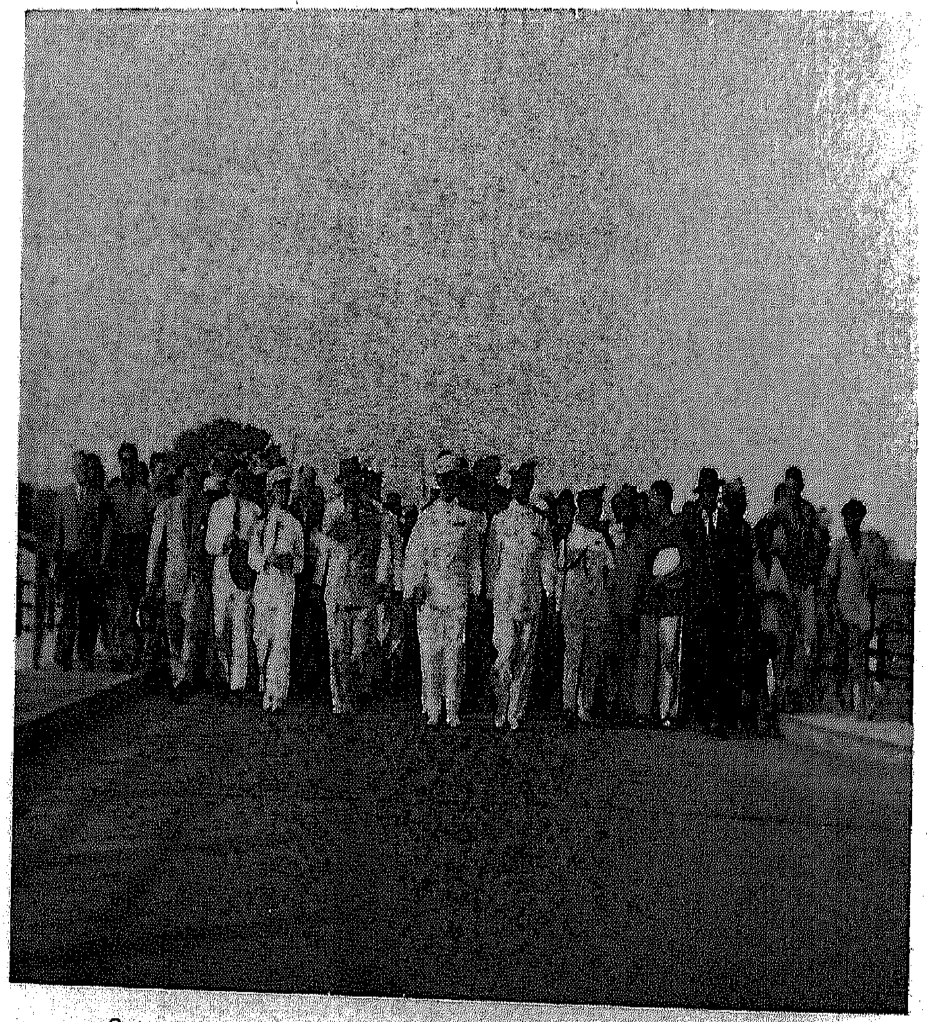
DO ESTADO, GENERAL FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES, COM A PRESENÇA DO MINISTRO DO ULTRAMAR, CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA MANUEL MARIA SARMENTO RODRIGUES, SENDO GOVERNADOR DA PROVÍNCIA DA GUINÉ O CAPITÃO-DE-FRAGATA DIOGO DE MELLO E ALVIM, A 8 DE MAIO DE 1955».

Do Saltinho seguiu-se em direcção ao Xitole e Bambadinca com destino a Bafatá.

Bafatá, centro comercial bastante recente, é hoje a vila do interior mais em evidência e onde o comércio se tem desenvolvido com mais pujança durante o último meio século. A sua posição geográfica e as actuais vias de acesso a este importante centro, fazem de Bafatá o segundo aglomerado urbano na importância vital da Província.

Uma das maiores e mais calorosas recepções aguardavam ali o Chefe do Estado, que chegou por volta das 15,30 horas, à entrada da ponte sobre o rio Colufe.

Envolvidos por uma multidão imensa que, aos vivas e com palmas estrondosas, empurrava o carro presidencial, Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República chegou à sede da Junta Local, onde lhe foram dadas as boas vindas pelo



Outro aspecto da inauguração da ponte «SALAZAR» em Bafatá

Administrador Amadeu Inácio Nogueira. Falou também, em nome do comércio de Bafatá, o sr. Casimiro Pires.

O Chefe do Estado agradeceu a recepção que lhe fora prestada bem como as palavras de saudação proferidas pelos oradores, tendo, após a leitura do diploma governamental que elevava Bafatá à categoria de cidade, feito a entrega ao Administrador Sr. Amadeu Nogueira da bandeira com o brazão de armas que lhe fora concedido.

Durante a tarde, num cortejo de empolgante brilhantismo e cheio da policromia de raças e cores, Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República dirigiu-se ao local onde fora construida a ponte sobre o rio Gêba, que marcaria, dali em diante, mais um motivo de progresso e perpetuará o nome de Sua Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho, Dr. António de Oliveira Salazar.

Ali, no meio dum religioso silêncio, sempre indicativo dos solenes momentos, o Sr. Presidente da República descerrou a bela placa em que se lêm estas singelas mas significativas palavras:

«PONTE SALAZAR — INAUGURADA PELO CHEFE DO ESTADO, GENERAL FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES COM A PRESENÇA DO MINISTRO DO ULTRAMAR, CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA MANUEL MARIA SARMENTO RODRIGUES SENDO GOVERNADOR O CAPITÃO-DE-FRAGATA DIOGO DE MELLO E ALVIM, EM 8 DE MAIO DE 1955»

Depois de uma calorosa e vibrante salva de palmas, Sua Ex.ª o Sr. General Craveiro Lopes pronunciou algumas palavras cheias de entusiasmo e patriotismo, dizendo a terminar: *«Assim a Guiné, de longe, presta mais uma respeitosa homenagem ao homem que, num momento grave da vida nacional, surgiu para se tornar grande e para trabalhar com o maior culto pelo engrandecimento de Portugal e a quem todos os portugueses tantos serviços devem»*.

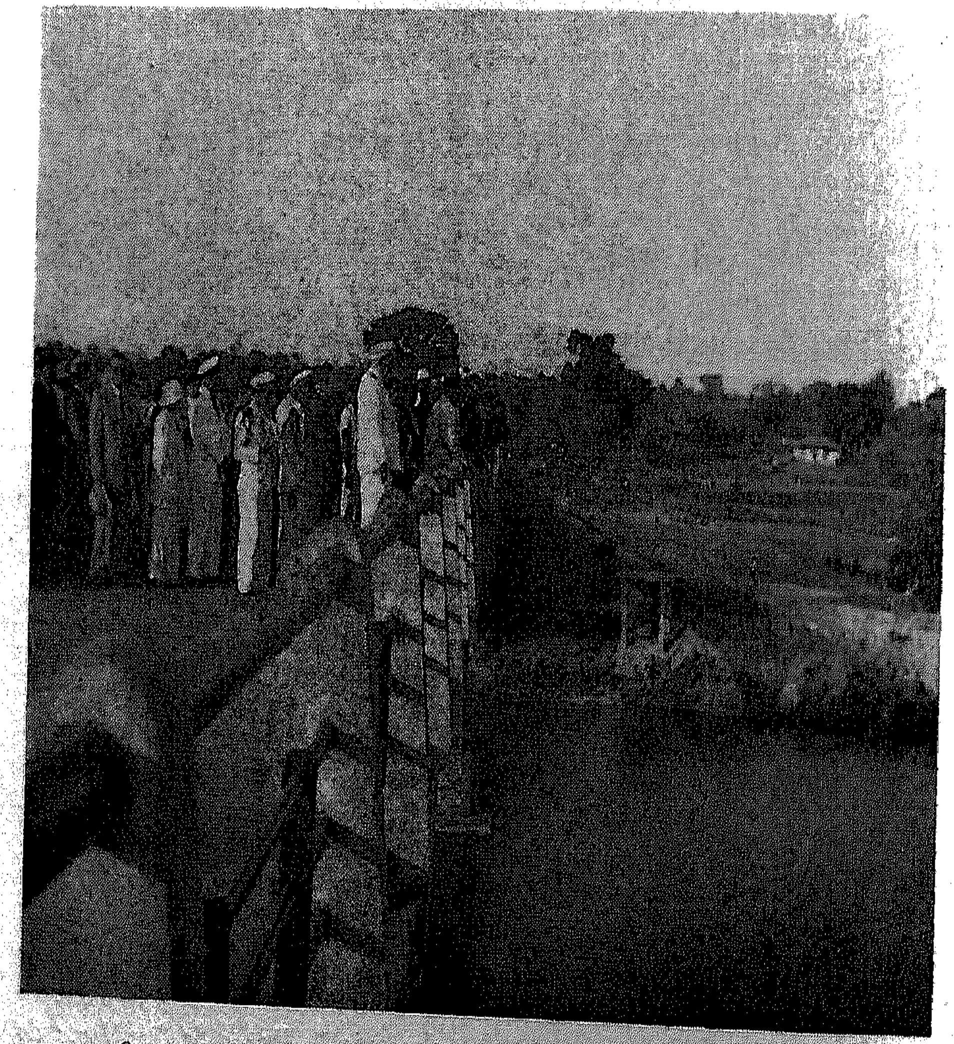
Seguiu-se no uso da palavra o Governador da Província que assim falou:

«No dia da chegada de V. Ex.ª a esta província foi inaugurado o Aeroporto «Presidente Craveiro Lopes». Esta manhã visitou V. Ex.ª os trabalhos da ponte sobre o Corubal, construção que se chamará «Ponte General Craveiro Lopes». O nome de V. Ex.ª foi escolhido para estas importantes obras — uma concluida, outra em andamento — justamente para simbolizar a realidade do presente e a confiança no futuro que tão ilustre Presidente inspira a todos nós. Vai inaugurar-se agora outra ponte de grande interesse económico para a Província da Guiné. Tanto estas obras como as outras se enquadram no Plano de Fomento Nacional, cuja concepção e realização se devem a S. Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho. Assim, é da mais elementar justiça que se denomine «Ponte Salazar».

Excelência:

Fui sempre de poucas palavras; quando falo faço-o com o coração porque os sentimentos mais profundos raras vezes se traduzem fielmente. Seja-me permitido por isso sintetizar os votos das gentes da Guiné nesta simples prece: «Que Deus Todo-Poderoso conceda as Suas melhores bênçãos ao nosso bem amado Chefe do Estado e ao genial salvador do nossso país, para que no amor de todos os seus filhos viva sempre em paz com crescente prosperidade o nosso tão querido Portugal».

Terminadas as cerimónias da inauguração da ponte «SALAZAR», foi organizado um empolgante desfile que marcou pelo colorido e variedade de raças que o compunham — garbosos cavaleiros fulas, com as montadas ajaezadas de gala, turbantes alvinitentes marcando o compasso do movimento e da música dos «korás» e «marimbas», conjunto que se tornava uniforme no entusiasmo dos vivas a Portugal, ao seu Presidente, a Salazar, ao Ministro do Ultramar e ao Governador da Guiné.



Outro aspecto da inauguração da ponte «SALAZAR» em Bafatá

No final deste majestoso desfile o Sr. Presidente da República entregou a alguns régulos e chefes indígenas medalhas comemorativas, retratos e bandeiras.

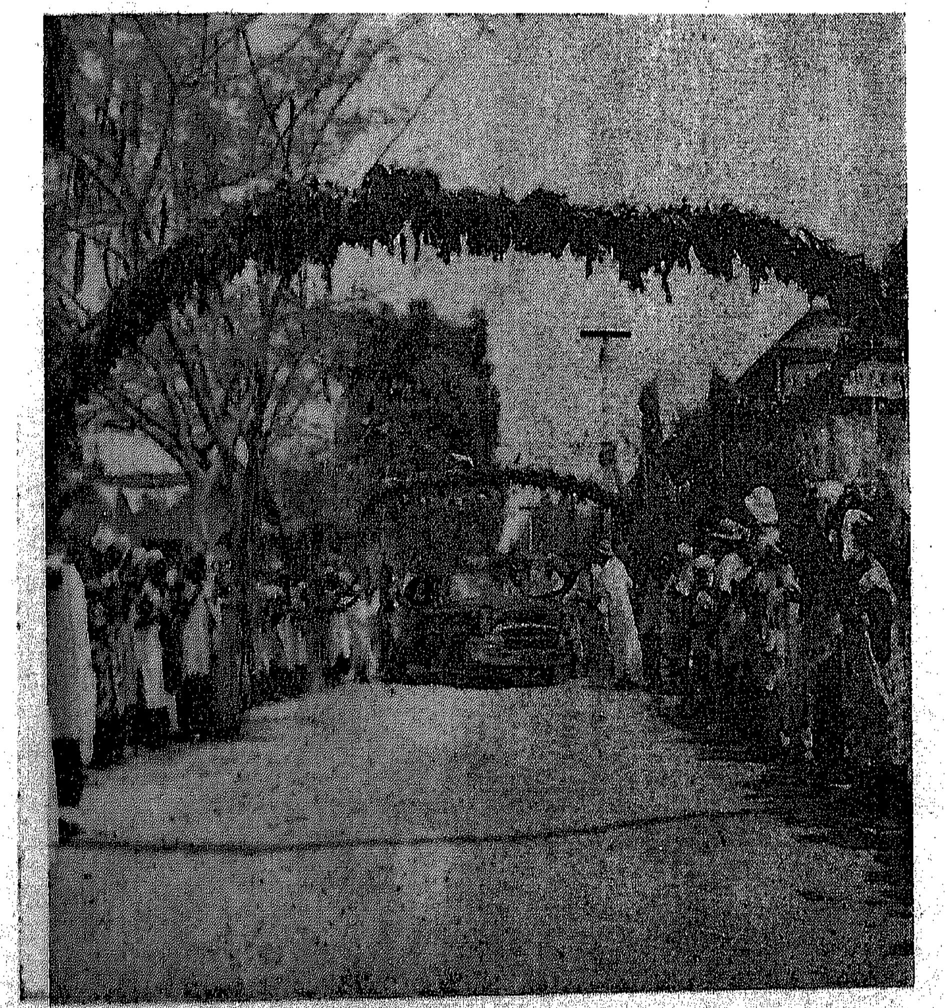
E assim terminou o oitavo dia da visita presidencial à Guiné.

Visita a Nova Lamego

Em 9 de Maio

Marcava o programa para o dia 9 de Maio a visita à Circunscrição de Gabú, que tem por sede Nova Lamego, por isso, e porque a viagem era um pouco longa, iniciou-se esta deslocação à circunscrição civil mais interior da Guiné Portuguesa, a hora bem matutina, evitando-se assim o grande calor que se devia sentir mais tarde ao longo da grande caminhada.

A recepção prestada ao Chefe do Estado em Nova Lamego excedeu toda a expectativa, tal foi o calor patriótico e a simpatia manifestada ao primeiro



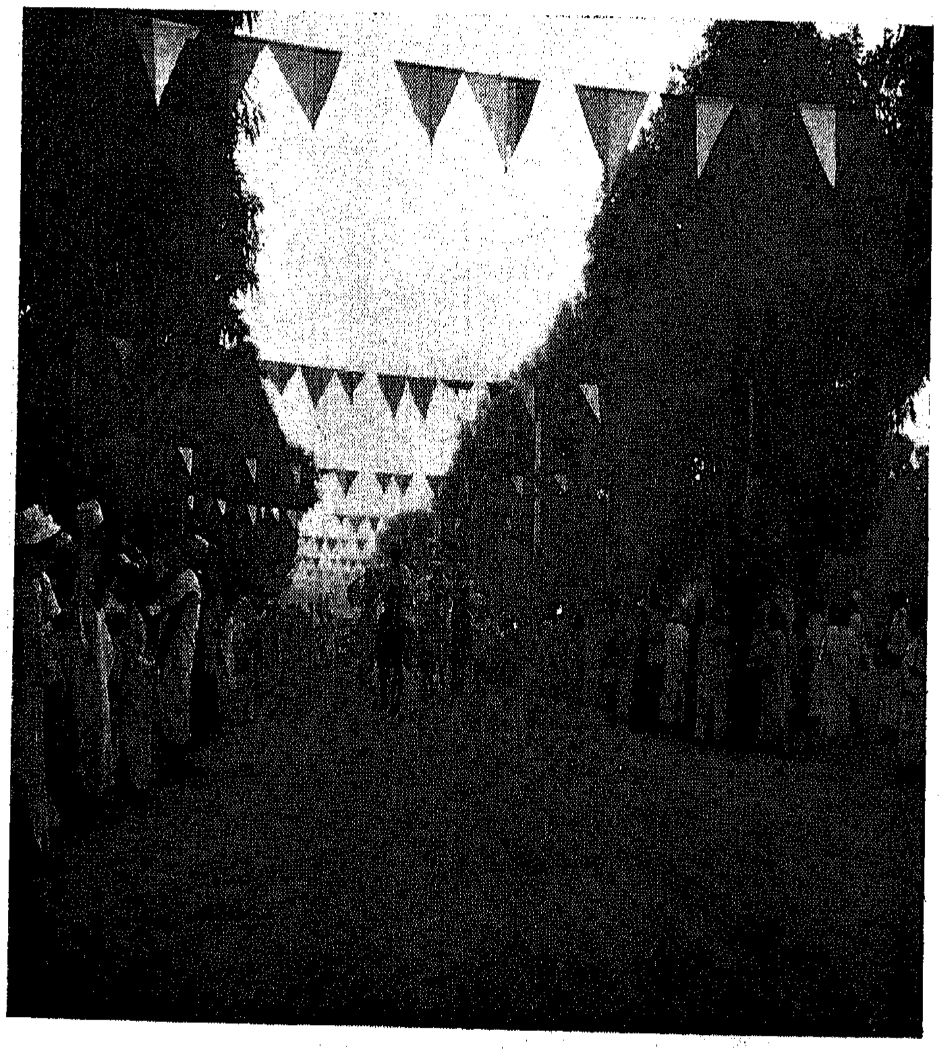
Visita à circunscrição de Gabú — o Chefe do Estado chega a Nova Lamego — sede da Administração

magistrado da Nação que, pela primeira vez, visitava tão longínquas paragens desta parcela da *Casa Lusitana*.

Receberam Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República e comitiva, o Administrador da Circunscrição, Costa Gaspar, todo o funcionalismo, o Chefe do Sector da Missão da Doença do Sono, todos os comerciantes, portugueses e libaneses e uma multidão imensa composta do mais variado conjunto de raças que povoam a região.

No meio das mais calorosas aclamações a multidão desfilou perante o Chefe do Estado exibindo o seu folclore em danças, canções e música, que variavam conforme a raça que passava.

Depois duma breve visita ao Centro de Saúde, à enfermaria mixta e ao posto da Missão da Doença do Sono, Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República regressou a Bafatá, tendo na tarde do mesmo dia visitado ainda a Missão Católica desta cidade, entregue aos cuidados dos Padres do Instituto Pontifício das Missões Estrangeiras de Milão, a enfermaria regional e uma aldeia mandinga.



Cavaleiros fulas e mandingas abrindo o cortejo à chegada do Chefe do Estado a Farim

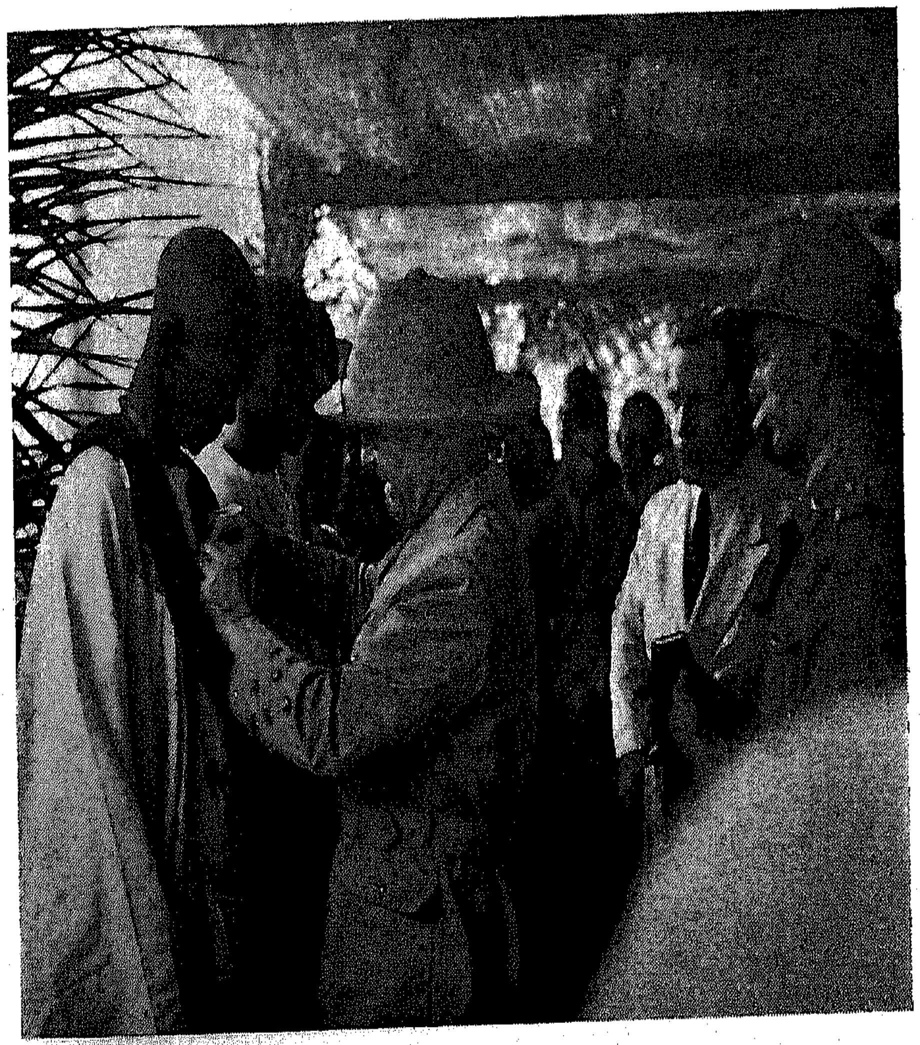
A viagem presidencial prossegue a caminho de Farim

De Bafatá a Farim a viagem foi feita num dos aviões dos Serviços de Aeronáutica Civil, que chegou a Farim por volta das 8 horas do dia 10.

Em 10 de Maio

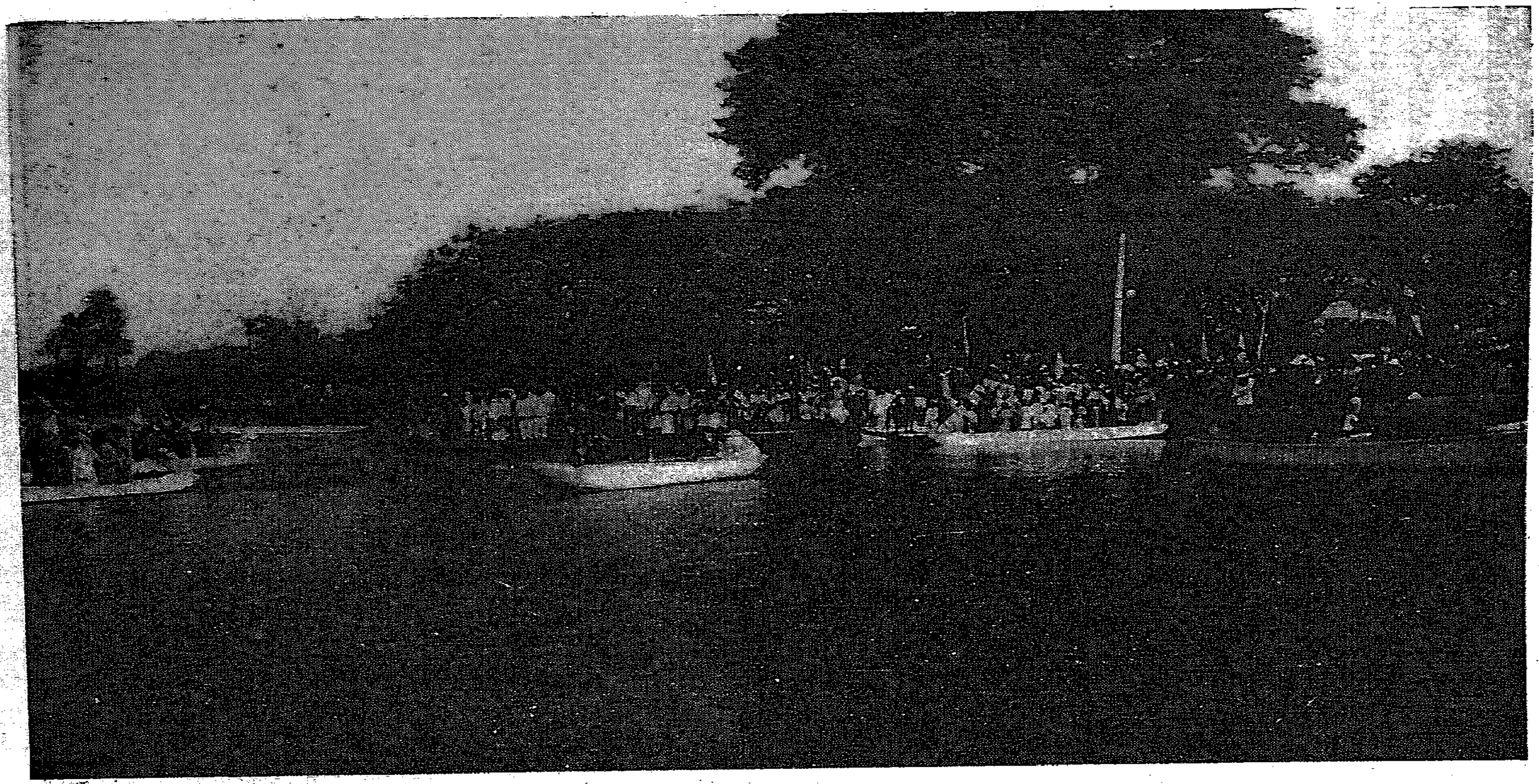
Desde o romper da manhã que uma multidão numerosíssima de indígenas, com os seus trajes próprios das grandes solenidades, emoldurava o campo de aviação de Farim, aguardando a chegada do Senhor Presidente da República.

Uma recepção das mais brilhantes acolheu Sua Excelência o Sr. General Craveiro Lopes, fazendo-se ouvir uma salva de 21 tiros, disparados por outros tantos caçadores indígenas, que ostentavam a pitoresca indumentária usada nas suas excursões venatórias.



Farim — Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República condecorando alguns régulos e chefes indígenas

Um grandioso cortejo, em que se fizeram representar as indústrias da região, desfila, em Farim, perante o Chefe do Estado



No momento em que o Sr. general Craveiro Lopes embarcou no «Mandovi», para descer o Cacheu, o rio tinha este lindo aspecto

A multidão envolvendo o carro presidencial levou-o, empurrado, por entre aclamações delirantes, até junto da tribuna onde Sua Ex.ª ia assistir ao desfile dos povos da região e ao cortejo das suas actividades económicas.

Após os cumprimentos apresentados a Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República pelo Administrador Agostinho Pereira, que fez a apresentação de todos os funcionários, comerciantes e pessoas mais destacadas da Vila, efectuou-se o desfile que abria com os carros alegóricos representando todas as actividades e produtos da região, aos quais se seguiam milhares de indígenas agitando bandeirinhas e soltando vivas.

Também aqui Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República e comitiva dirigiram-se ao cais onde se efectuou o embarque no navio hidrográfico «Mandovi», que desceu o rio Cacheu até Barro, povoação onde continua a estrada para S. Domingos. Aqui era o Sr. Presidente da República aguardado pelo Administrador da Circunscrição de São Domingos, Silva Marques, Delegado de Saúde, funcionários e muito povo, tendo seguido de automóvel até à sede da Circunscrição.

Estância de repouso — VARELA — onde o Chefe de Estado descansou no 10.º dia da sua jornada triunfal pela Guiné

Neste centro comercial, além duma multidão de indígenas da região, e de todos os europeus que por ali mourejam, esperava o Chefe do Estado um numeroso grupo de portugueses residentes em Zinguichor, povoação francesa perto da fronteira e que vieram apresentar-lhe as suas saudações e as suas homenagens, atestando assim o seu amor a Portugal, apesar de terem de viver em terra estranha pelas suas ocupações e conveniências.

Depois de condecorados alguns régulos e distribuidas medalhas pelos principais chefes indígenas, seguiu-se o desfile em grupos das várias raças de toda a região ali concentradas, após o que Sua Ex.ª e comitiva seguiram para a praia de Varela, onde deveriam passar em repouso, bem merecido, todo o dia 11 de Maio.

Em 12 de Maio

Mais uma longa jornada teria lugar neste dia, em que o Sr. Presidente da República visitava o resto da Província, cumprindo assim todo o programa estabelecido. Por isso, bem cedo partia toda a nobre caravana, em avião, de Varela para Teixeira Pinto, onde o «Dragon» dos Serviços de Aeronáutica Civil aterrou impecàvelmente. Eram nove horas.

Visita a Cacheu e regresso a Teixeira Pinto

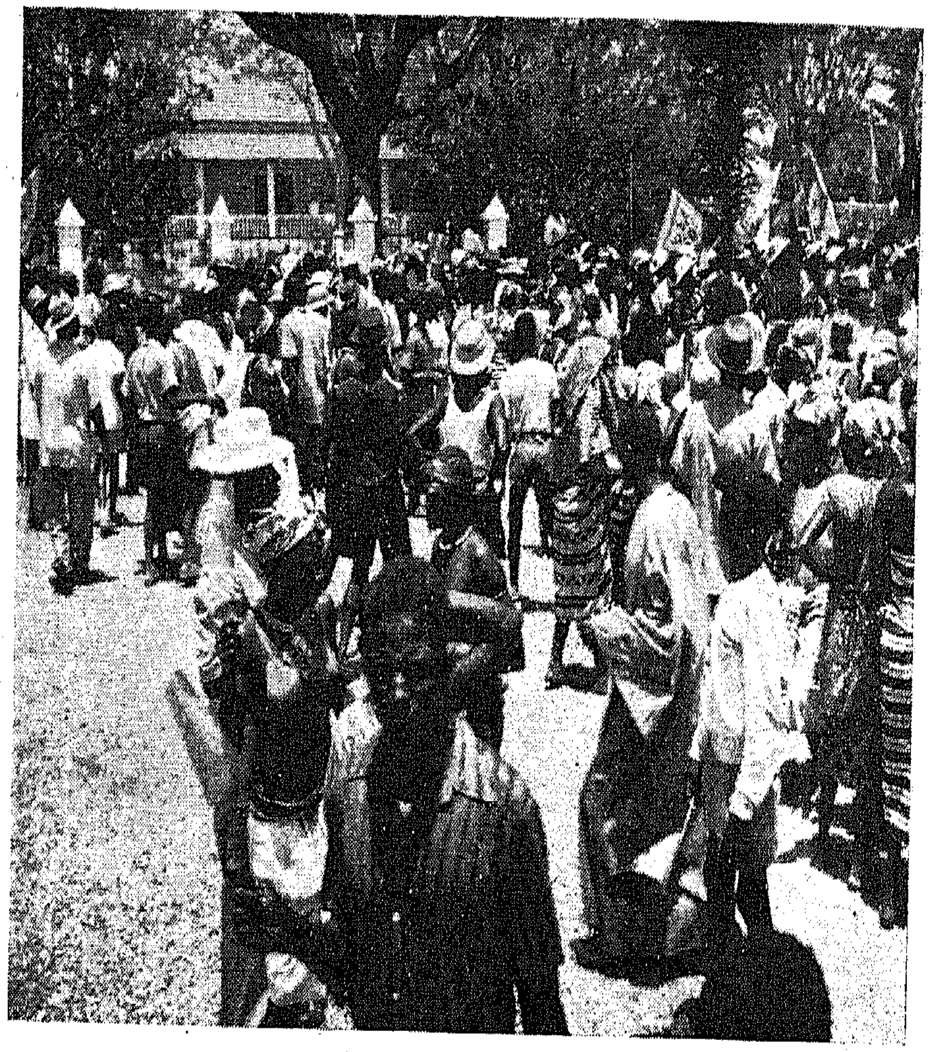
Na sua gloriosa romagem através de toda a Guiné não podia o Chefe da Nação deixar de visitar a povoação de Cacheu, hoje em completa decadência, mas que foi a primeira capital desta província e o maior centro comercial de toda esta costa africana.

Uma breve visita ao baluarte, mandado erigir por D. João IV, e que apesar de fortemente batido pelas águas do rio Cacheu se tem mantido firme desafiando todas as inclemências que o rodar de muitos anos por ele tem feito passar; uns minutos de religioso silêncio junto do monumento a Honório Barreto, filho de Cacheu, que foi Governador da Província e um grande patriota, e o vibrante aclamar dos «cristãos» da mais antiga povoação e primeira capital da Guiné Portuguesa, deixaram em Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República a grata recordação do patriotismo do seu povo e a perfeita noção da imortalidade da obra de cristianização e elevação lusíada ali implantada pelos portugueses.

Efectuou-se depois o regresso a Teixeira Pinto.

À chegada a esta risonha e moderna vila, o Sr. General Craveiro Lopes dirigiu-se à tribuna, vistosamente engalanada, por entre vibrantes aclamações e sob uma chuva de pétalas de flores lançadas por muitas senhoras da melhor sociedade de Teixeira Pinto.

Milhares de indígenas manjacos de toda a região, em grupos, consoante as localidades a que pertenciam — Costa de Baixo, Pecixe, Caió, Calequisse, Churo, etc. — com artigos do seu artesanato e alfaias das suas variadas profis-



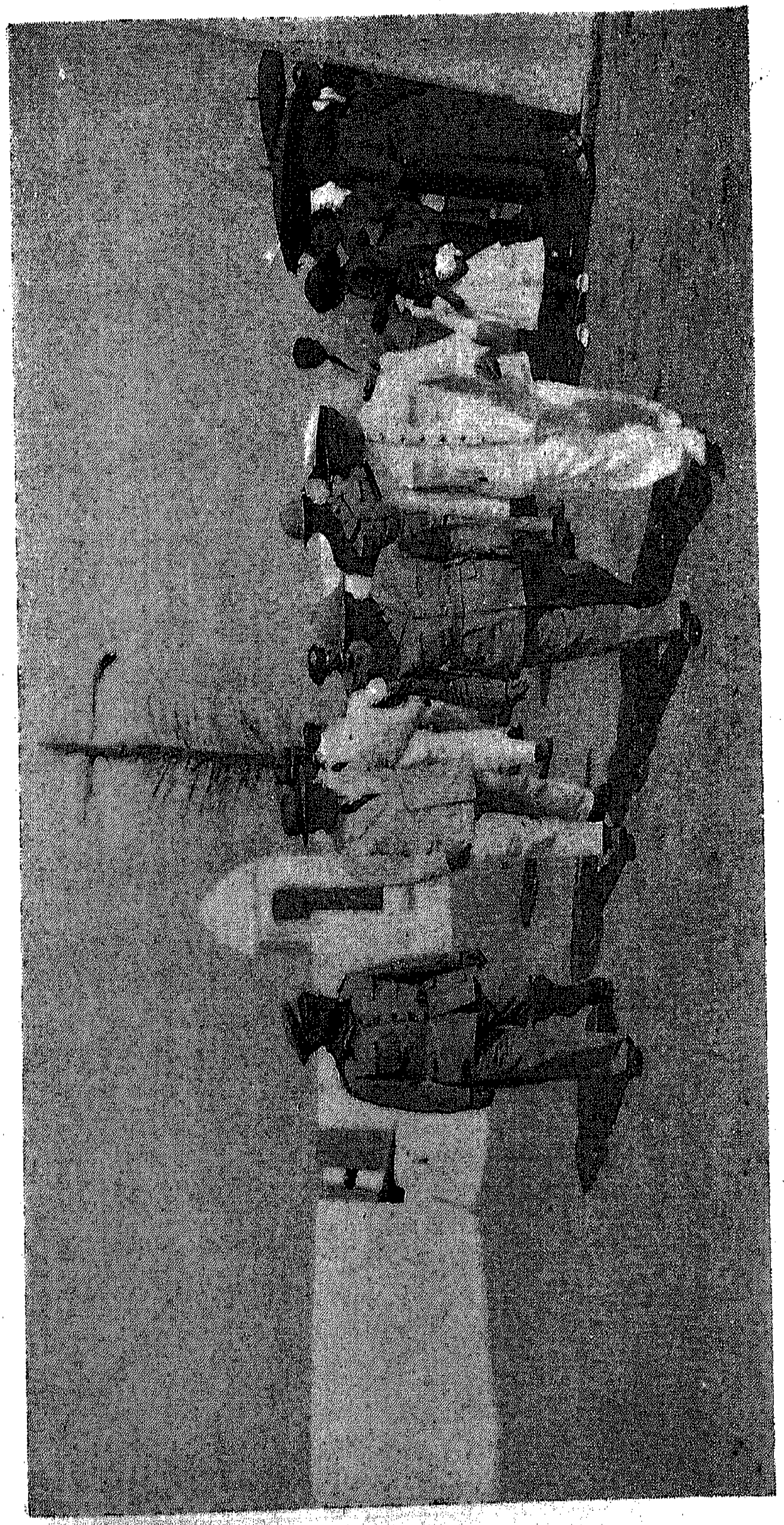
Visita a Teixeira Pinto
A população dá largas ao seu entusiasmo envolvendo o carro presidencial

sões — tecelões, cesteiros, etc. — desfilaram perante a tribuna presidencial numa verdadeira parada de exibicionismo patriótico, dando vivas a Portugal e ao Chefe do Estado.

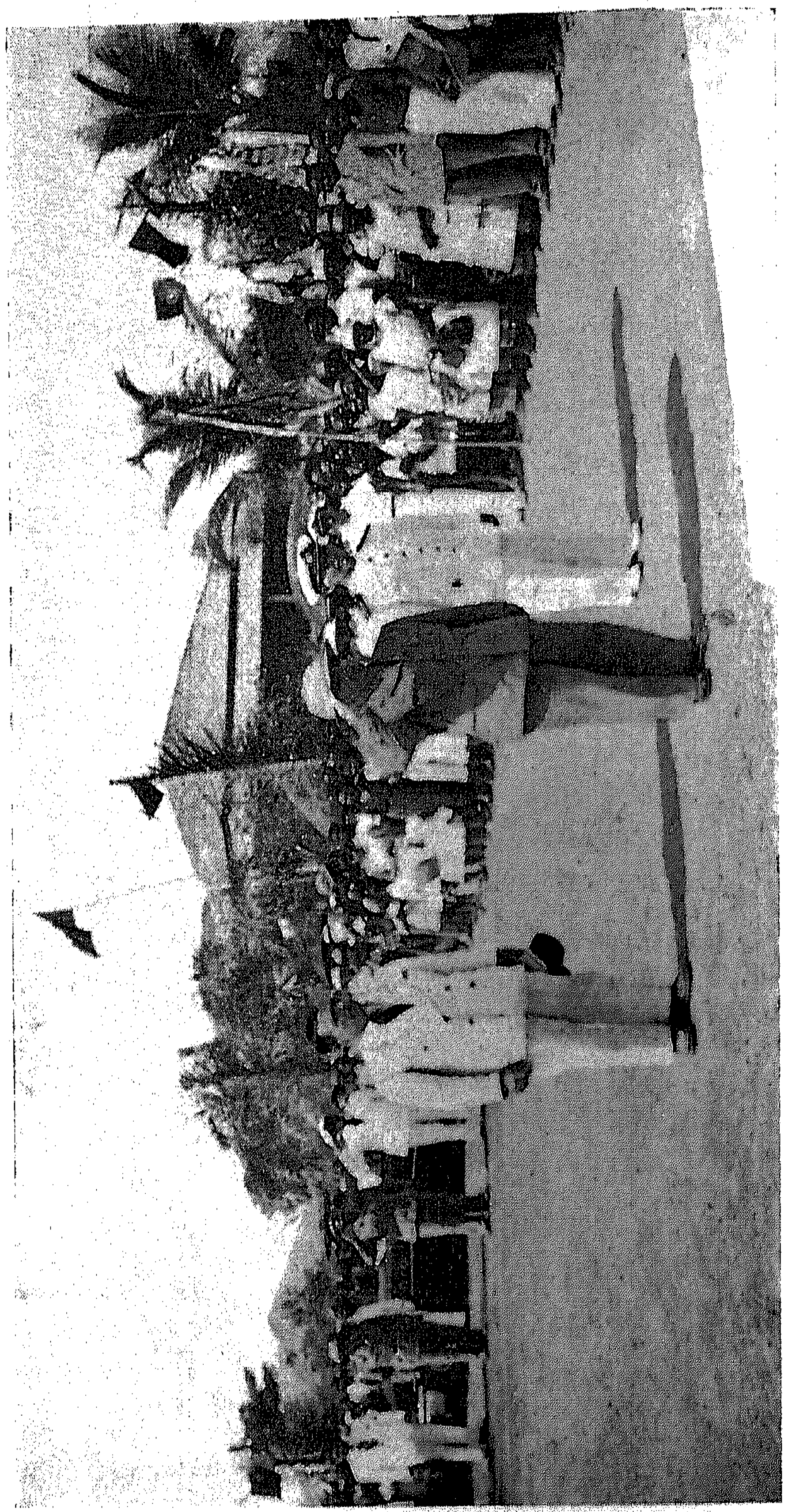
Após o almoço a caravana presidencial tomou lugar nos automóveis com destino a Bula, passando por Pelundo e Có, onde se sucederam as aclamações a Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República por toda a população postada ao longo da estrada que atravessa as referidas povoações.

À entrada de Bula 200 ciclistas nativos aguardavam o Chefe do Estado que escoltaram durante todo o trajecto da área deste Posto.

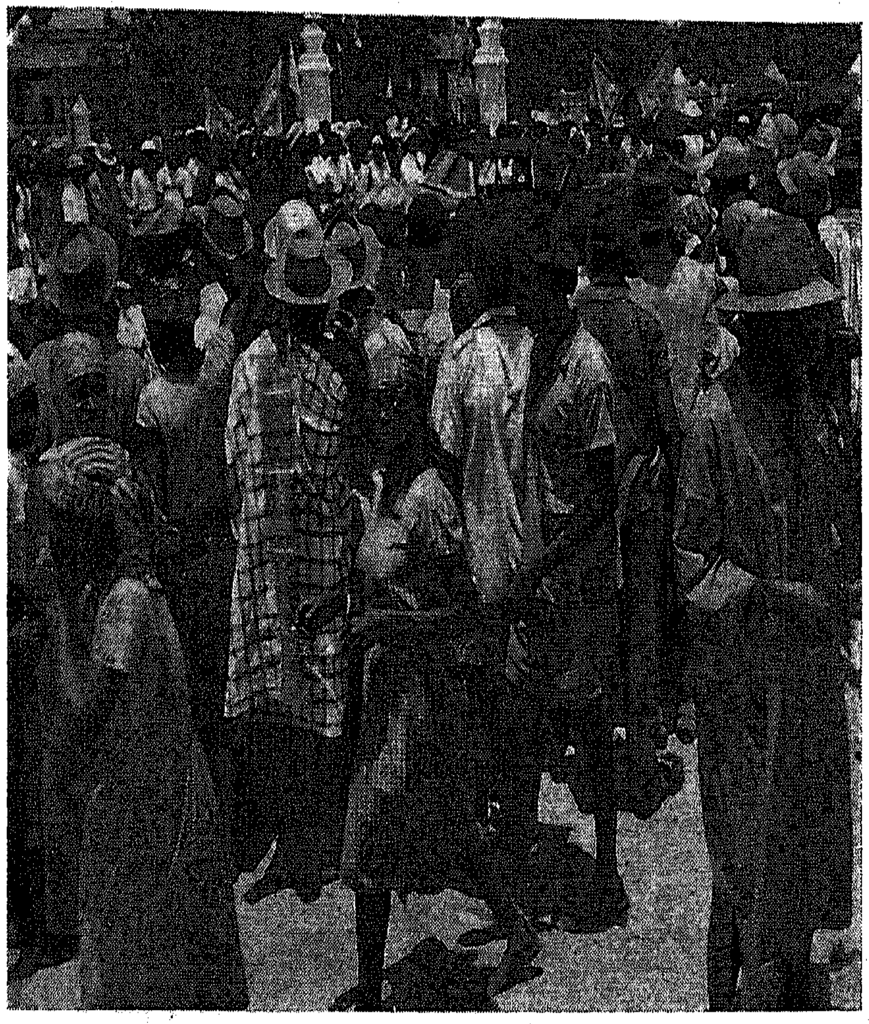
Foi visitada a Missão de Santo António de Bula, fundada pelos missionários franciscanos, onde o Sr. Presidente era aguardado pelo Prefeito Apostólico, todos os missionários que ali prestam serviço, tendo à frente o Rev.º Padre Fernando Félix, Provincial dos Franciscanos e por todos os alunos das escolas missionárias da região que cantaram o Hino Nacional e várias canções patrióticas enquanto durou a visita à Missão e suas dependências.



Um aspecto da visita ao forte de Cacheu



O Sr. Presidente da República, perante o monumento a Honório Barreto, presta homenagem a um dos heróis das campanhas de pacificação da Guiné



Em Teixeira Pinto — outro aspecto da recepção

No trajecto para Mansoa, Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República visitou, em Bissorã, a estação zootécnica, na qual o esperavam o Chefe dos Serviços de Veterinária e Indústria Animal, Dr. Mário Veiga e o Regente Agrícola Joaquim Espírito Santo. Nesta povoação, importante centro comercial, grandes manifestações sublinharam a passagem presidencial.

De Bissorã a visita prosseguiu para Mansôa, onde novas e entusiásticas aclamações esperavam o Chefe do Estado, que à sua chegada foi cumprimentado pelo Administrador da Circunscrição, Jaime Pinto Bull, todos os funcionários, pelo Pároco e comerciantes.

Perante a tribuna presidencial, junto da qual se encontravam formados os 130 alunos da escola missionária da vila, desfilaram os alegres balantas, povo que predomina na região, com os seus bailarinos e músicos e ainda muitos fulas e mandingas, com os «korás» e «marimbas» acompanhando as canções da multidão, que, agitando bandeirinhas, soltava vivas a Portugal e seus Governantes.

O Chefe do Estado, depois duma fatigante, mas a todos os títulos, triunfal jornada pelo interior da Guiné regressa a Bissau

Ao cair da tarde do dia 12 de Maio, Sua Ex.ª o Senhor General Craveiro Lopes deixava Mansoa a caminho de Bissau, tendo sido alvo de novas e carinhosas manifestações durante todo o trajecto.

Na passagem pelo Impernal admirou a soberba ponte móvel «Sarmento Rodrigues», que liga a ilha de Bissau ao continente e visitou em Safim a fonte mandada construir durante o governo do Comandante Sarmento Rodrigues.

O Senhor Presidente da República de novo em Bissau

A maior de todas as manifestações e provas de apreço aguardava o Chefe do Estado no seu regresso a Bissau, termo da sua gloriosa jornada através da província.

Eram 17,30 horas. Perto do aeroporto, na estrada que conduz a Bissau, mais de 200 carros — automóveis, carrinhas e camionetas — enfeitados com bandeiras e festões de verdura, aguardavam a caravana presidencial, tendo-se depois encorporado no cortejo seguindo o carro da presidência até ao Palácio do Governo.

Milhares de manifestantes, que correndo acompanharam o cortejo, inundaram a Praça do Império defronte do Palácio onde uma Companhia de Caçadores Indígenas prestava a guarda de honra.

As aclamações sucediam-se, tendo S. Ex.ª o Sr. Presidente da República assomado, por mais de uma vez, às varandas do Palácio para corresponder aos apelos da multidão, que não deixava de o aclamar, prolongando-se pela noite dentro o estrondear dos tambores, dos vivas e das palmas que era o melhor meio com que os milhares de civilizados e indígenas ali postados prestavam as suas homenagens ao Chefe do Estado, mostrando o seu fervor patriótico e agradecendo a sua visita.

Em 13 de Maio

No dia 13 de Maio, último da estadia de S. Ex.ª o Sr. Presidente da República na Guiné, o Chefe do Estado e o Ministro do Ultramar ocuparam-se de vários problemas da vida da Província, trocando impressões com os principais Chefes de Serviço e dando despacho a alguns assuntos pendentes.

Pelas 21 horas teve lugar no Palácio do Governo, o banquete de gala oferecido pelo Chefe do Estado, seguido de recepção e baile, que registaram grande número de convidados.

Aos brindes, no final do banquete, o Sr. Presidente da República pronunciou o brilhante discurso que damos a seguir e no qual mostrou todo o interesse e satisfação que esta visita lhe proporcionara e dizendo das saudades que desta feiticeira Guiné levava.

O discurso do Senhor Presidente da República no banquete de despedida

Senhor Governador:

Se a visita do Chefe do Estado constituiu um facto único na semi-milenária história da Guiné Portuguesa, esta nossa Guiné foi também para mim uma verdadeira revelação.

As riquezas e os encantos naturais da Guiné só se conhecem, visitando-a.

Não é que desconhecesse o povo e seus problemas, ou ignorasse as belezas naturais deste recanto privilegiado do Sudão. Tal não me podia acontecer, dado que tem a Província a felicidade de possuir uma apreciável documentação histórica, etnográfica e económica, graças sobretudo às actividades do Centro de Estudos, em boa hora criado e com justa compreensão mantido. Das próprias paisagens nos falam todas as imagens fixadas na tela e na retina inebriada dos que tiveram a oportunidade de por aqui passar.

Mas sem a visitar, não é possível, por mais que se leia, ouça ou veja, apreciar em justa grandeza este extraordinário conjunto de valores — históricos, etnográficos, paisagísticos, económicos e sobretudo humanos — que formam a Guiné Portuguesa.

Filha mais velha da expansão ultramarina, ela pode também orgulhar-se de ter a primazia como padrão de concórdia e compreensão humana, entre várias raças, diferentes crenças, variadas culturas, mas dentro do mesmo sentido patriótico da Nação Portuguesa. A perfeita paz, o respeito e as relações existentes entre tão diferenciados grupos étnicos, a completa integração de todos no corpo central da nacionalidade, são um exemplo edificante da incomparável força atractiva de persuasão que através dos séculos tem caracterizado a nossa actividade nas terras de além-mar.

Se houve discórdias, elas foram filhas da incompreensão e da desconfiança.

As discórdias que se verificaram noutros tempos não tiveram outra razão além da incompreensão e desconfiança de certas tribos que se encontravam em estado primitivo. Uma vez paternalmente esclarecidos tornaram-se em obreiros valiosos da sua própria felicidade e da harmonia do conjunto.

É muito agradável e significativo registar como em todas as campanhas de pacificação participaram em grande número, em absoluta maioria, os elementos

da própria Guiné, no perfeito entendimento dos generosos intuitos civilizadores dos primeiros portugueses.

Hoje, é ver essa messe de almas portuguesas, que se estende das ilhas aos contra-fortes das montanhas; na qual não há distinção, no amor pátrio, entre um cristão ou maometano, entre os trajos pitorescos dos íncolas dos Bijagós e as alvas jilabas dos continentais do Boé, entre a sanha laboriosa de um balanta e o sentido alegre de um beafada ou a simplicidade rústica de um felupe. Todos são igualmente e orgulhosamente portugueses.

É esta massa humana, colorida, operosa, disciplinada e briosa o primeiro elemento de valor da Guiné. Dela dimana a produção da terra, como para ela se dirigem, desde sempre, as atenções dos colonos, dos missionários, dos agentes do Estado. O apreciável número de elementos civilizadores para aqui vindos e aqui estabelecidos, das várias províncias portuguesas, especialmente das metropolitanas e de Cabo Verde, o agrado de se fixarem na Guiné reforçando os naturais, dão bem a ideia do encanto da terra e da sedução da sua gente. Não quero deixar de lhes dirigir neste momento, em que acabo de percorrer a província e apreciar o seu esforço e acção, as minhas felicitações.

Do que vi conservarei a mais grata recordação, sobretudo pelo que me foi dado observar dos sentimentos de lealdade e patriotismo do povo.

Terminei a minha visita à Guiné. Do que vi conservei a mais grata recordação, sobretudo pelo que me foi dado observar dos sentimentos de lealdade e patriotismo do povo e do que o Governo tem feito para elevação do seu nível cultural, apoio nas suas actividades, acentuadamente agrícolas, e melhoria das condições de vida.

Àparte o antiquado sistema de trabalho que reverte em desfavor das mulheres, usado ainda em certas tribos, verifiquei com satisfação a plena independência do trabalhador rural, cultivando quanto deseja, dentro das suas possibilidades familiares, orientado pelos técnicos que o Estado ou organismos económicos põem à sua disposição. A protecção e defesa que o Governo lhes garante, contra depreciações, pragas e outros prejuízos, têm eles correspondido com o interesse em alargar as suas lavras, aumentando a produção, a riqueza, o nível de vida, o grau de cultura.

Sei que a transformação operada nos últimos decénios foi surpreendente, tendo alterado profunda e benèficamente os hábitos, os costumes e a vida de algumas tribos, em decidido caminho para a civilização. Tudo o que se fizer nesse sentido deve merecer-nos o mais decidido apoio.

Verifiquei, com grande aprazimento, um considerável volume de obras públicas.

Verifiquei, com grande aprazimento, um considerável volume de obras públicas, nomeadamente no sistema de transportes e nas edificações. O notável conjunto constituído pelo moderno aeroporto, estrada para a cidade e excelente

ponte-cais de Bissau, continuando ainda pela ponte levadiça sobre o Impernal, é digno de especial destaque, como assinalado exemplo de fomento efectuado sob a orientação de um plano cuidadosamente concebido e firmemente executado.

As instalações hospitalares e administrativas, que se alargam a todo o território, são elementos de progresso, sobretudo pelo que representam de tranquilidade e bem estar para as populações civilizadas e indígenas.

O grande esforço feito nas pontes, merece, sem dúvida, que seja prosseguido com a pavimentação definitiva da rede das estradas em que o Governo da Província anda tão empenhado, com justa e oportuna razão. As dificuldades, que pareciam invencíveis, derivadas da existência de numerosos cursos de água e canais que retalham o território, foram perfeitamente dominadas, podendo hoje percorrer-se a província sobre um desenvolvido sistema de estradas e pontes definitivas, recorrendo-se apenas às jangadas para encurtamento de trajectos.

Mas não posso deixar de frisar que foi nas iniciativas para introdução de novas culturas ou seu aperfeiçoamento que mais se fixou a minha atenção, pois nesse campo me parece residir o segredo do verdadeiro progresso.

Não são as obras suntuárias que devem absorver as preocupações de um governo: a criação da riqueza merece a primazia.

As recuperações de terras para cultura do arroz, o desenvolvimento das plantações de cajueiros — uma riqueza potencial de possibilidades inestimáveis — a cultura seleccionada do algodão, o uso de convenientes alfaias agrícolas e a utilização do gado, tudo isso que não é mera rotina, deve ser objecto do cuidado do Governo, pois é sua missão prever o futuro. Não são as obras suntuárias — justificáveis como consolidação do presente — que devem absorver as preocupações de um Governo: a criação da riqueza merece a primazia.

Por isso, toda a acção dirigida no sentido de fixar os habitantes à terra — dando-lhes plantações, hortas, pomares, fontes, postos sanitários, comunicações — é obra que deve prender em primeiro lugar a atenção dos governantes, pois é a própria felicidade do seu povo.

Agrada-me registar o enorme progresso alcançado pelas missões religiosas, graças ao esforço financeiro e apoio do Estado e à dedicação dos missionários. É de esperar que da sua actuação resultem grandes benefícios para a nacionalização dos povos ainda entregues a práticas primitivas de feiticismo, ávidos, no entanto, de receber as luzes da religião revelada.

Constituiu para mim um sintoma animador o marcado interesse no estabelecimento de indústrias que utilizam e transformam as matérias primas locais, assim como gostei de receber informações sobre o desenvolvimento das instalações de corte e aproveitamento das essências florestais da Guiné.

Observei com especial interesse as obras do Plano de Fomento, com o qual a Guiné participou dos melhoramentos que o Governo Central encarou em larga escala para todo o Ultramar. A quota que à Guiné pertenceu foi das mais destacadas e bem merecida, verificando-se já neste momento grandes benefícios da sua execução, que espero venha a concluir-se com a normalidade desejada.

A obra realizada pela Missão Geo-Hidrográfica, que está concluindo um dos trabalhos mais completos até hoje levados a cabo em território português.

Muitas outras actividades tive oportunidade de observar. Assim foi-me agradável conhecer a vasta obra realizada pela missão geo-hidrográfica, através da qual se está concluindo um dos trabalhos mais completos até hoje levados a cabo em território português e que vai colocar a Guiné numa situação de destaque quanto aos problemas cartográficos e de agrimensura, com seus naturais reflexos na economia da Província. A existência destes trabalhos, feitos com perfeição digna de nota, vai facilitar o reconhecimento silvícola geral, como dentro em breve nos dará perfeitos inventários dos valores do solo e bem assim permitirá a utilização dos planos e cursos de águas nas suas múltiplas aplicações.

Os estudos notáveis já aqui efectuados por outras missões científicas, das quais se destacam as de zoologia, etnografia, geografia, geologia e botânica, foram ainda reforçados pela excelente colecção de monografias publicadas pelo Centro, acrescentando-se desta maneira o conhecimento científico da Guiné.

Apreciei no seu alto valor os trabalhos da Missão de Estudo e Combate às Tripanosomíases, cuja actividade cobre todo o território da Guiné, o que poderá levar, em breve espaço de tempo, à realização de uma obra de saneamento que nos honra. Com a directa intervenção dos Serviços de Saúde, diversas campanhas sanitárias se têm efectuado, assim como foram estudados problemas de sanidade por outras missões que o Instituto de Medicina Tropical enviou.

Vi também com muito agrado o esforço que se está desenvolvendo no combate ao mal de Hansen, esse flagelo que tanto ainda aflige a África e que nós atacamos porfiadamente em todas as nossas províncias.

As condições de salubridade acentuaram-se de modo animador e a malária já não constitui o fantasma de outros tempos.

Estou confiado em que nesta disposição haveremos de em breve libertar completamente esta terra portuguesa de algumas moléstias que ainda a prejudicam, dando assim um novo exemplo da capacidade da Nação.

É positivo que as condições de salubridade se acentuaram de modo animador e a malária já não constitui o fantasma de outros tempos. Por isso podemos com júbilo verificar o desenvolvimento da actividade desportiva e a formação duma mocidade, em corpo e espírito caminhando para a perfeição, na mais exemplar comunhão e desprendimento de preconceitos de qualquer natureza.

É justo que os que aqui trabalham engrandecendo a província — e não quero deixar de me referir aos ordeiros e operosos comerciantes estrangeiros, que têm sabido corresponder à hospitalidade portuguesa — possam desfrutar de todas as condições possíveis de conforto e salubridade. Por isso, também muito louvei a iniciativa, que se encontra em franco desenvolvimento, de fazer da Praia de Varela um aprazível centro de repouso, desporto e turismo, tão útil ao revigoramento de energias.

Sinto que uma graça me foi concedida em ser o primeiro Chefe do Estado a visitar esta primogénita província ultramarina.

Venho satisfeito com o que observei de progresso e promessas. Na própria Bolama, que por evolução natural deixou de ser capital da Província, o Governo continua a procurar fixar as condições essenciais à manutenção das suas tradições, contando para isso com a simpática dedicação dos seus habitantes. Nas cidades e vilas a vida vai-se destacando a passos largos para a civilização, na urbanização, na água, nos monumentos, nas preocupações espirituais. Nos campos, a segurança, a melhoria das culturas, a salubridade, as comunicações, o amparo do Estado, vão consolidando as fontes da vida, criando novo agrado de viver.

Senhor Governador:

Vossa Excelência, no seu entusiasmo pela Guiné, traduz bem claramente o encanto aliciante da terra e da gente e revela quanto o apaixonam os seus problemas e como a eles se dedica. Todos esperam que da sua acção, baseada na experiência das coisas do Ultramar, por Vossa Excelência adquirida e bem patenteada em outras missões em que soube afirmar capacidades que lhe valeram a distinção da escolha para este Governo, resultem cada vez maiores benefícios para a Guiné Portuguesa. Não tem Vossa Excelência poupado a sua saúde, nem se tem furtado a esforços e canseiras. Compreende-se que a Guiné mereça tal dedicação e por isso faço votos pela continuação do feliz governo de Vossa Excelência.

Sinto que uma graça me foi concedida em ser o primeiro Chefe do Estado a visitar esta primogénita província ultramarina e não posso deixar de evocar todo o esforço, heróico dos marinheiros e militares, abnegado dos missionários, tenaz dos colonos e sempre dedicado de todos os portugueses que conseguiram erguer este magnífico padrão da expansão portuguesa em terras de além-mar.

Levanto a minha taça pelas prosperidades de Vossa Excelência, Senhor Governador, de Sua Excelentíssima Esposa e de todos os que nesta Província trabalham, vivem e rezam para o engrandecimento da Nação Portuguesa.

Respondeu-lhe o Governador Mello e Alvim, que disse:

Senhor Presidente da República:

Excelência:

O primoroso discurso que Vossa Excelência acaba de pronunciar mostra exuberantemente que nenhum dos aspectos mais importantes desta Província deixou de impressionar o mais alto Magistrado da Nação. Com efeito, não sei que mais admirar nessa oração: se o recorte literário, se a justeza da observação, se a profundidade dos conceitos. É certo que todos sabiam de ante-mão que Vossa Excelência, a par da mais arguta inteligência, possui vastos conhecimentos sobre

o Ultramar, aliados à experiência que só o exercício de altos cargos pode conferir. Não posso, porém, deixar de assinalar o facto surpreendente de, em poucos dias, Vossa Excelência ter auscultado as mais profundas aspirações dos povos da Guiné, estabelecendo, com rigor matemático, as linhas gerais do futuro desenvolvimento desta Província.

Bem haja Vossa Excelência, Senhor Presidente, por nos ter concedido tanto em tão pouco tempo. E muito mais nos concederá ainda pelos tempos fora, com a carinhosa lembrança desta visita que, acima de tudo, representa o mais forte vínculo que jamais uniu esta terra à tão querida Mãe-Pátria!

A obra realizada na Guiné por gerações e gerações, em que se distinguiram marinheiros e soldados, missionários e comerciantes, agricultores e industriais, constitui sagrada herança a legar aos nossos filhos, engrandecida e dignificada.

Há dezasseis meses, quando tive a honra de assumir as funções do meu cargo, já encontrei o caminho traçado pelos meus ilustres antecessores. Encontrei também a compreensão de todos, europeus e africanos, civilizados e indígenas, em relação às tarefas a cumprir. Julgo que esta circunstância se deve à política social aqui seguida, que não teme confrontos com qualquer outra. Na Guiné não se aquilatam os homens pela raça, pela religião ou pelas condições de fortuna, mas apenas pelas qualidades de coração e faculdades de trabalho. Direi mesmo que o mais importante factor de apreciação, reside no grau de utilidade de cada um para com a colectividade, isto é, para com a Nação. Intrinsecamente portuguesa, esta Província mais não deseja do que seguir os generosos princípios humanitários e cristãos que sempre têm informado a tradicional política da Nação. A esse facto se pode atribuir a tranquilidade destes povos, que vivem no trabalho e para o trabalho, fraternalmente unidos pela bandeira portuguesa.

Assim, fácil me tem sido coordenar actividades, concentrar esforços, lançar vôos para novos empreendimentos. Numa palavra: todos se empenham a fundo para tornar esta terra uma das mais prósperas províncias de Portugal.

Passando em revista alguns dos factos mais salientes da actualidade, é consolador verificar a acção desenvolvida pela Prefeitura Apostólica que, em poucos meses, abriu dezenas de escolas e ampliou grandemente as instalações missionárias, de forma a levar aos indígenas, com a palavra de Deus, as melhores luzes da civilização. Muito em breve vai ser construído o edifício para a Escola de Artes e Ofícios, da mais alta importância para a eficiente preparação dos operários de amanhã.

Os Serviços de Saúde envidam todos os esforços para evitar epidemias e tratar doenças endémicas que são o flagelo de tantos. No corrente mês vai ser posta a concurso a construção do pavilhão central do Hospital de Bissau. A luta contra o Mal de Hansen e a doença do sono reveste-se de particular interesse, agora que novas especialidades parecem conduzir a curas definitivas.

Encontra-se em adiantado estado de construção a Oficina-Escola de Bissau que, com a criação do aprendizato remunerado, vem preencher uma importante lacuna do ensino profissional para civilizados.

Iniciou-se a construção do bairro para operários das Obras Públicas, que já conta com algumas casas. Actualizou-se também a tabela de salários, com a correspondente definição de categorias.

As grandes obras do Plano de Fomento têm prosseguido sem descanso. As inevitáveis demoras têm sido pequenas, logo supridas por um incremento compensador. Reveste-se de excepcional importância a «Defesa, enxugo e recuperação de terrenos para a agricultura». Estão presentemente a actuar duas brigadas dos Serviços Agrícolas, uma na área do posto administrativo do Biombo e outra na do posto de Safim. Deste modo, vastas regiões agora improdutivas possuirão em breve fartos arrozais.

Estudos recentemente levados a efeito parecem demonstrar a possibilidade da cultura do algodão nesta Província. Se assim for, muito beneficiará a economia da Guiné, com mais esta fonte de produção e rendimento.

O cajueiro, a palmeira de Samatra, as fibras têxteis, a cana sacarina, as citrinas e bananas, podem constituir novos factores de riqueza, se forem devidamente conduzidos e explorados.

As necessárias vias de comunicação, terrestre, fluviais e aéreas, têm merecido a maior atenção. As estradas foram classificadas segundo as normas da Metrópole e o seu progressivo asfaltamento não pára. Do mesmo modo se continua com as obras de arte e demais equipamentos. Os rios navegáveis têm sido limpos e dotados de cais, onde quer que a sua existência se imponha. Os campos de aviação são devidamente assistidos, constituindo a sua desenvolvida rede um justo motivo de orgulho para todas as autoridades administrativas.

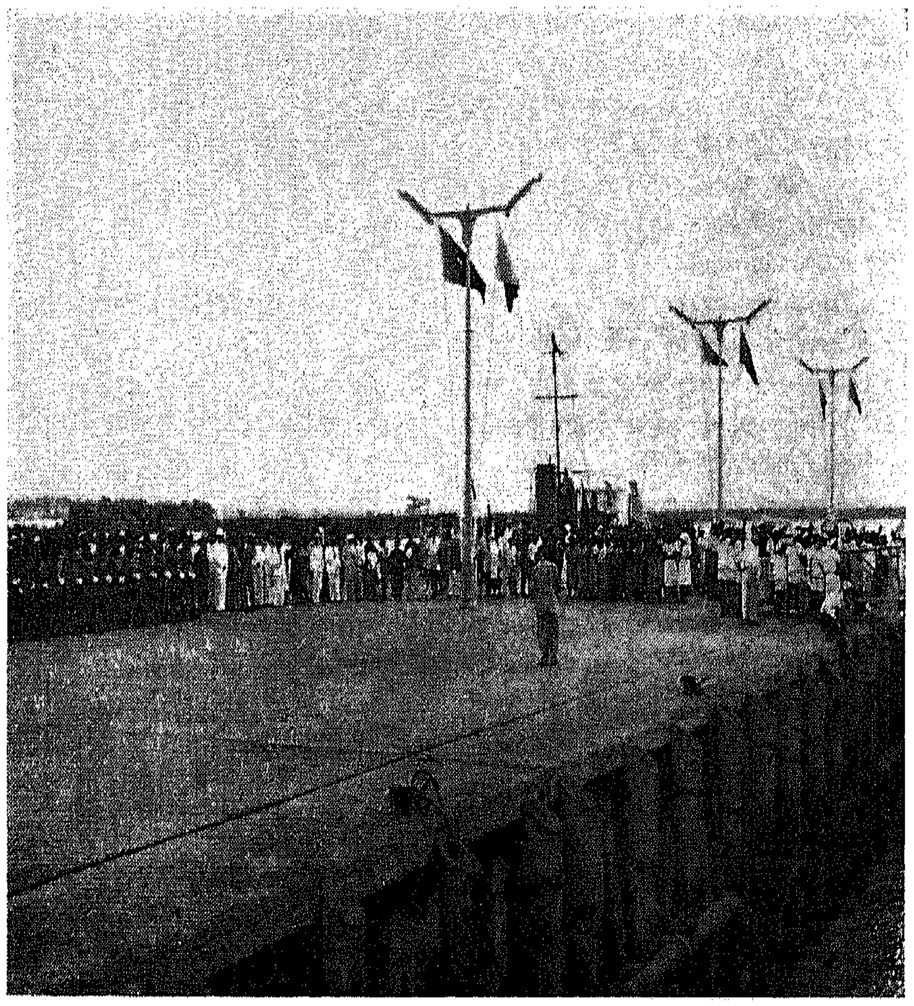
Está em estudo a criação do «Fundo de Construção de Casas», cuja efectivação constitui uma das maiores aspirações dos funcionários dos quadros privativos da Guiné. Também se encontra quase concluído o projecto de reforma dos Serviços de Assistência.

Tudo isto e muito mais se deve ao prestigioso Governo da Nação que, sob o poderoso influxo desse extraordinário Homem que se chama Salazar, reformou os métodos, galvanizou as vontades e traçou largas e abertas estradas ao esforço português no Mundo!

Seria injustiça não me referir ao Senhor Ministro do Ultramar, aqui presente, como fidelíssimo servidor dessa Ideia e meu consumado mestre.

Excelência.

Já vai longe esta exposição, apesar de muito me faltar dizer ainda. Mas o que neste momento mais importa é agradecer a Vossa Excelência a sua visita, da mais transcendente oportunidade e do mais alto significado político. Mas não cuide Vossa Excelência que por aqui se ficam os resultados práticos. O que mais nos extasia é a certeza de que vivemos estes dias de exaltação, tendo junto de nós Vossa Excelência que, sendo o Chefe incontestado de todos, a todos se irmanou pela simplicidade dum trato que é apanágio apenas dos Grandes Homens. Deixa Vossa Excelência um rasto de recolhimento pelas suas nobres virtudes, que vão servir de exemplo a pais e a filhos; de admiração, pelos sacrifícios que corajosamente aceitou; de deslumbramento, pela irradiante simpatia que conquistou quantos tiveram a ventura de usufruir a sua inefável presença.



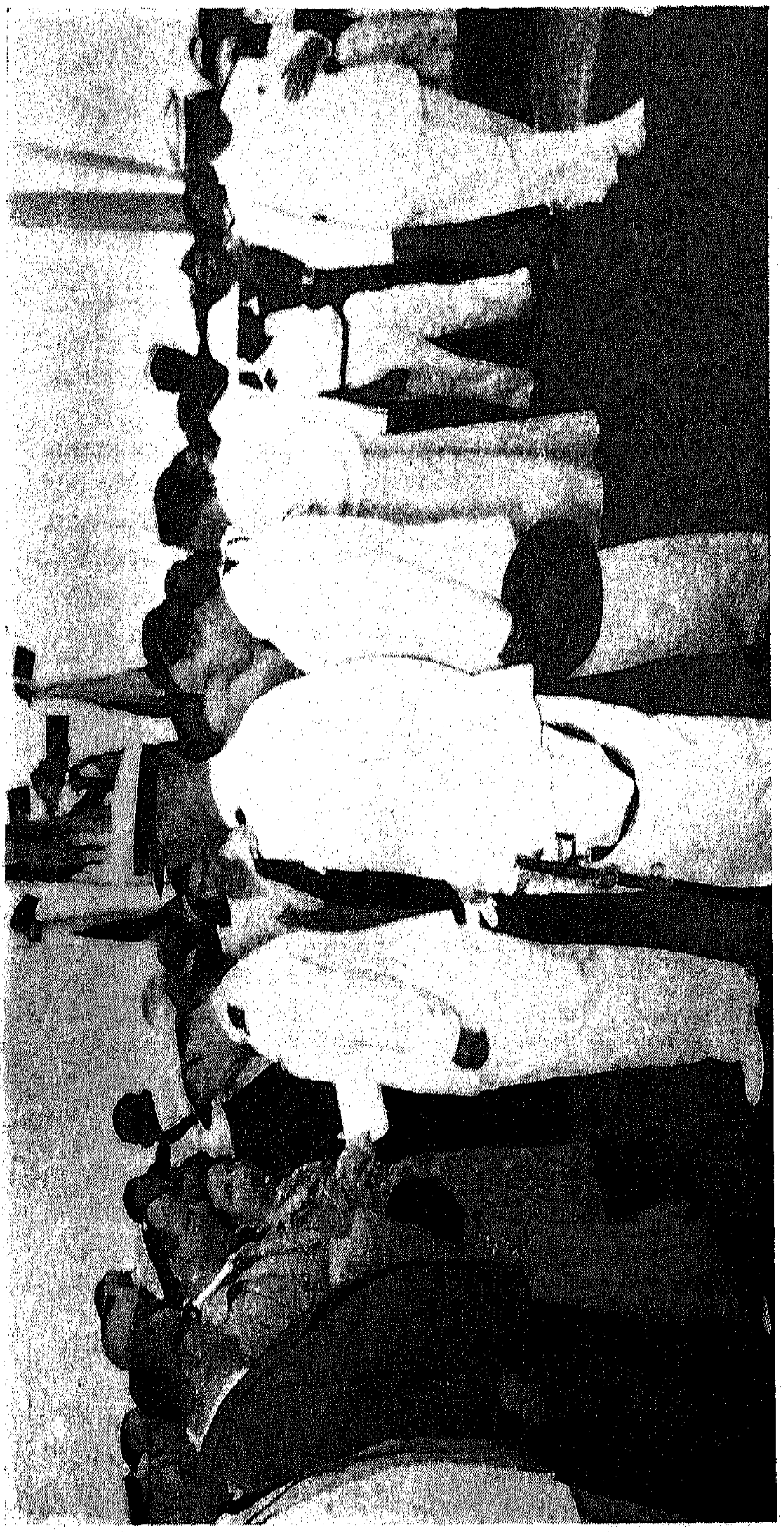
Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República embarca para Cabo Verde
Aspecto da ponte cais no momento da despedida

Deus guarde a Vossa Excelência por muitos anos, na Presidência da República, como expoente máximo dum povo que só aceita viver com honra e dignidade.

Seja-me permitido ainda exaltar, na Excelsa Esposa de Vossa Excelência, as qualidades que continuam a fazer da portuguesa uma mulher de eleição. Senhora virtuosíssima, companheira inseparável de Vossa Excelência nas atribuladas contingências do serviço militar, exemplaríssima dona de casa, ascendeu por mérito próprio à situação de Primeira Dama do País, para simbolizar, melhor do que ninguém, a Mulher Portuguesa. Digne-se Vossa Excelência, minha Senhora, aceitar as minhas mais respeitosas homenagens.

À Excelentíssima Esposa do Senhor Ministro do Ultramar posso assegurar que ainda se não extinguiu na Guiné a luminosa esteira da sua modéstia e bondade.

Ergo a minha taça para brindar por Sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Craveiro Lopes.



Os Srs. Presidente da República e comandante Sarmento Rodrigues despedem-se das individualidades da Guiné, no cais de Bissau, antes do embarque para Cabo Verde

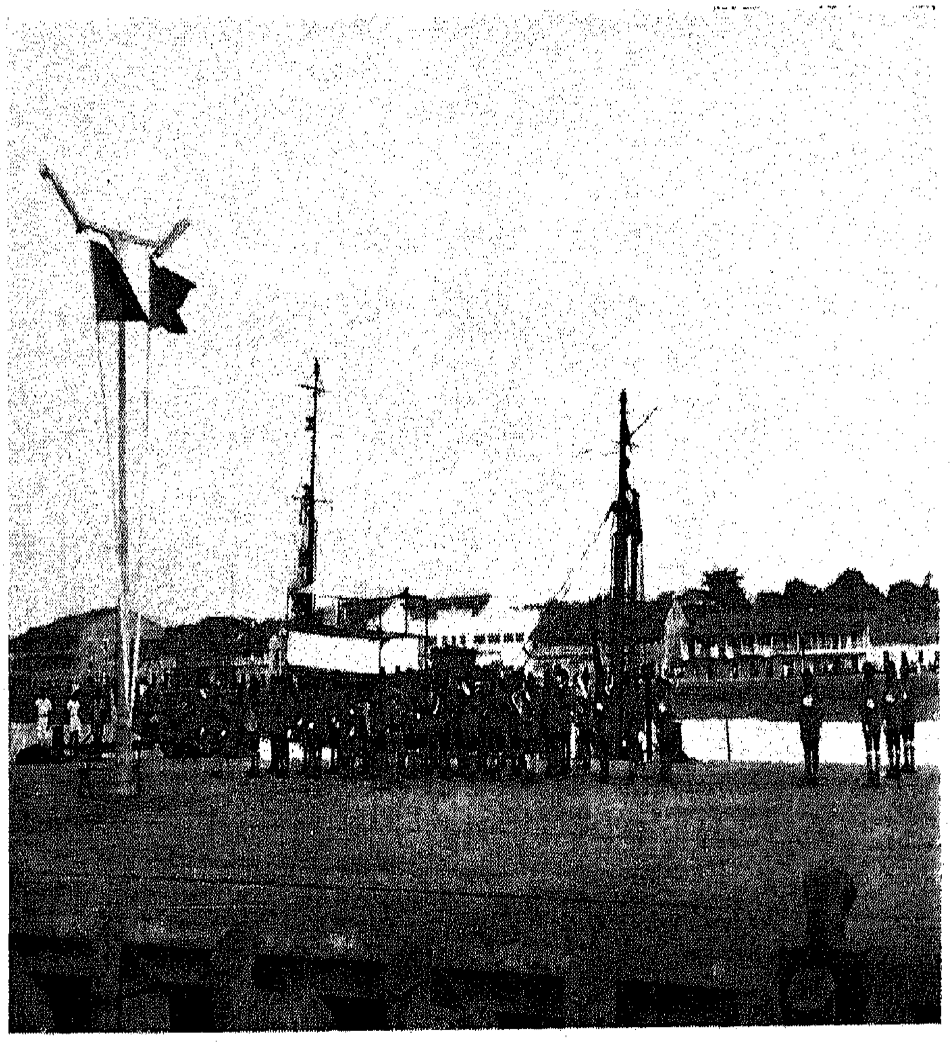
Depois da sua viagem triunfal à Guiné, o Senhor Presidente da República embarca para Cabo Verde, a bordo do «Bartolomeu Dias»

Em 14 de Maio

Na manhã do dia 14 de Maio, Bissau e arredores despovoaram-se tendo-se concentrado na ponte-cais e imediações toda a sua numerosa população e ainda os forasteiros que tinham vindo prestar as suas homenagens ao Chefe da Nação Portuguesa que ia deixar a Guiné a caminho de Cabo Verde.

O Sr. Presidente da República ia embarcar para continuar o seu jornadear por outra província portuguesa à qual igualmente levava o abraço da Mãe Pátria que por seu intermédio unia todos os seus filhos no mesmo sentir e querer.

Na ponte-cais formava uma Companhia Indígena de Caçadores com bandeira e banda.



O Chefe do Estado embarca para Cabo Verde — outro aspecto da despedida

Apesar da hora matutina, compareceram todos os Chefes de serviço, Prefeito Apostólico, Dr. Juiz da Comarca, Comandante Militar, Corpo Consular, muitas senhoras, crianças das escolas, Mocidade Portuguesa, corporações desportivas e outras agremiações, se encontravam ali no mesmo sentir da despedida ao primeiro Magistrado da Nação. E quando o Chefe do Estado chegou os clarins tocaram a sentido e a banda tocou o Hino Nacional.

O venerando Chefe do Estado despediu-se efusivamente do Governador da Guiné e de todos os presentes dirigindo-se depois, para a vedeta que o conduziria a bordo e toda a comitiva.

No momento em que a vedeta presidencial largava em direcção ao «Bartolomeu Dias» ouviu-se uma salva de 21 tiros e as tripulações dos dois vasos de guerra, formadas na tolda, soltaram os vivas da ordenança. Momentos depois, os dois barcos de guerra largaram sendo escoltados por muitas embarcações embandeiradas e sobrevoados pelos aviões dos Serviços de Aeronáutica Civil e do Aero Clube até fora do porto.

Foi um momento emocionante quando o navio presidencial numa elegante volta na baía passou em frente de todos, junto à ponte, com a guarnição formada e o Senhor Presidente da República, em lugar de destaque, tendo imediatamente atrás de si o Ministro do Ultramar, ambos em continência ao Hino Nacional que as duas bandas — a de bordo e a do quartel de Bissau — executavam.

Assim foi a despedida ao Senhor Presidente da República.

Da ponte-cais muitos, mesmo muitos braços acenavam despedidas que só cessaram quando os navios se esfumaram ao longe.

J. F. Mendes

ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Rendimentos Aduaneiros

Os réditos arrecadados pelas Casas Fiscais da Província durante o 1.º trimestre de 1955, foram os que abaixo se discriminam:

RECEITAS ARRECADADAS:

Direitos de importação	3:694.160$70
Adicional aos direitos de importação	1:034.583$70
Direitos de exportação	1:709.296$50
Adicional aos direitos de exportação	170.933$00
Direitos de nacionalização	—
Contribuição predial rústica	1:339.165$50
Contribuição industrial	953.711$10
Imposto de selo	108.250$40
Imposto de tonelagem	11.056$30
Multas — parte pertencente à Fazenda	3.059$50
Receitas eventuais	2.976$10
Armazenagem	34.766$80
Produto de leilões	—
Emolumentos gerais aduaneiros	974.372$00
Taxa de circulação de nozes de cola	—
Emolumentos sanitários	—
Venda de impressos	33.302$90
Taxa do Tráfego	867.578$70
Taxas de licenças de exportação e reexportação	548.316$70
Adicional de 1/4 ad-valorem s/a exportação por Bissau	168.507$50
1 % ad-valorem sobre a importação e a exportação	877.873$70
1 % ad-valorem sobre a importação	532.393$40
Receita do Conselho Técnico de Agricultura	345.248$30
Sobretaxa para a conservação de estradas e pontes	109.825$00
Emolumentos consulares	2.775$80

COMPARTICIPAÇÕES PARA O PESSOAL:

Emolumentos internos e externos	117.950$00
Multas e outras comparticipações em receitas provenientes do Contencioso Aduaneiro	—
Custas contadas em processos do Contencioso Aduaneiro	1.574$80
Participações e multas por infrações fiscais	335$00

OPERAÇÕES DE TESOURARIA:

Imposto Municipal	721.320$80
Emolumentos consulares	—
Receita da Junta de Exportação do Café Colonial	1.023$80
Total	14:364.367$00

Os mesmos foram arrecadados pelas diversas Casas Fiscais da Província, nos seguintes quantitativos:

	VALORES EM ESC.
Alfândega de Bissau	14:076.245$00
Delegação Aduaneira de Bolama	91.869$50

Posto de Despacho de:

Bafatá	97.583$00
Cacheu	7.025$00
Farim	50.978$00
S. Domingos	40.666$00
Total	14:364.367$00

Fundo Cambial

O movimento do fundo cambial, orientado pela Comissão Reguladora de Transferências relativo ao 1.º trimestre de 1955, foi o que segue:

Saldo que transitou do trimestre anterior	2:495.903$04

Cambiais arrecadas em:

Janeiro	4:813.375$85	
Fevereiro	6:389.477$30	
Março	16:224.379$50	27:427.232$65
Soma		29:923.135$69

Cambiais distribuídas em:

Janeiro	5:473.601$74	
Fevereiro	6:856.770$15	
Março	10:779.842$82	23:110.214$71
Saldo que transita para o trimestre seguinte		6:812.920$98
Soma		29:923.135$69

A distribuição das cambiais neste período, no montante de 23.110 contos foi a seguinte:

	CONTOS
Para mesadas às famílias dos funcionários públicos e particulares	109
Para funcionários e particulares por motivo de saída e outros atendíveis	14
Para os Serviços de Fazenda e Contabilidade para pagamento de encargos na Metrópole e outras Províncias Ultramarinas	—
Para os Serviços Militares	316
Para os Serviços dos C. T. T.	6
Para outros Serviços Públicos da Província	—
Para o Banco Nacional Ultramarino para pagamento de letras s/o comércio e respeitante a mercadorias importadas com intervenção bancária:	
a) — De origem nacional	10.214
b) — De origem estrangeira	11.304
Para o comércio para pagamento de mercadorias importadas sem intervenção bancária	1.147
Soma	23.110

Caixa do Tesouro

Durante o 1.º trimestre de 1955 o movimento de valores da Caixa de Tesouro, foi o que segue, expresso em contos:

Saldo do trimestre anterior:

Em papel de crédito	100	
Em jóias e outros valores	13	
Em valores selados	17.929	
Em metal e notas	58.406	76.448

Entrada:

Em valores selados	16		
Em metal e notas	60.290	60.306	136.754

Saída:

Em valores selados	113	
Em metal e notas	64.975	65.088

Saldo que transitou para o trimestre seguinte:

Em papéis de crédito	100		
Em jóias e outros valores	13		
Em valores selados	17.832		
Em metal e notas	53.721	71.666	136.754

Banco Emissor

A situação financeira do Banco Nacional Ultramarino em 31 de Março, era a seguinte:

Activo

Dinheiro em cofre	51:434.452$40
Carteira comercial	3:074.816$75
Empréstimos diversos	121:230.919$98

Passivo

Depósitos à ordem	19:298.892$94

A circulação fiduciária foi neste trimestre, por meses a seguinte:

Janeiro	45:710.578$50
Fevereiro	60:196.683$50
Março	60:516.483$50
Média da circulação no 1.º trimestre de 1955	55:474.581$83

O balancete apresentado pela mesma Filial referido a 31 de Março de 1955, acusa os seguintes quantitativos:

Activo

GARANTIAS DE LIQUIDABILIDADE:

Reserva monetária	36:666.000$00	
Moedas correntes	8:165.123$07	
Letras descontadas s/a praça, a menos de seis meses	1:903.833$30	
Letras descontadas em carteira comercial ...	1:170.983$45	
Sede — Reserva de liquidabilidade	—	
Carteiras de títulos	3:140.000$00	
Devedores gerais a menos de 6 meses	90:413.065$93	
C/C e empréstimos caucionados, a menos de seis meses	30:817.854$05	
Agentes e correspondentes	163.907$84	
Fundo cambial	6:812.920$98	179:253.688$62
Valores de conta alheia	4:531.480$52	
Valores de conta da Sede e Dependências ...	15:489.455$39	
Valores em conta com o Tesouro	71:666.182$10	
Diversas contas	210:923.567$47	302:610.685$48
Soma		481:864.374$10

Passivo

CRÉDITOS EXIGÍVEIS DE PRONTO:

Emissão de notas e cédulas		126:094.158$50
Notas e cédulas em caixa	43:306.350$00	
Notas e cédulas para inutilizar	136.500$00	
Notas inutilizadas e remetidas à Sede	22:134.825$00	65:577.675$00
Circulação	60:516.483$50	
Depósito à ordem	19:298.892$94	
Letras a pagar	29.387$66	
C/C e empréstimos caucionados — Saldos credores	63.829$25	
Credores gerais a menos de seis meses	80:078.950$84	
Agentes e correspondentes	84.784$04	

Fundo cambial:

Outras contas	6:812.920$98	166:885.249$23
Tesouro Público — C/corrente		71:666.182$10
Diversas contas		243:312.942$77
Soma		481:864.374$10

Finanças Públicas

A receita que a Fazenda arrecadou durante o 1.º trimestre de 1955, acha-se assim discriminada:

Total Geral	46:399.167$62
Impostos directos gerais	15:166.710$70
Impostos indirectos	7:325.868$65
Indústrias em regime tributário especial	273.035$30
Taxas — rendimentos de diversos Serviços	2:080.612$10
Domínio Privado, Empresas e Indústrias do Estado — Participações de lucros	126.799$40
Rendimentos de capitais, acções e obrigações de Bancos e Companhias	—
Reembolsos e reposições	142.936$20
Consignação de receitas	4:283.205$27
Receita extraordinária	17:000.000$00

E a despesa assim:

Total Geral	39:538.680$75
Dívida da Província	1:201.994$80
Governo da Província e Representação Nacional	649.192$45
Aposentados, Jubilados e Reformados	586.008$11
Administração Geral e Fiscalização	7:365.621$06
Serviços de Fazenda e Contabilidade	4:417.197$45
Serviços de Justiça	102.585$10
Serviços de Fomento	7:767.381$89
Serviços Militares	2:330.861$70
Serviços de Marinha	595.678$00
Encargos Gerais	8:315.134$54
Exercícios Findos	3.329$50
Despesas Extraordinárias	6:203.746$15

Caixa Económica Postal

As operações realizadas pela Caixa Económica Postal durante o 1.º trimestre de 1955, acham-se assim discriminadas:

	NÚMEROS	ESCUDOS
Depósitos arrecadados durante o trimestre	1.663	2:131.189$58
Em cadernetas existentes	1.578	1:953.041$98
Em cadernetas emitidas	85	178.147$60
Reembolsos pagos durante o trimestre	1.081	1:888.177$45
Juros recebidos durante o trimestre		103.411$20
Juros pagos durante o trimestre		935$20
Cadernetas em circulação — Saldo conta de Titulares		5:453.796$82

Valores totais da caixa em 31/3/1955

	NÚMEROS	ESCUDOS
Em dinheiro		254.553$27
Em depósito no Banco Nacional Ultramarino		788.500$00
Fundos permanentes nas Delegações		18.000$00
Devedores e credores		806.500$00
Empréstimos gerais garantidos por hipotecas		957.597$10
Empréstimos por letras a particulares		492.468$62
Adiantamentos a funcionários		4:431.799$30
Fundo de reserva		737.097$17
Reembolsos totais pagos durante o trimestre	21	41.063$70

A situação da Caixa Económica Postal em 31 de Março era a seguinte:

Activo

Numerário em cofre	254.553$27
Numerários nos Bancos	788.500$00
Empréstimos caucionados por letras	492.468$62
Empréstimos hipotecários	957.597$10
Empréstimos com fiadores	4:431.799$30

Passivo

Depósito à ordem	5:516.523$72
Depósito a prazo	63.000$00

Indústria

A actividade industrial da Província foi durante o 1.º trimestre de 1955, a seguinte:

DESCASQUE DE ARROZ: (Toneladas)

Meses	Arroz em casca	Arroz descascado	Farelo
Janeiro	581	370	24
Fevereiro	575	370	33
Março	441	281	45

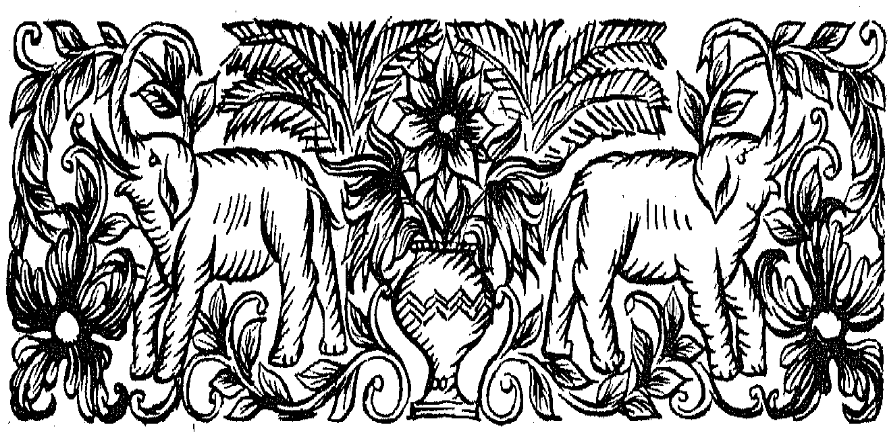
FÁBRICA DE ÓLEO A. FIGUEIRA & C.ª, LDA.

Designação	Unidade	Janeiro	Fevereiro	Março
Óleo de mancarra	Litro	..	..	..
Óleo de coconote	Quilo	..	108.323	..
Resíduos de mancarra	»	..	..	..
Resíduos de coconote	»	..	161.012	..

REFRIGERANTES

Produtos	Unidades	Janeiro	Fevereiro	Março
Gêlo	Quilos	10.350	9.860	11.520
Sorvetes	»	19.750	22.400	31.250
Laranjadas	Garrafas	2.544	3.504	4.104
Limonadas	»	6.816	7.560	9.360
Ananás	»	..	96	..
Groselha	»	..	120	168
Soda	»	769	932	1.040
Xaropes diversos	»	49	..	..
Pirolitos	»	96	264	..

O Chefe da Secretaria
Zeferino Monteiro de Macedo
3.º Oficial



LIVROS E PUBLICAÇÕES

Obras entradas na Biblioteca do Museu durante o 2.º trimestre de 1955

Do autor:

— *Novas alocuções escolares e outros escritos*, por Aiglin (João H.)

Da Agência Geral do Ultramar:

— *Visita Presidencial à Guiné e Cabo Verde*
— *Guiné Portuguesa*, por Mota (A. Teixeira da)
— *S. Francisco Xavier e os Portugueses*, Casimiro (Augusto)
— *Registo da Casa da Índia*, por Ribeiro (Luciano)
— *D. Frei Manuel Pinto da Fonseca*, por Santo (A. Meireles do)
— *Pequena Crónica da Índia*, por Teixeira (Luís)
— *Notas sobre o Estado Português da Índia*
— *Subsídios para o fomento da cultura do Café em Moçambique*, por Silva (H. J. Lains e)
— *Terras (Em) de Luenas*, por Cabrita (Carlos L. Antunes)

Do Centro de Investigação Científica Algodoeira:

— *Resultados da experimentação algodoeira em Moçambique (1942-1943 e 1945-1946) análise estatística e redacções*, por Carvalho (Mário)
— *Métodos de control das pragas algodoeiras em Moçambique*, por Barbosa (António Jorge)
— *Notas breves sobre a ocorrência biológica e métodos de control da «lagarta das amarilis»*, por Barbosa (A. J. S.)
— *Chave para a identificação no campo das principais pragas algodoeiras em África*, por Pearson (E. O.)
— *Verticiliase (A) do algodoeiro no vale do rio Limpopo*, por Teixeira (Raúl) e Teixeira (A.)

— *Resultados dos ensaios de insecticidas pelo C. I. G. A. durante as campanhas de 1949-50, 1950,51, 1951-52 e 1952-1953*, por Carvalho (Mário)
— *Glossário do Algodão*, por Teixeira (António J. da Silva)
— *Notas breves sobre o panorama entomológico da campanha algodoeira de 1951-52*, por Barbosa (António J. da Silva)
— *Contribuições para o inventário florístico de Moçambique*, por Pedro (José Gomes)
— *Notas breves sobre o panorama entomológico da campanha algodoeira de 1949-1950*, por Barbosa (António Jorge da Silva)
— *Roberto L. Peudleton, agrónomo e pedologista dos trópicos*, por Teixeira (A. J. da Silva)
— *Conservação (A) do solo na Basutolândia*, por Teixeira (A. J. da Silva)
— *Experimentação (A) algodoeira em Moçambique — Resultados experimentais obtidos na região do Baixo Buzi*, por Eça (Luís Salazar de)
— *Problema (O) da conservação do solo e da água na África do Sul*, por Teixeira (A. J. da Silva)

Da Junta de Exportação do Algodão:

— *Esboço da vegetação da Zambézia*, por Barbosa (L. A. G.)
— *«WILT» (O) na Província do Sul do Save*, por Cabral (António)
— *Ischiodou Aegiptum Wied, — Notas sobre a sua biologia e o seu valor no controle biológico dos ofídeos do algodoeiro*, por Barbosa (A. J. da Silva)
— *Estudo comparativo da biologia dos «Madradores da fibra»*, por Barbosa (A. J. da Silva)
— *Possibilidades do cultivo do algodão egípcio em Moçambique*, por Carvalho (Mário de)
— *Possibilidades algodoeiras da Guiné Portuguesa*, por George (João da Fonseca)

Do Institut Français d'Afrique Noire — Dakar:

— *Nom, invocation, prière-transparition du problème des recherches negro-africaines*, por Holas (B.)

Do Instituto de Estudios Africanos — Madrid:

— *Canarias prehispanica y Africa Occidental Española*, por Rosa (José Maria Pinto de la)
— *Derecho penal apicable a indigenas en los territorios españoles del Golfo de Guinea*, por Muñido (F. Felipe Olesa)
— *Ciencia (La) arabe en la edad media*, por Perez (José A. Sanchez)
— *Documentos portugueses sobre la accion de España en Africa*, por Silveira (Luís)

Da Liga Portuguesa de Profilaxia Social:

— *Assistência post-asilar*, por Santos (Isaura Correia)

Do Museum of Comparative Zoology:

— *Monographic Revision of the Ant Genus LASIUS*, por Wilsen (Eduard)
— *Genus (The eustala (Araneas, Argiopidae) in Central América*, por Chickering (Arthur M.)

Do Musée Royal du Congo Belge:

— *Études sur la langue Luba*, por Coupez (A.)

Periódicos recebidos por Oferta e Permuta

(De Abril a Junho de 1955)

— *África* — Revista de Accion Española — Madrid — n.os 158 a 161 — (Fevereiro a Maio 1955).
— *Acta Agronómica* — Faculdade de Agronomia da Universidade Nacional de Colombia — Palmira — vol. V, n.º 1 (Janeiro 1955).
— *Acta Musei Nationalis Pragae* — Praha — n.os 2 a 5 (1955).
— *Actualidades* — Lourenço Marques — n.os 14 e 15 (Março e Abril 1955).
— *Afrika Instituut* — Leiden — Holand — n.os 3 e 6 (Março e Junho 1955).
— *African Studies* — Witwatersrand University — Joanesburg — n.º 1 (1955).
— *A Agricultura em São Paulo* — São Paulo — Brasil — Ano V — n.º 2 (Fevereiro 1955).
— *Anais do Clube Militar Naval* — Lisboa — n.os 1 a 3 (Janeiro a Março 1955).
— *Anais do Instituto de Medicina Tropical* — Lisboa — vol. XI — n.º 4 (1955).
— *Annales Spiritaines* — Revista Missionária — Paris — n.os 7 e 8 (Outubro a Novembro 1954).
— *Arquivos de Angola* — Luanda — vol. XI, n.os 43 e 44 (Janeiro a Abril 1954).
— *Arquivos do Museu Nacional* — Rio de Janeiro — Brasil — vols. 41 e 42 (1945 e 1948).
— *Bibliographie Mensuelle* — Société de Géographie — Paris — n.os 2 a 5 (Fevereiro e Maio 1955).
— *Boletim Geral do Ultramar* — Agência Geral do Ultramar — Lisboa — n.os 353 a 355 (Novembro e Dezembro 1954 e Janeiro 1955).
— *Boletim Geográfico* — Conselho Nacional de Geografia — Rio de Janeiro — n.º 117 (Novembro e Dezembro 1954).
— *Boletim do Instituto de Angola* — Luanda — n.º 4.
— *Boletim da Junta Nacional da Marinha Mercante* — Lisboa — n.º 29 (Maio de 1955).

— *Boletim Mensal de Estatística* — Repartição Técnica de Estatística de Angola — Luanda — n.os 7 a 12 (1954) e n.º 1 (Janeiro de 1955).

— *Boletim do Museu Nacional* — Rio de Janeiro — n.os 18 a 20 (1953).

— *Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique* — Lourenço Marques — n.º 90 (Janeiro-Março 1955).

— *Boletim do Banco Nacional Ultramarino* — Oferta da Filial de Bissau — n.º 20 (Dezembro 1954).

— *Brado Africano* — (Jornal) — Lourenço Marques — n.os 1536 a 1547.

— *Breviora* — Museum of Comparative Zoology — Cambridge — U. S. A. — n.os 43 e 44.

— *Brotéria* — Lisboa — vol. LX, n.os 5 e 6 (Maio e Junho 1955).

— *Bulletin Bibliographique Mensuelle* — Paris — n.os 2 e 3 (Fevereiro e Março 1955.

— *Bulletin de l'Institut d'Études Centrafricaines* — Brazzaville — n.os 7 e 8 (1955).

— *Bulletin de l'Institut Français d'Afrique Noire* — Dakar — n.º 2 (Abril 1955).

— *Bulletin of Museum Comparative Zoology* — Cambridge — Massachussets — vol. 113, n.º 20 (1955).

— *Bulletin Trimestrielle du Centre d'Études des Problèmes Sociaux Indigènes* — Elisabethville — Congo Belga — n.º 20 (1954).

— *Cabo Verde* — Boletim de Propaganda e Informação — Praia — n.os 68 e 69 (Abril, Maio e Junho 1955).

— *Comércio Português* — Associação Comercial de Lisboa — n.º 95; Suplementos n.os 128 a 132.

— *Cuadernos de Estudios Africanos* — Instituto de Estudios Políticos — Madrid — n.º 29 (1955).

— *Divulgaciones Etnológicas* — Instituto de Investigacion Etnologica Barranquilla — Colombia — n.º 5 (1954).

— *Educacion Fundamental de Adultos* — UNESCO — Paris (Julho 1954).

— *Estudios y Documentos de Educacion* — UNESCO — Paris — n.os 8 e 10 (Julho a Outubro 1954).

— *Escola Portuguesa* — Ministério da Educação Nacional — Lisboa n.os 1037 a 1050 (Janeiro a Maio 1955).

— *Gazeta Literária* — Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto — n.os 30 e 31 (Fevereiro e Março 1955).

— *Geographical Review* — New York — vol. 45, n.º 2 (Abril 1955).

— *Gold Coast Education* — Achimota — n.º 1 (Maio 1955).

— *Império* — (Revista) — Lourenço Marques — n. 44 (Dezembro 1954); n.os 45 e 46 (Janeiro e Fevereiro 1955).

— *Índice Cultural Español* — Instituto de Estudios Políticos — Madrid — n.os 109 a 111 (Fevereiro a Abril 1955).

— *Information* — Paris — n.os 3 e 4 (Janeiro e Abril 1955).

— *International (The) Review of Missions* — London — n.º 175 (Abril 1955).

— *Jornal de Angola* — Luanda — n.os 15 a 17 (Fevereiro a Maio 1955).

— *Jornal de Benguela* — Benguela — n.os 2.994 a 3.023 (Fevereiro a Abril 1955).

— *Journal (The) of Air Law and Commerce* — Chicago — n.º 4 (1954).

— *Lovania* — *Elisabethville* — n.os 32 e 33 (1954) e 34 (1955).

— *Macau* — Boletim Informativo — n.os 29 a 36.

— *Mensário Administrativo* — Serviços de Administração Civil de Angola — Luanda — n.os 85 a 88 (1954).

— *Mensário das Casas do Povo* — Lisboa — n.os 106 a 108 (Abril a Junho 1955).

— *Missões* — Revista Missionária — Lisboa — n.os 2 e 3 (Março-Junho 1955).

— *Missionário (O) Católico* — Revista Missionária — Cucujães — n.os 18 a 21 (1955).

— *Moçambique* — Lourenço Marques — n.os 79 e 80 (1955).

— *Monthly Weather Revie* — Washington — n.os 11 e 12 (1954).

— *Nigeria* — Ibadan — n.º 45 (1954).

— *Notes Africaines* — Dakar — n.os 65 e 66 (Janeiro e Fevereiro 1955).

— *Notícias de Portugal* — Secretariado Nacional de Informação — Lisboa — n.os 409 a 424.

— *Portugal* — Secretariado Nacional de Informação — Lisboa — n.os 223-4 e 225-226.

— *Portugal em África* — Revista Missionária — Lisboa — 67 e 68 (Janeiro a Abril 1955).

— *Problèmes d'Afrique Central* — Bruxelles — n.os 26 e 27 (1955).

— *Przeglad Geografiszny* — Wararskawa — n.º 26.

— *Relatório do Banco de Angola* — Ano de (1954).

— *Revista Analítica de Educacion Fundamental* — UNESCO — Paris — n.os 3 e 4 (Março e Abril 1955).

— *Revista Brasileira de Geografia* — Rio de Janeiro — n.º 1 (Janeiro-Março 1955).

— *Revista do Ensino* — Luanda — n.º 9 (1954).

— *Revista de Medecina Veterinária* — Lisboa — n.º 352 (Janeiro-Março 1955).

— *Revista Militar* — Lisboa — n.os 1 a 5 (Janeiro a Maio 1955).

— *Revista de Portugal* — Lisboa — n.os 134 e 135.

— *Tropical Abstracts* — Amsterdam — Holand — n.os 3 a 8 (Fevereiro a Abril 1955).

— *Vértice* — Coimbra — n.os 137 a 139 (1955).

— *Volante (O)* — Lisboa — n.os 899 a 901 (Dezembro 1954) e 902 a 916 (Janeiro a Maio 1955).

MUSEU DA GUINÉ PORTUGUESA

Movimento da Biblioteca no 2.º Trimestre de 1955

Meses	Obras gerais	Ciências Matemáticas	Ciências Físico-Químicas	Geologia, Mineralogia e Paleontologia	Biologia e Nutrição	Antropologia	Botânica	Zoologia	Ciências Médicas	Climatologia	Religião	Filosofia	Ciências Sociais	Filologia, Linguística	Ciências Aplicadas, Tecnologia	Belas Artes	Desporto, Divertimentos e Jogos	Geografia	História	Biografias	Literatura	Period icos-jornais, etc.	Totais Parciais
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U		
	Empréstimo domiciliário																						
Abril	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	6	–	–	–	–	–	1	1	44	27	81
Maio	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–	2	1	2	21	30	58
Junho	4	–	–	–	–	–	2	–	–	–	5	1	4	1	2	–	–	1	2	2	40	39	103
Soma.....	6	–	–	–	–	–	2	–	–	–	5	2	11	1	2	–	–	3	4	5	105	96	242
	Leitura na sala																						
Abril	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	34	34
Maio	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	37	38
Junho	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	37	37
Soma.....	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	108	109

Biblioteca do Museu da Guiné, em Bissau, 30 de Junho de 1955

O Bibliotecário,

Joaquim A. Areal